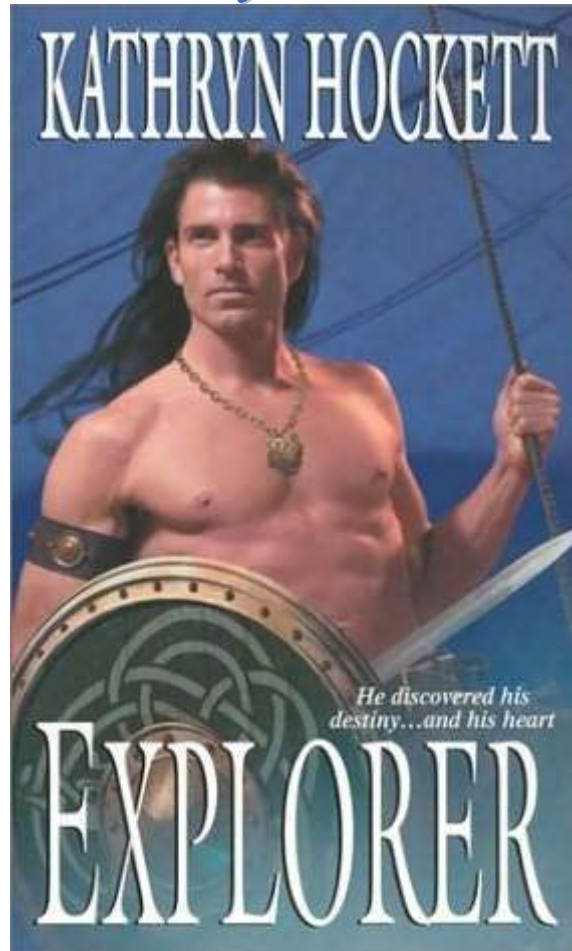


EXPLORER

Kathryn Hockett



Países Nórdicos, 858 D.C.

Alucinada paixão!

Quando Natasha foi capturada, Sean não vacilou em enfrentar a fúria do oceano para resgatá-la. Movido pela força e energia que herdara dos ancestrais nórdicos, ele se aventurou pelos sete mares até chegar a uma terra exótica, à procura de suas raízes, de sua família e da mulher a quem amava com loucura... O instinto de Natasha lhe dizia que aquele homem forte e bonito a protegeria quando ela fugisse de seus raptos. O pouco tempo que passara ao lado de Sean despertara uma paixão avassaladora e coragem para enfrentar a ganância e a deslealdade que os arrancara dos braços um do outro. Natasha não imaginava as surpresas que a aguardavam, nem a aventura em que embarcaria, com um intrépido guerreiro viking em cujas mãos ela entregaria seu destino!



Digitalização: Cris P.

Revisão: Cynthia M.

Parte I

Coração cativo

Capítulo I

Estepes e Eire (Irlanda), Outono do ano 858.

O sol do poente brilhava, mesmo em meio à poeira levantada pelos cascos dos cavalos da grande caravana. Um grande número de magiares percorria as estepes à procura de um novo local para um assentamento. Na frente do comboio, Osip, o Alto, cavalgava um garanhão branco. O restante do grupo vinha atrás, demonstrando o aceite da liderança.

Os homens cavalgavam lado a lado. As *subas*, que eram capas feitas de pele de carneiro, esvoaçavam. Cada um deles tentava ultrapassar os demais na perícia de ginete. Orgulhavam-se de ser, como os hunos, cavaleiros inigualáveis. Traziam cães de caça, cavalos que puxavam carroças e os de reserva. As carroças alcançavam altura excessiva que muitas vezes comprometia o equilíbrio. Vinham carregadas com pertences domésticos, alimentos, roupas, preciosidades, sementes para um novo plantio e até galinhas. Além do gado, dos bodes e das ovelhas. No fim da fila, vinham as mulheres e as crianças, também vestidas com mantos quentes, caminhando o mais rápido que lhes permitiam os corpos cansados.

Um vento frio soprava pelos ramos das árvores desfolhadas e emaranhava os cabelos loiros que alcançavam os joelhos da jovem que vinha atrás de todos. Conforme a tradição, Natasha jamais cortara nem

sequer um centímetro de suas madeixas. Resmungando baixo, escondeu os fios revoltos sob a gola do manto.

— Se tivéssemos tempo, eu os teria trançado — outra jovem comentou.

— Osip jamais nos permitiria uma pausa, Nádia. Ele nos pastoreia de maneira tão implacável como os khazares fazem com seus carneiros!

Natasha fitou Osip com olhar acusador. Por um momento, pareceu-lhe ver o pai em cima do cavalo branco. Mas seu pai era bem diferente de Osip. Preocupava-se muito mais com os outros de que consigo mesmo. E ele morrerá ao lado dos filhos, em uma batalha contra uma tribo petchenga inimiga dos magiares e considerada o terror das estepes. A perda dos entes queridos causara a morte de sua mãe. O mundo parecia ter virado do avesso. Natasha sofrerá muitas privações depois de perder toda a família. Só lhe restava uma única amiga, Nádia.

Fitou a jovem com afeição. Elas eram as caçulas de suas famílias e brincavam juntas desde a infância. Os irmãos de ambas tinham sido bem mais velhos e muito atarefados. Talvez por isso as duas houvessem se afeiçoado tanto. Além do senso de proteção que Natasha sentia em relação a Nádia, bem mais nova que ela.

Nádia tinha cabelos pouco mais escuros do que os de Natasha, era delicada como uma flor e excessivamente bondosa. Não fora feita para suportar uma vida dura de viagens constantes e meios difíceis de sobrevivência. Por isso Natasha, com frequência, não somente fazia as tarefas destinadas a Nádia, mas também lhe fornecia porções generosas da própria comida. Atualmente existia mais um motivo para preocupações. Havia algumas semanas, tentando alcançar a caravana que prosseguia com rapidez, Nádia machucara o joelho em uma queda. Natasha temia que a amiga ficasse permanentemente manca. Sabedora que apenas os mais fortes sobreviviam nas estepes, Natasha a protegia e ficava com a amiga no final da caravana. Coisa que nem mesmo a família da moça, se fosse viva, faria por ela.

— Osip tenta ser um bom líder, Tasha. Mas ele ainda é jovem. Dê-lhe tempo para amadurecer — Nádia sussurrou. — Acredito que quer imitar seu pai, mas não sabe como.

— Ele jamais será como meu pai! Ninguém será como meu pai! — Natasha exclamou.

A dor da saudade sufocou-a, e as lágrimas foram inevitáveis. Lembrou-se de como o pai sempre cavalgara a seu lado e se dirigia a ela com voz suave que não combinava com seu porte avantajado.

— Gosto de olhar para o seu rosto, minha filha—ele sempre comentava. — A longa jornada me arrebentou os ossos, e o seu sorriso alivia minha dor.

Esquecido de que era obrigado a mostrar sisudez, ele a teria erguido nos braços, sentado no cavalo e saído com ela na frente da caravana. Natasha sempre se sentira amada e protegida nos braços fortes do pai.

Quero que todos vejam a filha linda que eu tenho! Quero que saibam quanto me orgulho dela.

— Tasha!

O som feroz da voz arrancou-a do sonho. Natasha virou a cabeça, sem se surpreender com o tom áspero de Osip.

— O que foi? — Ela fitou-o com desafio. — Veio até aqui para me assustar?

— Não. Voltei até o final da caravana para lhe dar um aviso. — Osip segurou-lhe o braço com força e a fez gemer. — Sua lentidão está forçando os outros a diminuir a marcha. Não quero mais ver isso!

— A culpa é minha, não dela — Nádia atalhou. — Minha perna está doendo e Natasha teve a bondade de me acompanhar.

— Com dor ou sem dor, é preciso andar depressa! — Osip grunhiu, irritado. — Senão teremos de deixá-las para trás!

— O senhor não faria isso! — Nádia empalideceu.

— E por que não?

— O senhor é um porco! — Natasha defendeu a amiga. — Meu pai teria demonstrado misericórdia para com a enfermidade de Nádia.

— Seu pai teria matado todos nós. Eu, não. Mesmo que tivesse de empurrar a tribo inteira até deixar as pessoas com os pés sangrando e

com vontade de morrer de tão cansadas, eu não arriscaria a vida do grupo.

A arrogância desapareceu do rosto de Osip, e ele pareceu mais velho do que era. Tinha apenas vinte e sete anos.

— As estepes são tão belas quanto perigosas — Osip abrangeu a paisagem com um gesto largo. — A planície e as gramíneas exuberantes têm sido um atrativo para a invasão de tribos nômades e ferozes da Ásia central e oriental. Elas são sempre perigosas. E a senhora, mais de que todos, deveria saber disso!

Natasha estremeceu, lembrando-se da morte do pai. Era verdade. Os perigos eram representados pelos otomanos, pelos búlgaros do Volga, pelos alanos, petchengas e outros. Já ouvira dizer que os ávaros não usavam cavalos ou bois para puxar as carroças. Empregavam mulheres presas na canga. Os khazares tinham sido seus substitutos. Faziam parte de um povo mais esclarecido que o predecessor e interessavam-se mais por comércio de que por carnificinas. Permitiam a passagem dos eslavos por seu território, cobrando apenas uma taxa de um décimo em mercadorias. Mesmo assim, sabiam ser traiçoeiros.

Natasha tinha consciência de que os mais ferozes e temidos eram os bandos de nórdicos, chamados de varegos pelos magiares e que eram guerreiros e mercadores. Utilizando os rios Dvina, Dnieper e Volga, praticavam um comércio ativo entre os mares Báltico e Negro. Natasha estremeceu. Os nórdicos só pensavam em riquezas, obtidas inclusive por meio de escravos. Se encontravam dificuldade para comerciar, empregavam a espada.

— Permita que Nádia ocupe um dos cavalos sobressalentes — Natasha sugeriu. — Ela poderá cavalgar sentada de lado. Assim a perna não a incomodará.

— Montar? Uma mulher? — Osip fitou Natasha como se ela fosse uma louca. — Eu teria de enfrentar uma rebelião das outras mulheres. E pior: elas se achariam no mesmo direito. Não e não! Acho melhor as senhoras se apressarem. Juro pela bruxa Baba Yaga que serão deixadas para trás! — Irritado, afastou-se.

— Baba Yaga! — Nádia engasgou, temerosa da figura mítica que tomava conta dos portões que separavam este mundo do próximo.

— Não tenho receio daquela mulher hedionda e muito menos de Osip — Natasha declarou.

Mesmo assim, abraçou Nádia pelos ombros e ajudou-a a caminhar mais depressa. O que ela mais gostaria era de sair daquela vida de perambulações e ter um lar permanente.

Recordou-se de que, aos cinco anos e sentada ao lado da mãe em uma carroça, a tribo entrara no território dos khazares para tentar começar uma nova vida ao lado deles.

Por um tempo, Natasha e a família haviam sido felizes ali. O pai e os irmãos, assim como os outros magiares, eram arqueiros, cavaleiros e esgrimistas esplêndidos. Excelentes aliados para os bizantinos e outros cristãos ortodoxos que lutavam contra o avanço dos árabes.

A tribo magiar necessitava de um braço forte para liderá-los em uma guerra. Não um rei ou um lorde. Mas um cavaleiro destemido. Seu pai fora o eleito. Seus irmãos estavam em idade de sentar-se no conselho e tomar decisões. E, como de costume, sua mãe e as outras mulheres foram deixadas sozinhas enquanto os homens lutavam.

Tudo saíra às avessas. Os califas do reino turco otomano começaram a pressionar para oeste, seguindo a expansão do mundo muçulmano. Quem se encontrava no caminho fora destruído. Muitas aldeias ficaram em ruínas após as batalhas. Tribos inteiras tinham sido dizimadas. Animais, safras e lares queimados, incluindo a casa de Natasha. O império khazar fora destruído e os magiares, empurrados para oeste. Havia sido o início daquela migração sem-fim dos magiares. Tinham ido das estepes do rio Ural e do mar Cáspio até as margens do Don, do Dnieper e do mar Negro.

Natasha conseguiu amparar Nádia, que tropeçou na bainha da veste bordada. Ajudou-a a amarrar a saia, fazendo o mesmo com a própria roupa, que ficou parecida com as *gatyas*, calças usadas pelos homens.

Exausta, Natasha fitou Osip com o canto dos olhos, sabendo que não receberia nenhuma gota de comiseração.

— Até mesmo Osip vai acabar se cansando — sussurrou, escondendo a preocupação ao ver que o grupo se distanciava cada vez mais.

— Deixe-me, Tasha. Não é preciso assumir meu sofrimento. — Nádia procurou sorrir. — Ficarei bem.

— Nunca!

Natasha gostaria de ter força para carregá-la nos ombros, mas estava tão exausta que mal conseguia andar. Porém teria de continuar, enquanto Osip, ou melhor, o cavalo dele, continuasse. Procurou pensar em algo que não fosse a dor nas pernas cansadas e os pés feridos.

Fechou os olhos por um momento e evocou seu lar nas estepes ucranianas. No começo, poucas famílias viviam ali. Em pouco tempo outros povos chegaram. Outros magiares, khazares, lituanos, búlgaros do Volga e do Danúbio e, no extremo leste, até mesmo os turcos. Todos fugiam do Império Romano do Oriente ou Bizantino e do Império dos Francos Ocidentais. O povo de Natasha encontrava-se no meio dos dois.

Seu pai empenhara-se em uma luta para preservar a terra natal junto com outros que haviam formado uma confraria. Em vão. Foram empurrados para as montanhas e para as planícies ocidentais.

— Tasha, não consigo andar mais...

Natasha apavorou-se com o olhar de sofrimento da amiga. Ajudou-a a sentar-se em uma pedra, onde poderiam tirar as botas e descansar alguns instantes.

— Nádia, está muito escuro para ver, mas procure sentir o cheiro fértil do solo negro das estepes. — Dizem que o caminho até o mar Negro é uma imensidão verde e ainda virgem. Nunca foi semeado e apenas cavalos selvagens andam pelos gramados. Se puder, imagine isso e também que logo estaremos lá.

— Nada deve ser mais bonito no mundo. Um oceano verde-dourado com espuma colorida. Feche os olhos, Tasha, e veja comigo.

Natasha pensou em gramíneas altas mescladas aos cardos estrelados azuis e púrpura. No meio, as cabeças piramidais das giestas

amarelas. Perdizes correndo entre os ramos finos da vegetação. No céu, falcões pairando com as asas estendidas, olhos fixos no solo.

— Veja, Tasha!

Natasha abriu os olhos. As cores da noite refletiam os raios do sol que se escondia. A fragrância das plantas aumentou. Cada flor, cada folha de grama exalava um aroma inebriante. A música diurna fora substituída por ruídos diferentes. Marmotas saíam das tocas, erguiam-se sobre as patas traseiras e assobiavam. O zumbido dos gafanhotos, aos poucos, dominou os outros sons. Ao longe, o canto de um cisne.

De repente, Natasha escutou outro ruído. Botas esmagavam a grama e se aproximavam. Antes que pudesse avisar Nádia, foi agarrada por trás. Sem saber como, ainda encontrou forças para gritar:

— Corra, Nádia! Corra!

Natasha lutou com selvageria contra quem a segurava. Deu pontapés, mordeu e arranhou, sem entender uma só palavra da linguagem dos agressores. Seriam búlgaros? Khazares? Eslavos? Petchengas? Eram altos, loiros, barbudos e fortes. Amarraram-lhe as mãos para trás e jogaram-na sobre os ombros, como um saco velho.

— Nádia!

Primeiro pensou que a amiga escapara. Mas logo viu a silhueta de Nádia, que também era tratada como uma mercadoria a ser comercializada.

Natasha empenhou-se com maior violência para desvencilhar-se. Era preciso ajudar Nádia. Tudo inútil. A cada tentativa de soltar-se, os captores seguravam-na com mais energia. Com um esforço supremo, gritou, com esperança de que Osip a escutasse.

Natasha foi amordaçada e obrigada a ficar em silêncio. Uma coberta foi jogada sobre sua cabeça, e ela viu-se em escuridão total.

Os sons do outono reverberavam pelas campinas. Uma miríade de cores cobria colinas e vales. Metade das folhas das árvores tinha coloração de ferrugem e ouro velho. A outra metade ainda estava verde, assim como a grama e as touceiras. O verde, na verdade, Sean refletiu,

descendo a colina, simbolizava seu amado Eire. Alguém já dissera tratar-se de uma ilha da cor das esmeraldas.

— Verde e azul... — Sean murmurou, olhando o panorama. — O azul do céu e do mar que se assemelhava às safiras.

Em contraste, o cinza dos magníficos rochedos e das paredes de pedra do mosteiro de Armagh, em Ulster. Seu lar.

Sean não tinha idéia de quem eram seus pais ou onde eles se encontravam. Os monges haviam lhe dito que ele fora encontrado envolto em uma manta sobre a palha do estábulo do convento. O irmão Fionan insistira, desde o começo, que Sean fora uma bênção. Por isso o deixaram com um casal sem filhos somente até que aprendesse a andar e a falar. Depois trouxeram-no para o mosteiro, onde fora instruído pelos monges.

Sean não os desapontara. Lera as Sagradas Escrituras do começo ao fim, além de ter adquirido outros conhecimentos importantes. Aprendera depressa. Passara a maior parte do tempo estudando a palavra escrita e observando o trabalho minucioso dos monges copistas, que enriqueciam a biblioteca do convento. Assim que aprendera a ler e a escrever, Sean começara a trabalhar nos manuscritos.

Alto, de cabelos escuros e muito bonito, tinha sede de conhecimento e encontrava alegria nas coisas belas. Os olhos azuis penetrantes revelavam a mente inquisitiva. Desde criança interessava-se por tudo, e sua curiosidade não tivera limites. Fora com enorme satisfação que agarrara a oportunidade de estudar na escola conventual. Ali aprendera a transcrever livros e a ilustrá-los. A maravilhosa arte das iluminuras.

Criar um livro era uma tarefa vagarosa. Primeiro, era preciso fazer o papel pergaminho do couro de bezerro. Depois, preparavam-se os remigios das asas ou das caudas dos gansos para escrever os textos. Pincéis para ornamentar os manuscritos tinham sido feitos com cabelos de Sean, além de pêlos de porcos e vacas.

Sean esmerava-se para produzir as tintas que iriam adornar um capítulo, um parágrafo ou uma página. Pulverizava e misturava minerais e plantas. O vermelho era proveniente do ocre da terra. O verde, do

azinhavre. O amarelo, do trissulfureto de arsênico. O castanho, do líquen. O azul, do anil extraído da ísatis. Sean aprendera a extrair óleo de peixe cozido para fixar os corantes e a queimar as gorduras para diluir as tintas.

Sentado à sua mesa, escrevia as palavras, acrescentando curvas rebuscadas a determinadas letras. Depois as ornamentava com um toque de pincel. Cada página devia conter duas colunas rigorosamente dispostas. Se errasse no cálculo, as palavras restantes teriam de ser inseridas entre as linhas já existentes.

Como acontecia com os outros monges, havia períodos em que ia para a capela ou para seu aposento, onde meditava e orava. Tinham horários para lavar roupa, pescar, cuidar da horta e para fazer consertos. Sean possuía grande habilidade manual. Orgulhava-se do *curragh*, pequeno barco de vime coberto de couro que fizera para ser usado nas pescarias.

Ele entendia que era um felizardo naqueles tempos de turbulência. Tinha o companheirismo dos monges, comida abundante, roupas quentes e o mais importante: adorava estudar e podia fazê-lo. Os eruditos ocupavam um lugar distinto na sociedade. O saber conferia *status*. Sob vários aspectos, os doutos eram tão respeitados como os guerreiros.

Contudo, não era raro sentir um grande vazio. Olhava o mar e ansiava por navegar e descobrir o que havia além do Eire. Conhecer outros povos e outras terras era sua grande paixão não confessada.

Os religiosos acreditavam que o exílio era o maior sacrifício que podiam fazer por amor a Cristo. Alguns deles haviam viajado para outras partes do mundo e voltado com histórias extraordinárias sobre o exterior. O que aumentava ainda mais a vontade de viajar de Sean. Algum dia realizaria esse desejo. No momento, teria de contentar-se com a vida que Deus lhe reservara.

Sean tirou o pingente de dentro da pequena bolsa amarrada no cinto. Segundo os monges, quando fora achado no estábulo, a peça estava pendurada em seu pescoço. Segurou a jóia em forma de lobo e a corrente de prata.

— O lobo de âmbar.

Qual seu verdadeiro significado? Para alguns, era o símbolo da argúcia e da força. Para outros, do mal e da selvageria.

Sean passou a ponta do indicador, na jóia, com um misto de curiosidade e afeição. Não havia maneira de decifrar essa ligação com sua ascendência.

Desde menino, desejara usar a corrente no pescoço. O abade lhe proibira de fazê-lo, pois tais objetos eram considerados profanos. Talvez um dia pudesse entender o significado do lobo de âmbar e por que fora encontrado em seu pescoço.

— Como o monge Fionan sempre diz, tudo em seu devido tempo
— Sean falou para si mesmo e reiniciou a descida.

O mosteiro destacava-se no horizonte como um trabalho de escultura. As pedras da pequena igreja construída pelos próprios monges tinham sido colocadas minuciosamente umas sobre as outras sem argamassa. Ao lado da igreja, e em volta do grande quadrilátero do claustro, a construção monástica escura. Parecia uma advertência aos estranhos. Em Armagh, a vida carecia de frivolidades. Ali havia fontes sacras, um relógio de sol, o refeitório, a biblioteca, os quartos e o *scriptorium*, onde os monges copiavam os livros. Era neste último que Sean passava grande parte de seu tempo. Desenhava capas para os evangelhos e outros textos. Os monges viviam em cabanas. Uma verdadeira colméia cercada por muros. Os que ainda não tinham feito os votos, incluindo Sean, ficavam do lado de fora dos muros. Ele e seu companheiro dividiam uma cabana, mas passavam a maior parte do tempo isolados. Estudando ou trabalhando.

Nessa época do ano, os jardins do claustro perdiam as flores sempre bem cuidadas pelo irmão Doulagh, apesar das recomendações em contrário. A jardinagem pura e simples também era considerada uma frivolidade. Justificava-se apenas o cultivo de vegetais comestíveis ou de ervas curativas. A cabana de Doulagh ficava afastada das demais, assim como ele mesmo se mantinha isolado.

Mais além da igreja e do mosteiro, havia os anexos, os saguões e as cozinhas. Nestas, as despensas, os locais para lavar a louça, o local

para panificação e a cervejaria. Depois, a mais sombria das edificações. Casas para visitantes. Os monges nunca deixavam de atender quem procurava abrigo ou alimento. O lar dos idosos. As enfermarias. E a casa da sangria. Armagh era uma comunidade auto-suficiente. Havia um colégio para noviços e a antecâmara do superior do convento. A casa de banhos e a sala capitular. Celeiros e choupanas dos trabalhadores. Estábulo, aprisco e pocilga. Uma pequena cavalaria. Galinheiro e colméias. Tanques para peixes. Pequenos jardins internos. Grandes extensões de campos abertos.

Sean apressou-se, sem se descuidar das pedras escorregadias por causa da chuva. Não queria atrasar-se para as vésperas. A disciplina era rígida e o abade, severo.

— Deus o abençoe, Sean — o irmão Bron saudou-o com alegria. — Chegou cedo.

Sean observou a túnica dos monges que andavam de um lado para outro, entretidos em suas tarefas. Ao contrário dos beneditinos, que usavam trajes negros, os religiosos do Eire não tingiam os tecidos. As vestes eram de cor creme, como o velo do qual se originavam.

Sean vestia sempre uma *leine* que alcançava os tornozelos. Era uma túnica de mangas longas, bordada na gola, na barra e nos punhos. Nos dias frios, envergava um *brat*, manto retangular de lã, fechado por um broche. Naquele dia, preferira uma *leine* azul-acinzentada e um *brat* azul-escuro.

— Já refletiu mais um pouco na proposta para ingressar na Ordem? — Bron indagou, caminhando a seu lado. — Precisamos de homens com a sua aptidão e habilidade.

— Tenhoorado muito por uma resposta, irmão Bron. Acredito que não estou pronto para assumir um compromisso tão importante.

Embora houvesse crescido entre os monges e os amasse, o mosteiro parecia-lhe muito isolado do mundo. Tinha suas reservas quanto à vida reclusa e repleta de privações íntimas imposta aos religiosos. Conhecia os castigos empregados com os faltosos. Lembrou-se das palavras do abade Righifarch:

"Todas as coisas na vida devem ser feitas de maneira consciente. Esse é o caminho espiritual seguido por nossos monges".

— Sei que logo estará preparado. Sinto isso no meu coração.

— Eu também, irmão Bron.

Entretanto, o que Sean sentia nada tinha a ver com o mosteiro nem com os monges. Era como se esperasse alguém ou alguma coisa...

Natasha passou as semanas seguintes no maior tormento. Invocava a ajuda de Belobog, o deus branco da luz e do céu, e de Chernobog, o deus da escuridão e da terra. Em vão. Nádia e ela continuavam nas mãos dos seqüestradores. Nem os deuses, nem Osip haviam vindo no auxílio delas.

Natasha não tinha a menor idéia de onde se encontravam nem para onde se dirigiam. Lembrava-se de terem sido empurradas em direção a um bando de cativos.

— O que acontecerá conosco, Tasha? — Nádia se apavorara.

Natasha resolvera não demonstrar o medo que sentia.

— Se eles pretendessem matar-nos, já o teriam feito — respondera e mordera o lábio para não chorar.

— Seremos vendidas como escravas! Um destino pior de que a morte, Tasha! — Nádia mostrara-se às portas da histeria.

Natasha escondera mais uma vez o próprio terror.

— Enquanto estivermos vivas, haverá esperança. Lembre-se disso, Nádia, e de que estou a seu lado...

Em seguida, elas foram separadas. Por causa da perna machucada, Nádia fora posta em uma liteira. Natasha tivera de caminhar e ainda sob o peso dos fardos que os captores lhe entregaram para carregar.

Como se fosse por efeito de um milagre, as dores cessaram e ela sentiu-se flutuar. Pareceu-lhe que alguns homens a rodeavam e balbuciavam palavras em língua estranha. Natasha nada ouvia. Um dos sujeitos, fascinado por seus cabelos, acariciou-os várias vezes.

Ela estremeceu, determinada a não entregar-se ao olvido. Precisava manter a consciência ativa. Não beberia mais vinho. Se preciso fosse, fingiria dormir. A mente alerta não permitiria que fosse apanhada de surpresa. Independentemente do que estava para acontecer, teria de pensar na sobrevivência dela e de Nádia.

Refletiu na possibilidade de escapar. Se alcançassem um estrada mais movimentada, poderiam refugiar-se em outra caravana. Uma que fosse aliada dos magiares. Até lá, teria de ser paciente e aguardar o momento certo.

A jornada foi longa e penosa. Passaram por muitas aldeias. Perto de um lago, os agressores quase perderam o que possuíam, por causa de uma violento temporal que se abateu sobre o acampamento durante a noite. Depois procuraram refúgio em uma aldeia governada por uma mulher. Em retribuição pela hospitalidade, presentearam-na com peles e tâmaras, pequenos frutos comestíveis. Ofereceram também uma das escravas, à escolha dela.

Natasha temeu que ela ou Nádia fosse a escolhida. Mas a mulher preferiu um homem que poderia ajudá-la nas tarefas mais pesadas.

— Quando esta viagem vai terminar, Tasha? — Nádia estava muito pálida, magra e com olheiras fundas.

Por uma amarga ironia, os agressores tinham sido mais bondosos para com Nádia do que Osip, de quem eram parentes.

A despeito da distância, Natasha podia ver a amiga de longe. Acenava-lhe com um sorriso forçado, apesar de seu cansaço e das intensas dores musculares. Nunca se sentira tão exausta. Precisava concentrar-se até mesmo para andar. A caravana de estranhos prosseguiu o trajeto e não parou durante o dia. Natasha imaginou que os camaradas estivessem com pressa de fugir de possíveis atacantes que não lhes preservariam a vida.

À noite, os prisioneiros fizeram grandes esforços para permanecer em pé. Algumas jovens soluçavam, mas a maioria mostrava-se disposta a manter a mesma coragem demonstrada por Natasha. Ou talvez estivessem em estado de choque. Formara-se um vínculo temporário de

solidariedade entre os cativos. Suspiraram em uníssono quando lhe foi permitido beber água de um regato próximo e dormir.

Natasha sentia dores pelo corpo inteiro. Apesar da fraqueza, arrastou-se até perto de Nádia.

— Como eles a estão tratando?

— Não posso me queixar, minha pobre Tasha. Mas a fizeram andar o dia inteiro. Falarei com eles. Talvez deixem que troquemos de lugar de vez em quando. Assim poderá descansar e...

— Não! Estou ótima! — Natasha mentiu. — Preciso apenas de uma boa noite de sono. Tenho o pressentimento de que não demoraremos a alcançar nosso destino.

Os algozes ofereceram caldo, pão duro e vinho encorpado. Natasha suspeitou de que a bebida pudesse conter sonífero e ingeriu uma quantidade pequena. Apesar disso, sentiu sono de imediato.

— Nós, não! Eu! Eu a obriguei...

— Não... Natasha fitou o horizonte escuro e praguejou.

Oito ou dez homens corriam na direção delas.

— Corra, Tasha! Ficarei feliz em saber que pôde escapar.

— Iremos juntas! — Natasha abraçou a amiga e conduziu-a até os cavalos.

Se pudessem montar em um deles, disparariam até encontrar Osip e os outros.

O som dos passos se aproximava cada vez mais. Natasha olhou por sobre o ombro e sentiu-se ainda mais corajosa pelo desespero da situação.

De repente, tropeçou e caiu. Não vira um buraco no caminho. Dessa vez, foi Nádia quem a ajudou. Segurou-a pela mão e levantou-a.

— Tudo bem?

Natasha anuiu, apesar da dor no tornozelo. Mancando, disse a si mesma que naquele momento entendia o sofrimento de Nádia. As duas prosseguiram mais devagar e os perseguidores ganhavam terreno. Apesar de tudo, elas continuaram com a idéia de fuga.

Perto dos cavalos, a silhueta escura do homenzarrão que as aprisionara. Mesmo na obscuridade, o líder parecia ter a fisionomia esculpida em pedra. Era um homem forte, terrível e tão determinado quanto Natasha.

Impossível não ficar apreensiva. O gigante segurou-a pelo braço e virou-a de frente. Murmurou algumas palavras naquela língua estranha e nem se abalou com os esforços de Natasha para libertar-se.

— Esta noite! — Natasha avisou a amiga para que não tomasse nem uma gota de vinho. — Eles adicionam alguma coisa na bebida que nos deixa dóceis. Finja beber e fique atenta. Esta noite vamos fugir!

Era uma promessa que Natasha pretendia manter. Assim que escureceu e todos adormeceram, foi até a tenda onde os suprimentos eram guardados. Desapontada, percebeu que as armas estavam trancadas em uma grande arca de madeira. Tateou no escuro e acabou encontrando uma faca espetada em um saco de vegetais. Escondeu-a na bota e juntou alguns mantimentos. Muniu-se de coragem e saiu da barraca.

A lua estava escondida pelas nuvens. Somente a luz das estrelas poderia guiá-la. Mesmo assim, conseguiu chegar até a amiga. Ajoelhou-se e sacudiu-a.

— Venha... — Natasha levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio.

Atravessaram o acampamento devagar, escondidas pelas sombras. Nádia agarrou-lhe a mão com força e ambas estremeceram. Nádia, de medo, e Natasha, de frio.

— Tudo vai dar certo — Natasha afirmou com uma certeza que não sentia.

Olhava constantemente para trás, para ver se não eram seguidas.

— Escute... — Nádia engoliu em seco. — Alguém se aproxima.

Natasha parou, escondeu-se atrás de uma árvore e escutou. Nádia estava com a razão.

— Tasha, vamos voltar. Se não fizermos isso, seremos punidas!

Elas querem me matar e eu não quero morrer! Natasha prendeu a respiração e veio à tona, cuspidando, desafiadora.

Irada, a mulher esbravejou e imergiu-a de novo. Natasha tornou a lutar para erguer-se. A água quente a fez pensar que a ferveriam depois de afogá-la.

— Por favor... não tentarei mais fugir. Prometo... por favor...

Outra das escravas procurou falar com Natasha. Embora a linguagem fosse estranha, a escrava tinha voz suave e sorria. Tocou nos cabelos de Natasha e depois nos próprios. Tentava explicar que procuravam desembaraçar as longas madeixas.

— Não vai tentar me matar, não é?

Mesmo sem falarem a mesma língua, elas se comunicaram, o que acabou por descontrair Natasha. Naquele momento notou que a água tinha aroma floral e que sua pele se tornava mais macia. Nas estepes, tirara a sujeira apenas com panos úmidos. A água era preciosa e usada apenas para beber. Pelo contrário, esse povo parecia ter água em abundância. Tanto que a desperdiçava em banhos. A maneira estranha e frívola de limpar-se agradou-lhe.

Ah, quando eu contar isso para Nádia!

Recostou-se na beira da tina e fechou os olhos enquanto lhe passavam uma substância espumosa nos cabelos. A seguir, fizeram o mesmo com seu corpo, inclusive na pele do pescoço escondida pela gargantilha de ferro. Jarros de água morna foram usados para tirar a espuma.

Natasha aproveitou enquanto pôde a maravilhosa sensação. Depois a tiraram da tina e a enxugaram com um pano macio. Aquilo foi apenas o começo. Massagearam-na com óleos perfumados e a vestiram com trajes de cores brilhantes e tecidos suaves.

Natasha nunca se sentira tão humilhada. Fora punida por tentar fugir. A gargantilha de ferro e a corrente eram uma triste lembrança de que falhara na tentativa de escapar. Empurrada e puxada em meio a uma horda de homens que levavam bodes e cabras para o mercado, imaginou o que estaria reservado para ela.

Percebeu o tom de desprezo na voz de um dos captores, que a empurrou pela abertura de uma tenda grande feita de panos coloridos.

Foi entregue nas mãos de três escravas, que a seguraram pela corrente com firmeza, para que ela não pensasse em meios de fugir.

O recinto era dividido com cortinas penduradas no teto. No piso, tapetes grossos e requintados. Almofadões espalhados no chão e cobrindo o assento das poltronas de tamanho avantajado. Lamparinas a óleo iluminavam o salão. Mas o que estava no meio da tenda horrorizou-a. Um enorme recipiente de metal cheio de água.

— Elas vão me afogar...

Natasha tinha pavor de água. Vira vários parentes afogados em um rio depois de uma terrível tempestade. Esperneou e procurou soltar-se.

— Não!

Uma das mulheres agarrou-a pelos cabelos. A outra prendeu-lhe os braços para trás. A terceira segurou-a pelas pernas. Embora lutasse pela vida, Natasha concluiu que três contra uma era uma vantagem razoável. Sentiu-se ainda mais humilhada quando lhe tiraram as roupas. Nua e trêmula, foi enfiada na água quente, com colar de ferro e tudo. Nisso, a mais gorda afundou-lhe a cabeça dentro da água.

Que castigo mais curioso...

O banho e a massagem a deixaram com a pele formigando. Sentiu sono enquanto lhe escovavam os cabelos. Desejou estirar-se nos almofadões do chão. O curioso era admitir que se sentia satisfeita. Suspirou, com uma extraordinária sensação de bem-estar. Talvez a vida em cativeiro não fosse tão mim.

A impressão esvaiu-se quando a cortina da entrada foi afastada e um verdadeiro gigante entrou na tenda. Os bigodes curvos, longos e negros estremeceram quando ele gritou com as três escravas. Agarrou a corrente que estava amarrada na gargantilha de ferro que prendia o pescoço de Natasha e puxou-a. Só um dono faria uma coisa daquelas.

Natasha nunca vira tantos animais e tantas pessoas em um local tão pequeno. Bodes, cachorros, camelos, cavalos, ovelhas, porcos e até pequenos gatos-monteses levados como bichos de estimação. As coleiras e as correntes dos gatos lembraram-na das próprias. Quando

levou a mão à garganta, o homem de bigode resmungou e deu-lhe um empurrão. Sem outro recurso, Natasha continuou andando.

A multidão circunspecta era composta por pessoas de todos os tipos e tamanhos. Altos, baixos, gordos e magros. Nórdicos loiros, barbados e de cabelos longos. Pessoas de pele negra como a noite. Homens vestidos com capa e correntes penduradas no peito. Indivíduos agasalhados com peles e chapéu alto. Guerreiros com elmo, carregando espadas de folha larga. Muitos envergavam trajes enfeitados. Várias mulheres ostentavam vestidos de tecido brilhante. Algumas escondiam o rosto sob véus.

O barulho era ensurdecedor. Natasha tapou os ouvidos, mas o homem que a conduzia abaixou-lhe as mãos com grosseria. Era preciso ter paciência. Endireitou os ombros e ergueu a cabeça. Seu pai lhe dissera que somente os submissos poderiam ser escravizados. A liberdade encontrava-se no coração e na mente de cada um.

Enquanto caminhava, Natasha tentou adivinhar onde estava. A cidade, localizada nas ribanceiras da margem ocidental do rio, lhe era estranha. Talvez houvessem chegado a Kiev. Ouvira dizer que era um dos lugares preferidos para o comércio de escravos.

Escravo! Ah, como detestava essa palavra.

Seguiria os ensinamentos de seu pai e traria o coração livre! Com essa certeza, subiu na grande plataforma de madeira junto com outros cativos infelizes.

Olhou ao redor e viu Nádia na frente de um grupo de escravos. A moça estava triste, de cabeça baixa, magra e pálida. Tentou aproximar-se da amiga, mas foi puxada pela corrente. Finalmente Nádia ergueu a cabeça e viu Natasha.

— Tudo terminará bem — Natasha sussurrou e esperou ser compreendida pela leitura labial.

As possibilidades de serem vendidas para o mesmo dono eram muito pequenas. Mas Natasha não perdeu a esperança.

O cenário era caótico. Mesmo sem ser verão, quando o volume de comércio era maior, as ruas estavam apinhadas de compradores e vendedores que falavam uma porção de línguas diferentes.

Mesmo achando estar preparada para o que se sucederia, horrorizou-se ao ver homens e mulheres serem alinhados e depois despidos para que pudessem ser avaliados pelos compradores em potencial. O pior de tudo: eram beliscados, cutucados e examinados como animais à venda. Mãos, pés, dentes e orelhas. Nada era excluído na apreciação do futuro escravo. Nem mesmo as partes íntimas escapavam da análise do comprador e da manha do vendedor naquele negócio asqueroso.

Natasha olhou na direção de Nádia e viu-a agarrada a um mastro do pavilhão, como se estivesse a ponto de cair. Tinha sido a vez dela de ser despida, exposta e observada por olhares maliciosos. Tentou esconder a feminilidade com as mãos e, quando as apalpações começaram, Nádia desmaiou.

— Nádia!

Natasha tentou ajudá-la, mas o homem puxou-a pela corrente. Os homens jogaram água no rosto de Nádia e depois a ergueram. A humilhação continuou. Em lágrimas, Nádia foi empurrada, virada, apalpada e vendida para um sujeito que parecia um dos russos odiosos.

Logo foi a vez de Natasha. Ela enfrentou com bravura as mãos grosseiras que estimavam seu valor. A fisionomia impassível escondia todo o ódio que a consumia. Finalmente foi tirada da plataforma e jogada ao lado de seu novo dono.

— O tormento terminou. — Natasha deu um suspiro. Mas aquele foi o começo, e não o fim.

Ela foi levada até o ancoradouro, onde um navio atracado balançava ao sabor das ondas. Subiu a rampa e entendeu que iria para muito longe.

Foi novamente empurrada e jogada em cima de uma vela que não tinha sido desenrolada. Trêmula, fitou com raiva o homem que a tratara com brutalidade. Outros homens subiram a bordo, e a embarcação começou a afastar-se da margem.

Natasha correu até a amurada e vomitou sobre a espuma do mar. Só então deu-se conta da gravidade de seu destino. Sem acreditar no que a aguardava, fitou a terra firme, que se tornava cada vez menor.

Nunca mais veria Nádia. Nunca mais veria seu lar.

Capítulo II

Sean acordou com o repicar do sino, que chamava para a missa matinal.

— A manhã chega muito depressa — murmurou e virou-se de lado.

Brian, o jovem seminarista com quem dividia a pequena cabana, já estava acordado. O rapaz levantava-se muito antes do alvorecer. Flagelava-se por algum pecado imaginário e rezava.

Sean não duvidava que, em breve, Brian, convicto de sua vocação e do que desejava para sua vida, entraria para a Ordem. O noviço, sempre metódico, usava a água do cântaro para lavar-se minuciosamente.

— Por favor, deixe um pouco de água para mim.

Brian deu de ombros e afastou-se da vasilha, que ficava entre as duas camas, sobre uma mesa minúscula.

— Perdoe-me a cobiça. — A resposta foi em tom sarcástico, deixando claro que o transgressor não fora ele.

Sean imaginou como seria agradável poder dar-se ao luxo de ter um quarto para si mesmo. Muitas vezes sonhava com a privacidade e o isolamento. Brian o irritava.

Embora Brian fosse cortês, não transmitia calor humano. Seu distanciamento de devoto era exasperante. Era como se ele se considerasse um *eleito*. Ademais, o queixo erguido e o nariz aquilino não lhe conferiam a aparência de humildade. Sempre dava a impressão de considerar-se na mesma posição social do superior do mosteiro.

— Julgar não é ser — Sean disse para si mesmo.

O rapaz fechou os olhos e ajoelhou-se no chão duro. Sean imaginou-se alvo das preces do outro. Seria até obrigado a agradecer-lhe o empenho. Muitas vezes sentia-se como um estranho no ninho. Uma pessoa inadequada para sua função.

Observou Brian sair e refletiu na insistência de Bron para que ingressasse na vida religiosa. Mas Bron só enxergava a bondade nos outros. O frade tinha bom coração, era otimista, sobretudo, seu amigo.

Escolheu uma veste castanha com a bainha bordada, sapatos de couro marrom, passou água no rosto, penteou os cabelos com os dedos e correu para a capela de teto abaulado. Observou a procissão de monges que entrava. Eles ocupavam os lugares dianteiros, e Sean escolheu uma posição no fundo. Sentia-se mais à vontade na sombra, onde não poderia ser fiscalizado.

Ajoelhou-se e escutou os cânticos do ofício divino. A umidade aumentava a sensação de frio. Sean estremeceu e seus pensamentos voaram longe. O tempo de tomar uma decisão se avizinhava. Ou recebia o sacramento da Ordem, ou iria embora para viver em outro lugar.

Se eu não ficar aqui, para onde irei? O que poderei fazer?

Crescera e fora educado no mosteiro. Mas sua maior vontade era conhecer o mundo, apesar de suas informações terem sido indiretas. Ou por leituras, ou por relatos dos monges que se penitenciavam em terras longínquas.

Nestes tempos conturbados, são mais necessários os que empunham uma espada do que um remígio.

Em Armagh ocorria o contrário. Sua maestria era necessária e altamente considerada. Tinha outras tarefas além de trabalhar nos manuscritos. Como possuía facilidade para efetuar cálculos, fazia a contabilidade do abade. Elaborava recibos, estratos de rendimentos e de pagamentos.

No mosteiro, tinha tudo do que precisava. Exceto nos períodos de jejum, quando a fome era terrível e o desejo de se alimentar o vencia. Possuía um local para dormir, roupas para vestir, companheiros, nem todos agradáveis, na verdade, e a possibilidade de estudar. Tinha

segurança. O estilo de vida rotineiro proporcionava poucas mudanças e quase nenhuma surpresa. Era uma *vida previsível*. Talvez aquele fosse o problema. No íntimo, desejava o *imprevisível*. Aventuras. Excitação. Uma oportunidade de explorar o desconhecido.

Ficou em pé. Ajoelhou-se. Tornou a sentar-se, de acordo com o ritual. Sentiu sobre si o olhar do abade e fitou-o. O superior do convento seria capaz de ler-lhe os pensamentos? Apesar do culto ser muito demorado, Sean esforçou-se para prestar atenção à predica.

Depois da última bênção, o abade proferiu as palavras finais, olhando para Sean.

— E preciso submeter-se sem reservas à vontade de Deus. Essa é a chave desta e da próxima vida. — O homem tocou na orelha com o indicador. — É preciso escutar para poder enxergar.

Sean retornou às tarefas diárias e procurou seguir os conselhos do abade. Desapontado, não escutou nenhuma voz e nenhum aviso. O engraçado era que, fechando os olhos, tinha a impressão de estar em um barco. Era como se sentisse o oscilar das ondas e o cheiro de maresia.

— Não está com fome? — O irmão Bron, com uma tigela nas mãos, interrompeu-lhe os devaneios.

Sean ergueu a cabeça.

— Parece que a fome não me abandona — ele declarou, aceitando a sopa de vegetais oferecida pelo generoso amigo.

— Deve ser por sua grande dose de energia e por causa dessa sede de saber raramente encontrada. — Bron abaixou a voz. — Ouvi boatos de que o abade Righifarch deseja falar-lhe em particular.

— Para castigar-me novamente?

O monge negou com um gesto de cabeça.

— Pelo contrário. Acredito que ele quer lhe pedir algo. Sean teve de conter a curiosidade até o final do dia, quando foi avisado de que teria de ir até a cela do abade. Curvou-se diante da porta e esperou o convite para entrar.

Righifarch era astuto. Conservou-se em silêncio por algum tempo, antes de ir direto ao assunto.

— O senhor está em paz aqui? A pergunta era surpreendente.

— Eu... sim... É claro que sim. — Sean admitiu que o olhar do superior do mosteiro era perturbador. — Não há nada mais satisfatório do que trabalhar com os meus... com os livros.

Sean esperava um pedido formal para ingressar na Ordem, mas o abade limitou-se a erguer uma sobrancelha.

— Ah, sim. Os livros. — Sorriu. — Lembro-me de que o senhor, quando criança, interessava-se muito por Miguel e seus anjos lutando contra Lúcifer e seus demônios.

— Talvez fosse porque eu pensava fazer parte dessa luta.

— Hum... Sua mente imaginativa sempre teve caráter inquisitivo. Isso é bom. — Fez sinal para Sean aproximar-se e olhou-o fixamente. — Existem muitas outras coisas além de ler e escrever. E se não houvesse livros por aqui? Como seria?

— Bem, nunca pensei nisso. Mas se esse fosse o caso, eu teria de aprender de outra forma.

— E se lhe fosse proibido estudar? Sean fechou as mãos em punhos.

— Para mim, estudar é tão importante como respirar!

Na verdade, era um modo substituto de viver e de participar das façanhas dos que já haviam morrido.

— Percebo um tom de desafio em sua voz que deprecia a disciplina, a fé e a obediência necessárias aqui dentro, não obstante o que se exige dos indivíduos.

— Perdoe-me se minhas palavras o desapontaram.

— Desapontar? De maneira alguma. — O abade sacudiu a cabeça. — O senhor tem uma determinação e uma força interior apreciáveis. Mas posso ver que seu coração não está conosco.

Sean começou a protestar, mas o abade não lhe permitiu o aparte.

— Sei que outros insistem para que assumo um compromisso antes de estar preparado. E também sei que não se sente pronto para aspirar à vida austera de um monge. Sinto que terá de conhecer o mundo além do Ulster, antes de tomar uma decisão tão importante. Por isso eu o escolhi para uma missão.

— Missão? — Sean mal conteve a excitação. — Onde? O abade franziu a testa, sem responder à pergunta.

— Nórdicos.

Aquela palavra despertou memórias e imaginações.

— Os pagãos assassinos e coléricos.

Eles tinham se tornado conhecidos no reino da Cristandade como vikings. Saqueadores.

O primeiro ataque nórdico ocorrera havia mais de cinquenta anos, quando pilharam o mosteiro da ilha de Lambay, no mar da Irlanda. No começo vinham em grupos pequenos, faziam incursões ao longo da costa e iam embora com as naus carregadas com o produto do assalto. Nos últimos vinte e oito anos, haviam mudado de tática. Navegavam pelos rios e saqueavam o interior. Assim como fora feito em Armagh, o grande mosteiro irlandês escolhido por São Patrício como sede de sua igreja. O lar de Sean.

— Eles costumavam assaltar os mesmos lugares várias vezes. Na verdade, dois anos depois de o encontrarmos, atacaram Armagh três vezes em um só mês. — O abade estremeceu. — No total, eles nos visitaram cinco vezes.

Sean lembrou-se de um episódio que tivera lugar seis anos antes.

— Eles são uns demônios! Mais ainda por que não se pode prever onde ou quando ocorrerá uma nova investida cruenta.

— Alguns dizem que eles são o flagelo do mundo civilizado. Outros acham que eles cumprem a profecia de Jeremias no Velho Testamento: *Uma invasão vinda do norte, fulminante e devastadora.*

— Eles devem ser a personificação da maldade!

Muitos acreditavam que, por causa dos nórdicos, o dia do Juízo Final estaria próximo.

— E teremos de aprender a conviver com eles. — O abade suspirou de olhos fechados. — Embarcações vikings foram avistadas novamente no rio.

Santo Deus! A violência contra Armagh iria recomeçar?

— De novo?

— Os nórdicos estabeleceram bases em terra alheia e vêm aterrorizando a zona rural. Eles têm permanecido no Eire até mesmo durante o inverno. Tenho informações de que estão se dirigindo para Dubh-Linn, onde ficarão na foz do rio Liffey. Ouvi dizer que eles também se instalaram em Larne.

— Então estamos perdidos! Não poderemos lutar contra eles nem confiar na ajuda dos reis provinciais, que estão muito ocupados lutando entre eles. — O Eire carecia da unidade política necessária para derrotar os vikings. — O que poderemos fazer?

— Dar-lhe o que procuram, antes que usem a violência. Estou mandado alguém levar tributos para mantê-los afastados da nossa costa.

— Suborno?

O abade ignorou a expressão de censura de Sean.

— Ouvi dizer que já houve precedentes. Eles aceitaram impostos e desistiram de batalhas. Precisamos evitar o derramamento de sangue a qualquer custo. Se quiserem ouro, é o que lhes ofereceremos. E o senhor é quem ficará encarregado de negociar com eles.

Sean teve a impressão de ter sido atingido por um raio.

— Eu?

— Sim, senhor.

Atônito, ele custou a se recuperar.

— Por que eu?

O abade evitou comentar a verdade sobre a ascendência de Sean.

— Como já disse, eu o acho forte, inteligente e objetivo. E também é um homem de coragem.

Sean sentiu-se orgulhoso. O abade não era dado a elogios fáceis. Teria de deixar as dúvidas de lado e aceitar o que lhe ela pedido.

— Não o desapontarei. Farei o impossível para convencer esses pagãos a aceitarem a oferta. Mas como ter certeza de que se poderá confiar nesses hereges?

— Se eles o matassem e depois invadissem o mosteiro?

— Esperemos que sejam homens honrados.

Sean não escondeu o desprezo.

— E desde quando nórdicos têm honra?

Os vikings eram conhecidos como pessoas ameaçadoras, brutais e perigosas.

O abade bateu-lhe no ombro.

— Teremos de confiar no Senhor.

Sean anuiu. Ajoelhou-se para a bênção e levantou-se para sair.

— Que Deus o acompanhe...

No corredor, Sean procurou o rosário na algibeira. Precisava de conforto e de coragem. Por engano, tirou o pequeno lobo de âmbar.

Teria sido mesmo por engano?

Sean teve o pressentimento de que o pingente era um sinal.

O sol da manhã aqueceu o rosto de Natasha. Deitada no catre de palha, esticou os braços e as pernas. Abriu os olhos, livrou-se da manta grossa de lã e sentou-se. O ar refrescante a fez esquecer por um momento de que navegava rumo a terras! estranhas. Ao olhar de relance a cabeça de cobra entalhada da embarcação, a realidade atingiu-a como um raio. Estava sendo afastada de sua caravana, das estepes, de seu lar, de seu povo, de Nádia. Levada para longe de tudo o que mais amava.

Com tontura, concluiu que nada mais estaria seguro em sua vida. Sozinha, teria de enfrentar um mar de incertezas e o pavor: do desconhecido. Nem mesmo o brilho do sol diminuiu o aperto em seu coração.

Não poderei suportar isso! Eu preferia morrer a viver entre esses brutamontes loiros e barbudos que pensam que são meus senhores.

Eles eram cruéis, rudes, mal-humorados e feios. As vozes ; ásperas que resmungavam palavras guturais a incomodavam. Viviam gritando e empurrando os presos. Não tinham um pingo de bondade, compreensão ou paciência. Consideravam os escravos animais, desprovidos de sentimentos e necessidades básicas.

Para eles, eu sou pior do que nada!

Os escravos eram uma propriedade e nada mais. Mas Natasha jamais perderia a confiança em si mesma, independentemente do que ocorresse. Eles não a humilhariam nem a fariam sentir-se uma inútil.

Por um longo tempo, ela permaneceu parada no convés como uma estátua. Nem mesmo notava o vento que lhe acariciava o rosto e lhe despenteava os cabelos. Escondeu-se atrás do carregamento do navio. Queria evitar ser vista, nem que fosse por pouco tempo, por aqueles grandalhões ferozes. Os homens dormiam entre os bancos de remar. Alguns se acomodaram em sacos feitos de peles. A maioria roncava.

Sorriu com desdém. Eram grandes e fortes dentro daquele navio. Mas não durariam muito se fossem largados nas estepes. Foram vítimas das tribos nômades e ferozes que atacavam de surpresa.

Ah, se ao menos voltássemos para lá...

Onde houvesse a esperança de ser resgatada. Em vez disso, estava rodeada por um mar turbulento e por indivíduos sem o menor escrúpulo.

Lembrou-se de como ficara apavorada com o baralho das ondas, imaginando que pudesse ser arrancada dali a qualquer instante. O melhor seria conservar-se afastada das laterais do navio.

A viagem vinha sendo angustiante. Natasha tinha a impressão de que o navio seria engolido pelas águas a qualquer momento. As tempestades eram terríveis. Quando as ondas enormes batiam no casco, Natasha preparava-se para morrer. Mas na verdade teria de ser encarada. Os gigantes barbudos conseguiam controlar a embarcação até que a fúria passasse. Era nessas horas que ela imaginava a fragilidade do barco. Em si mesma, admirava-se com sua robustez.

Tratava-se de uma embarcação aberta. O carregamento era coberto por peles. A tripulação e os cativos ficavam expostos as intempéries. As laterais do barco tinham pequenos orifícios quadrados por onde passavam os remos. Essas aberturas ficavam na proa e na popa, alinhadas com seis bancos. No meio da nau erguia-se um mastro poderoso que sustentava uma vela listrada de branco e vermelho e uma viga transversal. Também era no centro que os captores haviam acomodado seus bens. Uma variedade de objetos de metal, rolos de tecido e peles de animais pilhados nas estepes. Barricas de madeira com água e com um líquido que queimava a garganta. Baús de couro cheios de colares e peças decoradas com contas que brilhavam ao sol. *Eu gostaria de saber quantos desses objetos comprariam a minha liberdade.*

Liberdade. Natasha nunca dera o devido valor a essa palavra preciosa. *Escrava!*

Ela sentiu um nó na garganta. Ergueu a cabeça e fitou novamente a cobra entalhada na proa. Era uma esperança. Entre os magiares, nada era mais apreciado do que esse símbolo da boa sorte. Havia até meninos que criavam filhotes de serpente como animais de estimação. As cobras eram associadas com o deus do trovão, a divindade responsável pela criação das montanhas e pela emissão de raios. Elas também provocavam as tempestades e as chuvas benéficas. A serpente alada carregava nuvens pelo céu.

— Por favor, fique ao meu lado e ajude-me a ter forças. Olhou para trás. As praias e as montanhas havia muito tinham desaparecido. Nunca mais as veria. A menos que...

Teria de dar um jeito de fugir. Esse seria o foco de sua existência até que a missão fosse completada. Teria de ser dócil e obediente, sorrir para seus captores até chegar o momento de poder libertar-se das odiosas correntes.

Os sonhos de Natasha foram interrompidos por um dos gigantes loiros que, por meio de mímica, perguntou se ela estava com fome. Natasha assentiu, embora odiasse os biscoitos secos e a água choca servida como desjejum. No começo recusara-se a comer. Mas o enjôo e

a certeza de que não deveria perder as forças a fizeram reconsiderar a decisão.

A maior parte da comida era seca, conservada em salmoura ou defumada. Assim preservavam carne e peixes, que eram servidos com pão sem fermento. Nada parecido com o que estava acostumada a comer.

— Quanto tempo vai demorar nossa viagem? — Natasha esqueceu que o homem não a entendia.

Estremeceu quando um vento mais forte varreu o convés. A que distância estaria o lar dos gigantes de barba amarela?

Prestava atenção aos gestos e às palavras deles, esperançosa de obter algum tipo de pista. Ou pelo menos de alcançar um pequeno significado do que diziam.

A observação a fez compreender que eles se guiavam pelas estrelas. Tinham fascinação pela última estrela que aparecia, como também pelas nuvens e pelas correntes oceânicas. Teve de admitir que era preciso muita coragem para cruzar o oceano. Coragem e astúcia. Aliás, virtudes que lhe seriam imprescindíveis.

Embora a olhassem como se ela fosse um objeto estranho, os homens nunca haviam lhe encostado um dedo. Isso pelo menos a fazia sentir-se mais descontraída. E quando atingissem terra firme? Teria tempo para fugir?

Olhou o mar e lembrou-se de Nádia. Refletiu no quê ela estaria pensando ou fazendo. Estaria sendo tratada com um pouco de humanidade?

Lutou contra as lágrimas que ameaçavam transbordar de seus olhos. Recusava-se a chorar. Teria de mostrar-se ativa e corajosa. E, sobretudo, teria de ser esperta e livrar-se do jugo assim que fosse possível.

Gotículas frias de água salgada espalharam-se no rosto de Sean, que remava no canal. De maneira cadenciada, movia para a frente o pequeno barco de vime coberto de pele. Seu destino: o povoado viking de Larne. Embora soubesse do perigo que corria, não se lembrava de ter ficado mais animado.

Estranhava o fato de sentir-se tão bem na água. Era como se nunca houvesse saído dos mares e dos rios. Largou os remos por alguns minutos, sombreou os olhos com a mão e fitou as nuvens que se moviam rapidamente no céu. Teria de agir depressa. Uma tempestade estava em formação. Precisava atingir seu objetivo antes que as ondas se tornassem violentas.

Retornou aos remos de maneira incansável. Tentou avaliar seus sentimentos. Aquela missão lhe causara medo? Nem um pouco. Não receava os nórdicos nem o que poderia acontecer, embora soubesse que o contrário seria mais racional. Reconheceu ter muita curiosidade para conhecer aqueles homens tão destruidores quanto marinheiros capazes.

Pensou no que trouxera consigo. Peças de ouro e prata. Taças, pratos, candelabros, sinos. Dois sacos de grãos e cinco pequenos barris de vinho. Os nórdicos ficariam sensibilizados ? com os presentes? A sede de sangue seria abafada pelo suborno ? Os vikings eram pagãos ferozes que não conheciam limites para a maldade. Mostravam pouca misericórdia para quem tivesse a infelicidade de cruzar-lhes o caminho. Agiriam com . brutalidade contra ele? Ou nem mesmo lhe dariam atenção?

Será possível viver em paz com eles?

A idéia parecia ridícula, apesar do otimismo do abade.

Lembrou-se do receio que os atingira havia seis anos, quando o mosteiro fora atacado pelos nórdicos estabelecidos em Annagassan. Naquele dia, os vikings tinham levado mais do que ouro e prata. Havia capturado cinco monges para serem vendidos como escravos. De maneira vergonhosa, lembrou-se de que se escondera no campanário e dali observara os homens que invadiam as terras do mosteiro como um bando de formigas.

Na ocasião, agi como um covarde. Jamais repetirei isso.

Os pensamentos de Sean continuaram agitados como as águas turbulentas do canal do Norte, que desaguava em Larne. Mesmo sem confiar suas dúvidas a ninguém, desconfiava da sabedoria do abade em depor as armas. Se as tentativas de argumentação se mostrassem inúteis, lutar poderia tornar-se uma necessidade.

Bron lhe contara que vários superiores dos maiores mosteiros haviam lutado contra os vikings em Terryglass e Cloneuagh. Treze anos antes, o substituto do abade de Kildare fora morto em campo de batalha na fortaleza de Dunamase. Sean estava convencido de que lutaria para defender a abadia de Armagh.

De repente, a embarcação sofreu o impacto de um vento forte vindo do oeste, e a proa adernou. Sean dominou a situação com habilidade. Largou os remos e deixou o barco prosseguir ao sabor das ondas. O barco rodou, subiu e desceu, foi para a frente e para trás, mas não afundou. Quando as águas se acalmaram, Sean teve tempo de comer um pouco e beber água, antes de retomar os remos.

Depois de algum tempo avistou, ao longe, as habitações de madeira e taipa do povoado dos nórdicos. Nas proximidades, a presença ameaçadora das embarcações com as cabeças de dragão ou de serpente nas proas. Em seu pequeno barco, Sean sentiu-se como um peixe pronto para ser engolido.

Suspeitou de que o observavam. Percebeu uma nau que se I movimentava entre seu bote e as outras embarcações ancoradas. Uma cabeça bestial esculpida na proa e, como nas suas fantasias infantis, coberta de escamas. A embarcação era muito comprida e, a distância, os escudos sobrepostos davam-lhe a aparência de um monstro. Os homens em pé no convés eram enormes e mal-encarados. Usavam capacetes de metal e traziam espadas nos cintos.

Mais uma vez perguntou-se se não teria ido até ali para morrer.

Covarde!

O abade não o teria enviado nessa missão, se não houvesse uma possibilidade de sucesso. Além do mais, contava com sua fé em Deus, certo de que Ele não abandonava ninguém.

Com a coragem renovada, remou até a nau viking e gritou que estava à procura de Thordis Haraldsson, da Noruega. Um homem importante e um dos poucos que o abade Righifarch conhecia pelo nome.

O homem que se curvou sobre a amurada, embora insolente, não se furtou à resposta. Afirmou que o estranho estava com sorte, pois

Thordis, também conhecido como Barba Rala, acabava de retornar da Bulgária, onde comprara escravos para trabalhar no assentamento.

— Ele está no navio que trouxe o carregamento de escravos — o viking apontou outra embarcação.

— Escravos...

Para Sean, que odiava a escravidão, aquele era o pior dos males da humanidade. E o que mais ele desejava corrigir.

Enquanto levava seu pequeno barco até o navio indicado, Sean pensou com orgulho, em seu herói, São Patrício. Tratava-se de um ex-escravo que transformara o Eire em um região de cultura cristã. A cristandade romana freqüentemente fechava os olhos à escravidão e aos sacrifícios humanos. Os cristãos celtas do Eire consideravam a escravatura e a guerra inaceitáveis e empenhavam-se em extingui-las.

Guiados por Patrício, o povo do Eire abolira os sacrifícios humanos e a escravidão. As novas leis, influenciadas pela Igreja, diziam que as armas deveriam ser apenas usadas em casos extremos.

Sean cerrou os dentes e se compadeceu das pobres almas. Em vez de usar ouro, prata e vinho para subornar os vikings, seria preferível comprar a liberdade de algum deles. Mas não poderia fazer isso. Os bens não lhe pertenciam, e ele não dispunha de autoridade para tomar aquela decisão.

Uma escrava chamou-lhe a atenção. Apesar da gargantilha de ferro, a jovem mantinha a cabeça erguida e a dignidade. De viés, Sean notou-lhe a beleza e a determinação.

Natasha também sentiu-se atraída por aquele homem alto, forte, de cabelos escuros e olhar bondoso. O instinto lhe disse que ele poderia ajudá-la.

O navio viking lembrava um monstro marinho. A vela quadrada tinha a cor do sangue. Embora os nórdicos o houvessem saudado com aparente cordialidade, Sean tinha certeza de que poderiam voltar-se contra ele a qualquer momento como uma mula feroz. Todo cuidado seria pouco.

Gaivotas voavam em círculos e gritavam. Talvez pretendessem dar-lhe um aviso.

A despeito de seus votos de coragem, estremeceu ao fitar o rosto barbudo, sujo e cheio de cicatrizes de Thordis Barba Rala. Os homens entoavam cânticos profanos enquanto enrolavam a vela e remavam para o ancoradouro.

— Odin... Odin...

O navio aproximou-se das rochas, e a cabeça de dragão foi coberta com um manto.

— Não queremos assustar os espíritos da terra — Thordis explicou, com sua voz trovejante.

Se fosse uma questão de não causar receio, Sean refletiu, os vikings deveriam cobrir os próprios rostos. O líder fitou-o de alto a baixo.

— O senhor nos trouxe um tributo — o gigante nórdico falava devagar, para que o estranho pudesse entendê-lo. — Isso é para nos impedir de saquear seu mosteiro novamente?

— Eu trago uma oferenda de paz. Isso é tudo o que Armagh deseja. Paz.

Thordis resmungou e enfiou a mão no saco de couro para fazer um inventário do conteúdo.

— Muito bom... mas não é o suficiente.

O abade não imaginara o tamanho da cobiça dos vikings.

— Não? — Sean conservou a fisionomia impassível.

— Uma visita às suas torres redondas renderá muito mais — o camarada ironizou.

As torres redondas tinham sido construídas depois da primeira incursão. Os monges fizeram a construção sem entradas no térreo. Levaram seus tesouros para cima por meio de escadas de corda e depois as enrolaram. Mas nem esse estratagema detivera os nórdicos.

Sean olhou o barquinho que balançava no mar, amarrado ao enorme navio. Teria de concordar com Thordis. O futuro dos monges e do mosteiro estava em suas mãos.

— Quanto mais o senhor deseja? Thordis deu de ombros.

— Hum... Digamos... umas cinco vezes mais do que o senhor trouxe.

— Cinco? — Aquilo era um roubo e, pela expressão triunfante, o outro também sabia disso.

— O senhor está hesitando... — Thordis fez um gesto de cabeça na direção dos escravos.

A intenção era clara. Se a proposta não fosse aceita, vários monges seriam trazidos para juntar-se ao grupo de cativos amontoados na popa do navio.

Sean imaginou Bron, Brian e vários outros, talvez ele mesmo, no meio dos infelizes.

Não! Nunca!

Desde pequeno, Sean fora ensinado a combater a raiva e o ódio. Haviam lhe inculcado a autodomínio, o perdão e a compaixão pelo próximo.

Mas como pôr em prática tais ensinamentos diante daquele mercador insensível e bruto que lucrava com o sofrimento e a infelicidade de seus semelhantes?

Os vikings escravizavam o mundo e comerciavam uma mercadoria preciosa: os seres humanos. Embora os nórdicos não houvessem inventado a escravatura, que data dos primórdios da civilização, eles a exploravam em uma escala nunca alcançada antes.

— Uma bela coleção, não acha? — Thordis circulou por entre os cativos, analisando-os como se fossem objetos.

Os coitados eram de todos os tipos e tamanhos. Até mouros, chamados de *homens azuis*. Todos vestiam lã sem fingimento, com uma corda amarrada na cintura. Os cabelos dos homens pareciam ter sido raspados, de tão curtos. As mulheres ostentavam trancas.

O coração de Sean confrangeu-se com o destino deles. Mais uma vez sua atenção foi atraída por uma das escravas. Seus cabelos, em tom loiro bem claro, estavam presos em uma trança muito comprida. Os olhos eram azuis e a pele, sem jaca. Era esguia, mas com curvas bem femininas. Sua beleza era gritante, apesar da falta de enfeites. A determinação e o orgulho visíveis em seu olhar deviam piorar muito a situação da jovem.

— Hum, vejo que reparou na eslava. — Thordis postou-se entre ela e Sean.

Ah, então a moça era do leste, Sean refletiu e desviou rapidamente o olhar. Ouvira dizer que os nórdicos seqüestravam pessoas onde as achassem. Mas as numerosas tribos eslavas ainda viviam como nos tempos do Velho Testamento. Seus membros tornavam-se por isso uma presa fácil nas florestas ou nas estepes. Depois eram arrastados em filas, acorrentados uns aos outros.

— Eu estava imaginando que todos devem ter uma história interessante para contar. — Sean não queria chamar a atenção sobre a jovem.

Thordis gargalhou.

— Pois eu duvido! Escravos são como gado. Pela lei, talvez um pouco superiores aos animais. Servem para espalhar estéreo nos campos, cavar a terra, pastorear as cabras e cuidar dos porcos. Em um piscar de olhos, podem ser comprados, vendidos ou oferecidos como pagamento de dívidas.

A provocação era inequívoca. Mas Sean controlou-se e manteve silêncio.

Natasha compreendeu que o estranho não era um *deles*. Vestia-se de maneira diversa. Embora conversasse com os grandalhões, tinha um modo diferente de proferir as palavras. Sentiu que ele não os apreciava.

Deu um passo à frente e observou-o melhor. Os cabelos escuros ultrapassavam os ombros. O rosto, de traços firmes, era liso, escanhado. O nariz reto conferia-lhe um ar nobre. Apesar do traje, foi possível deduzir que era dono de braços musculosos, peito largo,

abdômen reto e quadris estreitos. Um homem vigoroso e muito atraente.

Quando Sean tornou a fitá-la, Natasha foi invadida por uma sensação desconhecida. Os olhos azul-escuros tinham ação hipnótica. Leu neles bondade e compaixão. O estranho e ela se entreolharam. Ficaram imóveis por alguns segundos e Natasha encontrou dificuldade para respirar. Suspirou e desejou que, se tivesse de ser dominada por alguém, que pelo menos fosse por ele.

— Menina! Volte para o seu lugar!

Thordis não era cego. Vira a maneira com os dois se entreolharam e não gostara daquilo.

Natasha nem precisou entender o que ele dizia. O empurrão violento traduziu o significado.

Ah, como odiava a corja toda!

Estreitou os olhos em um esforço para captar alguma coisa do diálogo entre o líder e o estranho.

De repente, o nórdico voltou-se para ela e ergueu-lhe o rosto. Examinou-a com olhos cúpidos e aproximou-se. O cheiro era insuportável. O brutamontes, sorrindo com escárnio, apertou-lhe os seios com rudeza. A dor aumentou o ódio de Natasha. Jurou a si mesma que não toleraria ser submetida à força. Ela acabaria com a vida dele ou mataria a si mesma. De preferência, a primeira hipótese.

— Eu ia vender esta aqui, mas mudei de idéia. Ela será minha. — Thordis encarou Sean. — Minha!

Sean arrepiou-se com a frieza da voz de Thordis. Temeu pela jovem. Sabia que mulheres eram usadas para a satisfação sexual de seu donos. A aversão que vira no olhar dela piorava ainda mais as circunstâncias.

— Quanto quer pela moça?

Thordis surpreendeu-se tanto quanto Sean consigo mesmo. Ficou perturbado pelos sentimentos que aquela jovem lhe inspirava, contra os quais não conseguia lutar. Fazia muito tempo que não sentia atração

instantânea por uma mulher. Imaginou se a reviravolta fora causada pela beleza ou pelo orgulho que ela demonstrava.

— Ela não está à venda! Por preço nenhum!

O assunto fora encerrado. A jovem pertencia a Thordis Barba Rala, e Sean estava consciente de que nada poderia fazer por ela.

Isso era profundamente desalentador.

Natasha experimentou a força dos músculos de Thordis. Ele a esmagou em um abraço violento e beijou-a com selvageria.

Ah, se tivesse uma faca!, ela refletiu antes de morder-lhe o lábio.

Thordis deu um grito e empurrou-a. Natasha caiu de encontro a Sean. O calor do corpo do estranho foi envolvente.

Eles tomaram a se entreolhar por um instante interminável e ele apertou-lhe os dedos com simpatia.

— Tome cuidado — Sean cochichou-lhe no ouvido em língua eslava. — Não o irrite demais ou ele a matará.

Natasha surpreendeu-se. Ele falava a linguagem das outras tribos que perambulavam pelas estepes. Apesar do acento estranho, ela o entendeu e anuiu. Quando o nórdico agarrou-a de novo, não reagiu.

— Ela sabe teimar e é muito orgulhosa. Terá de manter as rédeas curtas, Thordis.

— As surras são um excelente remédio, Svein. O outro viking deu de ombros.

— Não duvido que ela tentará fugir na primeira oportunidade.

— Nesse caso, eu lhe meterei grilhões. Meus escravos têm de valer o que paguei por eles ou terão outro destino.

Sean não duvidou da ameaça. A pressa de voltar para Armagh diminuiu, e ele aceitou a oferta de Thordis de dormir no povoado para discutirem os termos do acordo. Partiria na manhã seguinte.

Natasha e os outros escravos foram literalmente arrastados para fora do navio como se fossem animais. Cansada e com as pernas bambas, achou que não agüentaria subir a colina. Mas n certeza de que

somente os fortes sobreviviam a fez encontrar energia para mais aquela batalha.

O vilarejo dos nórdicos tinha construções de madeira e pau-a-pique. As cabanas não possuíam janelas e era preciso abaixar-se para atravessar as portas baixas.

O mugido das vacas e o balido das ovelhas chamaram-lhe a atenção. Os animais ficavam separados da casa por uma divisão. Não pastavam livremente. Os nórdicos mantinham prisioneiros até mesmo os animais.

Natasha foi empurrada para dentro de uma choupana grosseira, e a porta foi fechada. Aquele seria seu lar. Ou melhor dizendo, o local de humilhação e confinamento.

No centro do recinto, um caldeirão — pendente do teto por meio de cordas — sobre uma lareira simples de pedras. O buraco no teto, em cima do fogo, era a única fonte de luz e ventilação. Natasha imaginou o local pequeno cheio de fumaça.

A idéia de que teria de cozinhar para os vikings foi até agradável diante do pior. Mas as peles estendidas no chão foram uma advertência do que se exigiria dela.

Estremeceu ao lembrar-se do beijo brutal do nórdico.

Não. Nunca. Jamais se deitaria com ele. Nem que tivesse de morrer!

Teria de fugir. Não havia outra saída.

Mas como? Estava rodeada por inimigos. Mesmo se conseguisse sair dali, eles a achariam e a trariam de volta.

Teria de agir com esperteza.

Sentou-se no meio do cômodo para refletir. Os captores imaginavam que ela escaparia por terra, mas Natasha os enganaria. Iria de barco. O estranho de cabelos escuros encontraria um meio de ajudá-la.

Lembrou-se de que ele viera de barco e de que, provavelmente, voltaria na manhã seguinte. E ela iria junto! Teria apenas de encontrar um jeito de escapar dali e esconder-se no escaler até o amanhecer.

Estremeceu ao pensar que teria de enfrentar a água outra voz. Não havia outro jeito. Os nórdicos jamais pensariam que ela voltaria ao mar. Eles haviam descoberto o pavor que a água lhe inspirava.

Jurou a si mesma que encontraria forças para fugir dali.

Os escravos e os magiares admiravam o grande poder das águas, sempre personificadas em suas histórias pelos reis dos rios e mares. A água era uma força sagrada que trazia vida aos animais, aos homens e às plantações. Os magiares também temiam as enchentes. Por isso faziam oferendas aos rios, procurando agradar aos deuses e assim evitar sua fúria. A água tanto podia trazer a vida como tirá-la.

listava certa de que não lhe restava outra opção. Se não fugisse, seria para sempre escrava de um homem brutal.

Mesmo assim, tinha pavor do que a aguardava. Fechou os olhos e imaginou que se afogava. Um passo em falso e aquele seria seu destino.

Sean observou os vikings vadearem as águas para descarregar as barricas e os baús do navio com muito mais cuidado do que haviam feito com os escravos. Os barris eram levados nos braços com carinho para evitar que caíssem. A carga de cerveja e de vinho era muito preciosa. As arcas eram carregadas nas costas por escravos fortes que andavam com água pela cintura. Se deixassem a água encostar na madeira, levariam chibatadas. Thordis zelava muito por suas mercadorias.

A excitação do povo era notável. Todos encaravam o líder com admiração. Sussurrava-se que o navio de Thordis trouxera , riquezas do Oriente. Peles, vinhos, cerveja e óleo. Arcas cheias de ouro, prata e jóias. Tudo para ser negociado. Também trouxera escravos, cujo trabalho na lavoura traria segurança para o inverno.

— Thordis também trouxe marfim... — Sean ouviu uma mulher idosa sussurrar.

A mulher orgulhava-se de Thordis, que vendia presas de morsa para os religiosos e para os guerreiros. Os primeiros faziam crucifixos e os outros, cabos de espadas.

Os habitantes do povoado admiravam o mercador astuto e não enxergavam o vilão brutal que ele era. Sean deduziu que isso se devia ao fato de Thordis ser o responsável pela manutenção de todos.

O viking navegava grandes distâncias para comprar e vender mercadorias. Do norte ele trazia madeira para construir navios, ferro para fazer ferramentas e armas, peles para vestimentas, couro de baleias e focas para fazer cordagem. Carregava tudo isso para lugares distantes e trocava por mercadorias locais. Da Grã-Bretanha voltava com trigo, prata e tecidos. Do Mediterrâneo, com vinho, sal, cerâmica e ouro.

O mais curioso era escutar as pessoas comentarem sobre Thordis e achar que tudo fazia parte de um sonho. Era uma ironia. A vida de Thordis, por mais brutal que fosse, era a que Sean perseguia em suas fantasias. Navegar pelo mar Báltico e rio acima até a Rússia. A pé ou no lombo de um camelo, alcançar Constantinopla e Jerusalém. Nos mercados, ao longo do caminho, regatear sobre o preço de vidro, especiarias e sedas. E, com isso, conhecer o mundo.

— Thordis já trouxe o chifre de um unicórnio — a velha disse e piscou.

Sean sabia que o unicórnio era uma fábula. Um animal místico que pairava na imaginação humana havia séculos.

— Mas isso não existe!

A mulher riu e expôs um sorriso sem dentes.

— Existe aqui. — Ela bateu na cabeça. — A mente é poderosa.

A mulher riu de novo e confidenciou-lhe a história.

Em uma de suas viagens, Thordis e mais alguns vikings haviam encontrado por acaso uma espécie de baleia ou boto que chamaram de narval. Esse mamífero tinha uma presa enorme e enrolada que se projetava do lado esquerdo como um grande chifre. Thordis comercializava a peça com os incautos como sendo o de um unicórnio.

— Ele está lucrando com uma mentira! — Era mais um dos pecados de Thordis.

A mulher fez pouco caso.

— Mentira? Thordis dá a eles o que eles querem. Ele fica feliz e eles também ficam.

— Ah, um tesouro inútil.

— Não é bem assim. Em forma de pó, pode ser empregado como afrodisíaco, antídoto para venenos, um remédio para convulsões e para o estômago. — Ela abaixou a voz. — Um pedaço de chifre pode ser usado para detectar veneno na comida e para purificar a água.

— Ainda assim não é chifre de unicórnio.

Essas pessoas não entendiam o erro de aproveitar-se de outrem e de zombar da crença alheia. Eram tão desonestas quanto Thordis. Só importava que o grande líder era um mercador esperto que lucrava com a ingenuidade dos outros e dos infelizes narvais do Ártico. Isso o tornava rico e era o que importava. O viking não tinha escrúpulos. Por acaso, isso era uma novidade?

Sean fizera um trato com um mentiroso. Quem lhe garantia que Thordis manteria sua palavra no acordo? Que não ficaria com os tributos e depois atacaria Armagh? Thordis não tinha consciência, nem princípios, nem sabia o que era misericórdia. E o destino de Armagh estava nas mãos dele.

Sean foi até a casa principal do povoado e sentiu o cheiro tentador de comida. Os vikings fariam uma festa para celebrar a volta de Thordis, e Sean fora convidado a participar.

Vários escravos recém-trazidos ocupavam-se em preparar a comida na área de cozinhar. Outros azafamavam-se para acender o óleo das lamparinas de pedra-sabão presas no teto por correntes de ferro. Procurou por ela e não a viu. Isso o preocupou.

— Ah, o cristão. Vamos, vamos. Não seja tímido. — Thordis, ao lado de outros vikings, mergulhou a taça em uma grande barrica de hidromel e acenou para Sean juntar-se a eles.

Ver Thordis deixou Sean mais aliviado. Pelo menos, no momento, o camarada não estava ao lado da bela escrava.

— Venha beber conosco! — O rosto vermelho de Thordis era prova de que já estava bêbado.

Sean mergulhou uma taça na bebida, determinado a não tomar nenhuma gota. Seria preciso manter a mente clara para tomar as decisões certas.

Alguns nórdicos divertiam-se em competição de bebidas.

Outros apostavam em jogos de dados. Quatro homens disputavam qual deles acertaria um alvo distante atirando machadinhas. Será que os monges não estariam fazendo um jogo ao acreditar em Thordis?, Sean refletiu. Dessa vez, o perdedor pagaria mais do que dinheiro. Pagaria com a vida.

Haveria outra opção? Só uma batalha.

As chamas refletiam-se nas espadas, nos escudos e nos machados pendurados nas paredes. Era um aviso nada sutil. Em qualquer combate, os nórdicos seriam os vencedores.

Grandes ramos de pinheiro ardiam em um cocho enorme no meio do recinto. O ambiente estava impregnado pela fumaça de um espeto sobre as chamas, onde um cordeiro era assado. Sopa e guisado de carne borbulhavam nos caldeirões de ferro e pedra-sabão suspensos sobre um tripé em cima do fogo.

Sean olhou ao redor e teve de admitir que, embora odiasse os pagãos, eles o fascinavam.

A alegria era geral. Riam e conversavam enquanto se serviam nas mesas fartas. Pães frescos de trigo e cevada, repolhos, ervilhas, cebolas, queijos, pedaços de carne e aves assadas.

Surpreendeu-se novamente de não se sentir um intruso, nem por não ser tratado como tal. Sean pegou um prato de madeira e lotou-o com pão de cevada, queijo e carne de cordeiro. Esquecido das boas maneiras, sentou-se em um dos bancos e comeu como um esfomeado. Sentiu-se culpado quando percebeu que nem mesmo fizera uma oração para agradecer a comida.

Tornou a pensar na jovem que vira a bordo da embarcação viking. Suspeitou que Thordis a trancara em algum lugar como instigo. Ela teria comido ou a fome faria parte da punição?

Poderia ajudar a escrava? Era o que mais desejava. Se, porém, o fizesse, atrairia a ira dos vikings sobre Armagh. Também não poderia ignorá-la. A Igreja incentivava a alforria de escravos como um ato de piedade, embora nunca houvessem condenado a instituição em si. Sean teria de discutir o assunto com o abade.

Copos feitos de chifres eram batidos uns nos outros em brindes. Todos se concentravam em comer e beber. Depois de satisfeitas a fome e a sede, os presentes pareceram ansiosos por ouvir as explicações de Thordis sobre as riquezas que trouxera.

O líder viking ergueu a mão e pediu silêncio.

— Não posso responder a tantas perguntas de uma só vez. — Ele sorriu, satisfeito pelo interesse que despertava. Acenou para o bardo, que se apressou em pegar a harpa. — Responderei, a todos. Primeiro, um pouco de música.

O bardo moveu os dedos ágeis pelas cordas do instrumento e cantou os feitos dos heróis do passado. Aventureiros orgulhosos e à procura da glória, aqueles homens se superaram em batalhas e zombaram da morte. Tudo para honrar o legado viking.

Os nórdicos batiam os copos de metal na mesa com movimentos rítmicos.

— Thordis... Thordis...

Eles estavam mais interessados em escutar as novidades do que os feitos antigos.

Thordis levantou-se e cambaleou por causa do excesso de bebida. Não chegou a dizer nenhuma palavra.

A porta foi aberta e um homem entrou, aos gritos.

— Aquela escrava... desapareceu!

Capítulo III

Natasha correu pela floresta, oculta pelas sombras da noite. Tremendo, puxou para cima dos ombros o traje rústico e agasalhou-se como pôde. Ajeitou o lenço escuro que amarrara na cabeça para

esconder os cabelos. Olhou para trás e parou. Os vikings saíam da casa grande e espalhavam-se para todos os lados.

Haviam descoberto que ela fugira!

Foi impossível não se regozijar com aquele instante de triunfo. Fora mais esperta do que eles. Estava livre, se bem que não totalmente. Ainda usava a gargantilha de ferro.

Tentara, sem sucesso, destrancar a porta do quarto onde fora confinada. Escavar um buraco sob uma das paredes também se revelara uma tentativa inútil. Lembrara-se então do teto.

Esvaziara uma arca, arrastara-a para cima da mesa e ficara nu ponta dos pés sobre a tampa. Usou uma caneca de prata pai a escavar o telhado fino de cascas de vidoeiro. Assim que um pedaço maior foi arrancado, utilizou as mãos para rasgar a camada grossa de turfa. Considerou que as unhas quebradas, cheias de terra, e os dedos sangrando eram um preço muito baixo a pagar pela liberdade.

As nuvens escondiam a lua. Poderia guiar-se apenas pela luz das estrelas. Seu povo acreditava nas estrelas como seres mortais. Uma estrela nova no céu, uma criança que nascia. Uma estrela cadente, alguém que morria. Natasha rezou aos deuses para que não deixassem nenhuma cair.

A noite iluminou-se com os archotes que os homens carregavam na busca da fugitiva. Embora ela fosse considerada uma escrava sem importância, sua fuga arranhava o brio dos vikings.

Natasha reiniciou a corrida, agora com maior velocidade. Insegura, olhava por sobre o ombro a todo instante. O coração parecia prestes a saltar do peito. As pernas doíam. Os pés descalços estavam machucados por causa das pedras. Arfava. O colar de ferro parecia pesar uma tonelada.

Rastejou até uma saliência de rocha, onde se escondeu na j moita para recuperar um pouco o fôlego. Os nórdicos faziam a busca no local onde Natasha estivera. Escapara por pouco. Sentiu-se mais aliviada quando eles se afastaram do mar... e dela. Esperou mais algum tempo, antes de retomar a corrida em direção à costa. Precisava chegar lá sem ser vista.

O navio viking estava ancorado nas proximidades. E pelo que constataria no desembarque, naquele trecho as águas eram rasas. No máximo, chegariam na cintura. Seu pavor pela água a fizera imaginar que se afogaria quando fora jogada para fora do navio.

Considerou que, dali para a frente, a fuga seria mais arriscada. O barco do desconhecido de cabelos escuros estava amarrado na embarcação viking, mas, do outro lado do litoral, onde as águas eram bem mais profundas. Natasha não sabia nadar. Teria de escalar a nau nórdica, ir até a extremidade mais afastada, descer por um dos remos e pular para dentro do pequeno barco. Com o maior cuidado para não escorregar. Se caísse no mar e engolisse água, prestaria tributo aos deuses do oceano.

Ergueu a barra da túnica, cerrou os dentes e entrou na água espumosa e fria. Avançou devagar, passo a passo, prestando atenção para não entrar em algum buraco. A água gelada foi subindo, e Natasha prendeu a respiração quando lhe atingiu os quadris antes de recuar.

Quanto mais perto chegava da nau, mais as ondas ficavam turbulentas e mais aumentava o pavor de afogar-se. Natasha sabia que era imprescindível substituir esse medo pela ânsia de liberdade.

Seu esforço foi recompensado quando alcançou a prancha de desembarque. Deteve-se e prestou atenção. Nenhum som estranho vinha do convés. Subiu depressa a rampa e abaixou-se para não ser avistada de longe.

Apressou-se até o outro lado e espiou para baixo. Ali estava a pequena embarcação de vime, balançando sobre as ondas guino um barco de brinquedo. Inspirou fundo para criar coragem. O objetivo estava mais longe do que imaginara.

Olhou para trás. As tochas continuavam acesas e as vozes na verdade murmúrios furiosos — podiam ser ouvidas a distância. Natasha recriminou-se pela falta de intrepidez. Não havia outra solução. Voltar seria uma sentença condenatória. Escravidão perpétua, depois de severas punições. Era preferível morrer afogada.

Preciso fazer um sacrifício para... as águas.

Mas como, se nada tinha para oferecer? A não ser...

Natasha viu uma espada no chão e não teve dúvida. Cortou a trança de um só golpe. Suspirou e procurou engolir o nó que se formara na garganta. Sua longa cabeleira era o bem mais precioso que possuía. Ou melhor, possuía. Atirou a trança na água e observou-a ser levada pela maré. Esperava que os espíritos marinhos recebessem o presente com agrado.

Inspirou fundo para acalmar-se. Sentou-se na borda da nau e deslizou para o lado externo até conseguir agarrar-se em um dos remos. Por um momento que pareceu não ter fim, Natasha ficou pendurada por cima das águas escuras e aterradoras. Depois, cuidadosamente, rastejou para descer a contra-rampa improvisada, usando as mãos como suporte.

O trajeto foi lento e desafiador. Os músculos das mãos e dos braços doíam muito. Lascas de madeira penetraram na pele dos dedos, e o sangue tornou o remo resvaladiço. Somente o pavor de cair no mar a impediu de pensar no sofrimento que experimentava.

De repente, uma das mãos escorregou, e Natasha ficou pendurada no remo apenas pela outra. Mordeu o lábio para não gritar e conseguir voltar à posição anterior. Procurou segurar-se com mais força e prosseguiu para baixo, centímetro por centímetro.

Natasha agradeceu aos céus no momento em que sentiu a beira do escaler sob o pé. Um movimento em falso e estaria perdida.

Tentou mexer o remo para que ele chegasse até o barco. O equilíbrio era precário e o terror de ser encontrada, imenso.

A agonia durou alguns instantes. Tinha medo de pular e errar o alvo. Voltar era impossível. As ondas batiam no barco de modo ritmado.

Tão perto da liberdade...

Segurar o peso do próprio corpo exigiu um esforço demasiado, e Natasha não pôde mais controlar as mãos. Perdeu o equilíbrio e caiu.

Em pânico, começou a bater as mãos dentro da água escura e fria, sem conseguir chegar à superfície. Os pulmões queimavam por causa do esforço para não respirar. Não suportou a pressão e engoliu água salgada.

Tentou controlar a respiração e o terror. Teria de ser a vencedora, custasse o que custasse.

Uma onda arremessou-a de encontro ao barco de vime e Natasha emergiu. Antes de conseguir agarrar-se, a ressaca puxou-a para trás. Mas outra onda lançou-a para a frente e, em um derradeiro esforço, Natasha agarrou-se na beira do bote.

Exausta, sem fôlego e tremendo, implorou aos deuses mais um pouco de energia para sair do mar. Com um grito sufocado, jogou-se para dentro do barco.

— Onde ela está? — Thordis gritava. — Como uma mulher esquelética pôde enganá-los? Hein? — Uma pausa antes de outro rugido. — Encontrem-na!

Dois homens saíram correndo e trombaram no escuro.

— Idiotas! São todos uns idiotas!

Sean fingiu ajudar na procura, rezando para que não a achassem e para que a jovem já estivesse longe e em segurança. Observou Thordis andar de um lado para outro em cima das pedras. O homem não se conformava de ter sido ludibriado.

— Monge!

Sean endireitou-se.

— Ainda não sou monge.

— Tanto faz. Para mim, é! — Thordis cuspiu no chão. — O senhor a ajudou, não foi?

Bem que gostaria de tê-lo feito. Pelo menos conheceria seu paradeiro.

— Não tive nada a ver com isso.

Com uma rapidez espantosa para um homem daquele tamanho, Thordis se aproximou, agarrou a frente da túnica de Sean e puxou-o.

— Pois eu acho que teve! O senhor é um mentiroso! Vi muito bem como olhava para ela!

— Tive compaixão pela jovem. — Sean mal conseguia controlar o ódio que sentia.

— Compaixão! Ah! Isso é sentimento para quem usa saias! — Thordis fitou Sean com desprezo. — Torno a afirmar que o senhor ajudou a escrava! De acordo com as nossas leis, quem liberta um escravo toma o lugar dele!

— Pois eu lhe digo que está redondamente enganado! —'. Sean não escondeu a animosidade e arrancou as mãos de Thordis de sua roupa.

Os dois homens se entreolharam com ferocidade até que um sujeito franzino interrompeu o silêncio: ;

— Ele deve estar dizendo a verdade, Thordis. Como poderia ajudar a escrava se esteve conosco o tempo todo?

Graças a Deus pelo álibi.

Thordis refletiu por alguns instantes, antes de empurrar Se para trás.

— Talvez ele não tenha culpa desta vez... — O líder nórdico pegou uma tocha, aproximou-a do rosto de Sean e estudou-lhe a fisionomia. — Estou lhe avisando, monge. Se está pensando em me enganar, pense duas vezes antes de fazê-lo.

Sean foi empurrado por todos os lados, enquanto seguia Thordis até o hall.

Teria de encontrar outra maneira de salvar Armagh e convencer disso o abade. Não se podia entregar o destino do mosteiro nas mãos de um homem daqueles.

Determinado a sair dali às primeiras luzes da manhã, Sean disse a si mesmo que esperava nunca mais encontrar nenhum viking.

As tochas foram se apagando. Os troncos da lareira transformaram-se em cinza. A escuridão tomou conta do hall nórdico. Ouviam-se apenas roncossonoros. Todos bêbados.

Deitado em um dos bancos, Sean apertou a cabeça, que latejava. Não bebera uma só gota do maldito hidromel. A dor de cabeça devia ser por causa da tensão da noite anterior, em que testemunhara a ferocidade das buscas lideradas por Thordis.

Os homens haviam continuado a caça até a madrugada. Pararam apenas quando ficaram outra vez esfomeados. Voltaram para a mesa, onde se empanturraram de comida e bebida, enquanto escutavam Thordis trovejar os castigos que seriam impostos à pobre jovem depois que a encontrassem.

Certo de que não conseguiria pegar no sono, Sean levantou-se da cama improvisada e tropeçou em um corpo inerte. O chão estava coalhado de homens embriagados que dormiam. Prosseguiu com mais cuidado até chegar à porta. Abriu-a.

— Monge!

Sean endireitou-se.

— Ainda não sou monge.

— Tanto faz. Para mim, é! — Thordis cuspiu no chão. — O senhor a ajudou, não foi?

Bem que gostaria de tê-lo feito. Pelo menos conheceria seu paradeiro.

— Não tive nada a ver com isso.

Com uma rapidez espantosa paia um homem daquele tamanho, Thordis se aproximou, agarrou a frente da túnica de Sean e puxou-o.

— Pois eu acho que teve! O senhor é um mentiroso! Vi muito bem como olhava para ela!

— Tive compaixão pela jovem. — Sean mal conseguia controlar o ódio que sentia.

— Compaixão! Ah! Isso é sentimento para quem usa saias! — Thordis fitou Sean com desprezo. — Torno a afirmar que o senhor ajudou a escrava! De acordo com as nossas leis, quem liberta um escravo toma o lugar dele!

— Pois eu lhe digo que está redondamente enganado! — Sean não escondeu a animosidade e arrancou as mãos de Thordis de sua roupa.

Os dois homens se entreolharam com ferocidade até que um sujeito franzino interrompeu o silêncio:

— Ele deve estar dizendo a verdade, Thordis. Como poderia ajudar a escrava se esteve conosco o tempo todo?

Graças a Deus pelo álibi.

Thordis refletiu por alguns instantes, antes de empurrar Sean para trás.

— Talvez ele não tenha culpa desta vez... — O líder nórdico pegou uma tocha, aproximou-a do rosto de Sean e estudou-lhe a fisionomia. — Estou lhe avisando, monge. Se está pensando em me enganar, pense duas vezes antes de fazê-lo.

Sean foi empurrado por todos os lados, enquanto seguia Thordis até o hall.

Teria de encontrar outra maneira de salvar Armagh e convencer disso o abade. Não se podia entregar o destino do mosteiro nas mãos de um homem daqueles.

Determinado a sair dali às primeiras luzes da manhã, Sean disse a si mesmo que esperava nunca mais encontrar nenhum viking.

As tochas foram se apagando. Os troncos da lareira transformaram-se em cinza. A escuridão tomou conta do hall nórdico. Ouviam-se apenas roncossonoros. Todos bêbados.

Deitado em um dos bancos, Sean apertou a cabeça, que latejava. Não bebera uma só gota do maldito hidromel. A dor de cabeça devia ser por causa da tensão da noite anterior, em que testemunhara a ferocidade das buscas lideradas por Thordis.

Os homens haviam continuado a caça até a madrugada. Pararam apenas quando ficaram outra vez esfomeados. Voltaram para a mesa, onde se empanturraram de comida e bebida, enquanto escutavam Thordis trovejar os castigos que seriam impostos à pobre jovem depois que a encontrassem.

Certo de que não conseguiria pegar no sono, Sean levantou-se da cama improvisada e tropeçou em um corpo inerte. O chão estava coalhado de homens embriagados que dormiam. Prosseguiu com mais cuidado até chegar à porta. Abriu-a.

O ar frio da noite foi um alívio para seu espírito e sua fronte que latejava. Deitou-se no solo duro, com as mãos sob a cabeça e olhou para o céu, refletindo sobre o futuro.

Desconfiava que o abade o enviara para aquela missão com um propósito: fazê-lo ver o lado ruim da vida. Assim ficaria ansioso para decidir-se pelo abrigo dos muros do mosteiro. O abade valorizava a previsibilidade, a rotina e o isolamento.

Mas e ele? A breve convivência com os vikings teria saciado a sede de conhecer o mundo? Ou a ansiedade fora aumentada?

— Cansou-se da hospitalidade de Thordis e preferiu a solidão?

Sean sentou-se e olhou para o homem que se aproximara.

— Sou um estranho aqui. Meus costumes são diferentes.

— O senhor falou da jovem.

— Falei por todos os escravos. — Sean foi cauteloso. — Não acredito no direito da escravidão.

— Nem eu.

Sean levantou-se, curioso.

— Quem é o senhor?

— Wolfram Olafsson. Tenho um povoado em Dublin. Vim até Larne para negociar com Thordis ferramentas para a lavoura.

— Nada de escravos... — Sean foi irônico, ansioso para sair dali o mais depressa possível. Tinha medo de contaminar-se com a cobiça e a crueldade.

— Nunca. — A resposta foi firme. — Já fui escravo também. Escravo dos irlandeses!

— Irlandeses?

Sean gostaria de esquecer, mas foi forçado a lembrar. A escravidão fora muito valorizada nos primórdios da história do Eire. Prisioneiros de guerra. Crianças vendidas em épocas de penúria. Homens e mulheres trazidos de fora. Presos condenados à morte e crianças indesejáveis largadas nas igrejas. Isso dera origem a uma população servil dentro dos grandes mosteiros. Se ele houvesse sido

levado a Armagh alguns anos antes, seu destino teria sido bem diferente.

— Não se devem fazer julgamentos precipitados... — O viking desapareceu tão depressa como chegara.

Aos primeiros raios do alvorecer, Sean carregou seus parcos pertences e foi para o mar. A noite fora longa e ele tinha pressa de sair de Larne.

A cabeça ameaçadora do dragão da proa da nau pareceu-lhe ainda mais feroz. Sean ignorou-a e subiu a bordo. Cedeu às fantasias e ficou em pé diante do leme, fingindo que o navio era seu.

Chegou a ouvir as ondas baterem de encontro à proa, enquanto a grande embarcação deslizava entre a espuma das águas. Imaginou o uivo do vento, sentiu os borrifos da tempestade no rosto, o cheiro de mar, algas e peixes. Viu os remos e pareceu-lhe divisar homens suados remando.

— Como seria se...

Fechou os olhos e concentrou-se no barulho das ondas e no zumbido do vento. Pareceu-lhe uma melodia. Recordou-se dos bardos irlandeses nas noites em que ficavam alertas, temendo o ataque dos nórdicos e aliviados pela tormenta.

Abençoado o vento implacável da noite,

Que deixa brancos os cabelos do mar;

Não devo temer os guerreiros ferozes do norte,

Pois eles só cruzarão o mar da Irlanda Quando o céu clarear.

Sean voltou à realidade com o grito agudo das gaivotas. Era um aviso de que aquelas águas eram traiçoeiras. Jogou uma corda para descer e estranhou um remo solto que, levado pelo vento, batia na lateral do navio. Abaixou-se, colocou-o no lugar e deslizou pelo cabo retorcido.

Soltou a corda que prendia o barco à nau viking e remou vigorosamente. Quanto mais depressa deixasse Larne, melhor.

Natasha continuou deitada. Para esconder-se, procurou evitar a luz. O medo cedeu e, à medida que a embarcação se afastava, aumentava sua confiança no homem que remava. O balanço das ondas a fez adormecer. Acordou com frio, puxou sobre si um manto que ali encontrara, abraçou-se e tornou a adormecer.

Sean sentiu o borrito das águas geladas. Estremeceu, soltou o remo da mão esquerda e procurou a capa que deixara no piso. Remando com a direita, puxou o tecido de lã e não conseguiu soltá-lo. Talvez estivesse preso em um pedaço quebrado de vime. Puxou de novo. Nada. Olhou por sobre o ombro.

— Em nome do Senhor!

Era ela! A escrava. Dormia na extremidade do barco, enrolada na capa de lã.

Sean contemplou, durante algum tempo, o busto que se erguia e abaixava com a respiração. As curvas femininas. Maços do rosto altos. O nariz perfeito que lhe conferia um ar de nobreza, apesar de ser escrava. Plácida, tranqüila, como se nada mais temesse no mundo.

Uma escrava que ludibriou Thordis Barba Rala.

Fora um estratagema inteligente, Sean admitiu. Enquanto os homens vasculhavam cada canto de Larne, ela estava encolhida no escaler, sem despertar a atenção de ninguém. A jovem era digna de admiração.

De olhar fixo à sua frente, Sean permitia-se espiadas ocasionais para assegurar-se de que tudo estava bem.

Quando ela abriu os olhos, Sean tornou a extasiar-se com o tom de azul de seus olhos.

— Onde estamos? — Natasha perguntou em sua própria língua, esquecida de que se encontrava muito longe de casa.

Sean foi pego de surpresa. Ela não falava o nórdico, nem o gaélico, nem o eslávico. Também não era latim. Ah, Thordis se enganara. Ela não era eslava.

— Onde estamos? — Natasha repetiu e sentou-se.

Sean sabia ler, escrever e falar em vários idiomas. Tinha facilidade para aprendê-los e descobrir-lhes as origens, mesmo quando não os conhecia. Concluiu que ela se expressava em uma linguagem similar ao do povo finlandês.

— Para onde estamos indo? — Natasha olhou ao redor e estremeceu ao fitar a água.

Ela teve medo de que afundassem. Mas lembrou-se do sacrifício que fizera para os deuses marinhos e sossegou.

Passou a mão nos cabelos, que chegavam pouco abaixo dos ombros. Antes alcançavam os joelhos. Sentiu-se despida. Tosquiada.

— Seus cabelos!

Da última vez em que Sean a vira, os cabelos loiro-claros estavam amarrados em uma trança longa. Presumiu que Thordis fora o responsável pelo desastre.

Natasha corou, sentindo-se muito feia. Puxou o capuz do manto e vestiu-o.

— Não faça isso. Continua adorável.

Natasha não acreditou e olhou para as mãos. Sean ergueu-lhe o rosto.

— Por favor, não se sinta envergonhada. Admiro-lhe não somente a beleza, mas também a coragem.

Natasha tornou a enrubescer, mas não desviou o olhar. Por um instante, ambos se acariciaram no rosto, delicadamente.

O momento de magia foi quebrado quando o barco deu uma guinada. Sean agarrou os remos.

— Segure-se na amurada! — ele ordenou e lutou para retomar o controle do barco, que rodopiava nas águas repentinamente turbulentas.

Natasha encheu-se de coragem e executou o comando, sem proferir uma única palavra.

Sean sentiu-se revigorar enquanto se esforçava para manter a pequena embarcação acima da água. O mar parecia ter vida própria e

estava disposto a atirá-los de encontro às rochas. Era como encarar uma batalha, uma luta pela sobrevivência. A única arma de que dispunha era sua habilidade com os remos.

O casco do barco raspou e bateu nas rochas, mas uma força maior fez com que Sean evitasse o naufrágio. Com determinação, conseguiu manter-se no rumo certo. E, tão rapidamente quanto viera, o perigo desapareceu e as águas voltaram a ficar calmas. Mais uma vez o bote deslizou por cima do mar azul-acinzentado.

Sean olhou por sobre o ombro. Viu a jovem estremecer. Ficou impressionado de não tê-la ouvido dar um só grito. Mas, apesar de toda a coragem, sentiu-lhe a vulnerabilidade. Foi invadido por uma vontade incrível de protegê-la.

Mas como proteger uma escrava? Enquanto prosseguiram rumo a Armagh, Sean foi obrigado a encarar duas questões vitais.

O que faria com aquela jovem?

Para onde a levaria?

O sol refletia nas águas azuis como uma grande moeda de ouro. Depois de navegar pelo rio por algumas horas, Sean avistou o ponto de referência que indicava a desembocadura no mar. Em vez de contornar os rochedos, usou uma rota alternativa. Decidira levar a jovem para Bangor.

Bangor, ao contrário de Armagh, era um mosteiro que admitia mulheres. Ali viviam freiras e monges, em alas separadas. Havia uma grande possibilidade de as freiras darem asilo para a escrava.

Embora não conhecesse Bangor, Sean tinha boas referências do convento. Era o maior centro de cristianismo celta. Bangor enviava um grande número de missionários para a Europa central e oriental. Alguém devia falar o idioma da jovem, o que a faria sentir-se melhor.

Chegara a pensar em ficar com ela. Mas como? Era um assunto fora de questão! Não podia e nem deveria! Começava a afeiçoar-se à moça e também já percebera a atenção da jovem. Laços emocionais eram indesejáveis e deviam ser cortados quanto antes. Por isso fez questão de manter silêncio durante o trajeto. Se uma amizade florescesse entre eles, a separação seria amarga.

O raios solares matinais lançavam uma bruma dourada sobre a paisagem. As colinas e os vales verdejantes estendiam-se a perder de vista, entremeados com tons castanhos, vermelhos e verdes. Folhagens espalhavam-se por toda parte. De vários tamanhos e formatos. Uma infinidade de árvores formava um panorama admirável.

Natasha deliciou-se com a fragrância refrescante da terra. Nunca vira tanto verde nem vegetação tão exuberante. Samambaias e trepadeiras cresciam em abundância. Pensou na região ! onde nascera, tão diferente daquela.

— Gosto da sua terra — ela se expressou em língua eslava, a única comum aos dois. — Com tantos vegetais, a comida ' deve ser abundante.

Na certa, seca e escassez não eram problemas graves, como acontecia nos deslocamentos das caravanas.

Sean espantou-se pela animação e pela intensidade do olhar da escrava.

— O Eire é realmente uma região maravilhosa. Eu deveria lembrar-me de ser mais agradecido em minhas preces.

— E eu, nas minhas. A Mãe Terra é muito poderosa.

— É verdade.

Os cristãos de origem celta conservavam a afeição pelo passado. Eram amantes da natureza. Havia assimilado os antigos costumes com as novas crenças, preservando as tradições pagas de uma forma modificada.

— Parece que ela foi ainda mais generosa aqui. Tudo é tão verde... — Natasha pôs a mão no braço dele.

Sem refletir, Sean virou-se para ela, largou o remo e acariciou-lhe a mão. Eles se entreolharam apenas por alguns segundos, mas com intensidade.

Natasha lembrou-se do que sua avó lhe dissera. Se uma pessoa salvasse a vida de outra, os espíritos das duas ficariam unidos até a eternidade. Acreditava que teria morrido se fosse forçada a viver com o gigante viking asqueroso. E, embora houvesse sido responsável pela

própria fuga, sabia que o forasteiro fora o inspirador de sua luta pela liberdade.

Poderiam ficar juntos para sempre? De certa maneira, Natasha entendeu que aquele era seu maior desejo. Mais uma vez lembrou-se de um dito de sua avó. Quando o coração de uma mulher conseguia atingir o de um homem, os espíritos do casal jamais se separariam.

Sean sentiu o afeto crescente da jovem e admitiu que a recíproca era verdadeira. E isso não poderia acontecer. Uma vez que deixasse a moça com as freiras, sumiria para longe da tentação que ela representava. Recriminou-se por sucumbir tão facilmente aos encantos da jovem, mas não havia como afastar os pensamentos daquele sorriso doce e do azul profundo daquele olhar.

Ela o fascinava. Admirava-lhe a postura ereta, a cabeça erguida em meio à adversidade e o entusiasmo diante do novo mundo que se descortinava. Toda vez que espiava para trás, sentia aumentar a certeza de que se tratava de uma jovem adorável.

Era preciso afastar a escrava de sua vida para sempre. Armagh só aceitava homens, e ela era feminina demais para disfarçar-se de monge.

Sean fora criado no mosteiro desde menino e não estava acostumado aos hábitos femininos. Não podia negar que já sentira atração por mulheres, mas nunca com aquela intensidade! A jovem era uma ameaça para seu cotidiano rotineiro e previsível. O que poderia complicar suas reflexões e tornar mais difícil a decisão sobre seu futuro.

Natasha afastou-se da beira do barco e virou-se novamente para Sean. A presença dele representava um conforto e um estímulo. Era curioso pensar no estranho como parte integrante da própria existência. Começava a dar razão às afirmativas da avó e a achar que o conhecimento deles tinha algum significado.

— Qual é seu nome?

— Sean.

— Bonito nome. O meu é Natasha — ela lhe informou, mesmo sem ter sido indagada. — A maioria das pessoas me chama de Tasha.

Sean preferia não saber. Pensar nela como a escrava tornava o relacionamento mais impessoal.

Natasha percebeu os lábios estreitados dele e perguntou-se o que poderia perturbá-lo. Não parecia um homem feliz. Tocou-lhe no braço, com intenção de apoiá-lo se preciso fosse, mas Sean desvencilhou-se.

Ele só pensava em chegar a Bangor e voltar à mesmice de sua vida.

Ao cair da noite, as muralhas de pedras pareceram escuras e assustadoras. Natasha e Sean subiram a colina, depois de amarrar o barco. Mesmo confiando em Sean, ela foi tomada por um sentimento de apreensão. Não compreendia o silêncio excessivo nem imaginava para onde se dirigiam. Estremeceu.

— Está com frio?

— É... um pouco. — Natasha não queria demonstrar falta de coragem.

— Eles têm lareiras que a manterão aquecida.

Sean justificou a própria secura, afirmando a si mesmo que a jovem seria bem cuidada e receberia ensinamentos preciosos. Ficaria livre dos grilhões da escravidão, e isso era o mais importante.

— Comida também? — Natasha estava esfomeada.

— Também. — Sean não pôde evitar de sorrir. — Acredito que terá direito a um banho e roupa limpa. — Pensou em providenciar antes a retirada do odioso colar de ferro.

Natasha seguiu-o através dos portões. A construção era inteira de pedras. A torre parecia alcançar o céu; as edificações largas e baixas e as cabanas lembravam colméias gigantes. Nunca vira uma aldeia como aquela. As vestimentas das pessoas não tinham vida. Eram em tons de cinza, mais escuro de que claro. As pessoas andavam cabisbaixas e lembravam-lhe pombos silenciosos.

— Por que todos estão tristes?

— Estão concentrados em reflexões.

Apesar da resposta, considerou que a jovem estava certa. Todos caminhavam de cenho franzido.

Natasha seguiu-o sem dizer mais nada. Achou que o conjunto sombrio de pedras combinava com os trajes cinzentos e as pessoas indiferentes que iam e vinham, sem parecer notar os visitantes. Deu-se conta de que Sean também vestia um manto com capuz.

— Este... é o seu lar?

— Não. *Ainda bem!*

Passaram por uma porta e entraram em outro recinto. Em uma lareira ardiam chamas vivazes. No chão, junco novo com ervas frescas. Mesas de cavaletes e bancos encostados nas paredes. Pessoas impassíveis sentadas em silêncio. Nas paredes, tochas iluminavam pratos e taças.

Natasha, premida pela fome, fez menção de sentar-se, mas Sean segurou-a pelo braço.

— Não devemos ocupar estes lugares. Esta sala é para os monges.

Natasha reparou que todos eram homens e deduziu que monge devia significar homem. Achou estranho que ficassem separados das mulheres e das crianças. Por isso eram tão ensimesmados. Nada substituíra o riso das crianças.

Dali a instantes, duas mulheres igualmente vestidas de cinza entraram no hall. Natasha percebeu os olhares reprovativos e procurou esconder-se. Sean disfarçou e empurrou-a para a frente.

— Irmãs, por favor me ajudem. Preciso de roupas para esta jovem e comida para nós dois.

A mais alta das duas adiantou-se e fitou de soslaio a roupa sumária de Natasha.

— Posso ver que a jovem está precisando de um traje adequado. Não se preocupe. Providenciarei o que for preciso. Um pouco de carne e pão, uma camisa e uma túnica operarão milagres. Acho que afastarão esse aspecto de desalento.

Sean entregou Natasha. aos cuidados das freiras e deu-lhes, as costas antes de elas se afastarem.

Teve certeza de que jamais esqueceria a bela jovem que aparecera em seu caminho. Nem poderia negar o desejo que o invadira quando estivera a seu lado.

Fascinada, Natasha fitou as chamas que dançavam sob o caldeirão. O aroma da sopa a deixava ainda mais faminta.

A freira que a recebera deu um sorriso pálido, pôs as mãos na cintura, aproximou-se com determinação e começou a fazer perguntas que Natasha não compreendeu.

Natasha deu de ombros para convencê-la de que nada entendia.

— Por acaso é muda? Não posso saber o que quer se não me disser do que se trata.

Natasha esfregou o estômago e disse fome em seu próprio idioma e em eslavo.

— Ah, foi como eu pensei... — A freira foi até o caldeirão, de onde tirou vários pedaços de carne que pôs em uma tigela. Depois deu uma piscadela. — Prometo não contar nada à encarregada da cozinha que lhe servi mais do que o merecido.

Natasha expressou o agradecimento com um sorriso e sentou-se em um banco estreito. Com as mãos, comeu com avidez e tomou o caldo até a última gota. Embora um pouco dura, a carne estava deliciosa, mesmo sem ter sua origem decifrada.

A freira esperou-a terminar de comer e levou-a pela mão por uma escada em caracol até um recinto onde mulheres se azafamavam em encher de água uma tina de madeira.

— Não! — Natasha lembrou-se da última vez que quase a afogaram em uma banheira.

— Vamos, vamos. Não seja modesta. — A freira cruzou os braços e mostrou sua disposição de não desistir.

Depois de alguns momentos em que se travou uma batalha sem armas nem palavras, Natasha deu-lhe as costas e começou a tirar a roupa suja.

— Agora entre na banheira, antes que alguém mais pense em utilizá-la.

Natasha entrou na tina e sentou-se em uma banqueta.

— Ai, a água está fria... — reclamou quando a mulher jogou-lhe água na cabeça.

— Pobre criança. — A freira percebeu o que a afligia. — O outro balde estará mais quente. — A freira enfiou a mão em uma caixa e pegou um pouco da mistura de gordura animal, cinza e soda. Esfregou o tablete na pele de Natasha que, depois de enxaguada, começou a formigar. — Agora seus cabelos.

A mulher passou o mesmo produto na trança que apenas chegava aos ombros e Natasha envergonhou-se. Afastou as mãos da outra e friccionou os cabelos, como se pretendesse fazê-los crescer.

— O que houve, minha filha? Por que seus cabelos a fazem corar? Ah, já sei. — A mulher sorriu com simpatia e ergueu o toucado que lhe cobria a cabeça com cabelos muito curtos.

Natasha espantou-se e desviou o olhar por cortesia. Desconfiou que aquela mulher quase sem cabelos devia ser uma escrava. Estalou a língua por compaixão do destino da coitada. Deduziu que todos ali deviam ser escravos. Por isso não sorriam.

— Sou uma freira. Renunciei aos meus cabelos e a todos os bens materiais. Os sacerdotes e os monges recorrem à tonsura pelo mesmo motivo. É o sinal de que dedicamos nossas vidas a Deus.

Conquanto não entendesse uma só palavra, Natasha acalmou-se pelo tom de voz suave da religiosa. Descontraiu-se e permitiu que a mulher lhe ensaboasse a cabeça. Os olhos arderam, mas o resultado compensou. Seus cabelos brilhavam como ouro. Secou-se com uma toalha de linho e sentiu-se mais refrescada e feminina.

— Seus cabelos estão tortos. Espere um pouco. — A mulher pegou uma peça estranha de metal com duas lâminas e aproximou-se.

— Não! — Natasha recuou.

— Não vou machucá-la. — Ela levantou o instrumento. — Tesoura. É muito útil. Eu a usarei, se me permitir.

Apesar de acreditar que não lhe fariam mal, Natasha preocupou-se quando a outra se aproximou com aquela faca de pontas duplas. Ela nem chegou a protestar. A mulher já acertara a parte mais comprida.

— Pronto.

Por causa da disparidade de altura, a irmã não pôde emprestar a Nádia nenhum de seus trajes. Teria de achar outra coisa em uma das despensas.

— Encontrarei tudo o que for necessário, ou não me chamo Bridget!

A mulher saiu e voltou em seguida, carregando um pacote. Natasha franziu o cenho. A outra trouxera roupa escura, semelhante às que os demais usavam. Apesar de achar a vestimenta horrível, teve de aceitá-la para não insultar quem a hospedava. Vestiu-se depressa.

Bridget recuou e fez um gesto de aprovação com a cabeça.

— Até nossos trajes simples ficam magníficos em uma jovem tão linda! Está adorável.

Por meio de mímica, Natasha tentava comunicar-se. Não escapara dos vikings para tornar-se prisioneira daquela tribo que usava mantos cinzentos. Correu para a porta, abriu-a e procurou Sean. Não o viu em lugar nenhum.

Bridget segurou-lhe o braço e a fez voltar. De dentro de sua túnica, tirou outro pacote. Sapatos de tecido.

— Acredito que devem servir. São sapatos.

Embora um pouco apertados, Natasha enfiou nos pés os sapatos de bico redondo.

Fechou os olhos enquanto Bridget lhe penteava os cabelos com um pente de madeira.

— É uma sorte ter cabelos ondulados. Ah, veja só. Está linda. — Pela mão, ela levou Natasha até a porta. — Agora este será seu lar. Eu lhe mostrarei tudo.

Natasha arregalou os olhos enquanto caminhavam. No altar, velas acesas, peças de ouro e de prata, imagens e estátuas. Uma delas

chamou-lhe a atenção pela bondade expressa pelo rosto. Era a de uma mulher que segurava uma criança no colo. Tocou na pedra fria, esperando encontrar uma mulher de carne e osso.

— Virgem Maria — Bridget sussurrou. Devia ser uma deusa.

— Maria...

Mais outra estátua teve um apelo irresistível. Um homem amarrado a uma cruz. Era barbado e vestia apenas uma tanga. Os pés descalços estavam amarrados juntos e sobre a cabeça havia uma coroa de espinhos.

Pobre homem.

Natasha comoveu-se e sentiu os olhos lacrimejarem. Gostaria de confortá-lo, de aliviar sua dor, de tirá-lo da cruz e de curar-lhe as chagas.

— Seu nome é Jesus.

O olhar de serenidade da estátua era hipnótico. O deus de Sean era mesmo um deus de paz. Essa conclusão deixou-a mais tranqüila. Seguiu a mulher alta e magra até o lado de fora. Um pátio retangular era rodeado por várias cabanas de pedra alinhadas ao lado de um muro alto. As duas passaram por um jardim pequeno e foram até uma das cabanas. Dentro, várias camas dispostas lado a lado.

— Minha filha, este é um dos dormitórios. Ficará aqui esta noite. Depois encontrarei um quarto perto do meu para que eu possa lhe dar melhor atenção. — Bridget levou-a até um leito perto da porta, assoprou a vela e saiu.

Natasha deitou-se no catre. Apesar do ressonar das companheiras, nunca se sentira tão solitária. Embora estivesse cansada, não conseguia adormecer.

Onde estaria Sean? Por que a entregara para a mulher e a abandonara? O medo de que ele fosse embora a fez levantar-se. Precisava encontrá-lo! Mesmo que tivesse de procurar em todos os quartos daquele povoado!

Abriu a porta e saiu.

Um discreto raio de luar penetrava pela janela minúscula do pequeno quarto. Sean estava deitado na cama. Natasha, encolhida em um catre de palha.

Ela levara um bom tempo procurando em cada canto e alcova. Espiara em uma infinidade de quartos até encontrá-lo. Sem se incomodar com os protestos de Sean, informara-o que não pretendia sair dali. Sean percebera que era uma batalha perdida e desistira de lutar.

— Mulheres são causadoras de problemas — ele sussurrou. — Principalmente esta.

A presença da jovem era perturbadora, mesmo a distância e dormindo. E se ela fosse descoberta no quarto dos homens, certamente haveria um tumulto. O convento de Armagh seria informado imediatamente. Apesar disso, não tinha coragem de acordá-la e nem de mandá-la sair.

— Problemas... — Sean repetiu. — ...encantadores.

Imaginou que tentadora seria o termo correto para descrevê-la. Mas era preciso ser forte! Teria de fingir que ela não estava ali. Seus conflitos interiores já eram suficientes para atormentá-lo. Não precisava de mulheres a seu lado. Muito menos tentadoras.

Fechou os olhos e procurou dormir. Resolveria a situação ao amanhecer. Deitou-se de costas, descerrou as pálpebras e fitou o teto.

Corno dizer-lhe adeus? Como explicar que não poderia levá-la para Armagh? Como um covarde, pensara em desaparecer logo cedo, mas ela lhe frustrara os planos.

Franziu a testa ao escutar o suave ressonar. As horas passavam devagar e Sean teve tempo de rememorar os acontecimentos. Sua chegada ao povoado viking. A escrava adorável que logo o atraíra. A fuga. A caça desenfreada dos vikings. A descoberta da jovem no barco. A curta viagem até Bangor. O pouco tempo em que ficaram juntos fora suficiente para assegurar-lhe que se encantara com ela. Tentara evitar esse envolvimento e falhara. Voltou-se e não conseguiu desviar o olhar.

Natasha estava deitada com a cabeça em cima do braço. Dormindo, parecia um anjo com os cachos loiros emoldurando-lhe o

rosto. Acordada, era uma tentação dos infernos. Tirara a túnica e se deitara com um camisão que deixava entrever as curvas deliciosas. Por baixo da barra da saia, pés descalços e tornozelos bem-feitos.

Era uma perdição. Queria tocá-la, erguê-la no colo, trazê-la para a cama e ficar com ela entre os braços. Estremeceu com a sensação que o afligia. Desejo. Sentir o corpo feminino a seu lado a noite inteira. Acariciar as curvas quentes e suaves...

Senhor, que tortura!

Sean tentou pensar em outras coisas, mas não pôde afastar os olhos da jovem adormecida. Era um prazer contemplá-la. Graciosa, curvas bem-feitas, pernas longas e cintura fina. Uma combinação estranha de energia e suavidade. Embora tímida às vezes, tivera a perseverança e a presença de espírito para encontrá-lo.

Fitou-a da cabeça aos pés. Deteve-se no busto, que subia e descia. Por um momento, achou que não resistiria à vontade de sentir aqueles seios firmes de encontro a seu peito largo. Repreendeu-se de maneira veemente.

Não se deixaria vencer pelas urgências físicas. Mas parecia-lhe impossível não ficar deslumbrado com tanta beleza.

— Natasha...

Dormindo, a aparência vulnerável dela implorava por proteção. Gostaria de poder evitar-lhe o contato com as crueldades do mundo. Ela já sofrerá demais. Mesmo sem saber da história de sua captura, deduziu que devia ter sido terrível.

— Isso não é da minha conta. A responsabilidade não é minha.

Nem mesmo a olharia mais!, Sean pensou, e virou-se para a parede. A decisão drástica durou alguns segundos. Natasha gemia.

Virando a cabeça de um lado para outro, ela enfrentava um pesadelo. Agitava as mãos e murmurava palavras ininteligíveis. Implorou para que poupassem alguém de nome Nádia. Talvez fosse sua irmã.

— Por favor... não a machuquem. Não! Preciso encontrar um meio de fugir...

Sean saiu da cama e ajoelhou-se ao lado de Natasha.

— Psiu... Tudo vai dar certo — murmurou. — Fique calma...

—Tantas mãos... tocando... beliscando... Eu sou gente... não animal! — O murmúrio angustiado teria comovido o mais duro dos corações. — O que acontecerá? Ah, Nádia...

Sean sacudiu Natasha de leve, mas ela continuou imersa no sonho aflitivo.

— Somos escravas! Nórdicos... hediondos. — Natasha soluçava. — Um navio... água por todos os lados... não tenho para onde ir...

Sean afastou-lhe fios de cabelos dos olhos e observou-a descerrar as pálpebras.

— Está tudo bem... — Ele acariciou-lhe a testa. — Foi apenas um pesadelo.

Apenas um sonho, uma lembrança. Mas agora eu o tenho a meu lado.

Natasha olhou-o e sorriu. Sentiu a pele formigar quando ele a segurou pelos ombros. Em um impulso, ergueu-se para ficar encostada no peito desnudo de Sean, procurando conforto. Na verdade, fora ela que sempre consolara o próximo.

Sentir o corpo flexível e firme de Natasha foi a perdição de Sean. A despeito do esforço para controlar-se, não conseguiu conter o desejo que o incendiava. Não podia deixar de fitá-la nem conseguia afastar-se. E quando ela tocou-lhe o braço, a ruína foi completada. Sem pensar no que fazia, tomou-a nos braços e beijou-a.

Natasha extasiou-se com emoções que nunca experimentara. Embora fosse seu primeiro contato com lábios masculinos, correspondeu ao beijo por instinto.

Com a língua ansiosa, cada um procurava desvendar os segredos da boca do outro. Esquecido de sua decisão de manter-se afastado de Natasha, Sean pensava apenas na suavidade daqueles lábios. Inebriado por tanta doçura, só escutava o martelar nos ouvidos e o sangue ferver nas veias.

— Doce Natasha... — trêmulo, murmurou de encontro aos lábios dela.

Pela primeira vez em sua vida metódica, Sean perdia o controle sobre suas emoções.

O coração de Natasha disparou ao ver o brilho apaixonado nos olhos de Sean. Embora fosse inexperiente em assuntos íntimos, não era ingênua. Já ouvira falar no que se seguiria.

Era o que ela desejava? Confusa, não soube responder. A estranha vibração no estômago não podia ser ignorada. Era um sinal de que nada acontecia contra sua vontade. Nervosa e sem saber como agir, ergueu-se mais um pouco, sem imaginar as conseqüências de roçar o busto no peito despido de Sean.

Sob a luz do luar, com os lábios entreabertos e úmidos, Natasha era ainda mais tentadora. Sem se conter, Sean afastou para os lados o camisão dela e beijou-lhe os seios que desnudara. Com a língua, provocou os mamilos endurecidos e mordiscou-os.

De início não escutaram o repicar dos sinos. Mas a vibração contínua acabou por fazê-los estremecer. Sean procurou raciocinar e afastou-se.

Arfantes, entreolhavam-se sem entender. Sean começou a voltar à razão e apavorou-se. Estavam no mosteiro, uma casa de Deus, rodeados por aqueles que dedicavam a vida a lutar contra os pecados da carne.

— Santo Deus, me perdoe...

Viu o que fizera com a túnica de Natasha e, aflito, puxou o tecido e cobriu-lhe o busto. Praguejou e, mais uma vez, reprimou-se por aquela imensa demonstração de fraqueza. Não conseguia encarar Natasha. Comprovara o lado mesquinho de sua natureza. Não passava de um animal guiado pela fome do desejo. Nem mesmo pensara na jovem e nas conseqüências de tal desatino para ela.

Traíra com a maior facilidade as regras e os ensinamentos que recebera. Afinal, não era melhor de que Thordis ou qualquer um dos vikings.

Natasha observou-o levantar-se e voltar ao próprio catre. Interpretou o olhar de seu salvador como se fosse repulsa ou raiva contra ela. Depois de alguns minutos, Sean virou-se com a fisionomia sombria. Gélida. Natasha não encontrou nada para dizer que desfizesse o mal-estar entre eles.

Sean sentou-se na cama com a cabeça entre as mãos. Não conseguiu explicar o tamanho de seu constrangimento nem pedir que ela lhe perdoasse. Só pensava em afastar-se de Natasha com urgência.

O sino continuou a tocar, mas não era o toque matinal anunciando o horário das preces.

Os gritos fizeram-no deduzir que os sons agudos significavam um alarme.

Capítulo IV

— Vikings! — Santa Mãe de Deus, eles estão atacando! Exclamações, gritos e preces murmuradas acompanharam o ruído de madeira estilhaçada e um berro aterrorizante.

— Odin!

Sean entreabriu a porta. O pátio externo do mosteiro estava apinhado de guerreiros tresloucados com suas espadas, lanças e machadinhas em punho. Deviam ser uns trinta ou mais. Na colina, rolos de fumaça provenientes do sopé, onde a aldeia fora queimada.

— Com certeza trata-se de Thordis! O maldito deve ter suposto que a senhora fugiu comigo e veio atrás de nós!

Sean sentiu o coração destrocado. Seria também o responsável por aquela carnificina. Mas não poderia deixar-se abater. Teria de ajudar as freiras e os monges. Disse a Natasha para que se escondesse. Saiu

depressa e percorreu todas as celas dos monges, distribuindo ordens. Alguém teria de assumir o comando.

— Juntem-se! Sozinhos, seremos dizimados como pardais. Juntos, poderemos oferecer algum tipo de resistência.

— Não sabemos e nem queremos lutar! — um monge gordo exclamou e caiu de joelhos, murmurando preces que sempre terminaram do modo habitual:

...in nomine Patris et Filii et Spiritus Sancti. Amen.

— Melhor morrer do que derramar sangue alheio — outro monge afirmou. — Diremos o Padre-Nosso e levaremos os tesouros para o esconderijo. Os livros! Não poderemos deixá-los estragar os livros.

Os vikings, analfabetos, freqüentemente destruíam os livros, rasgando as capas adereçadas com jóias.

Os monges persignaram-se várias vezes.

Pater noster qui es in caelis, sanctificetur nomen tuum... As vozes murmuradas eram uniformes, escondendo o pânico que os invadira.

— Precisamos chegar a algum tipo de acordo com eles. Poderemos rezar mais tarde.

Lembrado das negociações com Thordis, Sean ofereceu-se para conversar com o líder viking. Poderia propor-lhe um tributo em troca de paz.

— O irmão Maidoc já tentou fazer isso — um religioso alto e magro explicou. — Ofereceu-lhe objetos de ouro e prata! — Estremeceu. — Agora está estendido no pátio... decapitado.

Ceifar. Queimar. Retalhar. Os vikings eram a encarnação do demônio, sempre prontos para destruir. Sean não entendia por que Thordis negociara com ele e se recusava a fazê-lo com os monges de Bangor. A compreensão atingiu-o quando os invasores se aproximaram. Não se tratava de Thordis. Parecia mais um bando de nórdicos estropiados.

Quem seriam aqueles homens de cabelos escuros? E por acaso isso importava?

— Se não querem negociar, teremos de lutar! Se não o fizermos, acabaremos mortos. Ou pior, poderemos ser escravizados. As freiras serão estupradas e levadas como escravas.

A amargura de Sean tinha raízes no ataque anterior a Armagh. Os vikings tinham sido tão ferozes como os deuses profanos que idolatravam. Apavorado, ele se escondera enquanto monges eram despidos, torturados e levados como um rebanho de ovelhas. Não se ocultaria mais, independentemente das circunstâncias.

— E o que poderíamos fazer? Não somos páreo para as espadas deles.

— E mesmo que fôssemos, não temos armas.

— Lutaremos com o que encontrarmos pela frente. Cajados, pedras, utensílios de cozinha, mingau fervente, tochas!

Sean arrancou da parede um báculo de bispo. Estava em um invólucro de prata para evitar danificações. Isso serviria como proteção contra os vikings, se soubesse empregar a arma improvisada com coragem.

Os monges saíram correndo atrás de Sean em uma profusão de mantos e capuzes. Pelo caminho agarravam o que pudesse servir como armamento. Quando os agressores entrassem, teriam uma surpresa.

A barreira final do pátio foi quebrada. Com gritos de arrepiar, um grupo de homens ferozes cruzou a porta demolida e entrou no santuário.

Sean, postado junto à escada e de pernas afastadas, segurava o báculo com determinação. Virou-se ao ouvir um som. Por milímetros, uma machadinha não o atingiu. Não teve medo quando um viking furioso avançou com a espada em riste.

A espada era bem mais pesada que o báculo e a luta exigiu de Sean muito esforço muscular. Cada golpe rechaçado aumentava a dor no braço e nas costas. Gritos atrás dele aumentavam sua determinação. Com uma força que ignorava possuir, Sean arrancou a espada das mãos do atacante e atingiu-o na cabeça. O grandalhão caiu no piso de pedra com um estrondo. Sean afastou-o com um pontapé e preparou-se para o agressor seguinte.

Mais uma vez teve sucesso e perguntou a si mesmo por quanto tempo agüentaria lutar sozinho. A outra opção seria perder e morrer. Pensar nisso fez surgir uma energia renovada. Atacou com o báculo até que, com um golpe certo, o viking partiu o bastão pelo meio.

Sean fitou a arma inútil na mão, ao mesmo tempo que o inimigo se aproximava para matá-lo. Desviou-se da ponta da lâmina em cima da hora. Agarrou a estátua de São Patrício e investiu, ferindo o oponente. O guerreiro truculento deixou cair a arma e segurou o braço ferido. Sean levantou a escultura de pedra e golpeou a cabeça do herege, levando-o à inconsciência.

Virou-se e teve uma boa surpresa. Os monges lutavam com vontade. Na proporção de oito contra um, batiam, empurravam e investiam como um enxame de zangões. Um dos frades mais altos tentava arrancar os olhos de um agressor. De repente, o viking levantou uma faca e enfiou-a no pescoço do monge. Outra estocada no peito e o pobre homem caiu morto.

— Afastem-se!

Sem refletir, Sean pegou a espada de um viking já dominado. Um instinto primitivo deu-lhe forças, e ele começou a lutar contra o assassino.

Natasha, parada na porta, observou os vikings recuarem na direção de onde tinham vindo. Ainda receosa e com o coração aos pulos, não perdia Sean de vista. Mesmo não sendo guerreiro, lutava como um magiar.

Ele virou-se e gritou:

— Tasha, pegue suas coisas!

Sean a chamara de Tasha! Sorridente, ela refletiu que o apelido era usado pelos mais íntimos.

Depois de passado o perigo imediato, Sean resolveu tirar Natasha dali. Bangor estava muito perto do mar da Irlanda e do canal do Norte. Muito vulnerável aos ataques vikings.

— Sabe montar? — Seria muito arriscado navegar.

— Sou uma magiar. — Natasha deu uma risada. — Nascemos em cima de cavalos!

Esquecida das freiras e dos monges que se aproximavam, Natasha abraçou-o pela cintura e só se afastou quando Bridget chegou perto deles.

— O senhor foi enviado por Deus para nos salvar — Bridget afirmou e estendeu uma pequena bolsa de couro. — Na confusão, o senhor deixou cair isto.

— Obrigado. — Sean abriu o envoltório, com receio de que os vikings houvessem roubado o pingente. Aliviado, segurou a peça entre os dedos.

— O pingente! — Bridget parecia ter visto um fantasma. — A quem pertence?

— É meu! — Ele notou a extrema palidez da freira. — O que houve?

A religiosa levou uma mão à garganta e observou-o guardar o lobo de âmbar. Sem responder, saiu correndo.

Natasha adorou cavalgar naquela manhã refrescante. Os animais tinham sido emprestados do mosteiro. Animada, estava com as faces rosadas. Feliz. Sean, a seu lado, concluiu que ela não mentira. Era uma amazona de berço.

Natasha subiu uma colina, olhou para trás e viu o esforço de Sean para chegar. Fez sinal para que ele a alcançasse e disparou em um galope. Escutou o ribombar dos cascos atrás de si, enquanto descia a encosta. Era como voltar ao tempo em que seu pai era vivo e eles apostavam corridas. O gosto da liberdade era doce.

Seria livre para sempre.

Sean gritou, em perseguição à companheira. Era uma estranha excitação a que experimentava ao lado de Natasha.

A mata farfalhava por causa dos pássaros que levantavam vôo, assustados com a intrusão. Folhas e ramos batiam-lhes no rosto. Raízes e pedras eram uma ameaça que poderia derrubar os animais.

Embora incitando o cavalo ao máximo, Sean não conseguiu vencer a disputa.

Sorrindo pela vitória, Natasha esperou-o aproximar-se.

— Meu pai me ensinou a cavalgar. Ele era o líder da caravana. Cavalgar era para os homens. Eles lutavam em cima de cavalos. — As lembranças a emocionaram. — Meu pai cavalgava em pé, segurando uma espada.

— Gomo foi que ele morreu?

— Tentando nos proteger...

— Eu a ouvi mencionar Nádia no seu pesadelo. É sua irmã? i

— Antes fosse... Crescemos juntas e nos considerávamos irmãs. Ela machucou a perna e teve dificuldade de acompanhar a caravana. Estávamos juntas quando nos capturaram.

— Para onde ela foi levada? Natasha suspirou.

— Não sei. Acredito que a levaram para o Oriente. — Lágrimas escorreram-lhe pelos olhos. — Nunca mais a verei...

— Isso ninguém sabe. Os desígnios de Deus são misteriosos. Sean pensou na maneira como se haviam conhecido. O que essa bela jovem teria para ensinar-lhe?

Os raios de sol atravessavam a névoa da manhã. Pássaros gorjeavam, voando de galho em galho. No ar, perfume de flores, pinheiros e feno fresco. As estradas entrecruzadas deixavam a região com aspecto de um gigantesco jogo de xadrez. Uma bela região. Rios tortuosos, território com elevações e depressões suaves, campinas, matas e pastagens. Bois e vacas pastavam ao lado de carneiros e ovelhas. Cabanas minúsculas pontilhavam as encostas.

Sean estava ansioso para aprender algo sobre o povo de Natasha, que viera do leste, da região das estepes. Terra de exímios cavaleiros que lutavam sobre cavalos e que cavalgavam em pé no dorso dos animais.

— Eles usavam uma cabeça de carneiro como se fosse uma bola. Veja isso...

Natasha inclinou-se perigosamente sobre o cavalo até quase alcançar o chão. Depois voltou à posição inicial com muita graça e sem esforço aparente. Riu com a exuberância de uma criança.

— Parece feliz, Natasha.

— Estou muito feliz!

Sean gostaria de esquecer o problema, mas não conseguiu afastar o dilema em que ficaria envolvido assim que alcançassem Armagh.

O que fazer a respeito de Natasha? O abade jamais permitiria que ela permanecesse no convento. Dizia sempre que a presença de mulheres era uma perturbação. Ainda mais em se tratando de uma paga. Para onde a levaria? Esse problema viera juntar-se à questão do tributo necessário para acalmar a cobiça de Thordis.

A volta para Armagh foi pitoresca, mas também uma experiência extenuante. Sean estava com todos os músculos do corpo doloridos. Já andara a cavalo, mas não por tanto tempo. O orgulho masculino jamais o deixaria confessar a agonia, depois de oito horas cavalgando sem parar. Ainda mais que sua jovem acompanhante se mostrava tão lépida.

— Gostaria de descansar? — Esperançoso, fitou Natasha de viés.

— De jeito nenhum. Estou adorando sentir as carícias do vento. Há muito tempo eu não me divertia tanto.

Natasha ignorou a dor no corpo quando disparou em novo galope. Os quadris pareciam estar quebrados e os pés descalços, esfolados. Mas ela preferia morrer a admitir qualquer fraqueza. Ainda mais diante de um homem tão forte. Ele a salvara duas vezes dos vikings. Os cortes e hematomas eram uma prova de sua coragem.

Enquanto continuaram o trajeto, Natasha observou-o sem parar e desejou tocar nos cabelos escuros para ver se eram tão sedosos quanto pareciam. Apesar de ser alto e esbelto, Sean tinha ombros largos e corpo musculoso. Sentiu arrepios ao lembrar-se da intimidade que haviam compartilhado, antes de soar o alarme.

Também não pôde deixar de refletir nas mudanças de sua existência. Suspirou e imaginou o que Nádia pensaria daquela região verdejante e daquele homem moreno que cavalgava a seu lado. Se

voltassem a se encontrar — rezou aos deuses para que isso acontecesse —, teria uma bela história para contar. E talvez Nádia também tivesse.

O trotar dos cavalos tornou-se monótono com o tempo. Exaustos e com ferimentos, a teimosia mútua impediu-os de sugerir uma pausa para o descanso. Assim, pararam somente quando foram atingidos por uma tempestade. Trovões estrondeavam. Nuvens escuras corriam pelo céu. Uma chuva torrencial atingiu-os.

Natasha não demonstrou a menor vontade de procurar abrigo. Determinada, prosseguiu debaixo da tormenta. Sean enrolou-se melhor no manto e perguntou-se se ela nunca desistia.

Embora tremendo de frio, Natasha teimava em não se queixar. Nem poderia. Os dentes batiam tanto que na certa não conseguiria articular uma só palavra.

Por fim Sean foi em busca de abrigo. No meio de um bosque de árvores frondosas, enxergou uma velha cabana de madeira. Para dar uma desculpa, apontou a estrada que se transformara em um atoleiro.

Natasha, tremendo muito, aceitou a ajuda para apear. Suspirou com satisfação quando ele a abraçou pelos ombros.

Apesar do rosto sujo e molhado, Natasha parecia um anjo e ela o olhava com infinita gratidão.

— Natasha... eu... — Sean não encontrou palavras que descrevessem seu estado de espírito e nem a confusão emocional em que mergulhara desde que a conhecera. — Vou buscar gravetos secos para acender um fogo. Isso a aquecerá.

Não havia madeira seca. Natasha não parava de tremer. Sean preocupou-se. Ela poderia ficar doente.

— Natasha... — Ele acariciou-lhe o rosto e os cabelos molhados. — Permita que eu a aqueça.

Ela não teve como responder. Sean abraçou-a, e o coração de Natasha disparou. Fitou-o com olhar arregalado, admirada pelo calor que ele irradiava. O frio abandonou-a. O tremor continuava, mas por outro motivo.

— Natasha... doce Natasha. — Sean acariciava-lhe o braço. — Está se sentindo melhor?

Ela anuiu em silêncio. Sean ergueu-lhe o rosto. Fitou-a por' algum tempo e, sem se conter mais, abaixou a cabeça e beijou-a.

Sean a segurava com tanta força que seria impossível afastar-se, mesmo se quisesse. E Natasha não queria.

O beijo foi casto, mas assim mesmo devastador. Presa entre os braços de Sean, ela teve consciência do próprio corpo como nunca. Desejava ser tocada. Os seios formigavam com uma sensação diferente, e um estranho palpar deixou-a com vontade de apertar as coxas.

Sean acariciou-lhe os lábios com a ponta da língua, enquanto deslizava as mãos pelo corpo macio. Natasha gemeu e permitiu-lhe desvendar o interior de sua boca. Ansiosa, fez o mesmo com Sean e disse a si mesma que não poderia imaginar nada. mais prazeroso. E na certa havia.

Continuaram abrigados dentro da cabana. Natasha abraçava-o pela nuca, deliciada com as sensações despertadas pelo beijo de Sean. Uma fome insaciável e um desejo desconhecido até aquele momento.

A ânsia de Sean não era menos violenta. A proximidade de Natasha e a suave boca inocente tinham um caráter explosivo. Ele também foi sacudido por um forte tremor e perdeu a razão. Afastou-se um pouco e desamarrou-lhe o decote da túnica.

— Natasha...

Ela tremia e sua pele se arrepiava onde era tocada. Sem deixar de beijá-la, Sean acariciou-lhe os ombros, as costas e as laterais dos seios. Foi quando um raio o fez voltar à realidade. Relutante, afastou-se de Natasha e de seus lábios de mel. Antes de entregar-se àqueles sentimentos apaixonados, teria de pensar muito. Não apenas nela, mas no que desejava para seu futuro.

— O que houve? — Natasha cismou que Sean fosse comprometido.

Como fazê-la entender que ela mudara drasticamente a vida dele, sem aborrecê-la?

— Quando chegarmos ao nosso destino, muitas coisas mudarão. Não estarei livre para ficar a seu lado. Quando estivermos juntos, não teremos permissão para nos tocarmos.

— Permissão?

— Bem, iremos para um lugar semelhante àquele que deixamos para trás. Porém... ali mulheres não são bem-vindas.

— Não? — Natasha não podia entender. — Por quê?

— Armagh é um lugar que hospeda homens devotados a Deus e que desejam aprender. Todo o resto é posto de lado.

Natasha perturbou-se. Era impossível aceitar a existência de um local onde homens tinham de ficar sem mulheres. Quais seriam esses deuses que exigiam tal sacrifício? Ela desistira de seus cabelos, mas o deus de Sean esperava que ele desistisse da vida.

Sean, embora não quisesse magoar Natasha, não sabia se estava disposto a abandonar tudo o que conhecia para ficar ao lado dela.

Natasha apanhou raízes, folhas e frutos. Carregou-os na barra levantada da túnica. Tirou um frasco de couro da sela de Sean e encheu-o com água de um regato próximo. Ofereceu a ele o primeiro gole.

— Obrigado.

Sean apoiou o frasco para Natasha beber. Fitá-la trouxe de volta emoções confusas. Afastou-se, acabou de acender o fogo e improvisou uma funda para caçar.

Depois de algum tempo, Natasha sentiu o aroma das aves que Sean caçara e assava no espeto. Impaciente, teve de esperar a carne corar. Quando achou que estava no ponto, ajoelhou-se ao pé do fogo. Com muita fome, serviu-se de aves e de raízes. Satisfeita, lambeu os dedos e percebeu-se observada. Não se envergonhou. Sorriu.

— Conte-me mais sobre a sua vida, Natasha.

— Não há muito o que contar.

— Tem irmãos ou irmãs? Sua mãe ainda está viva?

— Como eu já lhe disse, meu pai morreu lutando contra os inimigos. Ah, ele era magnífico. Ia sempre na frente da caravana, montado no garanhão branco.

Natasha contou que as tribos nômades dependiam dos cavalos e que o cavalo branco era considerado o ser mais importante na face da Terra. Os eqüinos eram uma necessidade. Como meio de transporte para os deslocamentos, para as batalhas e para o campo. O garanhão branco era o espécime mais perfeito de todos, sendo usado pelos líderes das tribos magiares.

— Quando meu pai morreu, seu cavalo foi morto e enterrado junto com ele.

Como símbolo sagrado, o sacrifício do animal constituía o mais triste dos rituais no enterro de um chefe, Natasha explicou.

— Amava muito seu pai, não é verdade? Ela esforçou-se para não chorar.

— Muito.

— E os demais membros da sua família?

— Meus irmãos também morreram. A morte deles e de meu pai matou minha mãe de desgosto.

— Sinto muito...

Natasha fitou-o e logo desviou o olhar.

— Osip, um primo meu, tentou tomar conta da tribo, mas ele jamais chegará aos pés de meu pai. Jamais!

O assunto a fazia sofrer, por isso ela perguntou:

— E quanto a seus pais?

Sean não gostava de falar nisso, mas não teve como evitar.

— Não os conheci. A identidade deles é um mistério. Fui encontrado pelos monges, que me educaram e foram muito bondosos para mim. — Sean tirou o pendente da algibeira. — Isto estava no meu pescoço.

— O lobo! — Natasha tocou-o com respeito.

— Não sei o que significa. Mas o abade me proibiu de usá-lo.

— Por quê? Esses símbolos têm poderes mágicos. Conferem força e proteção. Aves de rapina, leão, cobra, peixe e lobo são poderosos.

— Não para nós. Nós acreditamos... — Sean entendeu que aquele não era o momento nem o local conveniente para explicações.

— Talvez o senhor esteja com medo. Os povos eslavos temem o lobisomem.

— O que é isso?

— Um homem que se transforma em lobo à noite. — Natasha explicou que os eslavos contavam muitas histórias de um terrível bicho-homem que destruía tudo o que via pela frente. — Seres que se transformam contra a vontade. Um bruxo ou feiticeiro os condena a uma coexistência com a forma animal.

— Não tenha medo. — Sean sorriu. — Não sou um lobisomem.

— Eu sei. E mesmo que fosse, eu não teria medo.

Natasha deu-lhe as costas e concentrou-se nos sons noturnos. O pio de uma coruja e o estalo da vegetação sob o impacto dos animais rasteiros.

— O que é isso?

Sean também estranhou os ruídos. Teve a nítida impressão de que não estavam sozinhos. Sentia-se observado na escuridão. Olhos humanos.

— Quem está aí? — ele gritou.

Pegou o cajado e levantou-o de maneira ameaçadora. Estava pronto para lutar contra o invasor. Fosse animal ou homem.

Sentiu-se um grande tolo quando uma doninha saiu da moita. Mais descontraído, Sean deu de ombros e preparou-se para dormir. Dormiria com um olho aberto.

Estendeu o manto diante das chamas que diminuía e arriscou uma espiadela na direção de Natasha. Uma criatura frágil dotada de grande fortaleza interior. Ela o intrigava. E fascinava. Ele gostaria de ter

conhecimento de muitas coisas. Então o lobo era um amuleto. Um símbolo sagrado.

Mas que não deixava de ser um símbolo profano.

Tirou novamente o lobo de âmbar da algibeira, tentado a jogá-lo no fogo. Não. Não poderia fazer isso. Era só o que lhe restava de sua infância. O único elo com seus pais. Guardou o pendente, fez o sinal-da-cruz e rezou para que não se arrependesse de havê-lo conservado.

Natasha ouviu o sino do mosteiro de Armagh e sentiu o sangue gelar nas veias. Eles não aceitavam mulheres.

O que aconteceria quando chegassem lá? Qual seria a decisão de Sean? Ele a esconderia e a manteria a seu lado? Ou a baniria de sua frente para ocupar seu lugar entre aqueles homens estranhos que renunciavam às mulheres?

Deteve o cavalo quando avistou os muros de pedras do mosteiro. Observou o quadrilátero do claustro, a construção monástica escura e a estranha colméia de cabanas.

— Meu quarto é ali. — Sean apontou uma das cabanas próximas do muro externo.

Depois gesticulou para mostrar a igreja, a cozinha, o local da panificação, a despensa, a cervejaria, os saguões dos visitantes, os celeiros, as choupanas dos trabalhadores, o estábulo, o galinheiro, o chiqueiro, a forja, as colméias, os jardins e uma grande extensão de campinas.

— Não é tão grande nem ornamentado como Bangor. Mas é o local que foi meu lar desde que me conheço por gente.

Era uma tristeza, comparada à infância alegre que ela tivera!, Natasha refletiu. Devia ter sido horrível para um menino crescer entre homens sombrios, sem a suavidade do sorriso e do amor de uma mãe.

— Os monges foram muito bons para mim. — Sean queria acabar com os mal-entendidos. — Nada há o que temer.

— A seu lado, eu esqueço os receios. Entretanto, Natasha estremeceu na descida da colina. Durante o trajeto, Sean imaginara diversas maneiras de lidar

com a presença dela. Vesti-la de homem, nem pensar. Suas curvas eram muito evidentes. Não haveria como escondê-la e nem desejava fazê-la viver nas sombras, com medo de revelar a identidade. Dizer a verdade seria o modo mais correto de agir. A verdade e os princípios hospitaleiros dos monges: não negar ajuda a quem procurasse abrigo e alimento.

Sean passou pela entrada e fez sinal para Natasha segui-lo. Encaminhou-se até a estrebaria. Desencilharam os cavalos e deixaram-nos com um seminarista desajeitado. Depois foram até uma oficina. Ali havia martelos, talhadeiras, serrotes e uma verruma com cabo de madeira. Sean usou esta última para desenganchar o fecho que prendia a gargantilha de ferro. Quando o objeto caiu no chão com um baque, Natasha teve certeza de que estava livre.

— Vamos! Quanto antes encaramos a adversidade, melhor. Pegou-a pela mão e levou-a até a biblioteca, onde o abade

Righifarch ocupava um pequeno gabinete. Teve sorte. O abade estava sozinho. Atrás da mesa, escrevia sem parar. O remígio movia-se para todos os lados, sobre um pedaço de pergaminho.

— Eu voltei!

O abade virou a cabeça. As sobrancelhas juntaram-se para examinar Natasha.

— Parece que o senhor tem muito para contar.

— Trata-se de uma longa história — Sean começou, cauteloso. — E antes de fazer meu relato, peço-lhe que se recorde de nossas regras de hospitalidade.

— Ah, sim... hospitalidade.

Anfitrião perfeito em quaisquer circunstâncias, o abade apontou uma cadeira para Sean e outra para Natasha, como se ela fosse uma visitante ilustre.

Natasha não tirava os olhos do abade. Apesar das diferenças de cultura, aquele homem lembrava-a de seu pai. Talvez por ser alto e forte. Como se fosse para anunciar ao mundo que era um líder tribal.

O abade Righifarch tinha cabelos avermelhados já com muitos fios brancos. A tonsura frontal ia de orelha a orelha. Os olhos cinzentos eram brilhantes e vivos, o nariz longo, bem-feito, e Natasha achou-o semelhante a um falcão. Era um homem incomum que se destacaria em qualquer lugar.

— Acredito que estejam com fome e sede. Sean anuiu.

— Deve ter sobrado muita coisa da refeição matinal. — O abade saiu por um momento e voltou carregando dois frascos com água fresca da fonte. — Sua missão foi bem-sucedida?

Sean aliviou a garganta seca com um grande gole do líquido abençoado. Depois contou sobre a viagem, o encontro com Thordis e as exigências do viking.

O abade também era um homem acostumado a controlar as emoções. Mas dessa vez seu queixo tremeu quando tentou disfarçar a raiva.

— Isso não me surpreende. Afinal, os vikings não são muito melhores do que os piratas.

Sean cerrou os dentes.

— Mas eles são piratas. Que Deus me perdoe, porém não posso imaginar por que Ele criou tais monstros. — Sean fez o sinal-da-cruz.

— Não devemos questionar as razões de Deus — o abade murmurou ao sentar-se. — Devemos apenas agradecer por lhe ter permitido voltar para nós são e salvo.

Sean lembrou-se do que acontecera no povoado, depois da fuga de Natasha.

— Por alguns instantes, minha volta esteve em perigo. Embora Thordis pudesse ter-me feito prisioneiro, ele não demonstrou intenção de me levar como escravo. Acredito que o senhor soubesse que isso não aconteceria.

Um silêncio desconfortável se seguiu, mas o abade nada respondeu.

— Por que o senhor queria tanto que eu assumisse tal risco? — Sean perguntara-se a mesma coisa centenas de vezes. — O que o senhor esperava ganhar enviando-me em uma missão tão arriscada?

— Eu confio em Deus e queria que visse...

— Visse o quê?

O abade levantou-se e pôs a mão no ombro de Sean.

— Sei que está dividido entre o bem e o mal. Eu queria que visse o mal de perto para entender quanto precisa disto aqui.

— Não é só isso — Sean murmurou. — O que o senhor e os outros estão escondendo de mim?

O abade ignorou a pergunta.

— A jovem é muito bonita.

— É verdade... — Sean preparou-se para uma discussão.

— Quem é ela? — A pergunta seca foi feita em tom desaprovativo.

— O nome dela é Natasha. — Sean viu o abade observar a marca vermelha no pescoço. — É uma escrava fugitiva.

— Foi o que eu pensei. — O abade analisou-a, como se fosse uma obra de arte. — Bem, poderemos levá-la para um convento de freiras.

— Natasha não é cristã e não entende nossos costumes. Ficamos em Bangor por uma noite e ela se sentiu muito infeliz.

— Infeliz? Trabalhar para Deus não é uma punição, mas uma bênção.

— Acredito que a escolha deva ser de Natasha — Sean sussurrou, para não criar ansiedade.

Embora Natasha não entendesse as palavras, percebia que se falava dela.

— Belo brilho do olhar da jovem, suponho que queira ficar a seu lado.

— Natasha se sente agradecida por eu a ter ajudado. Ela não entende muitas coisas.

Sean também não. Experimentara a intensidade do desejo, a excitação de uma batalha, estivera na proa de um navio e tivera vontade de navegar. De repente, sua vida mudara de maneira drástica e não havia como voltar atrás.

— Uma semana. É o tempo que ela poderá ficar aqui. Sean esperara por um prazo maior.

— Viver envolve escolhas, Sean.

Seria uma decisão crucial. Natasha ou Armagh.

O junco era fresco e o aroma, agradável. No pequeno catre, roupa de cama limpa e cobertores para o frio. Da pequena janela avistavam-se os jardins e os muros do mosteiro. Natasha abriu a porta e sentiu o cheiro de flores secas, ervas e especiarias.

Percorreu os recintos, ansiosa para conhecer o lugar onde Sean crescera. Não era lúgubre como Bangor. Os quartos eram pintados e mobiliados. Havia até mesmo cadeiras, um grande luxo para os magiares andarilhos. Ela se sentia constrangida, com vontade de fazer algo de útil.

Foi até o grande recinto onde Sean havia entrado. -Atenta, procurou entender o que ele estava fazendo. Aproximou-se. Sean segurava uma pena. Ele a levava para a frente e para trás com movimentos abrangentes. As figuras que imprimia em um objeto longo e fino eram fascinantes.

— O que está fazendo?

— Escrevendo...

— Hã? — Natasha tocou no pergaminho.

Sean fitou-a. O que para ele era óbvio, para ela era um total desconhecimento.

— Estou desenhando palavras neste pergaminho. Palavras como essas que estou falando. Assim posso fazer registros.

— Palavras? Registros? — Reverente, Natasha fitou as marcas de tinta. Aquilo era um mistério tão grande quanto a magia. — Escrevendo?

— Isso mesmo. — Talvez ele não houvesse dado o devido valor ao que lhe descortinara um novo mundo.

Natasha fitou-lhe a boca. Desejou ser beijada, mas afastou a idéia. Desde que haviam chegado, Sean não demonstrara interesse em intimidades.

— É preciso guardar tudo o que se diz?

— Apenas coisas importantes.

— E o que é importante? — Curiosa, queria entender. Sean afiou a ponta do remígio com um canivete.

— É mais ou menos o que fazem os bardos e os contadores de histórias. Eles guardam recordações na memória. O meu trabalho, e o daqueles que trabalham como eu, consiste em guardar recordações no pergaminho para que os outros as leiam.

Natasha ficou impressionada com o orgulho que Sean demonstrava pelo que fazia. E surpreendeu-se em refletir que gostaria muito de fazer o mesmo.

Sean mergulhou a pena no tinteiro e desenhou algumas letras.

— Mesmo quando eu estiver morto, meus pensamentos não estarão perdidos.

— Por favor... eu gostaria de tentar. — Ansiosa, sentou-se ao lado de Sean na cadeira larga de madeira.

— Muito bem. — Ele divertiu-se com o entusiasmo de Natasha.

Ela segurou a pena e, quando os dedos de ambos se tocaram, Sean foi afetado pela excitação habitual que Natasha lhe despertava.

— O que devo fazer? — Ela encostou-se na coxa de Sean e fitou-o.

Ele sentiu-se hipnotizado pela pressão do corpo de Natasha. Uma mulher que o fazia esquecer do mundo. E o olhar dela era inocente como o de uma criança. Sean afastou-se depressa e pegou um pedaço de pergaminho velho que ele usava para praticar.

— Molhe a ponta da pena na tinta e copie os meus traços. Assim...

Sean escreveu uma palavra simples e deixou-a tentar, rindo dos rabiscos. Natasha também riu, com voz suave e musical. A felicidade dela era contagiosa.

— Deixe-me tentar de novo.

Dessa vez ela moveu o remígio devagar, copiando as letras de Sean com o maior cuidado.

— Muito bem, Natasha!

Embora aprender a escrever de nada lhe adiantasse, pois cultura não era assunto para mulheres, aquilo a manteria ocupada. Atenta, ela curvou a cabeça, ansiosa para esmerar-se. Sean admirou-a. Natasha era esforçada e tinha boa memória.

O relacionamento entre eles era fácil. As perguntas tinham respostas diretas e o aprendizado era rápido. Para Natasha, foram momentos preciosos. Sentia-se envolvida no mundo maravilhoso que Sean criava. Era como se um feiticeiro a levasse para uma viagem mágica que ela não imaginara existir.

Não demorou muito e a alegria teve um fim. Vários homens, tanto moços quanto mais idosos, entraram no recinto. Sean levantou-se e saudou-os. Natasha entendeu que fora esquecida.

Em seu quarto, ela refletiu sobre o que aprendera. O conceito de aprendizado e o fato em si eram novos. Sua vida transcorrera sempre em um presente perpétuo. A idéia de passado limitava-se às memórias das experiências pessoais ou às histórias contadas pelos mais velhos. O tempo tinha uma importância limitada.

Nas raras ocasiões em que as novidades chegavam de fora, eram gritadas por um apregoador. Natasha comia e dormia, passava longas horas dedicadas a tarefas sem importância, sem se dar conta de como sua vida era monótona. A passagem do tempo era marcada apenas por eventos notáveis.

Naquela altura, Sean descortinara diante dela um panorama inteiramente novo. Um mundo de conhecimento e aprendizagem. Uma

riqueza muito mais valiosa de que o ouro. E Natasha estava determinada a conhecer a fundo aquela maravilha.

As chamas das velas bruxuleavam com o vento que entrava pela janela estreita do quarto de Natasha e formavam sombras grotescas nas paredes.

O mosteiro estava em silêncio. Os monges dormiam, e ela exercitava-se com o remígio. O único som que se ouvia era o da pena que raspava o material de escrita. Este e a tinta eram muito caros. Por isso, vinha usando tabuletas de cera. Naquela noite, permitira-se usar um pedaço de pergaminho descartado por Sean.

Parou para admirar os progressos que vinha fazendo. Sabia que Sean lhe fornecera os apetrechos para mantê-la ocupada. Como se faz como uma criança irrequieta. Mas, com certeza, se a visse naquele momento, mudaria de opinião. Contudo, nada mostraria a ele, até que estivesse bem treinada.

Aprendera as letras de um alfabeto disposto em forma de cruz. O abecê, como Sean lhe informara. Ele lhe emprestara um folheto coberto com chifre transparente e preso em uma armação de madeira. Dissera ter sido com essa cartilha que aprendera a escrever. Esse livrete mais a determinação de Natasha a fizeram aprender as letras das palavras que Sean dissera serem latinas. Explicara que o latim era a linguagem de Deus e que os monges o empregavam para rezar a missa.

Natasha descobriu que um idioma poderia ser expresso por meio de símbolos e sons. Até mesmo a linguagem dos magiares. Ela poderia criar mágicas muito mais interessantes do que as dos magos primitivos. Era uma maneira de compilar informações e passá-las para outros povos, mesmo que distantes no tempo e no espaço. Uma idéia excitante, pois era muito difícil guardar tudo na memória.

Os poucos dias seguintes foram de paz. Durante o dia, Natasha observava de longe o trabalho de Sean. Nos intervalos, trocavam idéias e sorrisos. Tinha a impressão de que ele se acostumara à companhia dela e passara a valorizá-la. Algumas vezes detectava um brilho no olhar de Sean que a deixava esperançosa, mas que logo era perdido.

Sua vida entrou em uma rotina agradável, guiada pelos sinos de Armagh. O repicar iniciava-se com a aurora e repetia-se de hora em hora, dividindo o dia de Natasha. Levantava-se cedo para o desjejum. Seguiam-se depois tarefas variadas, de acordo com as necessidades. Fazer as camas, varrer o chão e trocar o junco, encher os tinteiros e várias outras atividades que ela mesma se impusera.

No começo da tarde, Natasha ficava livre para ocupar-se com o que lhe agradava. Em geral, passeava pelos jardins e hortas e depois voltava às suas ocupações. À noite, enquanto Sean dormia, ela praticava a escrita em segredo. Fazia questão de dominar a matéria. Queria valorizar-se diante de Sean e distinguir-se em um assunto que lhe agradava. Não pretendia ser apenas a jovem que o seguia como um cachorro fiel. Precisava tornar-se alguém especial diante dele. O instinto lhe dizia que, se demonstrasse competência na escrita, Sean e os demais a enxergariam com outros olhos. Teria uma grande chance de não ser mandada embora.

Muitas vezes sentia-se observada por ele. Mas assim que o fitava, Sean desviava o olhar. Ela não entendia aquele comportamento estranho. Aceitava que ultrapassara a idade para se casar. Em geral a família escolhia um marido para uma jovem quando ela ainda era criança. Na caravana, muitos tentaram seduzi-la ou mesmo sugeriam casamento. A todos ela descartara sem hesitação. Nádia ocupara-lhe o tempo. Amantes ou maridos ficaram fora de cogitação.

Natasha assustou-se ao ouvir uma leve batida na porta. Guardou depressa os materiais de escrita.

— Natasha! — Era a voz de Sean.

Sentado em meio a montes de livros e papéis, Sean sentira vontade súbita de vê-la. E ali estava ele.

Gorada pela surpresa, Natasha correu até a porta. Ao abri-la, ficou ainda mais espantada. Sean estava abatido, pálido e com olheiras, como sob o efeito de um grande impacto.

Ele apertou as têmporas. A cabeça latejava e os olhos pareciam saltar das órbitas.

— Vi luz embaixo da sua porta.

— Eu... não conseguia dormir.

Velas também eram preciosas e racionadas. Natasha fez um movimento em direção à mesa para pagar a chama. Sean impediu-a, segurando-a pelo braço, e entrou.

— Eu também não.

A luz do castiçal deixava os cabelos de Natasha com brilho dourado e formava uma sombra delicada no seu rosto e pescoço. Era uma imagem tentadora, mesmo vestida com o hábito monacal. Fora um idiota em ter vindo até ali. Era uma crueldade contra si mesmo testar seu autodomínio até o limite.

— Parece cansado.

Nos últimos dias tentara pôr em ordem suas idéias, mas ficara ainda mais confuso.

O que pretendia para a sua existência? Natasha seria assim tão importante para ele? Os livros e o trabalho tinham sido sempre motivos de satisfação em Armagh. Mas o pensamento de nunca mais ver Natasha tornava tudo o mais irrelevante. Teria de decidir-se sem demora. Ficar ou ir embora com ela. Três dias haviam se passado. Faltavam quatro.

— Estive trabalhando muito. — Sean ocultou que, além disso, passara as noites insones.

Absorver-se na escrita não adiantara para abafar os próprios sentimentos. Antes conseguia afastar a solidão refugiando-se na elaboração dos livros. Dessa vez não tivera sucesso.

Natasha tinha uma aura, um brilho particular que a tornava atraente e inesquecível, mesmo a distância. E o mais importante: além de bonita, era inteligente. Uma bênção. Em outras circunstâncias, teria sido a mulher perfeita para ele.

Lembrou-se de que ela ficara fascinada pelo fato de as palavras poderem ser guardadas para a posterioridade. Tinha ânsia de aprender. Sean chegara a pensar em ministrar-lhe aulas. Em vez disso, dera-lhe um remígio e pergaminho velho para treinar.

— Posso ajudá-lo em alguma coisa? — Natasha tiraria o peso dos ombros dele, se pudesse.

— Não. — Sean fez movimentos circulares com os ombros para melhorar a tensão.

— Espere um pouco...

Quando seu pai cavalgava em excesso, ela massageava-lhe o pescoço e os ombros. Na ponta dos pés, fez o mesmo com Sean.

As mãos suaves de Natasha tiveram o poder de mitigar a dor. Nos momentos de proximidade, Sean achava muito difícil congelar as emoções. Agora não foi diferente. Os dedos frios e firmes desencadearam um turbilhão de sensações. Virou a cabeça e fitou-a. A vontade de acariciar a doce Natasha era incomensurável.

— Está melhor?

— Muito. — Seu corpo retomava à vida que antes não o incomodava. Era uma perspectiva gloriosa. O desejo remoia suas entranhas. — Onde aprendeu essas artes mágicas?

— Quando meu pai ficava muito cansado de cavalgar ou de lutar, eu lhe massageava os músculos para mitigar a dor.

Eles se entreolharam e uma grande onda de ternura envolveu-os. Nesse momento, Sean nada mais desejava a não ser tomá-la nos braços e esquecer seus tormentos.

— Tasha...

Ele queria beijá-la. Abaixou a cabeça e aproximou-se. Lembrou-se de como seus corpos haviam se ajustado e da suavidade dos lábios que corresponderam com tanta efusão.

A autopunição foi imediata. Fazer isso seria imperdoável. Se alguém descobrisse, Natasha seria imediatamente expulsa do mosteiro. Teria de usar a cabeça e não ceder às emoções. Era preciso tomar uma decisão que fosse melhor para os dois.

— Eu não deveria ter vindo até aqui... — E como evitar se ela não lhe saía do pensamento?

— Não vá... — Natasha adiantou-se.

E chegou perto demais. Sean enxergou a textura perfeita da pele e a curva dos lábios. A atmosfera de tensão aumentava, assim como o desejo dele. Sean virou-se de costas. Foi até a porta e espiou por sobre o ombro. Ele queria ficar, o que tornava sua saída ainda mais urgente.

— Boa noite.

— Boa noite... — Natasha queria mostrar-lhe os escritos e conversar um pouco. Mas a atitude de Sean a fez perder a coragem.

— Apague as velas — ele pediu com voz rouca. — O abade não tolera desperdícios.

Sean bendisse o ar frio do corredor e voltou ao seu quarto. Fechou os olhos e recordou-se do olhar atormentado de Natasha. Recriminou-se.

Era mesmo um grande idiota.

— Bron, quem sou eu?

— Como assim? — O bondoso Bron estranhou a voz tensa de Sean. — É Sean, ora. — Pegou uma maçã da barrica, arrancou o verme da fruta e deu uma mordida. — É um estudioso, um filho de Deus e... meu amigo.

Baixo e gordo, Bron tinha um rosto redondo e uma falha nos dentes frontais. De todos os monges, era de quem Sean mais gostava. A sua eterna fome o tornava imperfeito e mais humano.

— Sean foi o nome com que os monges me batizaram. Mas quem sou na realidade? Eu não caí do céu. Tive mãe e pai. Quem são eles?

— Cormac e Deidre. — Bron mordeu mais um pedaço de maçã.

— Eles foram meus pais adotivos. — Sean tirou o pendente da algibeira e balançou o lobo de âmbar na frente dos olhos de Bron. — O que é isto? Por que estava no meu pescoço?

Bron pôs as mãos na cintura grossa, com ar aborrecido.

— E como é que vou saber? Sou quase da sua idade. Pouco anos mais velho! Não fiz parte da conspiração... — Com um grito sufocado, tampou a boca. Falara demais.

— Conspiração... Então há muito mais do que me disseram.

— Eu... eu não sei. Só me lembro de ter ouvido comentários há muito tempo.

— E quais foram os... comentários?

Bron abaixou a voz e olhou para os lados, com medo de ser ouvido.

— Escutei uma conversa dos irmãos Fionan e Doulagh. Só isso...

— Ele deu um longo suspiro. — Talvez não tenha nenhum significado.

— O que eles disseram? — A paciência bem treinada de Sean transformou-se em raiva. Ele não sabia os motivos por que lhe haviam mentido a vida inteira. — Diga-me, Bron, o que ouviu.

— O irmão Fionan... — Bron apontou o pendente com semblante de fascinação — ...disse que isso... é um objeto viking.

Capítulo V

O pesadelo começou assim que Sean adormeceu. Uma nau, com a horrenda cabeça de um dragão na proa, navegava em um mar de águas vermelhas. Eles saíam da embarcação e caminhavam com água até a cintura, em uma onda de ferocidade sem-fim. Vikings. Lobos do mar. Demônios de elmo. Adiantavam-se com as machadinhas e as espadas erguidas. Pareciam multiplicar-se quando chegavam à terra firme e destruía tudo com sua fúria alucinante.

No meio de tanta tragédia, o rosto de uma linda mulher sorridente. Vestida de branco, os cabelos loiros caídos nos ombros, parecia indiferente à terrível onda que vinha do mar. Tentou alcançá-la, mas foi afastado pela maré humana.

— Não! — O grito ficou preso em sua garganta.

Ele começou a correr. Fugia de seus perseguidores por um longo canal escuro. De repente, não pôde mais mover-se. Suas mãos estavam úmidas. Quentes. Santo Deus! Procurou segurar-se na parede, mas nada encontrou. O chão afundava e ele ia junto... Movia-se em giros espasmódicos. Era como se estivesse indo rumo à eternidade.

Olhou para cima. Um nórdico alto, com os cabelos ao vento, encontrava-se parado no começo do túnel. Quem era ele? O rosto estava escondido nas trevas. Uma mão enorme agarrou o viking pelos cabelos e virou-o. A identidade foi revelada.

— Não! — Era seu próprio rosto! Não podia ser. Ele não era...

Sean acordou encharcado de suor, com o coração aos saltos e o corpo dolorido. Ficou deitado de costas por um bom tempo, olhando para o teto. Tremia. Lembrava-se apenas de trechos do pesadelo. Sangue. Pânico. A linda mulher seria Natasha? Qual o significado daquilo? Ou tudo não passava de um sonho sem motivo?

Não conseguiu retomar o sono. Seria medo de sonhar de novo?

Viking. A palavra ecoava sem parar em sua mente.

Olhou a porta, engoliu em seco. Praguejou. Contra ninguém em particular. Contra todos. Precisava conhecer a resposta a uma série de questões e não sabia por onde começar. Sua mente assemelhava-se a um caleidoscópio. As cores se sucediam, sem lazer sentido.

Teria murmurado durante o sono? Brian ressonava. Pelo visto, não fora acordado. A privacidade era essencial.

Pulou da cama. Precisava respirar ar puro. Se ficasse mais um minuto naquela cabana, acabaria sufocado. Vestiu-se apressadamente. Com um olhar furtivo para trás, abriu a porta com cuidado e saiu.

A vela queimou até o fim, e o quarto ficou mergulhado na escuridão. Se houvesse luar, Natasha poderia ter continuado o trabalho. Já estava com a vista cansada. No dia seguinte, retomaria seu aprendizado.

Foi até a cama e, antes de tirar a roupa, parou à janela. Observou o aglomerado de cabanas, uma delas ocupada por Sean. Nos últimos três dias, o ritual noturno prosseguira. Desejava-lhe boa-noite antes de

vir para seu quarto. Pedia ao espírito vingativo que espalhava os pesadelos pelo mundo para poupar Sean.

Os sonhos eram o divertimento predileto de Kikimora e seus jogos demoníacos. Mas Natasha tomara as providências. Todas as noites ela enchia de cera o buraco da fechadura de sua porta e a da cabana de Sean. Também não se esquecia de deixar os sapatos com os bicos fora da direção da porta. Era preciso tomar cuidado, ainda mais quando se era rodeado por estranhos.

Viu uma pessoa de manto e capuz na entrada da cabana de Sean. A pessoa se movia de maneira furtiva, o que deixou Natasha apreensiva. Nisso, um raio de luar revelou que se tratava de Sean. Ele se dirigia para a cavalaria. Atendendo a um apelo do coração, Natasha seguiu-o.

Tudo estava quieto. Ouviam-se apenas o relinchar e o bater das patas dos cavalos. Sean não ouviu sons humanos. Assim mesmo não ousou acender uma vela. Não pretendia atrair atenções indesejáveis e ter de responder a inúmeras perguntas. Só queria ficar sozinho e cavalgar um pouco.

Ele escolheu o cavalo mais próximo. No escuro, tirou os arreios do pino de madeira e encilhou o animal. Acalmou-o com palavras suaves, passou-lhe o cabresto sobre as orelhas e pressionou-lhe o freio na boca. Achou uma sela e jogou-a nas costas do cavalo. Abaixou-se e apertou a barrigueira. Nisso ouviu passos. Adeus, privacidade. Virou-se e estreitou os olhos para enxergar no escuro.

— Natasha!

— Está tudo bem? — ela perguntou, com um nó no estômago. — Parece-me perturbado.

— E estou.

Com certeza a presença de Natasha o acalmaria. Ficava feliz só em estar a seu lado.

— Conte-me o que houve de errado.

— Esta noite tive um sonho perturbador. — Sean cobriu os olhos com as mãos. Não queria ver as águas vermelhas. O mar de sangue. — Um pesadelo.

Natasha empurrou a porta, entrou e fechou-a atrás de si. Parou diante de Sean por alguns instantes. Depois ergueu-se na ponta dos pés e abraçou-o.

— Não se preocupe — sussurrou. — Eu o protegerei. Uma mulher protegendo um homem! Sean sorriu, mas experimentou uma espécie de inexplicável segurança.

— Eu lhe disse que não conheci meus pais, que fui encontrado pelos monges. Mas agora acho que descobri minha origem, Natasha, e isso está acabando comigo! — Sean estremeceu.

— Tudo vai dar certo... — Ela segurou-o com mais força.

— Tenho sido um cego idiota por não querer enxergar. Bron me disse que o pingente... — Por que guardaram o segredo dele? — Sou um deles, Natasha! Agora sei disso. Eu sou um nórdico!

Sean esperou que Natasha ficasse tensa ou que sentisse a mesma repulsa que ele sentira ao saber da verdade. Nada disso. Ela acariciou-lhe o rosto com imensa ternura.

Sean segurou-a pelos ombros.

— Não ouviu o que eu disse? Sou viking. Um dos que..., Natasha silenciou-lhe as palavras com um beijo. Pressionou

o corpo de encontro ao dele e procurou a paixão de seu abraço.

— Tasha! — Sean afastou os lábios e inspirou para recuperar o fôlego.

Tentara afastar-se dela, mas era um simples mortal de carne e osso. Ele a desejava com uma febre que atizava seu sangue de maneira nunca vista. E o fogo vinha acompanhado de suavidade. Sentia calor tanto no coração quanto na virilha. — Eu não quero magoá-la...

Sean nunca desejara nada como a desejava.

Natasha agarrou-lhe os cabelos e tornou a interrompê-lo com um beijo. Ele desistiu sem protestar. Ela segurou-o pela nuca e agarrou-o

com tanta força que eles poderiam ter-se colado um no outro. Natasha experimentou a quentura e a rigidez do desejo dele que aumentava. Senti-lo tão rijo e forte era o que ela mais queria no mundo.

O calor do corpo de Natasha aqueceu-o e excitou-o. Suas idéias viraram um caos.

— Ah, Tasha...

Sean gemeu e deu livre curso a seus beijos. Fez uma trilha deles na garganta e desceu pelos ombros desnudos, segurando Natasha pela cintura estreita. Murmurou-lhe novamente o nome, escondeu o rosto nas madeixas sedosas dos cabelos loiros e inalou a delicada fragrância floral. Abriu o decote da veste e segurou-lhe os seios. O imenso prazer arrepiou-o.

Natasha percebeu o corpo formigar em um inebriante redemoinho de anseios. Teve a impressão de que as mãos de Sean estavam em toda parte, incendiando-a. A pulsação descontrolou-se. Ela se contorcia, entregue às sensações que Sean lhe proporcionava.

Ele tirou a capa, estendeu-a sobre um monte de feno e improvisou uma cama macia. Segurou Natasha pela mão e ajudou-a a deitar-se a seu lado. Ficariam aconchegados por um momento e depois a deixaria ir...

Natasha deslizou a túnica pelos ombros até alcançar o chão. Sean fitou-a por algum tempo, corado de desejo.

— Natasha, juro que nunca vi criatura mais adorável — ele murmurou.

Sean lhe acariciava as costas, e ambos sentiam arrepios de prazer. Um por tocar e outro, por ser tocado. A lua saía de trás das nuvens e iluminava os corpos estendidos. Sean admirou-lhe a cintura estreita, os seios perfeitos, as pernas longas e bem torneadas.

— Verdade?

Natasha não se envergonhou. Era seu destino pertencer àquele homem. Assim como sua mãe pertencera a seu pai. Era uma certeza que permeava todos os músculos e tendões de seu corpo. Quando Sean

a tocava, envaidecia-se com a idéia de agradá-lo. Sua pulsação ficava acelerada com a paixão que via no olhar dele.

— Natasha... — Sean pronunciava-lhe o nome como uma carícia.

No começo, os beijos foram ternos, más as faíscas de tensão fizeram o amor irromper em chamas, abafando a consciência. Abraçados, continuaram a beijar-se até perder o fôlego. Cristo abençoado, como poderia ter imaginado o incêndio que resultaria da presença dela?, Sean indagou-se. O corpo suave e curvilíneo encaixava-se perfeitamente no seu. Era provável que Natasha houvesse sido feita para ele.

— Este não é o lugar,.. — Sean murmurou, de encontro aos lábios dela.

Ele tentou afastar-se, mas Natasha segurava-o com firmeza. Ela beijou-lhe os cantos dos lábios e delineou-os com a ponta da língua.

Sean refletiu que fazia calor para uma noite de outono e, com um suspiro, procurou fazer com que a tensão cedesse. Tomou a acariciar Natasha. No pescoço, nos seios, no ventre e nas coxas. Voltou aos seios com reverência, até senti-los intumescer. Provocou o mamilo e manipulou o botão endurecido. O gemido de Natasha o excitava, mas ele não queria ser rude, embora lhe custasse um grande esforço manter a paixão sob controle.

Sean muniu-se de paciência e explorou-a com as mãos e a boca, descobrindo a suavidade do corpo de Natasha. Ela cerrou as pálpebras de prazer. Tinha a impressão de que as carícias eram feitas com uma centena de penas muito leves.

Para retribuir, passou com sensualidade a ponta dos dedos sobre os músculos das costas de Sean. Ao ouvir-lhe a respiração arfante, criou coragem para continuar os carinhos que o instinto lhe sugeria.

— Doce Natasha... — Sean segurou-lhe o rosto entre as mãos, beijou-lhe as pálpebras, as faces e a boca. — Natasha... Natasha... — ele repetiu várias vezes, como se saboreasse o nome.

Ela prosseguiu os carinhos pelos ombros e agarrou-se nos cabelos de Sean quando ele tornou a beijá-la. Depois de mais aquele momento

de prazer, Sean afastou-se, tirou a *leine* e jogou-a de lado. Natasha prendeu a respiração diante da beleza da masculinidade de Sean.

— Gosto de sentir sua pele de encontro à minha — Natasha sussurrou, esmerando-se em afagos no peito musculoso.

Ela se consumia no prazer de estar nua ao lado de Sean. Abraçou-o pela nuca e encostou-se nele com movimentos sinuosos. Com o corpo arqueado, foi invadida pelo calor do desejo semelhante a uma dor agradável que ia dos seios à virilha. O formigamento palpitante aumentou quando Sean alisou o ventre sedoso e desceu até a parte interna das coxas.

Natasha gemia, percorrendo o corpo de Sean com as mãos. Aquela sensação nova deixava-a transtornada. De qualquer forma, era uma necessidade que teria de ser saciada. Ela queria ser possuída pela masculinidade de Sean que sentia palpitar de encontro ao abdome. Tremendo, entregou-se aos beijos desesperados do amado.

O luar iluminava os amantes. Natasha, com a pele translúcida. Sean, com um tom mais moreno. Ele ajoelhou-se e voltou a beijar-lhe os seios. Mordiscou-lhe os bicos róseos até os gemidos de Natasha se tornarem lamentos. Murmurando palavras de amor, Sean deslizou as mãos entre suas coxas e acariciou-lhe a intimidade sensível.

— Por favor, Sean, faça amor comigo — ela sussurrou, o corpo em brasa.

Ele apoiou-se nos antebraços e moveu-se entre as pernas que se abriam para recebê-lo.

— Por favor, Sean... — Natasha repetiu com um murmúrio rouco.

Ele beijou-a com violência. Prendeu a respiração, penetrou na suavidade da amada com uma investida firme e deteve-se por alguns segundos. Permitiu que ela se ajustasse àquela súbita invasão. Esconder a potência de sua masculinidade dentro do invólucro apertado, quente e suave proporcionou-lhe uma agonia repleta de prazer.

— Meu Deus! — Sean fechou os olhos e refletiu que nada no mundo se igualava ao arrebatamento que sentia por Natasha.

Ele só pensava em dar-lhe prazer e devoção.

Espasmos involuntários sacudiram Natasha. Agarrou-se em Sean, pressionando os seios no peito rijo. Os corpos abraçados executavam a dança rítmica e sensual do amor. Natasha era devorada pelo calor e pela rigidez de Sean. Arqueou-se mais de encontro a ele e, com as coxas, apertou-lhe a cintura e acompanhou-lhe a cadência. Apesar da loucura do momento, Sean encontrou forças para ser gentil com Natasha.

— Sean...

Uma explosão de prazer uniu os amantes em um êxtase increditável que palavras jamais conseguiriam descrever.

Amor...

Uma palavra simples de significado grandioso. Ela não imaginava que pudesse ter sido uma pessoa tão incompleta até aquele momento.

Sean gemeu. Queria fundir-se com Natasha para sempre. Conhecera a satisfação imensurável de completar-se com uma mulher.

Aos poucos, voltaram à realidade, abraçados. O tempo passava sem que se movessem. Não queriam quebrar o encanto. Sean abriu os olhos e tirou as mechas de cabelos do rosto de Natasha. Mesmo sem se sentir culpado pelo que haviam feito, lembrou-se de onde estavam.

— Temos de voltar. Não podemos ficar mais tempo juntos aqui — Sean cochichou a verdade ingrata e perturbadora.

— Eu sei.

— Nós tornaremos a ficar juntos, Natasha. E dessa vez será para sempre. — Ele decidira sair de Armagh junto com ela.

As nuvem escondiam a lua quando Sean levou Natasha até o quarto de hóspedes. O mosteiro estava às escuras. Nenhuma vela acesa. Por alguns minutos, tiveram a ilusão de que se encontravam sozinhos no mundo.

— Tasha, da próxima vez que fizermos amor, será em um lugar bem melhor do que uma estrebaria — Sean prometeu, abraçando a amada.

— Nunca pensei que fosse possível ter uma sensação tão maravilhosa. — Natasha fitou o céu e suspirou.

— Nem eu.

A lua espiou por trás das nuvens para iluminar a beleza de Natasha. Sean gostaria de gravar cada detalhe na memória. O arco das sobrancelhas, a curva dos lábios, os cabelos dourados. Olhar para Natasha reacendeu-lhe o desejo. Mas era inaceitável arriscar-se. Poderiam ser descobertos. Não queria que ela sofresse nenhuma humilhação. A própria punição não o preocupava. O abade e os monges haviam ocultado dele a verdade, o que era o mesmo que mentir. Trabalhara para eles, no *scriptorium*, durante muitos anos. Isso poderia ser considerado um pagamento pelos cuidados que recebera. Não lhes devia mais nada.

— Tasha, eu a esperei a vida toda. — Sean beijou-lhe a testa e os olhos. Acariciou-lhe o queixo e o pescoço. — Não permitirei que se afaste de mim.

— E eu não vejo a hora de nos amarmos outra vez. — Natasha afagou-lhe os braços e o tórax.

— Natasha doce e tentadora... — Sean passou-lhe a mão no busto.

Eles se abraçaram e ficaram imóveis por um momento. Com medo de ceder aos impulsos, Sean afastou-se.

— Vamos... já é tarde. Uma pena que tenhamos de entrar. Caminharam de mãos dadas em silêncio, mas os olhares que

trocavam diziam tudo. Sean disse a si mesmo que Natasha deixara marcas eternas em sua alma e em seu coração.

Abriram a porta pesada de madeira e entraram pé ante pé. Determinado a proteger a reputação de Natasha, Sean fez uma inspeção criteriosa nos corredores.

— Desertos. Todos estão dormindo.

Ela seguiu-o devagar e procurou não fazer ruído. Porém, cada passo parecia um estrondo na calada da noite. Sean acompanhou-a até a escada e eles se acariciaram no rosto.

— Durma bem, minha querida.

— Sean... — Natasha abraçou-o com força. — Eu lhe pertencerei para sempre.

Ele escondeu o rosto, na nuvem dourada de cabelos, e inalou a fragrância floral.

— Esta noite, quando eu estiver deitado, ficarei pensando . em como será quando estivermos juntos...

Precisaria de tempo apenas para falar com o abade e reunir seus pertences.

E depois? Para onde iria? Ora, nem queria pensar nisso no momento.

Natasha tornou a encostar-se nele. Sean acariciou-lhe as costas, os quadris e os lados dos seios.

— Logo estaremos juntos, querida — Sean repetiu. — Eu lhe prometo.

Ele ficou parado alguns instantes, depois de Natasha ter-se afastado. Depois deu de ombros e virou-se.

— E estranho como me sinto desolado sozinho... — Sean murmurou para si mesmo.

Mas ele não estava sozinho.

— Com pode ver, Sean, eu também não consegui dormir... — O tom baixo da voz do abade não disfarçou a rudeza. Estava escuro, e a silhueta do religioso destacava-se na parede de pedra. — ...embora por motivos diversos.

Sean enrubesceu e procurou ocultar as emoções que o perturbavam. O que também não evitaria que o abade as decifrasse. Nem precisaria ser muito inteligente. Os cabelos em desalinho e as roupas manchadas o denunciavam.

— Eu o vi com a jovem. — O abade inspirou e expirou duas vezes. A segunda pareceu um rosnado. — Agora são amantes.

A declaração não admitia réplica.

Sean evitou olhar para o superior, enquanto ajeitava a túnica. Precisava pensar. Nada de palavras precipitadas. A cautela se fazia necessária. Não queria prejudicar Natasha.

— O que foi que o endemoninhou? Responda, Sean! Lembre-se de que a mentira é a morte da alma!

— Eu não mentiria.

— Então responda. Estava com ela?

— Estava.

O abade adiantou-se, parou e sacudiu a cabeça com incredulidade e expressão de ódio.

— No fundo do meu coração, eu sabia que incorrer no pecado da carne seria apenas uma questão de tempo!

— Amar não é pecado.

— Luxúria, isso sim! Aí está a diferença. Por acaso deu-se conta da perturbação que acabou de causar?

— Não sei ao que se refere.

— O senhor tornou Armagh um alvo de difamação. Não quero falar sobre isso. Terei de resolver o assunto de outra forma. Tenho certeza de que, após a partida da jovem, o senhor a esquecerá. Terei de tratar o delito sem contemplação.

Onde estava o delito? Os momentos que passara com Natasha tinham sido os mais significativos de sua vida.

— Não sou um santo. Descobri esta noite que sou um ser humano.

— Claro que é humano! — O abade ironizou. — O que não quer dizer que devesse ter perdido a cabeça! — Abaixou o tom de voz. — Muitos monges suspeitavam de que esteve fornicando com essa paga debaixo do nosso teto.

Fornicar. Que palavra depreciativa! —Eu amo Natasha—Sean foi enfático. — Nós não fizemos nada de errado.

— Então eu entendi mal. Os dois não cometeram pecado. — O abade suspirou, aliviado.

Sean não vulgarizaria seu amor por Natasha com mentiras. E também não arriscaria sua alma.

— Eu consumi meu amor por ela...

— Então cometeu um erro. — O abade andou de um lado para outro, com as mãos às costas, e parou na frente de Sean. — Ela o seduziu. O senhor não cometeu nenhuma falta. Tudo poderá ser esquecido.

— Natasha não me seduziu! — Sean apressou-se em defendê-la. — O que aconteceu entre nós foi mútuo. Não sou um monge. Por que eu deveria negar a mim mesmo a doçura que ela me traz?

— Mesmo que não tenha recebido os votos, Sean, sinto-me desapontado. Imaginei que houvesse entendido meus planos a seu respeito.

Sean cruzou os braços na altura do peito.

— E quais são eles?

— Eu esperava que pudesse me substituir em Armagh.

— Por que eu?

Righifarch pigarreou, pouco à vontade.

— Por que o acho forte, inteligente e carismático. Mas, se continuar com essa mulher, meus planos fracassarão. Tudo pelo que trabalhei será arruinado.

— Eu não sou um boneco! — Sean respirou fundo, pensando no que diria a seguir. Estava cansado de manter-se na ignorância dos fatos. Precisava de respostas. Não acreditava nos motivos alegados. — Quem são meus pais, Righifarch? Acredito que o fato é de seu conhecimento. Por isso mandou-me ao encontro de Thordis.

— Eu o enviei até lá com uma única esperança. Se comprovasse a maldade do mundo, haveria de assumir um compromisso conosco. Sei que havia uma dúvida em seu coração.

— Esse não é um motivo. Diga-me a verdade. Conte-me o que sabe a meu respeito. — Sean enervou-se. — A mentira...

O abade refletiu um pouco antes de responder.

— Se eu lhe disser a verdade, será a sua ruína.

— Porque tenho ascendência viking?

A expressão do abade confirmou a certeza que Sean não tinha.

— Quem lhe disse? Quem traiu...

— Isso não importa.

— Todos nós... queríamos protegê-lo.

— Da verdade. O abade anuiu.

— Isso mesmo. Da verdade.

Uma vontade indomável de desafio fez Sean tirar o lobo de âmbar da algibeira e pendurá-lo no pescoço.

— O que está fazendo? — O abade fez o sinal-da-cruz.

— Quem pôs este amuleto em mim? Righifarch não respondeu.

— Quem?

— O lobo de âmbar foi entregue por seu pai à sua mãe. O pedido era para que ela atasse a pedra a uma corrente no dia de seu nascimento e o fizesse usar essa indignidade. Assim ele poderia encontrar o filho no futuro.

— Como é que sabe disso?

O abade levou as mãos ao rosto.

— Sua mãe era minha irmã.

Sean era sobrinho ilegítimo do abade. O quebra-cabeça começava a solucionar-se.

— Quem era meu pai?

— Ragnar Longsword.

Sean fechou os olhos e imaginou o que acontecera. Sua mãe fora estuprada e abandonada por um agressor viking. Era uma tragédia que se repetira inúmeras vezes no Eire. O resultado tinha sido uma porção de filhos bastardos como ele.

— O que aconteceu com minha mãe? Por que ela abandonara o filho?

— Está com as freiras em Bangor. Disseram-lhe que o filho havia morrido. Assim ela poderia continuar a viver em paz.

— Em Bangor!

Que ironia. Sean poderia ter passado por ela e não a ter conhecido. Precisou de todo seu autodomínio para não urrar de dor.

— Deixarei Armagh pela manhã.

— Não, Sean... Espere... não pode fazer isso!

— Não só posso, como farei, abade Righifarch!

Sean saiu dali sem olhar para trás. Foi até sua cabana e reuniu alguns pertences que lhe seriam necessários.

Sentada na beira da cama, Natasha reviveu todos os momentos que passara ao lado de Sean. As carícias. Os abraços. Os beijos. A maneira como ele sussurrara seu nome. Mesmo sem experiência no amor, o instinto lhe dizia que Sean usara de muita ternura com ela.

Amor.

Uma emoção poderosa e que ficava ainda mais forte quando compartilhada.

Natasha o amava. Não havia a menor dúvida a respeito. Sentia o mundo girar quando se imaginava ao lado de Sean.

Esta noite, quando eu estiver deitado, ficarei pensando em como será quando estivermos juntos... Logo estaremos juntos.

Quando?

Disse a si mesma para não ser impaciente, embora soubesse que seria uma coisa impossível.

Deu um pulo ao ouvir a leve batida na porta. Correu a abri-la. Devia ser Sean!

— O quê...

Cinco homens encapuzados esperavam nas sombras do corredor. O mais alto dos monges pegou-a pelo braço e a fez sentir que teria de acompanhá-los.

Depois de tantos anos, Sean não iria embora sem se despedir dos monges. Seu ressentimento era contra o abade. Gostava de Bron e de alguns outros. Disse adeus aos mais chegados e, por último, procurou Bron.

— Tem certeza de que é isso mesmo o que deseja fazer? — Bron indagou, sem se envergonhar de estar com os olhos marejados.

— É o mais certo. Nunca fui parte integrante de Armagh como os outros. Talvez no íntimo eu soubesse que o meu destino seria outro.

— Vai levar a... jovem?

Bron ouvira os boatos. Mas nem a ele Sean queria confessar seus sentimentos a respeito de Natasha.

— Vou.

— E para aonde vai? O que pensa fazer? Sean refletira no assunto.

— Talvez eu vá procurar Maelsechnaill, príncipe de Ui Neill. Ele quer se tornar o mais importante dos reis do Eire e talvez eu possa ajudá-lo com os meus conhecimentos.

— E se for impossível suportar a arrogância e a simples presença dele?

— Irei até a corte dos sucessores de Carlos Magno. Ouvi dizer que estão convocando eruditos para ensinar nas escolas do palácio.

Bron suspirou.

— Eu lhe desejo toda a sorte do mundo. Sempre que precisar de um amigo, lembre-se de mim. — Observou Sean jogar a mochila por cima do ombro e dirigir-se à ala dos hóspedes. — Deus o acompanhe.

Sean tropeçou duas vezes na pressa de subir os degraus de dois em dois. Dissera ao abade que iria embora naquela manhã. Cumpriria a promessa.

Creditara a Righifarch mais entendimento e compaixão do que fora demonstrado. O religioso nem mesmo tentara compreender o que era estar apaixonado. Ora, um eunuco praticante não podia entender nada. Mas também não precisava querer transformá-lo em mais um ser assexuado!

— Natasha... — Sean empurrou a porta. O quarto estava às escuras. Talvez ela estivesse dormindo.—Natasha? — A cama estava vazia. — Natasha!

Um horrível pressentimento invadiu-o, mesmo antes de acender a vela.

— Não!

Natasha fora embora e levava tudo. Ela não voltaria.

Como um louco, Sean correu para o hall, gritando o nome da amada. Sem encontrar nenhum vestígio, procurou na ante-câmara, no *scriptorium*, na horta, na cozinha. Em todos os cantos. Perguntava se a haviam visto a quem encontrasse pela frente. Procurou nos quartos dos monges. Ninguém a vira. Sean J entrou em pânico. Natasha não deixara Armagh por vontade própria. Depois da noite que haviam passado juntos, ela teria esperado por ele, com certeza.

Em uma mistura de frustração e ódio, maldisse o abade e correu até os aposentos do superior do convento.

— Ela foi embora! — Sean gritou, em pânico, depois de abrir a porta sem bater.

O abade não escondia o alívio pelo problema resolvido.

— É, foi. Eu o vi disposto a atirar sua vida fora, a abandonar tudo por amor. Entendi que algo precisava ser feito.

— O quê? O que foi que o senhor fez? — A idéia que ocorreu a Sean era muito terrível para ser verdadeira.

— Eu a mandei de volta. — O abade foi até a porta, impedindo Sean de sair.

— De volta... — Sean estreitou Os olhos.

— Brian, Culdee, Fionan e mais dois outros foram levá-la ao assentamento viking. Uma demonstração de boa vontade de nossa parte.

Sean passou as mãos nos cabelos e fitou o abade com olhar selvagem.

— O senhor não a mandou de volta para Thordis, mandou? A fisionomia do abade manteve-se impassível.

— A jovem era uma escrava fugitiva, Sean. A presença dela aqui poderia ter incitado Thordis a nos atacar. Eu não podia correr o risco de trocar a vida dos meus monges pela de uma escrava.

— Ah! — Sean espumava. — E o senhor se diz um homem / de Deus! — Agarrou o abade pelo braço e jogou-o para o lado.:

Só lhe interessava o paradeiro de Natasha. — Eu a encontrarei. Desta vez o senhor não vencerá com tanta facilidade.

— Esqueça isso, Sean. Essa era a única maneira de salvar Armagh. Não se deve encolerizar um homem como Thordis.

— Nem um homem como ele! — Sean atormentava-se pelo tempo que perdera. Deveria ter fugido com Natasha assim que descobrira a aversão do abade em relação a ela. Cego e ingênuo, esperara demais. — Eu não o deixarei fazer uma coisa dessas. Não descansarei enquanto não a encontrar!

— Pode procurá-la. Sei que acabará voltando para Armagh. — O tom do abade era de segurança absoluta. — Seu futuro, Sean, é ao meu lado. Sei que logo haverá de recuperar o juízo.

O abade fechou os olhos, como se rezasse. Depois virou as costas e saiu. Sean praguejou e correu para a estrebaria. Não havia muitos caminhos que levavam a Larne. Se galopasse com a rapidez do vento e apurasse olhos e ouvidos, poderia encontrar Natasha antes que os monges a entregassem a Thordis.

As colinas e os vales se estendiam por léguas sem-fim. Natasha não tinha noção de onde se encontrava. Jamais acharia o caminho para voltar. O pior era estar na companhia de estranhos que não entendiam sua língua.

Para onde a estariam levando? Por quê?

A confusão inicial transformou-se em um grande receio. Começou a desconfiar de que as intenções deles não fossem boas.

Como pude ser tão idiota?

Quando os monges encapuzados a levaram, confiara neles, achando que fossem amigos de Sean. Não havia motivos para desconfiar que estivessem mal-intencionados. Chegara a pensar que haviam vindo buscá-la para assistir a alguma cerimônia ou levá-la ao encontro de Sean. Mas depois de andar tanto sem ver sinal dele, aumentavam as suspeitas de que se enganara.

— Por favor... levem-me de volta — ela procurou fazer-se entender por meio de mímica.

Os cinco monges sacudiram a cabeça e cutucaram-na nas costas para que continuasse a andar.

Natasha estremeceu de frio. Era como seria a vida sem Sean. Escura, Vazia. Gelada. Impraticável. Aqueles homens não tinham motivos para cometer maldades contra ela. Na certa estava tirando conclusões apressadas. Só isso.

— Ah, Sean!

Natasha parou e olhou para trás. Não o viu em lugar nenhum. Apavorou-se. Sean não a mandaria de novo para aquele lugar cinzento cheio de homens e mulheres vestidos de cinza e onde ninguém sorria. Seria uma traição, e ele não a trairia.

Sean não faria isso. Ele me ama. Disse isso tantas vezes...

Era preciso confiar no amado. Ele lhe dissera que ficariam juntos. Precisava apegar-se a essa esperança. Sean estaria à sua espera no final dessa estranha jornada.

O ar refrescante da manhã ajudou a melhorar seu humor. Desceu uma colina escarpada ao lado dos homens vestidos de capas escuras. Sentiu o cheiro de água. Estavam se dirigindo para um rio.

Foi quando a terrível verdade apareceu.

As velas de uma nau viking.

— Não!

Não havia dúvida possível. Muita coisa pior a aguardava. Nunca se sentira tão infeliz.

Era alarmante a facilidade com que uma vida se esfacelava. Como se ia rapidamente do pináculo da felicidade até as profundezas do desespero. Sean aprendera isso muito bem.

Sacudiu o monge com as duas mãos, exigindo respostas.

— Onde está ela?

— Não me machuque — o homem implorou com voz estrangulada.

— Eu lhe imploro. Eu somente cumpri ordens.

Sean reconheceu Fionan, um dos monges mais idosos e largou-lhe a capa.

— Onde está Natasha? — repetiu. — O que fizeram com ela?

Aborrecido, o monge alisou o manto amassado e depois apontou o horizonte. Sean seguiu o olhar do monge e viu a embarcação viking que se afastava.

Chegara tarde demais.

Sean teve a impressão de haver sido atingido por um raio. Levou alguns segundos para digerir o que acontecera. E logo perdeu o controle.

— Não... ão... ão!

Ele viera por um caminho diferente, e o mal já fora feito.

— Achei que estivessem a caminho de Larne...

— Não tivemos de chegar até lá — Culdee interveio, indiferente ao sofrimento de Sean. — O líder viking nos interceptou. Estava ansioso para recuperar a... escrava.

— Mas ele não teria tempo de vir até aqui... a menos que... Sean entendeu a realidade. O abade mandara um mensageiro avisar Thordis no mesmo dia em que conhecera Natasha. Por isso a deixara ficar alguns dias em Armagh.

— Fui traído! — E Natasha também fora.

— O abade Righifarch fez tudo isso para o bem de todos. Com o tempo, acabará entendendo isso, Sean. — Fionan deu-lhe um tapinha amigável no ombro.

Sean praguejou e desvencilhou-se.

— Nunca entenderei um homem que professa seguir os ensinamentos de Cristo e de São Patrício e ser capaz de decretar um destino tão cruel para uma criatura inocente. Ela foi condenada por um bando de monges à morte ou a uma vida tão miserável que a fará implorar pela morte milhares de vezes.

— Nada disso, Sean. O abade tem a promessa de Thordis de que ele não lhe fará nenhum mal. — Fionan tornou a pôr a mão no ombro de Sean. — Isso faz parte do acordo.

Acordo?

Culdee tentou acalmar Sean.

— Ela se encontra em um navio que vai para a terra dos russos. Thordis está ansioso para vendê-la... — Fionan deu-lhe uma cotovelada nas costelas que o silenciou.

Sean fitou um por um com desprezo. Não passavam de conspiradores. Jamais religiosos.

— Como fui tão cego por tantos anos? Como pude supor que seria feliz em meio a tanta hipocrisia e mediocridade? Os senhores não têm noção nem mesmo do que seja o amor fraterno e nada sabem a respeito da vida.

Brian adiantou-se e os outros abaixaram a cabeça.

— Como ousa falar-nos desse jeito?

— Com gente da sua laia?

No passado, Sean temia as punições do abade. Alguma! chicotadas. Ficar sem comida. Isolamento em um quarto escuro para meditar nos pecados. Nada disso o perturbava mais.

— Ouso, sim, Brian. E, se não estivesse escondido atrás dessas batinas podres, eu faria muito mais do que isso!

Sean ergueu o punho e abaixou-o. Uma explosão temperamental em nada ajudaria Natasha. Era preciso abrandar as emoções e pensar no que fazer.

— Por esse pecado, poderá dar-se por muito feliz se não for condenado ao exílio — Brian ameaçou-o e espantou-se ao escutar a gargalhada de Sean.

— Exílio? Acha mesmo que eu iria me importar de não vê-los nunca mais, depois do que fizeram hoje?

Deu-lhes as costas para provar como pouco se incomodava com os monges e com a vida que acabava de abandonar.

— Não pode ser muito tarde. Farei com que não seja. Tocou o lobo de âmbar pendurado no pescoço. Uma herança

viking. No mesmo instante ponderou as maneiras de resgatar Natasha.

Sean cavalgou em direção a Bangor, parando apenas para descansar o cavalo. Exausto, a ponto de ter receio de cair da sela, avistou o convento no horizonte. O que o fez encontrar forças para alcançar sua meta.

Ainda menino, Sean tivera períodos de sonambulismo. Ao passar cambaleando pelo estrebaria, pela horta e pelo pátio até chegar à ala das freiras, imaginou que as crises tivessem voltado.

— O senhor veio me ver? — Bridget não tirava os olhos do lobo de âmbar.

— Vim à procura de minha mãe. Ou a senhora é quem estou procurando ou sabe quem ela é.

Bridget empalideceu.

— Eu imaginei que pudesse ser o senhor. Mas disseram que o senhor havia...

— Morrido. Eu sei. O abade Righifarch — Nunca o chamaria de tio! — revelou-me uma parte da história. — O coração não o aproximava de Bridget. — A senhora é...

Bridget negou com gestos lentos de cabeça.

— Não. Mas ela está aqui. Chamava-se Tara. Agora é a irmã Erin. Venha...

Nervoso, Sean seguiu-a pelo comprido corredor.

Minha mãe!

A vida toda desejara saber alguma coisa sobre ela, ansiara por ser abraçado por sua mãe e sonhara que ela lhe limpava as lágrimas infantis. O momento chegara.

Trêmulo, abriu a porta da biblioteca. No início, a figura pareceu-lhe uma sombra. Depois, ela se virou, e Sean pôde ver-lhe o rosto.

— Mãe?

Sean esperava ver uma fisionomia amargurada pelo sofrimento, mas não foi o que lhe pareceu. A expressão era de paz. O sorriso nos lábios carnudos era uma prova de que ela encontrara, no convento, a calma e a tranqüilidade para ajudá-la a esquecer as dores de um coração ferido.

— O que foi perdido será novamente encontrado — ela sussurrou e aproximou-se.

A despeito do tempo, era uma mulher bonita. Altura mediana, mas, por ser esguia, parecia mais alta. Pele sem manchas, exceto por algumas sardas no nariz bem-feito. Maçãs do rosto salientes e olhos que revelavam o parentesco. Olhos que o fitavam, marejados de lágrimas.

— Deus não poderia ter-me recompensado com um presente maior. E ainda por cima um filho bonito, forte e saudável. — Com um soluço, ela o apertou com força entre os braços.

Sean receara que a mãe o visse como um malefício, uma recordação triste do que acontecera. O que presenciava era exatamente o contrário.

— Eu me lembrarei para sempre da data de hoje como o segundo dia mais abençoado da minha vida. O primeiro foi o dia do seu nascimento... — Ela se afastou um pouco e acariciou-lhe o rosto. — Além de se parecer comigo, vejo muitos traços de seu pai.

Sean odiou pensar em seu pai. Mas, para salvar Natasha, teria de recorrer a ele.

— Um ladrão, um assassino e estuprador!

— Não! Ele não foi nada disso. Seu pai era e é um grande homem!

De todas as descrições que esperava a respeito dele, a última seria um grande homem.

— Venha, meu filho. — Ela o conduziu até um banco de madeira, sentou-se e indicou o lugar a seu lado. — E um intervalo de tempo muito grande para ser resgatado. Por onde começaremos?

— Pela senhora. Diga-me o que aconteceu.

Não foi a história que Sean esperava ouvir, nem a que o abade o fizera presumir. Sua mãe confessou ter amado Ragnar Longsword, um vice-rei viking de grande renome. Ele a cortejara, casara-se com ela em uma cerimônia nórdica e lhe dera um filho.

— Nós lhe demos o nome de Kodran. Kodran Ragnarsson. — Tara tocou no lobo de âmbar e sorriu, prova de que a peça lhe trazia boas recordações. Tive tudo o que eu poderia desejar até que...

— Seu irmão cometeu um ato odioso. Mentiu-lhe e roubou seu filho com propósitos egoístas. — Sean concentrou seu ódio no abade. — Ele a mandou para Bangor à força ou a senhora abandonou tudo e resolveu se esconder do mundo aqui dentro?

A freira levantou-se, foi até uma janela e fitou o pátio.

— Quando me disseram que meu filho havia morrido de febre, eu também quis morrer. Voltei-me contra Deus e culpei-o por haver-me tirado meu bem mais precioso. Creio que fiquei fora de mim por algum tempo, mas a fé me curou.

— Por que seu irmão agiu dessa maneira?

— Eu planejava ir para a Escandinávia com meu marido pagão e com meu filho recém-nascido. Acredito que meu irmão estivesse pensando em salvar minha alma à custa da minha felicidade.

— Assim como fez comigo!

Sean deduziu que o abade resolvia agir como Deus, quando alguém discordava de seus pontos de vista.

— Tirando-me o filho, ele pensou em afastar-me de Ragnar... — tentou dizer.

— E meu pai? Por que ele a abandonou?

— Disseram-lhe que eu havia morrido. E teve negada a permissão de levar o filho com ele. Meu irmão escondeu o bebê até Ragnar deixar o Eire. — A irmã Erin suspirou. — Somente Bridget sabia disso, eu não. Quando ela o viu com o pingente, revelou-me toda a verdade.

— Mas quem contou a história para Bridget?

— Fionan. Antes de abraçarem a vida religiosa, eles foram amantes.

Sean achou graça, apesar de tudo.

— O devoto e mal-humorado Fionan caiu em tentação! Essa é boa! — Fionan sempre fora seu mestre mais severo. Nunca lhe permitira o menor desvio de conduta.

— Por que o abade disse a Ragnar que eu estava vivo? O que ele queria ganhar com isso?

— Não sei. Talvez a idéia de que, se os vikings viessem a dominar o Eire, um filho de Ragnar, na região, os tornaria menos explosivos.

Sean estremeceu.

— Um emaranhado de situações desastrosas provocadas por uma mentira.

Ele pensou em Natasha. Esperava que ela estivesse sendo tratada com bondade.

A irmã Erin segurou-lhe as mãos.

— Vejo sofrimento em seu olhar. Sinto muito por isso. Embora não houvesse sido criado com ela nem a tivesse

visto por vinte e cinco anos, os laços afetivos que sentiu pela mãe foram imediatos. Falou-lhe a respeito de sua infância, de suas esperanças e de seus sonhos. Finalmente contou sobre Natasha e sobre a alegria de tê-la nos braços.

— E eu nunca poderei perdoar ao abade que se diz ser meu tio. — Sean não escondeu o rancor. — Não tenho como trazê-la de volta. A menos que eu possa falar com meu pai. Mas eu nada sei a respeito dele. Nem mesmo onde poderia encontrá-lo. A senhora poderia me ajudar?

A resposta veio sem hesitação:

— Eu o ajudarei e Deus estará a seu lado.

Parte II

A busca

Capítulo VI

Noruega e Kiev

Ondas imensas pregueavam-se no horizonte enquanto a embarcação viking navegava rumo ao norte, com destino a Hafrsfjord. Sean procurara Wolfram Olafsson, a quem conhecera em Larne. Convencera-o a levá-lo para a Escandinávia a bordo de sua nau mercante.

Sean dirigia-se ao encontro do pai que não conhecia. Tinha esperança de que Ragnar Longsword lhe desse o que precisava: uma embarcação e uma tripulação. Era só o que lhe importava.

Em pé junto ao leme, Sean observava Wolfram pilotar o navio. Não perdia um só detalhe. Anotava mentalmente os menores movimentos. Precisava aprender tudo sobre naus e navegação. Pretendia ele mesmo dirigir a nau quando fosse para a Rússia em busca de Natasha.

A embarcação era estupenda e Sean maravilhou-se com o engenho da construção naval. Os nórdicos se superavam nesse mister.

Os monges enxergavam aquelas enormes construções flutuantes como a encarnação do mal. Sean passara a enxergá-las como obras-de-arte.

Outros povos temiam aventurar-se nas águas traiçoeiras do oceano. Os nórdicos pareciam deslizar por cima das ondas. Sean considerou que isso se devia à leveza e à flexibilidade das naus. Ele mesmo já fizera um barco para os monges. Aprendera um ponto importante. Quanto mais finas as tábuas, menos pesada seria a embarcação. Um barco leve e com quilha bem mais curta do que as tradicionais arrastava menos água e por isso podia navegar em rios mais rasos, onde uma nau mais pesada encalharia. Também poderia ser arrastado com maior facilidade. O casco leve, mas robusto, permitia que as naus flutuassem no mar como folhas e facilitava uma atracação mais fácil.

Havia duas maneiras de impulsionar a embarcação. O primeiro era uma vela grande e retangular. A segunda, o poder dos remos. Sean aprendeu que adiantar-se ao vento significava a vela ficar estendida entre duas vergas. Quando a nau velejava a favor do vento, usava-se somente uma das vergas do mastro. As velas de lã rústica podiam tornar-se perigosas. Durante uma tempestade, as velas encharcadas pesavam muito e, não raro, causavam acidentes. Sean vira um dos tripulantes receber o impacto do tecido grosso e quase ser atirado ao mar.

Um fileira de remadores, de cada lado, era a outra força que impelia a embarcação para a frente. Os homens davam pancadas vigorosas com os remos longos. Cada homem ia sentado em cima de um pacote de peças de couro enroladas que usava para dormir. Ao lado, guardavam suas armas. Lanças, espadas e machadinhas, prontas para serem usadas em caso de necessidade. Embora aquela fosse um embarcação mercante, os nórdicos navegavam preparados para imprevistos. As naus mercantes, *knorrs*, eram maiores e mais largas para o transporte de grande quantidade de mercadorias. As *drakkars*, de combate, eram menores, mais estreitas e compridas.

Sean foi até a popa, onde um homem musculoso governava o rumo da embarcação com uma alavanca, a cana do leme. Os vikings

havam desenvolvido um leme notável. Um remo modificado e curto, fixo em uma grande bloco de madeira a estibordo.

— Estamos quase chegando — Wolfram avisou por sobre o ombro.

Sean ficou tenso com o alerta. Aproximava-se a hora de conhecer o pai. Thordis, bêbado e bruto, não lhe saía do pensamento. Apesar de sua mãe haver reiterado que Ragnar era um homem honrado e justo, diferente dos demais nórdicos, a dúvida persistia. Crescera ouvindo relatos dos horrores cometidos por eles e também presenciara as barbáries perpetradas em Armagh. Era difícil desfazer-se daquelas imagens.

— Está ansioso para conhecer seu pai? — Fenris, filho mais velho de Wolfram, aproximou-se e bateu-lhe amigavelmente no ombro.

— Sim e não. — Precisava dos recursos do pai para salvar Natasha, mas não imaginava a recepção que teria.

— Se seu pai for como o meu, ficará satisfeito com o encontro. Eu sempre fico feliz quando meu pai volta para casa.

Rorik, o outro filho, sorriu.

— Ah, mas desta vez ele nos levou junto, para aprendermos a ser vikings.

— Mercadores — Fenris corrigiu e apressou-se até a murada da embarcação, empurrando um dos remadores. — Vejam í aqueles rochedos!

— Quero ver! — Rorik, com exuberância infantil, correu ; até o irmão. — São montanhas!

Fenris virou a cabeça para contemplar as elevações rochosas que se erguiam do mar. — Algum dos gigantes deve ter posto esses rochedos ali, « como o pai nos contou. Os dois garotos eram, como Sean, filhos de mãe irlandesa ; e haviam sido convidados a acompanhar o pai naquela viagem. Sean se distraíra com eles durante a jornada e respondera a inúmeras perguntas. Fenris, de cabelos escuros, interessara-se pela literatura. Sean tivera tempo de ensinar-lhe as letras e os j números. Sean, na idade dele, fora tão ansioso em aprender como

o rapaz. Fenris afirmara que poderia ajudar muito o pai se aprendesse a ler e a fazer contas.

— Rochedos e árvores. — Rorik fez um gesto largo com o braço.
— Esta é a Escandinávia, onde meu pai nasceu.

Era uma visão impressionante, Sean refletiu, enquanto se aproximavam da costa. Paredões escarpados de rocha se erguiam às margens de golfos estreitos e longos. As formações rochosas estendiam-se para o interior por quilômetros a perder de vista. A distância, os golfos pareciam fitas de água. Quando chegaram mais perto, paredes de pedra apareceram dos dois -; lados da embarcação.

— São os fiordes! — Fenris exclamou.

— Fiordes — Sean repetiu, deslumbrado, ao ver a nau derivar com suavidade por aqueles golfos profundos em direção ao interior do continente. Com grande habilidade, Wolfram dirigia a embarcação por entre as muralhas assustadoras. Diante da magnitude das rochas que emergiam das águas, era preciso ter nervos de aço. Um pequeno erro, e a embarcação se despedaçaria de encontro às montanhas.

As formações ficavam tão próximas que era possível comprovar a textura das pedras gigantescas. O que só fez aumentar a determinação de Sean em aprender tudo o que pudesse sobre navegação.

— Está ansioso para ver seu pai? — Rorik passou a mão nos cabelos loiros, em um gesto semelhante aos que Wolfram fazia.

— Ah-ah. — Sean passou dois dedos no lobo de âmbar e apertou o rosário com a outra mão.

— Gosto desse lobo — Fenris afirmou. — Meu nome significa lobo.

— Verdade? — Sean sorriu e desmanchou os cabelos do rapaz.

— Sabe quem foi Fenris? — Rorik perguntou a Sean, que fez que não com um gesto de cabeça. — Um dos filhos de Loki que foi conduzido pelos deuses até Ragnarok, o fim do mundo. — Escondeu a boca com a mão em concha. — Eu e minha mãe não acreditamos nessa história viking. Somos cristãos. Como o senhor.

— E como sabe que sou cristão? O garoto deu risada.

— Quando Sigurd quase caiu na água, o senhor fez o sinal-da-cruz. E também porque minha mãe nos contou que os monges são pessoas especiais, pois sabem ler.

A paisagem da costa se modificava aos poucos. As montanhas de rocha cediam espaço a regiões arborizadas. Por entre as nuvens, avistavam-se uma aldeia e suas grandes habitações comunais. Ouvia-se o balido das cabras que perambulavam pelas proeminências rochosas e, com a maior aproximação, foi possível ver samambaias viçosas nas fendas das rochas.

— Um símbolo cristão! — Sean espantou-se ao ver uma cruz de calcário no alto do cume e apontou o local.

O homem que controlava a cana do leme deu de ombros.

— Qual o problema? A filha de Ragnar e a esposa de seu filho são cristãs. Acho que foram elas as responsáveis por isso.

— Filha e filho de Ragnar?

O que mais ele ignorava? As desconfianças retornaram. Sean não estava preparado para conhecer irmãos.

A um sinal de Wolfram, os remadores postaram-se ao lado dos remos. Do alto das rochas veio o som agudo de uma trombeta. Um dos marinheiros respondeu, usando um instrumento de sopro semelhante. Do topo da colina, mais outra melodia que pareceu ser uma saudação.

A embarcação rodeou um promontório e chegou a uma planície pouco alagada e herbosa que se estendia da beira da água até o sopé das colinas distantes. Os tripulantes desfraldaram a vela e ergueram os remos. Depois abaixaram as longas pás de madeira e voltaram a remar em cadência.

O povoado era semelhante ao de Larne, embora em tamanho maior, mais limpo e imponente. Casas pequenas de madeira chamavam a atenção. Uma delas ocupava uma posição precária em uma das margens do fiorde. Outra inclinava-se na encosta da montanha. Mais algumas equilibravam-se em saliências rochosas muito acima do nível da água. Era uma região bela, fria e rústica.

Os homens de Wolfram conduziram a nau até um molhe coberto por pranchas e a prenderam com cordas grossas nos postes de amarração. Os camaradas começaram a descarregar as mercadorias, enquanto Sean se apressava em fazer indagações a respeito de onde poderia encontrar Ragnar Longsword.

— Quem é o senhor? Nunca o vi por aqui. — O homem grisalho estudou Sean com os olhos estreitados e franziu a testa ao reparar no manto de capuz usado pelos monges.

— Tenho negócios a tratar com Ragnar.

— Negócios...

— Desejo falar com ele a respeito de uma embarcação...

— Ah, é?

— ...e de uma tripulação.

Resmungando, o homem idoso conduziu Sean por um caminho longo. Passaram por um aglomerado de anexos e chegaram até uma construção maior do que as outras.

— Ele está aqui. Este é o *skaalen*.

A residência era feita de madeira, com telhado de turfa e alicerce de pedras. Em volta da edificação havia uma calçada de tábuas, por onde se chegava a cada uma das duas entradas. À semelhança das cabanas de Larne, essa casa grande tinha fendas verticais estreitas e ripadas para iluminação. Assim como um buraco no teto, que servia para eliminar a fumaça e para a entrada de raios solares. Por causa do clima frio, não havia janelas.

— De quem é esta casa? — Sean perguntou ao homem grisalho.

— De Ragnar.

Sean foi tomado por grande ansiedade. Imaginou qual seria o temperamento de seu pai. Se fosse igual ao de Thordis, sua vinda teria sido inútil. Ele não imploraria nem se venderia por uma *drakkar*. Ragnar Longsword não devia ser o único dono de embarcações.

Impaciente, Sean andou de um lado para outro do recinto, com as mãos às costas. Com o canto dos olhos, analisou a sala e tentou deduzir o caráter de seu ocupante.

No centro do hall havia uma lareira comprida em cima de uma plataforma. Caldeirões enormes estavam pendurados por correntes de ferro presas nas vigas do teto abaulado, assim como os de Larne.

Porém, na casa de Ragnar, havia menos armas expostas, menos desordem e maior organização. Sean gostou da aparência mais doméstica. Um tear e várias rocas para tecer lã estavam encostados em um dos cantos. Do outro lado, enfileiravam-se bancos. Para sentar ou dormir. Na parede mais afastada uma poltrona bem mais alta de que os bancos. Era entalhada com desenhos florais e geométricos. Sean fez o sinal-da-cruz ao perceber que se tratava de representações dos deuses nórdicos. Várias mesas e uma profusão de iguarias. Na certa boas-vindas para os viajantes.

— Vejo que trouxe um visitante, Gorm.

Sean virou-se, surpreso com a voz sonora. Aquele homem de constituição física vigorosa era Ragnar. Seu pai.

O chefe viking vestia túnica castanha bordada nas mangas e na barra, colete de couro com ombreiras amarradas com fivelas no peito, calça em tom mais claro. Nos braços, braceletes de ouro e prata. Como a mãe lhe dissera, era uma figura esplêndida.

Nas feições de traços fortes, uma cicatriz, o que não afetava sua boa aparência. Tratava-se de um homem imponente, com ombros largos e braços musculosos. Cabelos claros e alguns fios brancos. Olhar inteligente e fixo em Sean. Nada que lembrasse uma aparência terrível. Sean não encontrou semelhança entre si mesmo e o pai, a não ser o sorriso.

— Vejo que tem cabelos escuros e não é viking — Ragnar tomou a iniciativa de falar. Veio visitar Gwyneth?

— Não...

— Então, quem?

Sean torcia e distorcia as mãos. Não tinha tempo para brincadeiras. A urgência era essencial. Precisava salvar Natasha com a maior rapidez possível. Antes que os problemas se agravassem.

— Vim ver o senhor. — Sean abriu o manto. O lobo de âmbar ficou à vista.

Ragnar permaneceu boquiaberto por alguns momentos.

— O... onde foi que conseguiu... isso?

— Foi minha mãe quem me deu.

— Então é... meu filho?

Sean anuiu, confuso. Não teve certeza se sentia admiração, afeto ou repulsa por aquele homem.

— Muitas vezes imaginei este momento e agora não sei o que dizer. — Ragnar adiantou-se e, emocionado, estreitou Sean no braços. — Kodran! Meu filho! — Não lhe importava a relativa frieza de Sean. — Onde está Torin? — Finalmente afastou-se.

— Quem é Torin?

— Ora, o homem que eu enviei à sua procura e que o trouxe de volta.

— Ninguém me trouxe até aqui. Eu vim por minha livre e espontânea vontade.

Ragnar fez uma careta e depois sorriu.

— Hum, acho que se parece comigo, apesar dessa saia que está usando. — Ragnar abraçou o filho pelos ombros. — Vamos encontrar algo melhor do que essa batina e depois poderemos conversar.

Sean foi rodeado por várias mulheres que traziam vasilhas de água quente e toalhas aquecidas.

— Temos esse procedimento com visitas e viajantes — Ragnar explicou. — Como vê, não somos idolatras imundos.

— Nunca pensei isso — Thordis e seu bando cheiravam mal. Ragnar foi até a pilha de roupas e escolheu uma.

— Estas servirão até que possamos fazer outras. Sean lavou o rosto e os cabelos com a água da bacia. Com as toalhas felpudas, secou as mãos, rosto e cabelos. Ragnar mandou as mulheres para fora do quarto.

— Use esta. — Deu a Sean uma túnica vermelha de lã bordada com rostos de animais e calça lisa de cor castanha.

— São de Sèlig, mas lhe servirão, sem a menor dúvida.

— Sèlig?

— Seu irmão.

Era esquisito pensar em um irmão, embora fosse uma idéia agradável. Sean sempre se sentira solitário e desejara uma família. O único problema era saber se aceitaria de bom grado um irmão nórdico.

— Ah, Kodran, meu filho... Isso é um tônico para um coração velho.

— Meu nome é Sean.

— Ah, um nome céltico. Seu verdadeiro nome é Kodran. Sua mãe e eu o escolhemos!

Sean achou melhor não discutir. Não tinha a intenção de irritá-lo. Vestiu a roupa emprestada e foi direto ao assunto.

— Preciso de uma embarcação.

— Como é?

— E de uma tripulação. Ragnar cocou a orelha e riu.

— Uma embarcação com tripulantes! E eu que pensei que teria um trabalho danado para transformá-lo em um viking.

— Não sou nem jamais serei um viking. — Sean amarrou a calça na cintura.

— Pois eu lhe digo que é e seu nome é Kodran. Essa é a verdade. — Ragnar bateu o pé. — Agora diga-me para que uma embarcação, se não quer ser um nórdico.

— Tenho de ir até Kiev e talvez para outros lugares. Preciso encontrar Natasha e trazê-la de volta comigo.

- Natasha. — Ragnar tornou a cocar á orelha. — Quer uma embarcação para ir atrás de uma mulher. E por quê?

Porque eu a amo. — Sean sustentou o olhar do pai. Porque a ama — Ragnar disse. Abaixou-se e tirou do baú um par de sapatos de couro e um cinto. Entregou-os ao filho. — Conte-me a história.

Sean terminou de vestir-se e fez um relato completo. A missão em Larne. O encontro com a escrava magiar. A fuga. A luta com os vikings em Bangor. A volta para Armagh. A atitude traiçoeira do abade.

— Uma escrava fugitiva não é uma boa coisa, Kodran. Ela tem dono e sua atitude, Kodran, pode ser encarada como roubo.

— O senhor fala em roubo! O senhor que se dedica a pilhagens, estupros e a atear fogo no que encontra pelo caminho!

— Sean ficou irado ao lembrar-se do que o abade fizera e descontou a raiva em Ragnar. — O senhor não é melhor de que Thordis. Por acaso sabe como me senti quando o abade me traiu e mandou Natasha para aquele monstro?

— Então Righifarch mandou-a de volta para Thordis...

— Para me castigar. Para me tornar um eunuco igual a ele. Mas vai se cansar de tanto esperar por isso. Eu jamais voltarei para aquele mosteiro. Jamais! — Sean fora treinado para não se descontrolar, porém se sentia bem melhor depois do desabafo. — Achei que o senhor poderia me ajudar. Por isso fui a Bangor e perguntei à minha mãe onde poderia encontrá-lo.

— Sua mãe?

Ragnar ficou muito vermelho, como se fosse ter um colapso.

— Righifarch urdiu uma rede de mentiras — contou Sean.

— Ele disse à minha mãe que eu havia morrido de febre e disse ao senhor que ela havia morrido. Mas está viva.

— Viva! Tara... — Ragnar agarrou o braço de Sean. — Onde ela está? Ela veio junto?

Sean negou com um gesto de cabeça.

— Não. Minha mãe está no Eire. Em Bangor. Ela é uma freira. Irmã Erin.

— Uma religiosa! — Ragnar esforçou-se para não chorar.

Seria uma emoção inaceitável em um homem. — Righifarch não somente me impediu de amar meu filho, como também afastou o meu amor de mim. Aquele cão covarde e sarnento! Venha comigo. Eu lhe darei a embarcação e os tripulantes. Desta vez Righifarch não vencerá!

Ancorada na angra, uma nau viking. A mais bela que Sean já vira. Sua imagem refletia-se nas águas azuis brilhantes. Quando o pequeno barco rodeou o promontório, Sean disse a si mesmo que seria melhor não sonhar cora o impossível. Ragnar não lhe daria uma embarcação daquele porte.

—Eis aí, Kodran! — Ragnar aproximou o bote da magnífica nau. — O que acha?

Sean olhou da proa à popa. Imaginou-se singrando os mares de queixo erguido. Um vencedor!

— Uma embarcação maravilhosa!

A curvatura acentuada da proa terminava em uma cabeça de lobo, e Sean interrogou Ragnar com o olhar.

— Eu havia mandado construir esta embarcação em sua homenagem.

— Ela se chamará *Cabeça de Lobo*.

— Eu esperava que nos encontrássemos logo...

— E assim aconteceu...

Sean admitiu que se afeiçoara rapidamente a Ragnar. Seu pai acabava de tornar realidade o sonho de sua meninice.

— Nós acabamos de nos conhecer e iremos nos separar em seguida. — Ragnar não conseguiu esconder a emoção. — É irônico que seja eu a lhe dar aquilo que irá nos afastar.

— Preciso encontrar Natasha — Sean afirmou. — Não conheci mulher tão enérgica e destemida. O mais corajoso dos homens teria medo de fugir e desencadear a ira de Thordis. Ela nem considerou o

fato. Mesmo que eu não a amasse tanto, não suportaria a idéia de deixá-la em poder daquele animal.

— Amor e admiração.

— Natasha é determinada e forte. — Sean deu um sorriso. — Precisava vê-la montar! Se eu não fosse cristão, diria que ela é uma deusa!

— Está me deixando ansioso para conhecê-la. Apresse-se. Encontre-a e traga-a para a Escandinávia.

O cheiro de fumaça misturava-se com a fragrância de junco fresco e com o aroma apetitoso do ensopado de carne com legumes que borbulhava nos caldeirões de pedra-sabão. Na mesa, pratos e tigelas com queijos em pedaços, pães de cevada, amoras, framboesas e vários tipos de vegetais.

Sean voltou com Ragnar da vistoria da nau, e o preparo da refeição sofreu uma pausa. De repente, Sean foi rodeado por um pequeno grupo de pessoas que o saudou de maneira impetuosa. Uma forma peculiar de dar-lhe as boas-vindas. Excitados, os familiares cumprimentavam-no e batiam-lhe nas costas. Uma jovem alta e ruiva abraçou-o com sofreguidão.

— Agora estamos juntos! Os três! — ela sussurrou-lhe no ouvido. — Nem pode imaginar como me sinto feliz!

Sean nunca tivera intimidade nem contatos afetivos com outras pessoas. Sentiu-se constrangido e tentou afastar-se daquela jovem bonita.

— Perdoe-me o entusiasmo. Eu sou sua irmã, Erica.

— Erica...

— Sou Sèlig, seu irmão. — Um rapaz loiro apresentou-se.

— Meu irmão...

Os dois irmãos eram altos, muito bonitos e tinham ombros largos. Eles se entreolharam e Sèlig estendeu a mão com entusiasmo.

Foi o ponto de partida para uma explosão de perguntas. Sean procurou responder na medida do possível. Em meio à balbúrdia, ele procurava identificar as pessoas e perdeu-se na caco-fonia dos nomes.

Quem pertencia à família? Quais eram os amigos? Quem eram os escravos infelizes?

Erica percebeu o embaraço de Sean. Abraçou-o e fez as apresentações. Gwyneth, esposa de Sèlig, era morena e de estatura mediana. Nissa, mulher de Ragnar. Torin, marido de Erica, não estava presente.

— Quando eu e Torin estivemos em Staffa, encontramos um sacerdote que mencionou ter visto o lobo de âmbar em um noviço de Armagh. Meu marido foi para o Eire à sua procura, Kodran.

Novamente o nome viking! Sean tapou as orelhas. Teve receio de que ele mesmo, ou melhor, Sean, fosse desaparecer.

Sèlig compreendeu sua insegurança. Segurou-o pelo braço e pediu aos outros para que se afastassem. As mulheres voltaram à tarefa de preparar a comida, e os homens, a seus canecos.

— Nosso pai nos contou a sua história e os seus problemas. Eu o ajudarei a reunir a tripulação e, se quiser, poderemos ir Juntos.

— Eu prefiro ir sozinho. Sèlig estalou a língua.

— Está confiante demais, Kodran. O sucesso de um nórdico depende da embarcação, da habilidade na arte de navegar e da coragem. Enfrentar o oceano é muito difícil. Muitos dias são passados em mar aberto, sem avistar uma nesga de terra firme, tendo apenas o sol e as estrelas como orientação.

— Eu sei. Na viagem do Eire até aqui, observei atentamente Wolfram Olafsson. Além disso, consultei vários mapas das regiões próximas de Kiev.

— Então acredita estar pronto?

— Sim...

— Pois está muito enganado. Até eu, que navego há mais tempo, aprendo uma coisa a cada viagem. Por exemplo, a importância do vôo dos pássaros e dos movimentos dos mamíferos marinhos. — Sèlig

cruzou os braços na altura do peito. — Vai precisar da minha ajuda, irmão. Pense nisso.

Sean fitou Sèlig com o cenho franzido. Queria experimentar a sensação de ser o senhor de sua *drakkar*. Mas não podia arriscar o futuro de Natasha por causa de sua ambição.

— Sei para onde Thordis irá — Sèlig não esperou Sean responder e continuou. — Conheço os locais onde ele atraca a embarcação para comerciar. Sei tudo a respeito daquele imbecil ambicioso. Sei como ele pensa!

Sean estreitou os olhos.

— Como assim?

— Antes de conhecer Gwyneth, eu era como ele. Éramos amigos.

— Amigos? Por acaso traficava escravos?

— Eu era um escravo.

— Não acredito!

— Veja isto. — Sèlig ergueu os cabelos loiros e mostrou a cicatriz deixada pela gargantilha de ferro. Atenuada, na verdade, mas ainda presente.

— Sinto muito... Como... Sèlig deu de ombros.

— É uma longa história. Terei tempo para lhe contar quando viajarmos juntos.

— Iremos em duas embarcações, não é?

— Claro — Sèlig anuiu e estendeu a mão. — Acordo fechado?

As suspeitas de Sean tornaram a emergir.

— Resolveu me acompanhar não apenas por uma questão de lealdade fraterna, não é verdade? Planeja novos ataques?

— Digamos que pretendo lucrar com essa viagem. Sou nórdico, Kodran. E um bom mercador. Aliás, somos ambos vikings. Isso é inegável, meu irmão.

Sean reconheceu que não havia muitas alternativas e apertou a mão de Sèlig.

— Iremos juntos.

No mesmo dia, duas majestosas naus saíram para enfrentar o mar. Sean deliciou-se com o vento que fazia cócegas em seu rosto. Debruçou-se na amurada e sentiu-se hipnotizado pelas águas esverdeadas e espumosas. Gaivotas, aos gritos, saudavam os homens do mar.

Apesar de estar mais uma vez acorrentada, escravizada e dentro de uma embarcação, Natasha não se deixou abater. Sean a encontraria. Seu coração lhe dizia isso. A lembrança do amor deles fora um lenitivo para os dias turbulentos. O calor da paixão que voltava em seus sonhos aquecera-lhe as noites frias.

Em pé, na lateral da nau, fechou os olhos e pensou com firmeza. Sua avó lhe dissera que a mente transportava as idéias. Esperava guiar Sean através da força do pensamento. Mas logo a realidade esfriou-lhe o entusiasmo.

Como Sean poderá me encontrar no meio deste mar, se nem ao menos tem uma embarcação? Aquele pequeno barco que os transportara para fora de Larne afundaria no mar.

Inclinou-se sobre a borda, fitou as águas espumosas, e o desânimo a invadiu.

Não! Não perderia a esperança! Somente a crença de que Sean viria resgatá-la manteria sua sanidade intacta.

— Não! — O líder viking agarrou-a pelos ombros. Natasha aprendera que os nórdicos gritavam aquela negativa

quando queriam exprimir seu desagrado. Pela expressão no rosto feroz, o homem devia ter imaginado que ela pensava em atirar-se ao mar. Natasha sacudiu a cabeça.

— Não!

Ah, como desejava poder entender-se com o brutamontes! Desvencilhou-se das mãos de Thordis, foi até o meio da embarcação e largou-se em cima de um cobertor que lhe fora destinado. Uma pequena dose de conforto, mas que representava uma grande concessão em se tratando daqueles selvagens.

— Sean... — Natasha murmurou. Uma sensação de paz invadiu-a, e ela pôde novamente refletir sem desespero.

O que teria acontecido se eu não tivesse seguido os monges encapuzados?

Natasha tirou do bolso o pequeno pedaço de pergaminho que Sean lhe dera e fitou as letras ali escritas. Seu pai diria que não passavam de garatujas. Para ela, no entanto, eram um elo com o homem amado.

Eu gostaria muito de aprender a ler e a escrever.

Com a ponta do indicador, Natasha delineou as letras que escrevera. Sean uma vez lhe dissera que a pena e as palavras traçadas eram mais poderosas do que a espada.

Seria uma afirmativa verdadeira? Ou apenas uma possibilidade?

De repente, aquele tesouro foi-lhe arrancado das mãos e Natasha não conseguiu recuperá-lo.

— Por favor... Devolva-me o pergaminho. — Embora eles não a entendessem, Natasha teve certeza de que compreendiam o que ela desejava. — Por favor... É a única lembrança que tenho dele...

Thordis olhou-a e resmungou qualquer coisa na linguagem explosiva dos nórdicos. Ergueu as sobrancelhas, como se fizesse uma pergunta muda.

— Isso é meu, sim! Por favor, devolva-me.

Thordis cuspiu mais um pouco de verborragia. Perguntas. Exigências. Sempre mostrando o pedaço de pergaminho. Ele apontava o dedo em riste, acusador.

— Está me perguntando se eu escrevi isso? Por quê? Se eu disser sim, aumentará o meu valor de venda?

Pelo olhar dele, Natasha entendeu a resposta.

O vento forte que impulsionava o navio provocava ondas que ultrapassavam a proa. Sean imaginou que fosse sair voando e observou a rajada levantar a vela. Satisfeito, passou os dedos pelos cabelos desmanchados. Era com isso que sempre sonhara. Estar em um navio com o vento às suas costas.

— Em última análise, a liberdade... — Sean falou alto e observou o mar, que parecia não ter fim.

Dia após dia, sob as instruções do irmão, aprendia novas regras sobre a arte da navegação. Sentia-se tão à vontade na água como na terra.

— O mar está em seu sangue — Sèlig lhe dissera.—Embora relute em aceitar o fato, você é muito mais viking do que pensa ser.

Viking!

Antigamente, se alguém lhe dissesse isso, sentir-se-ia insultado. Depois de conviver com Sèlig, experimentava orgulho.

Ragnar também não era o selvagem que Sean supusera. Era ; verdade que no começo Ragnar empreendera incursões com seus homens. Iam em uma frota de naus com proa em formato de cabeça de dragão. Mas, como homem enérgico e inteligente, provara ser um excelente administrador nas terras que subjugara. Ragnar entendera que não adiantava destruir. O mais importante era criar e produzir. Ele se convencera de que era preciso conhecer outras culturas para aprender com elas. Assim seria possível absorver e aprimorar as influências externas.

Sean experimentava a mesma centelha que incendiara seu pai. Havia novas terras e novos povos esperando para serem descobertos. Quando os dois navios atracavam para um descanso, Sèlig lhe contava histórias e fragmentos de lendas que o deixavam entusiasmado. Queria encontrar terras ainda desconhecidas dos vikings. Ansiava por navegar e descobrir o que estava além das rotas de comércio já estabelecidas. Como recompensa, na volta dividiria o lucro com os homens que o haviam acompanhado. Mas tudo isso ficaria para o futuro. No momento, seu objetivo era encontrar Natasha o mais depressa possível.

Sean inspirou o ar marinho. Lembrou-se de como a segurara nos braços. A reação foi imediata. Fechou os olhos e reviveu a noite que fora uma revelação. Era como se a palavra paixão houvesse sido criada para descrever o entendimento físico e espiritual que os envolvera.

Percebeu a pulsação acelerada e a fome emocional que o corroia. Natasha fazia-lhe muita falta. Ainda podia sentir os efeitos da fascinação

por ela. Natasha era uma mulher especial. Apaixonada, entregava-se sem reservas. A realização de um sonho para qualquer homem.

Sob o rígido treinamento dos monges, Sean também aprendera a esconder a solidão e as cicatrizes emocionais. Era uma estranha maneira de viver. E, quando estivera com Natasha, amara de maneira livre e normal. Não houvera necessidade de ocultar o menor de seus sentimentos. Experimentara a sensação de ser um homem completo. Conhecera o amor.

Jamais desistirei de Natasha. Jamais!

Sean olhou o mar Báltico e suspirou. Não lhe importava o que acontecesse. Estava determinado a encontrá-la.

— Ele é surpreendente, não é? — Rekfel, apelidado de Ref, era um dos tripulantes de Sèlig.

Sean desconfiava que Rekfel fora encarregado de observá-lo e de ajudar se fosse necessário.

— Sim... — Sean não entendeu a quem ou a que Rekfel se referia.

— Ele se prolonga para além do horizonte. Quando se chega ao destino, sempre se quer saber o que há mais além e se ele tem realmente um fim. Ou se termina em nada, desmoronando em uma cachoeira.

— Ah, o mar...

— Há pessoas que temem aventurar-se por águas não registradas em cartas náuticas. Eu, ao contrário, quero navegar sempre mais até descobrir a verdade.

— Já teve essa vontade de alcançar o que fica depois do horizonte?

— Já. Desde a primeira vez que conheci o mar.

— Então somos parecidos — Ref, ruivo e sardento, sorriu.

— Preciso lhe fazer-lhe uma confissão. Quando seu irmão me pediu para que eu viesse nesta embarcação, fiquei aborrecido.

— E por quê?

— Porque imaginei que o senhor fosse um peso difícil de carregar. Achei que, por ter passado a vida enfronhado nos livros, seria inepto como navegador. E que eu passaria o tempo todo corrigindo seus erros. Mas fiquei agradavelmente surpreso.

— Espero não ter cometido faltas graves.

— Os poucos enganos lhe serviram como aprendizado. Tem agido com competência e coragem. Sèlig está certo. A herança nórdica está no seu sangue.

— Obrigado. — Sean gostou da demonstração de amizade.

— Ainda é muito cedo para cumprimentar-me. Não fizemos nem a metade do trajeto previsto. Pelo que Sèlig me informou, o pior ainda está por vir.

— Ah, pelo menos ele se lembrou de avisá-lo. Ref explicou que, uma vez alcançada a foz do rio Dvina, iriam atravessar regiões onde a viagem prosseguiria por trechos de terra. Arrastavam-se ou carregavam-se as embarcações até que fossem alcançadas águas que permitissem novamente a navegação.

Sean estava preparado para a parte mais exaustiva, mas nada disso lhe importava. Queria encontrar Natasha.

— Eu sei. Meu irmão me preveniu.

— Quando chegarmos a Kiev, a viagem será mais fácil. Aí começarão outros tipos de perigo.

— Os eslavos?

— Qualquer um que encontrarmos. — Ref contou que, nas letras dos russos, até vikings saqueavam vikings. Seria preciso acautelar-se ao extremo. Procurar cidades e postos comerciais onde os ataques eram mais raros.

Kiev, por sua localização estratégica no rio Dnieper, era a mais importante das cidades russas. E a mais perigosa. Era o ponto mais fortificado do extremo sul da floresta. Logo abaixo, na cidade de Vitichev, flotilhas de barcos reuniam-se antes de dirigir-se ao sul, através das estepes perigosas e atingir o mar Negro.

Pelo que Sean se lembrava e pelo que ouvira de Sèlig e de Ref, foi possível reconstituir a história de Kiev. Pelo visto, os nórdicos tinham poupado homens e energia nos ataques a Alba, Eire, Grã-Bretanha, Alemanha, França e Espanha. Por isso encontraram condições de saquear regiões litorâneas do mar Báltico, os finlandeses e os eslavos. Depois voltaram com os prêmios. Para proteger seus roubos com a lei e a ordem, esses vikings passaram a chamar-se varegos — do escandinavo *varingjar* ou aliado. Estabeleceram postos fortificados em suas rolas e, aos poucos, ficaram conhecidos entre os camponeses como uma minoria escandinava dominante de mercadores armados. Algumas cidades os contrataram como guardiões da ordem social e da segurança, e pagavam-lhes um tributo. Havia-se tornado senhores de seus empregadores. Governavam Novgorod e estenderam seu domínio para o sul até Kiev. As rotas e os povoados controlados por eles formaram, aos poucos, um império comercial e político que uniu o Báltico, o mar Negro e as regiões vizinhas do mar Cáspio.

O trajeto seria longo até chegar a Kiev. O outono estava no fim. O inverno se aproximava. Era preciso encontrar Natasha e resgatá-la antes que o frio terrível os alcançasse.

Água para todos os lados. Primeiro o mar e agora o rio. Ao fitar as correntezas do Dvina, Natasha imaginou que jamais se livraria da água. Seus captores dirigiam-se para Kiev, uma região onde só encontraria inimigos. Os vikings e os eslavos. O que aconteceria com ela quando chegasse ao destino?

Pouco importava. Uma escrava seria sempre uma escrava...

Perdera as esperanças, apesar de seus captores terem começado a tratá-la com uma certa deferência. Os dias passavam e se acumulavam. Assim como aumentava seu receio de não tornar a ver Sean. E, quanto mais longe fossem, fugir faria menos sentido. Pela primeira sentiu-se desanimada.

Fora presa em uma armadilha. O desalento cedeu lugar ao ódio. Contra os seqüestradores, os encapuzados do mosteiro e contra si mesma por ter sido tão ingênua. Sentia-se vazia,, solitária.

Não tinha ninguém com quem falar. Ninguém entendia sua língua e ninguém se importava com ela.

Os solavancos do navio eram fortes, e Natasha mal podia manter-se em pé.

A travessia foi ainda mais difícil quando o rio estreitou-se serpeando através das planícies. Passaram por pinheirais e por clareiras de samambaias da floresta. Chegaram a uma parte do rio onde a vegetação aquática era grande e não foi possível usar as velas. Os homens remaram, empurrando o navio ao longo das margens desmornadas. Nos locais onde o rio era raso demais, os vikings trabalharam com os escravos. Levantaram a nau e a colocaram sobre rodas de madeira. Durante horas puxaram a embarcação por um caminho da floresta até que o rio se tornasse navegável novamente. Enquanto isso, as velas ficaram penduradas. Sem vida.

Assim como ela.

O rio não acabava nunca. Serpenteava para dentro da floresta, levando-a cada vez mais para longe.

Como se fosse para compensar o clima frio e a paisagem monótona, a região possuía um grande trunfo. Um sistema extraordinário de interligação de rios. O que tornava possível viajar em quase todas as direções da grande planície.

Navegaram pelo Dvina até onde foi possível. Depois tiveram de arrastar a embarcação por terra, usando rodas grossas feitas de troncos. Foi quase meio dia de transporte por terra. Pelas margens arborizadas do rio, sobre uma ponte;, por uma trilha no mato e por um pântano até chegarem ao grande Dnieper.

Suados e esforçando-se ao máximo, Sean e os outros levantaram, nos ombros, o casco do navio para não deixá-lo atolado nas raízes do caminho. Na frente deles, outros homens ceifavam o mato com os machados.

Raízes podres e folhagens submersas eram responsáveis pelo mau cheiro que deixava tudo ainda mais opressivo.

- Cuidado com as serpentes — Ref advertiu-o.
- Venenosas?
- Mortais.

Sean moveu-se devagar. Lembrou-se de como São Patrício, havia muitos anos, afastara as serpentes do Eire.

Finalmente os dois navios voltaram para a água. Passaram pelos pinheirais e pelas clareiras de samambaias da floresta. , Os juncos pareciam saudá-los na passagem.

Devido ao grande número de florestas, a madeira era o principal material usado para as construções. As casas eram feitas de troncos, assim como na Escandinávia. As pessoas que eles avistavam do navio usavam roupas grossas com arremates de madeira para firmá-las, peles e botas compridas.

— Quem são eles? — Sean interessou-se.

— Eslavos. Ocupam a maior parte das florestas ao norte de ; Kiev e a leste de Moscou e Novgorod.

O abade lhe dissera uma vez que sacrifícios humanos eram conhecidos entre os eslavos pagãos. Dissera que a região fora encharcada de sangue humano, embora Sean considerasse aquilo um exagero.

Ref confirmou-lhe as suspeitas ao afirmar que os eslavos eram pacíficos e, como os nórdicos, exímios navegadores, embora se restringissem aos rios. Eram muito bons nadadores e conhecidos por sua habilidade em ficar embaixo da água por longos períodos. O estratagema era respirar por meio de pedaços de junco que levavam na boca. Os eslavos eram camponeses e retiravam da terra os meios de subsistência.

— Eles coexistem pacificamente com as tribos assentadas embora se envolvam em batalhas internas. Dessa maneira, os varegos consolidam sua posição.

Sean admirou-se pelo conhecimento de Ref a respeito dos eslavos e varegos.

— Vejo que tem ótimas informações sobre a região. Já esteve aqui antes?

— Olhe bem para mim. Verá traços nórdicos e eslavos. — Ref bateu com a ponta do indicador nas maçãs do rosto largas, no arco das

narinas, nos olhos negros que não combinavam com os cabelos vermelhos e a pele corada. — Eu nasci aqui e só conheci meu pai viking quando atingi a maioridade.

— Mas que maravilha! Assim poderá me contar detalhes da história desse povo.

Ref contou-lhe que os varegos, inclusive seu pai, haviam se dirigido rumo ao sul ao longo dos rios Dnieper e Volkhov. Tinham atravessado o coração das regiões eslavas que, aos poucos, foram por eles dominadas. Pela conquista pura e simples ou por insinuar-se nas classes mais ricas dos mercadores nativos

— Os eslavos não possuíam armas nem organização militar. Não puderam competir com as lâminas pesadas de dois gumes nem com as mortais machadinhas dos invasores. — Foi como aconteceu no Eire... — No começo, os eslavos lutaram contra as incursões dos varegos. Mas meu avô, entre outros, os convenceu a aceitar a Administração viking e a controlar as batalhas internas.

E assim eles prosperaram, não é? E o sinal de um povo valente.A vida na floresta é muito difícil — Ref continuou. — Por causa do frio intenso, os eslavos construía casas enterradas. O telhado ficava pouco acima do solo, coberto de terra, para funcionar como isolamento térmico. A agricultura exigiu um trabalho muito exaustivo. Clareiras foram abertas a golpes de machado e as árvores foram queimadas para servir de fertilizante. Eram comuns os casamentos por compra ou rapto da noiva. A poligamia era um hábito arraigado. Veneravam-se ídolos. Volos, rei da morte, e Perun, o deus do trovão e dos relâmpagos, semelhante a Odin.

Sean fez uma careta. Não aceitava os deuses nórdicos. Tinha esperança de converter o pai ao Cristianismo.

Ref explicou que, devido ao clima muito frio, a agricultura ' limitava-se ao cultivo de subsistência. Assim eles aproveitaram outros filões da floresta. O comércio de peles, mel e cera de abelha.

— Conheci Sèlig em Kaupang, onde eu comerciava mercadorias familiares. Ele me convenceu a ir para a sua aldeia.

Pelas conversas que escutava às margens do rio, Sean concluiu que as pessoas falavam idioma eslavo em conjunto com palavras nórdicas. Ref contou-lhe também que em Kiev se falava o nórdico puro.

A embarcação prosseguiu em seu trajeto pelo rio. As habitações eslavas lembraram-no de que eles coexistiam com os magiares no extremo sul, segundo Natasha lhe dissera.

A vontade de encontrar a amada tomava-se insuportável.

— Está pensando nela... — Ref comentou com simpatia.

— Estou.

— Ela deve ser mesmo especial para que um homem se disponha a enfrentar uma distância dessas e perigos tão grandes.

— Não existem palavras para explicar como Natasha é extraordinária nem os meus sentimentos por ela.

— Não precisa falar mais nada. Seus olhos dizem tudo. — Ref bateu-lhe nas costas, compreensivo. — Acho que eu também arriscaria a vida por um amor desses.

Aquela noite eles acamparam na margem do rio, entre duas fogueiras enormes. Sèlig e Sean aproveitaram para conversar sobre a estratégia do dia seguinte.

— O rio vai se estreitando cada vez mais até se arremessar entre enormes paredões de rocha escura. Esse trecho é traiçoeiro.

Sean imaginara que o trajeto pelo Dnieper, caudaloso e profundo, seria mais fácil.

— O perigo começa daqui para a frente — Sèlig advertiu-o. — A correnteza é forte e há uma sucessão de cachoeiras por onde não se pode navegar. Os eslavos dizem que o rio exige muitas vidas.

— Sacrifício? Sèlig anuiu.

— Teremos de parar, descarregar o navio e fazer o transporte por terra nos trechos encachoeirados. Sean percebeu a tensão de Sèlig.

— O que o está preocupando?

— Bandos de salteadores ficam à espreita e matam os incautos para roubar. Eles agem enquanto se faz o trajeto pelo solo. — Sèlig

aproximou-se do fogo. — Eu já os enfrentei antes. Mas para quem os desconhece...

— Não sou tão ingênuo...

— O perigo é grande. Teremos de contornar as cataratas uma a uma, pela mata.

— Não existe outro meio mais rápido de chegar ao destino a não ser pelo Dnieper?

— Não.

— Então enfrentarei qualquer risco.

Sean manteve o olhar fixo à frente, quando o navio se aproximou do trecho perigoso do Dnieper. O aviso de Sèlig se justificava. Ali, o rio estreitava-se entre paredões imensos de rocha e sua força poderosa comprimia-se dando origem a um canal de águas turbulentas.

— Precisaremos de homens na água para guiar o navio — Ref explicou e começou a despir-se para dar o exemplo de voluntário.

O barulho das cachoeiras era ensurdecido. Alguns tripulantes espelham-se em Ref e tiraram as roupas. Outros muniram-se de estacas grossas e posicionaram-se entre a popa e o meio. Se afundassem ali, todos seriam jogados de encontro às rochas escuras.

A embarcação entrou em águas agitadas. Os homens desnudos passaram por cima da borda e, com os pés e indiferentes à dor, detectavam as pedras escondidas sob a superfície. Corajosos ao extremo, guiaram a embarcação pela passagem estreita. Os que estavam de posse das estacas ajudaram os primeiros nas manobras. A habilidade deles ajudou Sean a evitar que o barco se espatifasse nas rochas.

A nau foi sacudida e ouviu-se o som de algo que se esmigalhava. Sean temia que os homens, na água, fossem sugados pelos redemoinhos ou ficassem presos entre a embarcação e os rochedos. Os que estavam a bordo também poderiam ser arrastados para fora, se as estacas ficassem presas na água. Se isso ocorresse, seria preciso rezar para que Baugi, o cachorro de Sèlig, pudesse salvá-los, antes que fossem arrastados para baixo.

Uma ou duas vezes o casco raspou nas pedras. Sean não perdeu a calma. Mesmo com receio, nada demonstrou.

Era quase impossível descrever a situação. A pulsação do rio podia ser percebida como se ele tivesse um coração e fosse um ser vivo. Irado. Sean imaginou que talvez fosse uma maneira de puni-lo por haver abandonado a vida monástica.

Nada disso. O que fizera estava certo. Derrotaria os perigos e seria recompensado quando Natasha o recebesse com um sorriso.

O rio tornou-se mais largo e mais profundo. Os homens voltaram para dentro do barco, que balançou de um lado para outro. Sean sentiu os nervos tensos, e sua coragem foi posta à prova. Lembrou-se dos conselhos do irmão: *A proa ficará bem elevada. O navio atravessará mais depressa o trecho restante.*

A nau foi puxada pela correnteza. O barulho transformou-se em um rugido, e a água despencava, espumando, sobre as rochas escuras. O barco foi impulsionado com força cada vez maior.

— Cuidado com a água. Ela parece ter mente e raciocinar — Ref gritou.

Em vez de medo, Sean experimentava a excitação de quem enfrentava uma batalha. Não deixava de ser uma luta pela sobrevivência. O mais importante era demonstrar coragem. Sobretudo para si mesmo.

A embarcação corria entre ondas gigantes. Os borrifos de espuma assobiavam. O estrondo da água fazia o casco vibrar. Sean não se descontrolou e continuou a demonstrar serenidade.

Atravessaram duas quedas sem maiores desastres, mas a velocidade aumentava de maneira perigosa. Sean firmou os pés no piso e agarrou-se em uma das vigas laterais. Assim mesmo foi jogado de um lado para outro. De repente, a correnteza diminuiu e terminou em águas escuras, quase negras.

Após toda a excitação, a demora para chegar a Kiev foi excessiva. E, quando chegaram lá, não foi o que Sean esperava encontrar. Tratava-se apenas de um porto com uma infinidade de embarcações amarradas no cais. Ref relacionou-as. Navios mercantes, birremes do

mar Negro e do Mediterrâneo, galés de Roma, barcos de vela latina dos árabes. E, como não poderia deixar de ser, as naus vikings.

— Aqui não é Constantinopla. — Ref percebeu o desalento de Sean. — O comércio trouxe riqueza a poucos em Kiev. A maioria da população é de agricultores que sobrevivem das safras e da criação de animais. Dedicam-se também à produção de mel. Alguns caçam e pescam. Eles têm vacas, ovelhas e porcos. Plantam trigo, cânhamo, centeio, alho, repolhos e nabos.

Ref contou que Kiev fora construída entre pântanos e florestas. Dizia-se que os lavradores eslavos cheiravam mal por causa do estéreo que empregavam no campo. Apesar disso, florescia ali, sob a administração viking, um mercado próspero de bens considerados supérfluos, além de mel e peles. O comércio incluía granjas que formaram a base das primeiras cidades.

— Como o comércio tem de ser protegido dos ladrões, a maioria desses lugares foi fortificada por mercadores-guerreiros.

— Os varegos.

— Eles estabeleceram uma nova elite que visa à proteção de seus próprios interesses. As cidades se desenvolveram e ofereceram um lugar seguro para os artesãos. Os varegos assumiram o controle sobre as rotas lucrativas de comércio da região.

Os grandes rios que atravessavam a região interligavam, por meio de afluentes e canais, o Báltico ao mar Negro. Era um convite para a expansão de comércio e poder em direção ao sul. Os varegos vendiam seus bens e serviços até na distante Constantinopla.

Viam-se em Kiev mercadores muçulmanos de Bagdá e Constantinopla que trocavam especiarias, vinhos, sedas e pedras preciosas por peles, âmbar, mel e escravos. Dessa forma, havia um mercado livre entre nórdicos, eslavos, maometanos e bizantinos.

Era um panorama caótico. Compradores e vendedores lotavam as ruas falando dezenas de línguas diferentes. Sèlig e a tripulação empenharam-se em comerciar. Sean dirigiu-se ao centro de Kiev, onde perguntou a todos se haviam visto uma jovem com a descrição de Natasha.

Em vão.

Sèlig chegou contando o que ouvira dizer. Natasha estaria sendo levada para Constantinopla.

— Mas por que tão longe? — Sean espantou-se.

— Thordis pensa em conseguir lá um preço mais alto. Segundo Gorm me disse, além da beleza, ela tem um talento especial que a diferencia das outras escravas.

Seria a habilidade como amazona?

— Como entraremos na cidade murada?

— Pela rota dos navios. Mas é preciso cuidado — Sèlig advertiu. — Thordis não pode descobrir que o seguimos, cidade é um labirinto de ruas. Ele se esconderia facilmente d nós. E poderia subornar os habitantes dos palácios para que nos façam cair em uma armadilha.

Capítulo VII

Ao ver a agitação de seus captores, Natasha compreendeu que haviam chegado a seu destino. Animados, esfregavam as mãos sem parar. Na certa, antecipando os lucros que iriam auferir com a venda dos escravos.

Até mesmo Thordis, que se mantivera afastado durante a jornada, não parava de acariciá-la, como se faz com um bem prestes a ser vendido. Enquanto ele se limitou ao rosto e aos cabelos, Natasha agüentou em silêncio. Quando o gigante tocou-lhe o busto, ela resmungou e desvencilhou-se. Irritado, ele ergueu a mão, mas desistiu de bater-lhe.

Pareceu a Natasha que Thordis e mais dois outros discutiam sobre o que fazer com ela e o preço que seria pedido. Falavam muito em um tal de Demétrius. Talvez fosse seu novo dono.

Dono, mas não senhor!

Natasha virou-se de costas e endireitou os ombros, decidida a manter o orgulho, custasse o que custasse.

Em meio a gritos e imprecações, a vela foi enrolada e os remadores entraram em ação. A nau aproximou-se da costa lembrando um monstro alado. Cabeça de dragão e os remos como asas abertas.

A primeira impressão do litoral era tratar-se de uma parede de pedra sem fim, dividida em intervalos irregulares com portões. Na certa, uma precaução para manter os indesejáveis do lado de fora.

A embarcação passou por uma ponte em arco transversal ao porto, depois por dois portões fortificados, onde lhe barraram a entrada. Natasha sorriu. Talvez Thordis não fosse tão bem-vindo como supusera.

O porto estava atulhado de embarcações. Uma verdadeira frota de navios mercantes e pesqueiros, além de outros com mais de uma vela; havia também pequenas cabanas no deque. Natasha nunca vira um porto daqueles. Todos se dirigiam a outro portão. Thordis desfez-se de muitas de suas preciosas moedas de ouro e conseguiu permissão para passar.

A embarcação atracou, e Natasha foi empurrada para dentro de uma carroça muito ornamentada. Passaram por uma rua pavimentada, e até mesmo os caminhos pareciam decorados.

Ela espantou-se com a grandiosidade de Constantinopla. Pelo menos era esse o nome da cidade que Thordis mencionara várias vezes. As edificações altas eram magníficas. Os telhados arredondados terminavam em pontas, que se refletiam nas águas que rodeavam a cidade. Natasha achou que o termo *reino j da fantasia* era perfeito para descrever a cidade.

Pessoas de todos os tipos, cores e tamanhos andavam de um lado para outro. Os trajes eram os mais exóticos. A maioria usava linho e peles. Muitos exibiam túnicas longas e capas luxuosas, mais coloridas de que um arco-íris. Bordados em ouro e prata refletiam o sol e deixavam

os trajes brilhantes. A profusão de jóias lembrava a quantidade de estrelas no céu.

Era um lugar lindo. O litoral, as construções e as pessoas eram fascinantes. Natasha gostaria que Sean estivesse a seu lado para admirar tudo aquilo.

Não conteve as lágrimas. Nem mesmo sabia o que lhe aconteceria ali.

Escortada por Thordis e alguns homens da tripulação, passou por enormes construções de pedras, oficinas de artesãos e por um mercado ao ar livre, multicolorido. Viu carroças puxadas por burros, carruagens levadas por dois cavalos, camelos com sela e ocupantes. Natasha estranhou as cadeiras enfeitadas e cobertas que os escravos levavam nos ombros por meio de varas. Eram usadas para carregar pessoas. Havia também cavaleiros muito bem vestidos que seguiam seu caminho, imponentes. Transeuntes misturavam-se aos animais e às carroças.,

Natasha achou que sua roupa assemelhava-se aos andrajos dos mendigos que esmolavam pelas ruas cobertas de pedras. Não entendeu por quê, em um mesmo local, houvesse tantos abonados e outros tão miseráveis.

A carruagem parou diante da entrada de uma grande construção. Thordis gritou e o portão foi aberto por um jovem de pele negra. Natasha foi empurrada para fora do veículo e todos tiveram de aguardar em um grande saguão.

Ela não se cansava de admirar a opulência que a rodeava. Pisos de mármore, paredes revestidas de mosaicos coloridos. Pilares entalhados e esmaltados que suportavam os arcos. Tirou um sapato e experimentou o chão. Achou-o duro demais.

O homem negro voltou e levou-os por corredores com o piso coberto com ladrilhos variegados. Os corredores rodeavam um pátio com uma fonte e uma infinidade de arbustos floridos. Atravessaram uma porta e chegaram a um recinto decorado com cortinas de seda e tapetes árabes. O homem alto, macilento, barbado e de cabelos grisalhos que os aguardava era tão enfeitado quanto o resto.

Thordis fez uma reverência e murmurou uma saudação a quem chamou de Demétrius.

Que tipo de homem seria ele? Por que Thordis a trouxera até ali? Escondida na sombra, Natasha não encontrou respostas.

O homem adiantou-se e olhou-a de cima a baixo. Falou com Thordis em um idioma estranho que não era o nórdico. Ergueu as mãos, e Natasha esperou as indignidades com que se avaliava uma escrava.

Nada disso aconteceu. Demétrius segurou-lhe as mãos e examinou-as, sempre falando com Thordis. A um sinal seu, um escravo trouxe pergaminho, tinta e um remígio. Ele entregou os itens para Natasha e cruzou os braços. Esperando.

Natasha entendeu que, se fosse bem-sucedida no que esperavam dela, poderia livrar-se de Thordis. Fechou os olhos e tentou lembrar-se da página escrita que copiara tantas vezes. Abriu os olhos, mergulhou a ponta do remígio na tinta e, com extrema cautela, transcreveu as letras latinas das quais se recordava.

Triunfante, Thordis riu. Depois estendeu a mão em um gesto que não deixava dúvidas. Queria o pagamento. Demétrius não hesitou e cumpriu o acordo. Natasha espantou-se ao ver a quantidade de moedas que trocava de mãos.

Saber escrever valorizava mesmo uma pessoa! Ah, como sentia falta de Sean, a quem respeitava cada vez mais!

Demétrius tocou um sino, e várias jovens escravas correram. Loiras, raivas, algumas morenas e duas ou três com cabelos castanhos. A pele de algumas era pálida, de outras, dourada. Poucas eram negras. Elas a rodearam, rindo, e começaram a puxá-la.

Natasha sentiu-se mais conformada.

As escravas a levaram por vários corredores até chegar a um pequeno jardim murado e florido, onde se ouviam o canto dos pássaros e o ruído da água de uma fonte. Dali foram a um recinto onde cortinas de seda cobriam as paredes e rodeavam uma grande cama oval.

Em uma pequena alcova do aposento principal, havia uma banheira de mármore onde jorrava água como se fosse da fonte. Pétalas flutuavam na superfície da água perfumada.

Natasha suspirou, exausta. Nem protestou quando começaram a despi-la. Estava mesmo suja. Deixou as roupas no chão e prendeu os cabelos com os pentes que as moças lhe entregaram. A água do banho era fria, e uma das escravas apressou-se a despejar água quente.

As moças ajudaram-na a banhar-se. Dessa vez, Natasha não teve medo da água. Depois de tantos dias no mar, perdera o receio e regozijou-se com o prazer da água tépida. As escravas lavaram-lhe o corpo. Depois retiraram os pentes e esfregaram-lhe os cabelos.

Natasha sentiu-se frustrada por não entender uma só palavra do que diziam para ela. As moças falavam línguas diferentes uma da outra. Contudo pareciam ter uma linguagem em comum que Natasha decidiu aprender. Palavras simples e sinais.

Uma das moças entregou-lhe um espelho de prata polida.

Só então Natasha percebeu como sua pele estava seca, o nariz vermelho e os cabelos esbranquiçados por causa do sol.

— Eu a ajudarei. — Uma das mais jovens ofereceu-se para procurar um creme para o rosto.

Embora a moça não falasse a língua magiar nem a eslava, usava um dialeto semelhante. Contou para Natasha que era originária do norte. Finlandesa. Ela falava devagar para ser entendida.

Natasha simpatizou com a moça e sentiu seu isolamento ceder.

— Que lugar é este? Quem é Demétrius?

— Bem... ele é um homem que gosta de colecionar coisas belas. Pássaros, plantas que dão flores...

— E mulheres? A rapariga anuiu.

— O que acontece quando uma mulher não quer ficar aqui?,. O silêncio da outra foi eloqüente. Não havia escolha. Encontravam-se engaioladas, embora a gaiola fosse de ouro.

Natasha afundou na água e entregou-se a reflexões. Thordis e Demétrius presumiam que ela sabia escrever. Se Demétrius' descobrisse a verdade, descontaria nela o desapontamento? Sentou-se.

— Qual é seu nome?

— Dayna.

— Dayna, existe uma maneira de escapar daqui? Dayna negou com gestos lentos de cabeça.

— Durante o dia somos vigiadas por guardas. À noite ficamos trancadas.

Então ela não passava de uma prisioneira, com poucas oportunidades de escapar.

— E quanto às outras? Quantas mulheres estão aqui? Nunca nenhuma fugiu?

— Fugir... — A expressão dela dizia que ninguém ainda tentara. — Agora, com a sua presença, somamos cinqüenta jovens. Cada uma de nós tem um talento especial que nos torna únicas. — Dayna corou. — Demétrius gosta da maneira como eu lhe massageio o pescoço e os braços.

— E as outras? — Natasha aceitou um pedaço de bolo e uma taça de vinho tinto oferecidos por Dayna.

Dayna indicou algumas.

— Zoe é perita em curar. Chantel dança com muita graça, Eudora canta com voz angelical. Odélia sabe pintar. Tânia toca harpa e Pia, flauta. — Dayna continuou apontando as moças e descrevendo as aptidões de cada uma.

Natasha levantou-se e imediatamente foi coberta com toa-lhas. Ajudou as moças a enxugá-la e enfiou os braços na túnica leve e brilhante que Dayna lhe entregou.

— Não irei para a cama com ele, Dayna...

— A escolha não é sua — Dayna sussurrou e amarrou-lhe uma fita na cintura.

Levou-a até a cama, afastou as cobertas e Natasha deitou-se em lençóis de seda.

— Eu amo uma pessoa. Eu jamais poderia...

Natasha não conseguia manter os olhos abertos. O quarto começou a girar. *O vinho!* Ela adormeceu em instantes.

Natasha acordou assustada e encontrou Dayna em pé, ao lado da cama. Lembrou-se de tudo. Até da conversa com Dayna.

— Por quanto tempo estive adormecida?

— Bastante. Já é de manhã.

— O quê? Natasha levantou-se e aceitou a túnica comprida azul-claro com mangas longas e apertadas que Dayna lhe estendia. A mirou-se com a maciez do tecido.

— É seda. O material é tecido por larvas.

— Larvas? — Natasha fez uma careta de nojo. Dayna deu risada.

— É um milagre da Virgem Maria que criaturas repugnantes possam criar tanta beleza.

Natasha vestiu a roupa pela cabeça e aceitou outra túnica que Dayna lhe oferecia. Essa era mais curta, mais grossa e corri mangas largas que chegavam até os cotovelos. Em tom mais claro, era bordada em ouro.

— Esse tecido eu conheci aqui — a moça explicou. — Chama-se brocado. As sapatilhas são de veludo.

O traje e o calçado eram suaves e frios, Natasha constato enquanto escovava os cabelos diante do espelho de prata que Dayna segurava.

Dayna conduziu-a até o pátio interno. Natasha reparou no canteiros muito bem cuidados, nas árvores e nos arbustos fio ridos, apesar de estarem no outono. O perfume das flores é inebriante e o canto dos pássaros, uma melodia encantadora.

— Está com fome? — Dayna perguntou.

Natasha só se lembrou disso ao ver a mesa servida sobre uma toalha de linho. Travessas e tigelas com iguarias variada' fizeram seu estômago roncar.

Ao redor da mesa, havia várias jovens, e ela hesitou diante de algumas que ainda não conhecia.

— Sente-se a meu lado — Dayna sugeriu.

Natasha não se fez de rogada. Faminta, serviu-se de pedaços de pão doce, fatias de frutas e outras guloseimas. Mastigou ruidosamente. De repente percebeu que as outras não comiam e a observavam. Corou e largou um pedaço de queijo no prato.

— Por que elas não estão comendo?

— Porque devemos primeiro orar agradecendo pela comida e por vivermos em uma cidade onde tudo é tão abundante.

— Ah...

Natasha lembrou-se dos monges e das freiras, que murmuravam antes de comer. Abaixou a cabeça e esperou todas terminarem as orações. Depois não perdeu tempo. Pegou um pedaço de bolo recheado com frutas. Uma verdadeira delícia. Disse para si mesma que ali as pessoas sabiam agradar ao estômago.

Dayna entregou-lhe uma xícara com uma bebida fumegante.

— Experimente. É chá. Vem do Oriente. Da China, terra de May Ling. — Dayna apontou uma mulher com cabelos negros, pele dourada e olhos puxados. — Alguns costumam adoçá-lo. Eu prefiro tomá-lo com leite.

Natasha adicionou leite e mel. O sabor agradou-lhe. Tomou tudo e pediu mais. Algumas das jovens arrotavam atrás da palma das mãos.

— Dayna — Natasha perguntou, depois de comer —, eu sou uma prisioneira aqui?

— Não. Demétrius diria que é uma convidada.

— Não sou uma escrava? Dayna hesitou.

— Não exatamente... — Ofereceu-lhe um pedaço de doce em calda. — Temos liberdade de circular pelo palácio. E haverá sempre uma liteira e escravos à sua disposição.

— O que é liteira?

Dayna explicou que se tratava de uma cadeira coberta por cortinas e carregada por meio de varais. Natasha pensou em uma pequena carroça com pernas humanas, em vez de rodas, e lembrou-se de ter visto algumas na rua.

— E se eu quiser sair para ver a cidade?

— Não se pode deixar o palácio. Constantinopla é a cidade mais rica do mundo, onde existe muita depravação. O perigo é enorme.

— Que tipo de perigo?

Dayna olhou ao redor. Natasha teve a impressão de que a nova amiga não confiava em todas as outras mulheres. Confusa, não chegou a nenhuma conclusão sobre a conversa que tivera com Dayna. Comparou-se com os pássaros que gorjeavam no pátio. Tinham as asas cortadas para não fugir. Temeu que algo similar e sinistro lhe acontecesse.

Mas o quê?

As duas naus deslizavam pelo vasto rio. Sean observou as águas mudarem de cor, de escuras a quase brancas, quando as embarcações passaram sobre saliências submersas de arenito e de calcário.

Fora uma viagem horrível, com várias cachoeiras no caminho. A última havia custado a vida de dois homens, quando a proa afundara. Fora terrível vê-los serem levados pela correnteza e sentir-se impotente para agir. Baugi fizera uma tentativa corajosa para resgatá-los, e os uivos de desespero por não conseguir foram comoventes.

Depois da tragédia e da experiência exaustiva de andar pela terra arrastando o navio, Sean agradeceu a Deus por estar navegando novamente em um canal largo e profundo, e pelo vento estável que permitia um deslocamento rápido.

O perigo não terminara. Quando alcançaram a entrada do mar Negro, o tempo mudou. Uma tempestade se aproximava. O mar ficou

turbulento, e o vento forte revelou-se um inimigo formidável. De longe, Sean podia escutar as ordens de Sèlig para a tripulação. Todos os recursos eram usados. Os balanços eram tão grandes que a mastreação e o massame ameaçavam ruir. Sean também gritava orientações a seus comandados.

De repente, o deque afundou sob seus pés. A fúria da tempestade insistia em romper as cordas e rasgar a vela. A grande nau viking atingiu um nível muito baixo e a tripulação lutava para mantê-la flutuando. A espuma voava alto e lavava o navio. Ondas gigantes atacavam e envolviam tudo, ajudando a embarcação a afundar. Os marinheiros empreenderam uma luta cuja coragem vinha do desespero. Muitos usavam baldes para tirar a água acumulada no convés.

Sean assumiu seu lugar na popa, movendo com força a cana do leme para evitar que o navio virasse. Nisso a chuva despencou com intensidade assustadora. A batalha pela sobrevivência exigiu todas as forças dos que estavam dentro do *Cabeça de Lobo*, que ameaçava submergir.

— Kodran! — Sèlig chamou de sua embarcação. — O mastro está começando a quebrar!

O aviso foi providencial. O mastro quebrou-se, girou e por pouco não atingiu as costas de Sean.

— Obrigado, irmão. — Sean virou-se e, horrorizado, testemunhou uma onda gigante quebrar uma viga da outra nau.

— Sèlig, cuidado!

Tarde demais. Com um estrondo, a viga mudou de direção e atingiu em cheio a cabeça de Sèlig, que foi atirado no mar.

— Sèlig!

Sem pensar em mais nada, Sean arrancou o colete e o cinto de couro. Da amurada, atirou-se no redemoinho das águas. Acreditou que seus pulmões fossem estourar. A queimação no peito era insuportável. Era preciso impedir que a água salgada entrasse nos pulmões, ou estaria perdido.

Ignorou o mar gelado e fez um esforço supremo para manter-se na superfície, mas foi arrastado pelas fortes correntes marinhas. Lembrou-se do medo que Natasha tinha da água e sentiu o mesmo.

Por favor, meu Deus, ajude-me!

Não soube dizer onde conseguiu a energia que o fez voltar à tona. Inspirou fundo. Apesar da água salgada que fazia arder os olhos, arregalou-os de maneira desmedida e perscrutou a superfície.

Deus abençoado, onde estará meu irmão?

Não viu sinal de Sèlig. Nenhuma pista. Era como se fora tragado pelo mar.

A batalha contra as correntes deixara Sean exausto e arfante,. Mas nem isso o impediu de nadar com intrepidez na direção do vulto que percebeu a distância. Era Sèlig. Baugi também pulara e tentava salvar o dono.

Sean agarrou Sèlig pelo braço e puxou-o na direção do *Cabeça de Lobo*, tossindo e engolindo água. Com Baugi ao lado . deles, alcançaram a embarcação e foram retirados da água por meio de cordas.

— O que estava fazendo dentro da água? — Sèlig franziu a testa e passou a mão pelos cabelos molhados.

Sean tossiu bastante, antes de responder:

— Ora, essa é boa! Eu o estava salvando.

— E desde quando preciso ser salvo? Já caí na água uma dezena de vezes e sempre encontrei o caminho de volta. — Sèlig fitou-o com olhar ameaçador. — Pois para mim parece que o senhor é quem precisa ser salvo!

— Nada disso teria acontecido se a viga não tivesse batido na sua cabeça e o atirado para fora!

Sean tirou as roupas molhadas e trocou-as por secas, que pegou na arca de madeira.

— Eu pulei para evitar que se afogasse!

— E se não fosse por Baugi, o meu salvador é que teria se afogado! — Sèlig tirou a roupa, enxugou-se e vestiu uma túnica seca. — Ele o salvou!

— Ele me ajudou a salvá-lo. Eu me salvei sozinho!

De imediato os dois começaram a rir, ao entender a tolice da discussão.

— Não importa quem salvou quem — Sèlig deu um tapa amigável nas costas de Sean. — O importante é que estamos sãos e salvos. Eu não suportaria perdê-lo, Sean.

— E eu não me perdoaria se algo lhe acontecesse, Sèlig. Afinal, veio até aqui por minha causa.

— Nada disso. Eu vim por dois motivos. Para ajudá-lo a encontrar a mulher amada. E também por um propósito egoísta. Riquezas! As mercadorias encontradas em Kiev e Constantinopla ultrapassam a nossa imaginação.

Depois disso, Sèlig ficou no *Cabeça de Lobo*, e os irmãos lutaram juntos contra a tempestade. Quando o vendaval amainou, eles foram para a proa e permaneceram muito tempo conversando a respeito de vários assuntos. A infância de cada um, o pai, as mulheres amadas e o que fariam uma vez que alcançassem Constantinopla, a rainha das cidades.

Sean estava exausto por causa da longa viagem. A pele ardia, queimada pelo sol, pelo vento e pela água salgada. Se o vento enfraquecia e era preciso remar, ele se juntava aos remadores. Impulsionar os remos muito pesados causara-lhe dor nos músculos dos braços, das pernas e das costas. Ainda assim, quando a nau alcançou o estreito de Bósforo, entre o mar Negro e o de Mármara, sentiu-se mais animado do que nunca.

Constantinopla, localizada na região do antigo porto colonial grego de Bizâncio, fora erguida em um trecho de fácil defesa. Uma pequena área triangular de terra na costa europeia do estreito de Bósforo. Ao norte situava-se a foz de um pequeno rio, o Corno de Ouro, que formava o único ancoradouro natural da região. Ao sul, estendia-se o

mar de Mármara, que, se ligava ao Mediterrâneo pelo estreito de Dardanelos.

Constantinopla sempre fora a cidade dos sonhos de Sean. Ao aproximar-se, viu que era muito mais do que imaginara.

Situava-se na encruzilhada das grandes rotas comerciais marítimas. Por terra, era o caminho entre a Europa e a Ásia Oriental. Com um duplo cinturão militar, os muros de Constantino e de Teodósio, e importantes fortificações, Constantinopla transformara-se em uma cidade-fortaleza impenetrável que controlava as linhas mais importantes de comunicação entre os mundos europeu e asiático.

Sean sabia que Constantinopla era a maior cidade, a mais rica e a mais desenvolvida culturalmente de toda a Europa. Símbolo do Cristianismo Ortodoxo, contava com a catedral de Santa Sofia, que era o coração da fé cristã do Oriente. Uma verdadeira capital religiosa. E capital política, por conta do imperador Constantino, que a tornou capital do Império Romano em 330 d.C.

A nau passou sob uma ponte em arco e Sèlig descreveu Constantinopla como uma cidade de palácios magníficos, avenidas largas e arborizadas, mercados a céu aberto e galerias lotadas de artesãos. Ao mesmo tempo havia cinturões de pobreza e vielas atoladas em lixo.

Pelos seus estudos, Sean aprendera que essa era uma cidade de contradições: centro de um grande império cristão, mas sua riqueza fora gerada por práticas comerciais pagas. Era um local onde a santidade caminhava lado a lado com a intriga e a maldade. Uma cidade misteriosa, exótica e bela. Sean disse a si mesmo que não descansaria enquanto não localizasse Natasha, independentemente das dificuldades que aparecessem na sua frente.

No porto, uma infinidade de barcos mercantes e pesqueiros. Na passagem, Sean prestou atenção em cada um deles. Finalmente viu a cabeça enorme de uma serpente e a vela branca e vermelha.

— O navio de Thordis!

A nau encontrava-se deserta. Onde estaria Thordis?

Sean deixou o *Cabeça de Lobo* atrás do navio de Thordis para impedir que o viking saísse da cidade. Foi com Sèlig até outro embarcadouro, onde ancoraram o barco do irmão. Atravessaram avenidas largas, passaram pela igreja de São Salvador e sob o grande aqueduto de Valens.

Atrás dos muros, a confirmação do que Sean lera sobre cidade. Uma impressionante estrutura urbana. Palácios magníficos. O Hipódromo, um circo monumental em cuja arena se realizavam corridas de bigas, caçadas, espetáculos teatrais, acrobacias, organizadas pelo governo imperial.

Como na Roma Antiga, havia aquedutos e cisternas. Entre estas, a das mil e uma colunas. O governo municipal e a Igreja Ortodoxa encarregavam-se das necessidades sociais e sanitárias da população.

Embora não fosse o pico da estação de comércio, as ruas estavam lotadas de compradores e vendedores que falavam numerosos idiomas. Sean notou gregos, armênios, búlgaros, judeus, turcos, khazars, sírios, eslavos e egípcios. Além de mercadores e guerreiros da Escandinávia, Rússia, Itália e Arábia. Um dos monges de Armagh estivera em um mosteiro daquela cidade imperial. Contara a Sean que os habitantes contavam com brigadas de incêndio, sistema de encanamento e esgoto, hospitais e banhos públicos. Estes, desconhecidos no restante da Europa. Mercados ao ar livre incentivavam o comércio. Numerosos mosteiros forneciam comida, abrigo e cuidados para os carentes. Era uma cidade baseada nas glórias do passado, embora estivesse adiante de seu tempo.

— Se quer encontrar Thordis, siga-me, Kodran! — Sèlig levou o irmão até o mercado de escravos.

Sean sentiu-se enojado ao ver os infelizes nus e sendo examinados como animais pelos possíveis compradores.

— É um negócio odioso, e Thordis é um homem nojento!

— Eu que sei!

— Ele o vendeu como escravo?

— Pelo contrário. Thordis me ajudou depois de eu ter fugido. Nós nos tornamos amigos. A amizade terminou quando ele insultou minha

esposa. Thordis capturou o homem que havia me escravizado. Ele o trouxe ao povoado como presente para mim. — Sèlig suspirou. — Para encurtar a história, o homem era parente de Gwyneth, minha esposa. Quando ele fugiu, Thordis insistiu que ela o tinha libertado e exigiu que fosse punida. Durante um tempo a tranquei em uma despensa. Quando Gwyneth me garantiu que era inocente, soltei-a. Thordis e eu lutamos, de acordo com o costume viking, para que eu pudesse limpar a honra de Gwyneth.

— Antes amigos, agora inimigos.

Sèlig não respondeu, atento à procissão que entrava na área.

— Ali está ele!

Sean virou-se, espumando de ódio. Onde estaria Natasha? O que o bandido fizera com ela? Sem refletir, esgueirou-se por entre a multidão, dando cotoveladas e empurrões, e postou-se diante de Thordis.

— O que fez com Natasha?

Thordis não o reconheceu de imediato, mas não demorou mais que alguns segundos para lembrar-se.

— Eu a vendi. — O riso foi sardônico. — Atrasou-se para o lance, camarada!

Sean explodiu de tanto ódio. Antes, talvez não fosse páreo para Thordis, mas depois de passar semanas remando e arrastando o navio pela lama, nunca se sentira tão forte.

Sean e Thordis rolaram no chão, porém o resultado era previsível. A fúria de Sean lhe conferia uma força sobre-humana.

Apertou o pescoço de Thordis até o homem começar a tossir, engasgado.

— Onde está ela? — Sean apertou mais, pois Thordis não respondeu. — Estou lhe perguntando mais uma vez. Onde está ela? Para quem a vendeu?

A resposta veio em um sussurro:

— Demétrius...

Natasha parou na entrada do jardim, antes de caminhar até a fonte de pedras brancas. O sol da manhã aqueceu-lhe os ombros desnudos. Escutou o gorgolejar da água que brotava da boca do golfinho esculpido e se derramava na bacia abaixo. Embora apreciasse a companhia das outras jovens, havia momentos em que preferia ficar sozinha para lembrar-se de quem era no passado. Não gostaria de tornar-se uma pessoa fútil, por estar vivendo em meio a tanto luxo.

Ainda era a mesma, interiormente. Tinha coragem, energia e tenacidade.

Entretanto, percebia uma mudança gradual em suas atitudes. Acabara se acostumando aos cabelos, que haviam sido clareados. Não os usava mais soltos, e sim cacheados e presos ao alto, à moda grega. Algumas vezes pulverizavam-nos com talco e pó dourado para que brilhassem. Ou então eram penteados com armações de ouro.

Nos lábios, óleo de palmeira com sedimento de vinho para deixá-los mais vermelhos. No pescoço e nos ombros, cré pulverizado. Não gostava das pastas que as outras passavam no rosto, mas permitia que Dayna lhe aplicasse uma sombra marrom-escura ao redor dos olhos e outra azul-clara nas pálpebras. Havia feito furos em suas orelhas para que pudesse usar brincos.

Cerrara os dentes e agüentara, sem gritar, quando Dayna espetara-lhe agulhas em brasa nos lóbulos das orelhas. Fora um sacrifício em prol da vaidade.

Nas estepes, e mesmo ao lado de Sean, não tivera tempo de dar atenção à aparência. Naquela mansão, contudo, o passatempo favorito das mulheres era enfeitar-se de mil maneiras diferentes, na frente dos espelhos dourados. Elas enfiavam os dedos nos mais variados frascos e experimentavam todas as cores no rosto. Passavam *kohl*, uma espécie de pó negro, para delinear os olhos e escurecer os cílios. Os mamilos e as unhas eram tingidos com hena. Tinham também um hábito estranho: avermelhavam a palma das mãos para evidenciar a brancura da pele.

— Se me visse agora, Sean não me reconheceria — Natasha sussurrou.

Os trajes eram de brocado e seda. Túnicas e dalmáticas, segundo lhe haviam dito. A túnica tinha mangas largas que terminavam na altura dos cotovelos. A barra e as mangas possuíam bordados e sutaches feitos com fios de ouro. A capa longa e branca, também bordada com fios de ouro, terminava em uma cauda que era carregada no braço esquerdo. Nos pés, sapatilhas de veludo. Usava também colar e brincos.

Natasha disse a si mesma que se sentia perturbada por encontrar-se em meio a tanto esplendor e beleza física. Era uma atmosfera quase sinistra. E a inatividade a enervava. Não gostava de ficar trancada. Queria sair e ver o que se passava do lado de fora.

Quanto mais o tempo passava, mais sentia falta de Sean. Muitas vezes não conseguia dormir, apesar do luxo dos lençóis de seda na cama larga. Desejava estar nos braços do amado e poder compartilhar tudo aquilo com ele.

— Natasha, o que está fazendo aqui sozinha? Vamos entrar. Ela fizera progressos no aprendizado da linguagem que as outras usavam para comunicar-se. Um dialeto criado por elas que mesclava grego, nórdico e árabe, além de palavras de outros idiomas. Primeiro aprendera a pronunciar os nomes de objetos específicos, depois a expressar frases inteiras.

Seguiu a jovem até a área de refeições. Sobre a mesa, cestas com romãs e uvas, pão de trigo e queijo branco. Várias jovens já estavam sentadas. Usavam túnicas soltas brancas ou coloridas. Algumas estava descalças, outras usavam sandálias. Três vestiam calças largas e jaquetas curtas. Uma tinha o rosto coberto por véus. Todas enfeitadas com braceletes de ouro e prata, anéis e brincos. Os sussurros e os risos cessaram quando Natasha sentou-se em uma almofada junto à porta.

Ela comeu rapidamente e repreendeu-se pela pressa. Afinal, nada tinha para fazer depois.

— Demétrius... mandou... chamá-la? — Dayna balbuciou, enquanto comia as uvas.

— Não.

Pela maneira como o homem a olhava sempre que Natasha passava por ele, ela entendeu que o dia do sacrifício estava próximo. A

idéia a deixava enojada, e Natasha pretendia evitar qualquer intimidade com o sujeito. Jamais aceitaria um substituto para o homem a quem amava.

Por outro lado, mesmo que não amasse Sean, não seria Demétrius quem iria despertar-lhe interesse. Entre outras coisas, era velho e fisicamente repulsivo. Estremecia com o olhar dele e com o toque de suas mãos.

— Ele mandará... — Dayna informou-a de que haveria um banquete para homenageá-la. — Será servido pernil assado de carneiro envolto em folhas de parreira e com molho de amêndoas.

O pai de Natasha dizia que carneiro assado era um prato digno de reis. Por isso ela não entendeu os risinhos maliciosos das outras.

Havia ciúme e rivalidade entre aquelas mulheres. Isso Natasha percebera desde o começo. Algumas não se separavam de pequenas tesouras em que havia jóias incrustadas e que possuíam extremidades pontudas. Uma estocada com uma daquelas armas disfarçadas poderia ser tão fatal como um ferimento por faca.

— O banquete deveria ter sido preparado antes, mas Demétrius precisou ser cauteloso.

— E por quê? Dayna ergueu uma das sobrancelhas escurecidas com *kohol*.

— Parece que houve uma luta no mercado de escravos. E violenta, segundo me disseram.

— Mas...

— O homem que provocou a confrontação queria saber do seu paradeiro.

O coração de Natasha bateu em descompasso e ela não pôde conter um intenso tremor. Seria possível que fora Sean?

Demétrius. O nome martelava nos ouvidos de Sean. *Por que não poderia ter sido um simples mercador? Por que tinha de ser um homem de condição social superior? E ainda por cima da casta imperial? Tudo se tornara muito mais difícil.*

O palácio era o centro político do império. Os bizantinos afluíam para a corte imperial em busca de poder. Isso porque a classe imperial era a única distinção reconhecida de *status* na sociedade deles. Funções imperiais conferiam riqueza. Demétrius tinha um título hierárquico de estirpe superior. Era um *patrikios*. Embora sem nenhuma função definida na corte, os patrícios eram figuras importantes e faziam parte da aristocracia.

Sean escutou o ronco do guarda com quem dividia o quarto. Ele mesmo se tornara uma sentinela contratada por Demétrius para proteger o palacete e os portões que aprisionavam sua coleção de mulheres, entre elas Natasha. Desistira de comprar Natasha dele, depois de ficar sabendo que Demétrius não se desfazia das mulheres que adquiria. Por isso lhe ocorrera a idéia de empregar-se como guarda. Assim poderia vigiá-la.

A maioria dos vigilantes da cidade eram nórdicos, russos, eslavos, turcos e gregos. Sean resolvera manter sua herança em segredo. Era uma maneira de prevenir-se caso suas intenções de resgatar Natasha fossem alardeadas por Thordis. Por isso adotara o nome, as roupas e a aparência de um turco. Os cabelos escuros e a pele bronzeada eram um ótimo disfarce.

Para exercer suas funções, Sean usava botas de cor marrom até os joelhos, calça larga carmim, amarrada onde terminavam as botas, e túnica de lã castanha que alcançava o meio das coxas. Também usava um corpete que se amoldava ao tórax e um elmo com crista de metal e abas largas. Em cumprimento do dever, usava o elmo para esconder o rosto. Não poderia ser reconhecido como o homem que causara o pandemônio no mercado de escravos.

Continuava obcecado pela idéia de encontrar Natasha.

Sèlig, Ref e Sean haviam elaborado um plano para resgatá-la. As pessoas da cidade usavam palanquins para locomover-se. Poderiam tirar Natasha da mansão e fazê-la entrar em um desses caixotes providos de cortinas. Depois só teriam de correr até a embarcação e levantar âncora de imediato.

Sean continuava ansioso, determinado e impaciente.

Familiarizara-se sem demora com o palacete de Demétrius. Eram três construções interligadas, a maior na frente da rua e a menor perto do alto muro dos fundos.

As duas primeiras tinham três pavimentos construídos com jardins e pátios internos. A terceira era literalmente um retângulo rés-do-chão de frente para um jardim murado. No térreo do primeiro prédio, encontravam-se os gabinetes de Demétrius, as salas de recepção, um salão de jantar, mais quatro salas menores para refeições informais e outros recintos para entreter os hóspedes. Nos pisos superiores, os aposentos pessoais de Demétrius, de seus filhos, de convidados e de escravos masculinos.

Natasha fora encarcerada no terceiro andar, junto com as outras jovens. Os acessos eram guardados por eunucos gigantes, armados e ameaçadores.

Naquela manhã, Sean se reunira ao grupo que praticava com espadas e lanças. Depois de cinco horas de exercícios, caminhara pela passarela e chegara ao pátio rodeado por terraços.

A distância, vira Natasha junto ao poço. Apesar do penteado e do traje bizantino, ele a reconheceu de imediato. Sozinha, contemplava a água que jorrava do golfinho de pedra e que procedia de um aqueduto da cidade, herança dos romanos. Meditativa, não parecia infeliz.

Transtornado ao vê-la, foram necessários alguns momentos para recuperar-se. O primeiro impulso tinha sido correr para abraçá-la. Mas uma demonstração de emoções não ajudaria ninguém.

Era permitido aos guardas encherem seus cantis e beber água da fonte. Essa desculpa, entretanto, não lhe permitia falar com ela. Teria de aproximar-se com muita cautela. Não chegou a dar mais de dois passos. Natasha foi levada por outra jovem que viera ao seu encontro. Com o coração despedaçado, ele a vira sumir atrás da porta. Depois de algum tempo, Sean voltara ao seu dormitório.

Não conseguia dormir com o ressonar do outro. Tenso, deixou o quarto e empreendeu uma caminhada para relaxar. Parou sobre o parapeito e espiou o andar térreo pavimentado com mármore branco rodeado por estátuas entre heróicas e bizarras. Desceu um lance de

escada íngreme utilizada apenas pelas sentinelas. Parou ao ver um das estátuas mover-se. Agachou-se atrás do parapeito, pronto para atacar.

— Kodran... — Era Sèlig.

O irmão ocultou-se nas sombras.

— Está tudo arranjado para amanhã à noite.

Quando criança, Natasha recebera um presente dos irmãos. . Um belo pássaro canoro. Ela o prendera em uma gaiola de madeira e cuidara dele com todo o carinho. A ave nunca mais cantou. Um dia, amanheceu morta.

— Tasha, os passarinhos são criaturas da natureza — o pai lhe dissera ao vê-la chorar. — Eles precisam de liberdade.

— Mas eu cuidei tanto dele e lhe dei muito amor...

— Tasha, minha querida, isso não é o suficiente. A liberdade é o bem mais precioso.

Como eu gostaria de ser livre!

Sentada no jardim em um banco de mármore, Natasha entendeu a profunda verdade das palavras do pai. Ela não era como Dayna, Eudora, Tânia, Zoe ou Pia. Jamais alcançaria a felicidade naquele palácio. Observou dois passarinhos pularem de galho em galho, gorjeando, felizes. Ali, sozinha, respirando ar puro e o aroma das flores, sentiu-se um pouco mais aliviada.

Gostava de tomar sol, da brisa que lhe acariciava o rosto e de escutar o rumor da água da fonte. Ali no jardim, sempre sentia uma nova onda de otimismo e esperança.

Um casal de canários amarelos fazia o ninho em uma das árvores. Trabalhando juntos, criavam um lar minúsculo. O que a fez pensar mais uma vez em Sean. Embora não houvessem passado muito tempo juntos, ele jamais sairia de seu coração.

Cerrou as pálpebras. Era como se Sean estivesse a seu lado. Uma presença forte. Teve uma intuição estranha. Se abrisse os olhos, poderia vê-lo.

— Natasha...

Ela sorriu. Sempre tivera uma imaginação fértil.

— Tasha...

Descerrou as pálpebras. Atrás de uma árvore, um homem a observava. Estreitou os olhos por causa do sol, mas eleja havia sumido.

— Natasha! — Dayna viera procurá-la e mostrava-se irritada, o que não era habitual.

— O que aconteceu?

— Foi... Eudora. Ela me irritou ao extremo.

Os pássaros do jardim, acostumados com as moças, não as estranhavam. Um deles cantava bem acima da cabeça de Dayna.

Natasha sufocou um grito ao ver Dayna agarrar o infeliz e apertá-lo com uma maldade jamais esperada de uma pessoa habitualmente amável. Depois atirou no chão o cadáver da avezinha.

— Por que fez isso? — Natasha estava enojada.

— Era o que deveria ter feito com Eudora! — Dayna tornou a sorrir, como se a reação impetuosa não tivesse existido. — Vamos até a lagoa?

A lagoa era o centro de atividades. As jovens ficavam sentadas ou deitadas em almofadões, nadavam e jogavam água umas nas outras. A contragosto, Natasha acompanhou Dayna e teve um pressentimento. Se não saísse daquele mansão estranha, poderia morrer ou ser destruída como o pássaro.

Descoroçoado, Sean passou a mão nos cabelos. Chegara muito perto de Natasha. Ele a chamara em voz muito baixa, mas conseguira atrair-lhe a atenção. E novamente ela fora afastada por uma das mulheres. Precisava encontrar uma maneira de falar com Natasha.

Voltou ao quarto e ajeitou o elmo na cabeça. Teria de retornar a seu posto junto ao muro, antes que sua ausência fosse notada. Espiou o recinto minúsculo, quase tão pequeno como a cela que ocupara no mosteiro. A cama era um pedaço de lona esticada entre duas varas cruzadas em X. Nas paredes, ladrilhos brancos e negros. Uma tentativa de combinar com os arredores elegantes.

— Omar... o que está fazendo aqui? Omar!

Sean não respondeu de imediato. Lembrou-se em seguida de que Omar fora o nome com que se identificara ao apresentar-se. Virou a cabeça. Era seu companheiro de quarto parado à porta, com os braços cruzados na altura do peito.

— Esqueci o elmo — Sean respondeu em grego, o idioma usado na corte e pelos abastados.

O outro fez uma careta.

— Então trate de se apressar. Não sou invejoso, mas acho que você é um camarada de sorte.

— Por quê?

— Hoje foi designado para uma tarefa especial. Acompanhar a esposa de Demétrius ao Hipódromo.

— Ir com ela?

— Isso mesmo. Alguns homens são privilegiados. — Foi até a pequena mesa e tirou algumas moedas de dentro de uma jarra. — Será que não se incomodaria de fazer uma aposta para mim?

Sean anuiu, aliviado. Pelo menos seu disfarce não fora descoberto.

— É melhor se apressar — o outro insistiu. — Sibyl, a esposa de Demétrius, é conhecida pela sua impaciência.

Sean disparou pelo pátio o tempo de escoltar Sibyl até uma liteira acolchoada e luxuosa que demonstrava a posição social e a riqueza da família. Sean caminhou ao lado do veículo, que percorreu avenidas arborizadas e várias praças até chegar ao Hipódromo, que ficava próximo ao palácio imperial. Sean notou mirto e alecrim espalhados nas mas pavimentadas com pedras. Era para disfarçar os maus odores das ruas. Mesmo assim, o cheiro das fezes de camelos e cavalos era muito forte.

Mendigos acotovelavam-se junto ao veículo. Enfiavam os braços raquíticos pelas aberturas e lamentavam-se aos gritos. Sean tentou afastá-los, o que os deixou ainda mais violentos nas exigências. Agarravam-se na túnica de Sibyl e esticavam os dedos para alcançar-lhe as pernas. Sean compadeceu-se daquelas pobres criaturas cobertas de

andrajos. Muitos eram aleijados ou enfermos, com feridas espalhadas pelo corpo.

— Por que não os afasta, Ornar? Mate-os, se for preciso! Tire-os daqui!

Sean não teve outra saída a não ser cumprir ordens. Empurrou-os com violência e ameaçou-os com a espada, naquele seu dever odioso.

Constantinopla era um enigma para ele. No auge da glória, ultrapassava Roma Antiga, Alexandria, Bagdá e Córdoba em comércio, riqueza, luxo, beleza, refinamento e arte. A arquitetura consistia em palácios de pedras, residências com telhados de duas águas, terraços, domos, balcões, galerias, jardins, pavilhões e gazebos. Usavam-se pedras e mármore em profusão. Fisicamente, era como ele supusera que fosse.

Havia igrejas por toda parte. Eram iluminadas por milhares de velas e lamparinas e cheiravam a incenso. Dizia-se que o número de igrejas era equivalente aos dias de um ano. Muitas delas constituíam verdadeiras preciosidades. Tinham altares onde eram guardadas as relíquias mais ricas e reverenciadas da cristandade. Os mosteiros eram vergonhosamente magníficos. No Eire, a fé era sinônimo de austeridade, dedicação e trabalho. Em Constantinopla, era julgada pela quantidade de incenso, decoração vistosa e pompa.

Nos mercados, abundavam mercadorias de todas as partes do mundo. Havia milhares de barracas e lojas, onde eram encontrados produtos luxuosos e requintados. Sedas. Mármore. Portas com prata incrustada. Baixelas de ouro ou prata. Era fácil ficar deslumbrado. Mas a verdade era que Constantinopla também ultrapassava as outras cidade em depravação. Espiritualmente, Sean sentia-se desapontado.

Todos os pecados inerentes à riqueza excessiva podiam ser encontrados naquela cidade. Pecado e pobreza. Para cada homem rico, havia cinquenta miseráveis. Escravos numerosos tremiam à espera das ordens do dono.

Muitos acreditavam em astrologia e bruxaria. Em cada rua, encontravam-se antros de imoralidade onde homens compravam privilégios sexuais. Sean ouvira sentinelas se gabarem de façanhas e

subornos que aconteciam na corte. Embora estivesse pouco tempo a serviço da guarda de Demétrius, vira coisas inacreditáveis. Primeiro, um rival político tivera os olhos perfurados. Depois testemunhara o assassinato de um inimigo ambicioso. Brutalidade, cobiça e devoção caminhavam juntas. O populacho era turbulento, sedento de sangue, participava da tortura de animais, da pompa, dos jogos, das corridas de cavalos e cometia adultério seis dias por semana. No sétimo, expiava suas culpas na igreja.

A esposa de Demétrius ocupou um assento estofado em um camarote próximo ao do imperador. No último patamar, tinha-se uma visão privilegiada da arena. Embora tivesse vindo acompanhada de um escravo, Sibyl chamava Sean para atendê-la nas menores coisas. Sean temeu que a mulher estivesse interessada nele.

— Ornar... um travesseiro para as minhas costas.

Sean atendeu-a e rangeu os dentes quando ela acariciou-lhe a mão.

— Está com sede? — Ela ofereceu-lhe um gole de vinho gelado. — Há quanto tempo está em Constantinopla, Ornar?

— Não muito. — Evasivo, receava ser desmascarado.

— Deve ter-se encantado com a nossa cidade. Foi construída sobre colinas, assim como Roma.

— De fato é bela e magnífica.

— Suponho que deve ser bem diferente de onde você veio. Ah, como sentia saudade da vegetação do Eire!

— Bastante.

— É muçulmano?

— Sou — ele mentiu.

— Hum. Talvez possa mudar de idéia depois de ver a beleza da igreja de Santa Sofia, que significa Santa Sabedoria. — Ela falou a respeito dos mosaicos que retratavam cenas da Bíblia, da vida de Cristo, dos santos e dos mártires. — Cada reprodução foi criada com milhares de minúsculas pedrinhas, todas quase idênticas no tamanho.

— Foi o que ouvi contar. — Não diria que tivera conhecimento daquelas maravilhas em seus estudos.

— É casado? — As perguntas eram diretas. — Com quantas mulheres?

— Apenas uma. — Sean deu um sorriso. — É o suficiente para qualquer homem.

O questionário foi interrompido por um cavaleiro que percorreu a arena em uma saudação geral, e Sean agradeceu de coração ao desconhecido.

O Hipódromo tinha forma oval, com mais de mil metros de comprimento e quase cento e oitenta de largura. A arena era dividida no meio, no sentido do comprimento, por uma barreira baixa de pedras ao redor da qual se realizavam as corridas. Era a *spina*, espinha dorsal. Por toda a extensão da *spina*, esculturas de bronze e pedra. Segundo Sibyl, muitas haviam sido trazidas do Egito.

— Hoje haverá nove disputas. Uma mais excitante que outra. Pelo menos é o que espero.

Os cavalos entraram na arena, e o ribombar dos cascos estremeceu o solo. Quatro bigas disputaram a corrida, sob os gritos e incentivos dos espectadores. Eram carros leves puxados por um só cavalo.

Nuvens de poeira e aparas de cedro levantavam-se no ar, enquanto os cavaleiros davam quatro voltas no percurso. Os vencedores de cada páreo, como se chamava cada disputa, entravam em uma corrida final, na qual se consagraria o vencedor.

— Já viu tamanha perícia em um cavaleiro? — Sibyl perguntou e estranhou a risada de Sean, que se recordou das habilidades de Natasha sobre um cavalo. — O que está achando engraçado?

— Eu não entendo nada de corridas — Sean disfarçou. — Um dos guardas me pediu para apostar por ele. Talvez a senhora pudesse me fornecer alguma indicação.

— Ponha seu dinheiro no cavalo negro!

Sean seguiu os conselhos de Sibyl e gritou junto com o público entusiasmado. O garanhão preto foi o vencedor.

— Viu? Eu não disse?

Sean apostou novamente, seguindo os conselhos de Sibyl, e tornou a ganhar. Foi fácil perceber por que aquelas apostas se tornavam um vício.

As corridas continuaram e Sean chegou a divertir-se. Um outro páreo foi disputado por duas bigas maiores, puxadas por dois cavalos. Depois foi a vez da competição de carros grandes, de quatro cavalos.

A excitação tomou conta de Sean. Os rivais corriam muito próximos uns dos outros. O estrondear das patas ecoava na arena. Os cavalos ofegavam e resfolegavam. Parecia que iriam bater a cabeça no muro do final da arena, mas no último momento viravam-se na curva.

Na pausa antes da corrida final, ergueu-se um murmúrio de vozes excitadas. Acrobatas e prestidigitadores haviam divertido os presentes nos intervalos anteriores e Sean rira com eles. Dessa vez o espetáculo transformou risos em vaias. A última interrupção prolongava-se em demasia.

— Por que não arriscar? Jogue seu dinheiro no último páreo. O que acha? — Sibyl o desafiava. — Aposte no magiar.

— Em quem? — Sean não escondeu a surpresa.

— O nome dele é Osip, o Alto, e veio das estepes. Ele foi trazido para cá como escravo, mas provou ter maestria como cavaleiro. O dono dele o treinou para disputar corridas.

Sean refletiu na coincidência. Talvez fosse mesmo o parente que tomara o lugar do pai de Natasha como líder da caravana.' Apostou nele.

A disputa começou. Fascinado, Sean observou Osip chicotear os cavalos e blasfemar enquanto empreendia um galope em alta velocidade pela arena. A distância entre os competidores era mínima.

Na reta final, Osip cortou na frente de seu oponente mais próximo, empurrando o contender de encontro ao terceiro.

Com o choque, os veículos se despedaçaram e os cavalos caíram. Os condutores foram atirados para trás. Embora os outros carros se desviassem para não passar por cima de cavaleiros e cavalos, não houve tempo para evitar o impacto. Sean fitou, horrorizado, os dois homens serem sucessivamente atropelados.

— Viu? Eu lhe disse que ele venceria! — Sibyl levantou-se e ajeitou o vestido, indiferente à tragédia.

Sean olhou ao redor. Os espectadores deliravam com o espetáculo excitante e também não se incomodavam com o banho de sangue.

— Ornar, seu prêmio! — Sibyl entregou-lhe o dinheiro. *Dinheiro maldito. Não preciso dele.*

Nauseado, Sean viu os corpos mutilados serem carregados para fora da arena. Sentiu nojo daquela multidão e daquela maneira de divertir-se.

Na volta para o palácio de Demétrius, Sean refletiu que aumentara sua desilusão com a realidade de Constantinopla, embora se tratasse de uma cidade que, governada com a competência de grandes administradores, fora salva da ruína. No passado, daria qualquer coisa para viver em um centro desenvolvido como esse. No momento, só pensava em encontrar Natasha e deixar Constantinopla imersa nos nevoeiros que sempre a envolviam.

Capítulo VIII

A noite caiu sobre Constantinopla com rapidez. Inquieto, Sean caminhava pelo passadiço. Parou e encostou-se no parapeito. Ao longe, o mar de Mármara batia nos muros da cidade. Apoiou os cotovelos na parede baixa e refletiu na batalha que começava a considerar perdida.

Onde estaria Natasha?

Não tinha idéia de onde se situavam os aposentos dela. E esse era um conhecimento absolutamente necessário para a fuga.

A única alternativa seria arriscar-se e procurá-la. O ponto de partida foi o pátio com a fonte.

Estava com sorte. Escondido nas sombras, Sean viu, através das cortinas, a silhueta das mulheres que descansavam após o jantar. O cheiro de comida aumentou sua fome. Não tivera tempo para comer. Com as mãos em concha, bebeu água da fonte para aplacar o estômago.

Nisso ouviu um suave som musical. Recuou, com receio de ter sido percebido. Mas ninguém apareceu. Mais descontraído, deteve-se para escutar a voz maviosa que acabou por encantá-lo.

Assim que o concerto musical terminou, as jovens se dispersaram. Sean estreitou os olhos para enxergar melhor no escuro e seguiu-as com grande cautela.

Percorreu corredores compridos em cujas paredes estavam penduradas tapeçarias valiosas, e passou por portas duplas e jardins. O quarto de Natasha ficava no final do saguão, do lado oposto ao da entrada. Sean esperou até perceber um silêncio total. Sinal de que todas haviam adormecido. Ou pelo menos era o que esperava. Com cuidado, abriu a tranca com a ponta da espada.

Natasha não o ouviu entrar.

— Tasha!

Ela se virou devagar, sem acreditar no que estava acontecendo. Demorou apenas um segundo para se levantar e jogar-se nos braços dele.

— Eu duvidava que fosse vê-lo outra vez — Natasha murmurou, entre beijos. — Como foi que...

Sean a silenciou com outro beijo, que os deixou sem ar. Eles gemeram com agonia, alívio e paixão

— Será que não poderíamos?

Se fossem apanhados, seria a condenação de ambos. Ainda assim, valia a pena arriscar.

Os tímidos raios de luar que penetravam pela janela diminuta eram a única fonte de luz. Mas foi o suficiente para Sean avaliar a beleza de Natasha. A túnica azul acentuava-lhe a cor dos olhos e deixava a silhueta mais esguia. Os cabelos dourados davam-lhe aparência de rainha.

Natasha notou quanto Sean mudara. Os olhos azul-escuros destacavam-se na tez bronzeada. O físico parecia mais musculoso. Os cabelos escuros estavam rajados por causa do sol. Ele parecia mais um guerreiro do que um monge.

— Meu Deus, está ainda mais bela do que antes. Senti muito a sua falta.

A visão, a fragrância e a proximidade de Natasha deixavam-no extasiado. Sean regalou-se com tanta formosura.

— Eu preferia seus cabelos soltos — ele afirmou e tirou os pinos. Os cabelos dela caíram como uma cascata de seda sobre os ombros.

Natasha leu o desejo nos olhos de Sean. Tão grande quanto o seu.

— Não deveríamos... — Sean suspirou, aproximou-se e acariciou-lhe os seios.

Era uma noite mormacenta, própria para amantes. A distância, ouvia-se a serenata dos grilos. Eles também sabiam que dois corações saudosos haviam se encontrado. Natasha enroscou-se sensualmente em Sean.

— Natasha... — Ele foi incapaz de deixar de fitá-la.

Antecipação, expectativa e promessa. A mistura de sentimentos deixou Natasha arrepiada, enquanto Sean a carregava para a cama. Eles se entreolharam, antes de Sean debruçar-se sobre ela e abraçá-la. O beijo que se seguiu, apesar de terno, devastou os sentidos de ambos. Natasha entreabriu os lábios e entregou-se à paixão que a devorava.

Sean movia a língua de encontro à dela e saboreava o calor daquela suavidade. Segurou-lhe a cintura e depois acariciou-lhe os quadris em clima de fascinação. Natasha colou o corpo no de Sean e abraçou-o pelo pescoço. Arfando e sentindo-se zozza, ela foi arrastada

pelo vórtice da paixão. Encostada em Sean, deleitava-se com a rigidez da masculinidade de seu amado.

Ansioso, Sean procurou o mel dos lábios de Natasha. Com um gemido, enfiou os dedos nos cabelos sedosos e puxou-a mais para perto. O desejo e a fome das fantasias que o atormentaram durante tanto tempo derrotaram a razão. O beijo tornou-se mais exigente e Sean acariciou Natasha com a mesma ansiedade que o envolvera na estrebaria de Armagh. O maior desejo de ambos era fazerem amor, mas teriam de ser cautelosos.

Sean levou o dedo aos lábios, pedindo silêncio. Parou, escutou e soltou a respiração devagar.

— Depois que eu me retiro para dormir, ninguém vem me perturbar — Natasha afastou-lhe os receios.

Ele abaixou a cabeça e fez um caminho de beijos em seu pescoço e colo. Natasha não pensava em lutar contra as chamas que a incendiavam. Nem se lembrou do perigo que corriam. Por iniciativa dela, um arrancou as roupas do outro. Desnudos, ficaram deitados lado a lado. Por algum tempo, Sean apenas a fitou, sem dizer nada.

Natasha puxou o lençol, mas ele a impediu de cobrir-se.

— Como pode uma criatura ser tão maravilhosa? — Sean extasiou-se e recomeçou a acariciá-la.

— Sean... — Natasha sentia-se oprimida pela imensa vontade de ser amada por ele.

— É muito perigoso. Bem mais do que antes. Se Demétrius descobrir, não vai expulsá-la. Ele a matará!

— Eu não me importo com o que Demétrius faria comigo.

Não quero pensar é no castigo que ele daria a você. — Transformaria Sean em um eunuco. Dayna lhe dissera que Demétrius já fizera isso uma vez.

— Eu posso correr muito. Ele terá de me alcançar. — Sean sentia-se corajoso e invencível. Talvez por seu sucesso como navegador.

Ele curvou novamente a cabeça e, dessa vez, deteve-se nos seios. Provocou os mamilos alternadamente e mordiscou-os. Os gemidos de

prazer de Natasha o instigavam, mas não afastavam a dúvida que o atormentava.

Outro homem a teria tocado?

— Demétrius...

— Não.

— Mesmo se ele o tivesse feito, eu não me importaria. — Sean foi sincero, apesar da dúvida anterior. — Eu amo Tasha...

Uma onda de paixão os invadiu. Eram dois amantes pagão sob a luz do luar, os corpos brilhantes de umidade. Sean esmagou-a em um abraço e estremeceu ao sentir os mamilos endurecerem de encontro à sua pele.

Mais um beijo se seguiu. Dessa vez, desesperado. Sean acariciou Natasha com frenesi, sem deixar nenhum centímetro intocado.

— Depois de sairmos daqui, juro que jamais nos separarmos — ele sussurrou.

Sean escondeu o rosto nos sedosos cabelos fragrantes e em tendeu que estava perdido. Natasha começou a afagar-lhe o corpo, empolgada pelos gemidos roucos que ele deixava escapar

— Adoro ser acariciado...

— Tenho ouvido as mulheres conversarem. Há muitas maneiras de fazer amor.

— Teremos tempo de tentar todas.

Natasha sorriu, fechou os olhos e esperou outro beijo. Ela adorava o sabor dos lábios de Sean e a urgência terna com que ele a beijava. Eles paravam para respirar e recomeçavam a beijar-se. A fome mútua não permitiu que afastassem os lábios um do outro. O prazer de beijar era tão grande quanto o de fazer amor. A dança sensual de braços, mãos e pernas proporcionava-lhes uma alegria sem-fim.

Natasha lembrou-se de Dayna ter-lhe contado como era erótico fazer amor por cima do homem. Dando asas à imaginação, posicionou-se sobre Sean e ondulou o corpo em uma dança sensual.

O desejo de Sean aumentava à medida que Natasha friccionava o corpo para a frente e para trás, em atritos eróticos. Acompanhou os gemidos de Natasha e foi tomado pela angústia mais poderosa que já sentira.

Ela viu-o fechar os olhos como se estivesse sofrendo. Entretanto ele sorria, imerso em um doce tormento. Sean segurou-lhe os quadris e moveu-a para cima e para baixo, de maneira ritmada. A pressão do membro intumescido causava em Natasha uma sensação dolorosa logo suplantada pelo prazer que sentia com os movimentos. Eram chamuscas que formigavam, Ela arqueou-se e deu vazão às incontroláveis emoções.

Sean emitiu sons inarticulados ao mergulhar em um prazer torturante. Segurou-lhe os quadris com mais força enquanto a possuía com intensidade cada vez maior.

— Como alguém poderia querer que eu me tornasse um monge?

Natasha teve consciência de que a noite iria estilhaçar-se em milhões de estrelas e apertou Sean com as coxas. Rodava o corpo, enlouquecida. Os espasmos se sucederam e ambos alcançaram o êxtase juntos.

— Tasha! Tasha! Tasha! Sean queria fazer amor com ela a noite inteira, milhares de vezes.

Natasha pensou que seu coração fosse parar. Arfando, procurou respirar com normalidade. Mesmo quando a paixão arrefeceu, ela continuou agarrada em Sean. Aquele momento mágico não poderia terminar.

— Eu a amo. — Ele beijou-lhe a testa. — Vamos recomeçar?. Natasha resmungou de satisfação e estendeu-se sobre as coxas peludas de Sean. Em segundos, ficou tensa. Escutava passos. Havia alguém do lado de fora da porta.

— Natasha? — Era Dayna. Natasha sentou-se, apavorada.

— O que é? — Ela fingiu-se sonolenta.

— Demétrius mandou chamá-la.

— Não! Caso Sean esperasse até o dia seguinte para resgatar Natasha, teria de dividi-la com outro homem!

Natasha não podia recusar-se a acompanhar Dayna nem poderia mandá-la embora. Além do mais, depois do incidente com o passarinho, comprovava a natureza violenta da moça..

— Não estou vestida. — Ela lembrou-se de que não trancar a porta e queria evitar que a outra entrasse.

Sean fitou-a, preocupado. Saiu da cama e agarrou as roupas. Não havia janela, apenas uma porta. Fora preso em uma armadilha.

— Natasha, eu já a vi despida. — Dayna riu. — Abra a porta.

Sean procurou um lugar para se esconder. Só havia uma mesa, uma cadeira e a grande cama oval. Inspirou fundo e, com dificuldade, entrou embaixo da cama.

Natasha enfiou o traje pela cabeça, certificou-se de que Sean não era visível debaixo da cama e abriu a porta. Esperava que Dayna não reparasse em como estava arfante e corada.

— Acho que tomei vinho demais. Estava com tanto sono... — Desviou o rosto para evitar o olhar penetrante da jovem.

— Tem certeza de que está me contando a verdade? — Dayna entrou e espiou ao redor.

Natasha ficou tensa.

— E por que motivos eu iria lhe mentir? Dayna aproximou-se da cama e Natasha receou que a outra encontrasse vestígios das atividades amorosas.

— Parece que andou tendo um pesadelo. Veja só estado da roupa de cama! — Dayna encostou-se na estrutura de madeira para levantar um lençol e por pouco não encostou no joelho de Sean.

— Tive um pesadelo, sim. — Teve certeza de que Dayna suspeitava de alguma coisa.

— Pobre Natasha.

Dayna tamborilou com os dedos na cabeceira da cama. Estava agitada, o que aumentou a perturbação de Natasha, pois já a vira denunciar duas outras jovens pelas costas.

— Parece nervosa, Natasha. Tenho ervas que poderão acalmá-la. Ervas que se podem comer, beber ou encher com elas um cachimbo e fumar.

— Tem mesmo? — Natasha enxergou uma solução para o momento. — Poderia me trazer um pouco?

Dayna hesitou, olhou para a porta e meneou a cabeça.

— Eu lhe trarei depois do seu encontro com Demétrius. Talvez precisará de uma dose dupla. — O risinho foi sugestivo.

Sean praguejou embaixo da cama. Como tirar Natasha daquela residência? E como encontrar Sèlig? O combinado fora o dia seguinte. O que faria até lá?

Natasha passou as mãos trêmulas na roupa e arrumou os cabelos desalinhados.

— Estou muito nervosa. Não sei o que esperar. Não conheço Demétrius. — Espetou-se com um alfinete de cabelo e estremeceu. — Demétrius não me entenderá e muito menos eu a ele.

Dayna deu risada.

— Não terá de dizer uma só palavra. — Ela ajudou Natasha a prender os cabelos. — A pintura dos seus lábios está borrada, mas eu posso dar um jeito.

Dayna procurou pelo estojo de pinturas e viu... as botas de Sean que ele, na pressa de enfiar-se sob o leito, esquecerá de calçar. A moça ergueu as sobrancelhas, decidindo o que fazer. Em seu rosto, um misto de expressões. E quando falou, as palavras explodiram no pequeno quarto:

— Sua idiota!

Natasha empalideceu, mas nada disse. Não adiantava fingir mais. Sean rastejou para fora do esconderijo.

— O idiota fui eu em ter vindo aqui. Natasha é inocente. Dayna analisou-o de alto a baixo e deteve-se na pujança

dele, que a deixou abismada. Encarou-o.

— Quem é o senhor?

— Natasha me pertence e será minha esposa. Dayna deu uma gargalhada.

— Duvido que viverá o suficiente para concretizar sua afirmativa. E mesmo que conseguisse pôr seu plano em prática, aposto que não teria condições de celebrar a noite de núpcias. — O significado era óbvio.

— Então é certo que me denunciará. — Natasha desiludiu-se, apesar de não confiar em Dayna.

— Pode crer que eu não gostaria de fazer isso. — Dayna parecia sincera. — Mas se eu não o fizer, também terei de arcar com a culpa.

Dayna foi até a porta, mas Sean impediu-a de sair e de gritar.

— Sinto muito...

Ele teria de deixá-la inconsciente, porém não lhe agradava agredir uma mulher. Natasha percebeu a hesitação, agarrou um vaso e golpeou Dayna na cabeça.

— Eu também sinto muito.

A sorte fora lançada. Não havia como recuar.

— Depressa, ajude-me a amarrá-la!

Sean usou seu cinto para prender os pés e as mãos da moça. Tampou-lhe a boca com a fita de Natasha, deitou-a na cama e cobriu-a para dar a impressão de que se tratava da própria Natasha.

Vestiu-se depressa e abriu a porta. Constatou que não havia ninguém à vista, fez sinal para que Natasha o seguisse. De mãos dadas, voaram pelo corredor, cientes do risco de encontrar escravos ou guardas. Sem ar, chegaram a uma escadaria de mármore.

— Espere! — Sean escutou passos embaixo e empurrou Natasha de encontro à parede.

Imóveis, esperaram o ruído sumir. Depois desceram a escada e atravessaram os arcos que conduziam a um salão.

— Termos de sair por aqui — Natasha murmurou. — É a única maneira de alcançarmos o pátio.

Deram alguns passos, quando foram interceptados por um indivíduo enorme. Embora não lhe visse as feições, Natasha deduziu que fosse um eunuco ou um dos guardas. Qualquer um deles, muito perigoso.

O homem foi rápido demais e jogou Sean no chão. Ao erguer o rosto e ver o olhar selvagem do gigante, Sean teve certeza de que nunca enfrentara ninguém mais ameaçador. O homem, negro e completamente calvo, deu um rugido e brandiu uma espada curva e larga. Sean viu a arma dirigida para a sua cabeça e procurou esquivar-se enquanto a lâmina descia.

— Sean! — O grito distraiu o eunuco por alguns segundos. Natasha jogou-se contra o gigante e evitou que Sean fosse

decapitado. O único dano foi um ferimento leve no ombro. Ainda assim, a batalha estava longe de terminar.

Com um novo rugido, o homem procurou atingir Sean. A espada assobiava, aterrorizadora. Sean sabia que sua força não era suficiente para enfrentar o eunuco e nem sua espada seria útil contra a arma curva e pesada do inimigo.

Um golpe certo arrancou a espada da mão de Sean.

— Santo Deus, ele vai matar a nós dois!

O gigante negro tornou a gritar e a atacar Sean com selvageria. Sean mal conseguia esquivar-se dos golpes sucessivos. Mais um poderia ser fatal.

— Corra, Natasha! Salve-se!

— Não!

Ela aproximou-se por trás do gigante e pegou rapidamente a espada de Sean. Lembrou-se de como seu pai fazia com os inimigos e enfiou a espada na lateral do peito do homem. Puxou a lâmina e, abalada, viu o sangue jorrar. O eunuco desabou no chão. Embora

houvesse presenciado mortes antes, Natasha nunca matara ninguém. Odiou os sentimentos que a invadiram. De compaixão e de pesar. Começou a tremer.

— Você salvou a minha vida! — Sean abraçou-a e manchou o vestido dela com seu sangue.

A confusão foi imediata. Portas se abriram e o saguão encheu-se de homens e mulheres que estavam a serviço de Demétrius. Apontavam os dedos e gritavam.

— Os guardas!

Era o que Sean temia. Seis homens se aproximavam dele. Era render-se ou lutar. Pensar no que lhes aconteceria caso o agarrassem impediu-o de desistir. Teria de enfrentar a batalha. Apanhou a espada curva do eunuco.

Natasha olhou ao redor, desvairada. Viu os vasos grandes e redondos. Não titubeou. Arremessou-os de encontro aos atacantes.

— Venha!

Sean seguiu-a escada abaixo. Foram tão depressa que quase caíram no último degrau. Havia uma saída por onde se podia atingir um dos portões da mansão. Natasha retirou a tranca e os dois dispararam para fora.

Estava escuro na rua. As nuvens escondiam o luar. De mãos dadas com Sean, Natasha tentou recordar-se de como chegara até ali.

— Acho que sei o caminho — Sean afirmou. Acompanhar Sibyl nesse dia tivera suas vantagens.

— Eles estão nos seguindo! — Natasha arfava. — Não sei se conseguiremos despistá-los por muito tempo.

Sean conduziu-a por becos malcheirosos entre construções de três e quatro andares. Era a parte mais miserável e perigosa de Constantinopla. Porém, nada seria mais apavorante de que, cair nas mãos dos guardas que os perseguiam.

Natasha olhou por sobre o ombro. As sentinelas estavam longe, mas ainda poderiam alcançá-los, se ela e Sean errassem o caminho.

Dayna lhe dissera que Constantinopla era um labirinto de becos onde qualquer um poderia perder-se para sempre.

Teriam conseguido encontrar-se só para morrer juntos em meio ao lixo da cidade?

—Depressa! — Desesperado, Sean procurava um lugar para esconder-se. Entrou com Natasha em uma igreja e fechou a porta.

Tremendo, ela inspirou fundo para conseguir respirar. Olhou em volta e teve uma idéia de como conseguiriam fugir. Havia muitos mendigos naquela parte da cidade. Se trocassem as roupas por trapos, poderiam passar despercebidos em meio à ralé. Expôs o plano para a avaliação de Sean.

— Maravilhoso! — Ele sorriu.

Teriam de ficar escondidos até que o tumulto cessasse e os guardas houvessem passado.

Natasha fitou a estátua de uma mulher que segurava uma criança. A estátua mais bela que ela já vira.

— Virgem Maria... — Sean emocionou-se com a bondade de seu rosto.

— A mãe da Terra... — Natasha sussurrou e tocou na pedra fria.
— Aqui estaremos seguros.

Sean foi até outra imagem. A de um homem vestido com um manto e com a mão estendida. Inspirou fundo. O reconhecimento lhe trouxe paz.

— Sim, Natasha. Estaremos seguros.

As águas do estreito de Bósforo eram prateadas. O mar calmo foi uma dádiva depois da agitação e dos percalços que haviam enfrentado antes de subir a bordo da nau viking.

Haviam trocado os próprios trajes pelos rasgados e remendados da caixa dos pobres da igreja. Um pequeno empréstimo. Passaram por becos lamacentos e mercados desertos até perceber que estavam no caminho errado. Ao ver a cobertura hemisférica da igreja de Santa Sofia, mudaram de direção e correram até o ancoradouro. O homem da entrada não quis deixá-los passar por deduzir que fossem indigentes.

Sean olhara para cima. Imaginara se seria possível escalar o muro, cair do outro lado e sobreviver. Nada mais lhe ocorrera. Mas a salvação ficara por conta do esquecimento de Natasha. Na hora de dormir, na mansão de Demétrius, não tirara os brincos. Deu as duas peças de prata ao guarda e riu diante do espanto do sujeito.

Mais alguns minutos e Natasha fora erguida por mãos fortes e deixada com cuidado no convés da embarcação. O nervosismo e o cansaço fizeram-na cambalear e ela caiu.

— Perdoe-me! Que Odin arranque meus olhos! Eu não pretendia machucá-la!

Natasha olhou para cima. O estranho de olhos negros a encarava com admiração na face rude. E falara em eslavo!

— Quem é o senhor?

— Meu nome é Ref. A senhora deve ser a mulher que rivaliza com Freia em beleza.

— Quem é Freia?

— Uma das deusas nórdicas. — Com o polegar, ele tirou-lhe uma mancha de terra, talvez fosse delineador de olhos, da ponta do nariz e afastou-lhe algumas mechas de cabelo da testa. — Ah, agora posso vê-la melhor. — Estalou a língua. — Como eu nunca vi Freia, não posso fazer uma comparação verdadeira. Mas uma coisa posso afirmar. A senhora deve suplantá-la em beleza. Kodran não mentiu. Disse que a senhora era linda de morrer.

— Kodran? — Confusa, Natasha fitou Sean. — É o nome de outro deus?

— Não...

— Então quem...

Sean abriu a arca. Ansioso para se livrar dos farrapos, tirou de dentro uma túnica azul e uma calça bege. Trocou de roupa antes mesmo de dar explicações.

— Kodran é o meu nome nórdico. E esta — Ele fez um gesto largo — é a minha embarcação viking.

— Kodran! — Embora não lhe desagradasse, ele seria sempre Sean. — Pelo jeito, há muita coisa que eu desconheço.

— Eu lhe contarei tudo, assim que nos afastarmos daqui. Apesar da tranqüilidade do porto, Sean tinha a intuição de que algo inesperado poderia acontecer. Natasha apontou os trapos que usava.

— Haverá alguma coisa que eu possa vestir?

— Não temos seda nem brocado — ele caçoou. — Se quiser, tenho mais uma túnica. Poderei lhe emprestar, até chegarmos a Kiev.

Sean tornou a procurar na arca. Tirou de dentro uma túnica de lã vermelha que alcançou as panturrilhas de Natasha. Ela a amarrou com um dos colares de metal de Ref que lhe serviu na cintura.

— Dayna e as outras criticariam minha aparência. Mas eu prefiro usar esta túnica a todas as sedas do mundo. — Ato contínuo, soltou os cabelos.

— Isso quer dizer que aceitará tornar-se a esposa de um viking?
— Sean ergueu-a nos braços e não lhe deu tempo para responder. Beijou-a com tanta violência que a fez gritar.

— Kodran! Kodran...

Ref tentou chamar-lhe a atenção. Sem conseguir, afastou os amantes à força e apontou o cais. Três barcos vinham na direção deles. Sua origem era proclamada pelas bandeiras verdes e brancas. Bizantinos.

— Estamos sendo seguidos!

— Oh, não! — Natasha correu até a amurada e não conteve o desalento. — Sean, não quero que nada de mau lhe aconteça. Se eu tiver de voltar para Demétrius, irei para salvá-lo.

— Salvar-me para quê? Para ficarmos afastados? De jeito nenhum! O que quer que aconteça, estaremos juntos.

— Dizem que os bizantinos não podem ser derrotados, pois contam com a proteção da Virgem, embora eu não saiba qual é a competência dela. Também tenho as minhas deusas, tanto nórdicas quanto eslavas. Quer que eu as invoque para ajudá-lo, Kodran? — Ref perguntou.

— Não!

— Quer que eu chame os deuses? Sean fez não com a cabeça.

— Nós mesmos teremos de salvar-nos. Descobri que os deuses raramente interferem no destino dos homens, apesar de tudo o que nos disseram.

Ele ordenou aos marinheiros para que remassem com toda a força.

— Acredito que o nosso destino já esteja traçado. Não acho que possamos vencê-los, mesmo com a ajuda de Sèlig. Nem conseguiremos deixá-los para trás e nem teremos uma chance se decidirmos lutar.

Os bizantinos, que viviam em meio a um luxo extremo, eram muito bem equipados para batalhas. Contavam com engenhos de guerra que haviam herdado dos romanos. A catapulta, a besta, grandes escudos e o aríete.

— Ora, essas armas seriam perigosas se tentássemos invadir seu território. Mas não é esse o nosso caso.

— Eu sei. Porém eles têm algo muito mais perigoso — explicou Ref. — O fogo grego!

Sean, apesar de seu extenso conhecimento, nunca ouvira falar de tal engenho.

— É uma substância altamente inflamável. Quando projetada através de sifões ou atirada em potes de cerâmica, causa grande estrago. Incendeia tudo ao seu redor. É um fogo que queima na água.

— Impossível.

— Pois não é. Os gregos trazem o produto em óleo do deserto. É chamado de nafta ou petróleo. É extremamente inflamável. Não há nada parecido no norte. Tubos gigantescos de cobre são enchidos com esse produto. Com isso pode-se erguer uma muralha de fogo no mar ou espalhar massas de labaredas nos deques. A água não apaga esse fogo. Ainda por cima, são dois navios contra três.

Sèlig, sem se dar conta do perigo, acenava alegremente. Sean apontou os navios bizantinos e fez um gesto que indicava remar.

— Use os remos, Sèlig, com toda a força! Sua vida depende disso!
— gritou.

— A culpa é minha — Natasha lamentou-se. — Se você não tivesse vindo atrás de mim...

Sean interrompeu-a com um beijo na boca.

— Não vamos falar em culpados. Fui eu quem planejou tudo isso.
— Ele olhou para Ref. — Se esse tal fogo grego atingir as embarcações, existirá alguma solução?

— Ah-ah! Urina.

— O quê? — Sean achou que Ref estivesse brincando. — Não pode estar falando sério!

— Pois estou. Os barcos que navegam no mar Negro e no de Mármara, e que temem os bizantinos, carregam tonéis de urina para apagar um provável incêndio. A coleta é feita a bordo mesmo.

— Esvaziem algumas barricadas e avisem aos homens para iniciarem imediatamente as contribuições. — Sean fitou Natasha. — Por favor, sejam discretos. Temos uma mulher conosco.

— O que é discreto? — Ref não conhecia a palavra.

— Não fazer exibição com a tarefa. — Sean fez o sinal-da-cruz, apesar do que dissera sobre a influência dos deuses. — Natasha, se formos atingidos, quero que pule na água, mesmo sem saber nadar.

— Mas eu já sei. Dayna me ensinou. Havia uma lagoa... — Imaginou se fora a denúncia da moça que desencadeara a perseguição naval ou se havia sido o relato dos homens que haviam corrido atrás deles pela cidade. — Não quero abandoná-lo.

— Eu sei. Mas quero que me prometa uma coisa. Se for preciso, pensará primeiro em salvar-se.

— Está bem. Prometo...

Sean distribuiu ordens, escondendo os próprios receios atrás de uma calma forjada. A tripulação não devia perceber a perturbação que o atingia. Ele teria de servir como inspiração para aqueles homens. Vencer

de qualquer maneira era a única solução aceitável. A alternativa seria terrível demais.

— Mantenham as machadinhas prontas e também as barricadas. Estejam preparados para lutar. Façam uso das velas e do vento para afastar-se.

Os marinheiros experientes fizeram o *Cabeça de Lobo* navegar a uma boa velocidade e distanciar-se dos três navios vindos de Constantinopla.

— Há uma outra nau nos seguindo! A vela tem cor de sangue.

— Thordis!

Então o camarada se juntara para a matança! Sean não se conformou. Incomodava-o que um homem daqueles pudesse ser vitorioso. Qual seria o proveito de Thordis se o levasse, vivo ou morto, para Demétrius?

Thordis usou sua experiência de navegador e emparelhou-se com a embarcação de Sean. A nau de Thordis atingiu o *Cabeça de Lobo* na proa. O impacto derrubou Natasha. Ela rastejou pelo convés até encontrar algo em que pudesse agarrar-se.

— A nau viking tem o fogo grego! O ar ficou pesado com a fumaça daquelas chamas desconhecidas que foram logo extintas.

— Deus abençoe nossos homens! — Sean riu. — Guardem um pouco para jogar na cabeça de Thordis.

Focos de labaredas dançavam nas águas que rodeavam o *Cabeça de Lobo*. A nau afastou-se do perigo. Mas tomou a ser perseguida por Thordis e por um dos navios bizantinos.

— Eles são mais velozes do que nós — Ref declarou.

— Acha que tentarão nos abalroar de novo?

— E com mais força.

Qual o homem que se sentia preparado para morrer? Sean experimentou um aperto no estômago. Por um momento, fez-se silêncio entre os homens. Era como se estivessem se preparando para o pior.

Com as espadas erguidas. Assim poderiam seguir para Valhala, a residência dos principais deuses escandinavos.

— Veja! Thordis e os outros estão recuando! — Ref, admirado, comentou com Sean.

— E por quê?

Ref fitou o horizonte e encontrou a resposta. A correnteza rápida do Dnieper trazia duas embarcações para o mar Negro. Ref reconheceu as velas. A branca e vermelha com uma cabeça de dragão. A púrpura com o corvo negro.

— São Torin e Ragnar.

— Meu pai?

— Isso mesmo. Thordis não seria tão tolo a ponto de enfrentar a ira de Ragnar. Além disso, quatro embarcações têm mais chance de vencer.

Thordis sumiu. Ragnar envolveu-se em pequenas escaramuças com os bizantinos, que trataram de dar meia-volta.

Sean refletiu que, ao término do entrevero, o fogo grego já não causaria tanto temor. A coragem e a perícia haviam ganhado a batalha naquele dia.

Quando já se encontravam afastados do território bizantino, as naus atracaram na costa. Sean conheceu outro membro da família: um nórdico alto e loiro chamado Torin, casado com Érica. Ragnar, seu pai, estava ao leme da embarcação que liderava os quatro.

— Tenho negócios a tratar em Kiev. Pensei em me certificar de que havia encontrado a sua amada — Ragnar gritou do convés, quando sua nau emparelhou com a de Sean.

— Encontrei. — Orgulhoso e possessivo, pôs a mão na cintura de Natasha. — Esta é Tasha.

Ragnar aprovou com entusiasmo a escolha de Sean e fez os elogios em voz alta.

— Para onde pretende ir agora, Kodran?

— Kiev!

Era um surpresa que guardava para Natasha. Sèlig escutara de Thordis que Nádia fora vendida para um agricultor de Kiev. Era para onde iriam a fim de comprar-lhe a liberdade.

Quatro naus vikings, com as velas enfunadas, deixaram o mar Negro rumo à foz do rio Dnieper. Rio acima, formação cerrada. Na frente, Ragnar, ao leme da embarcação com o corvo negro. Aquela era mais longa que as outras e tinha a cabeça da proa muito bem esculpida.

Natasha observou Sean. Sentia nele a força e o amor pelo mar. Pernas afastadas, equilibrava-se apesar do balanço do barco. Mãos na cintura, os cabelos escuros soltos ao vento, assumira uma postura dominante. Notava-se o júbilo com que ele dava as ordens.

Ela não soube concluir se a mudança era para pior ou para melhor. Haviam ficado afastados muito tempo. Teriam de fazer novo reconhecimento.

— Kodran, é preciso manejar os remos? — um dos tripulantes perguntou.

Até o nome dele mudara. Natasha ainda não sabia se o nome viking lhe agradava, pois acentuava as modificações operadas em Sean.

Não seja injusta. Ele mudou por sua causa.

Sean arriscara-se a uma viagem longa até a região dos nórdicos. Fora procurar uma embarcação com o intuito de resgatá-la. Não existia maior prova de amor. Mas Natasha tinha certeza de que Sean não abandonaria a paixão recém-descoberta. Navegar estava no sangue de um homem e só rivalizava com seu desejo por uma mulher. Nem mesmo sabia se lhe agradava ser a esposa de um viking. Os nórdicos que conhecera eram os que acompanhavam Thordis. Homens brutais.

Sean não era como eles.

Comoveu-se pelos sentimentos que o ligavam à embarcação. Sean era forte, enérgico e determinado. Apesar disso, sensível e dotado de uma imensa capacidade de amar.

Cambaleando, por causa de uma onda que batera no casco,

Natasha agarrou-se na amurada da proa e, por um feliz engano, acabou nos braços de Sean, que aproveitou o ensejo para beijá-la.

— Levamos algum tempo para nos acostumarmos ao balanço da embarcação, mas acabará se tornando uma bela marinheira! — Ele afagou-lhe os cabelos.

Natasha entregou-se à glória de estar ao lado dele, porém logo os homens o requisitaram. Ressentida contra os tripulantes, disse a si mesma que tinha o direito de ficar a sós com Sean. Haviam ficado longe um do outro por muito tempo.

O sol aquecia o rosto de Natasha, mas o vento era frio. Sean, sempre atento, encontrou uma capa de lã com que agasalhou os ombros da amada.

— Quando chegarmos a Kiev, eu lhe comprarei roupas como nunca viu antes. Mais coloridas de que um arco-íris. — Sean deu um sorriso misterioso. — E ainda terei outra surpresa. — Ragnar lhe prometera o dinheiro que fosse necessário para comprar a liberdade de Nádia. Seria o presente de casamento para a nora.

Natasha ouvira Sean, Ragnar e os irmãos cochicharem.

— Qual surpresa?

— Um presente do coração.

O sorriso doce de Sean fez Natasha presumir que, em assuntos íntimos, ele não mudara.

Ela reconheceu as formações rochosas do litoral e lembrou-se da difícil viagem pelo rio.

Natasha foi até o local onde estava empilhada a carga e sentou-se sob uma tenda improvisada que Sean e Ref haviam feito para ela. Para protegê-la do sol forte e da chuva. Natasha desconfiou que fora também para afastá-la dos olhares masculinos.

Ao vê-lo remar, lembrou-se de quando se abraçaram com os corpos desnudos. Sean descortinara para ela um mundo novo de belezas e emoções. Queria repetir aquelas experiências.

Mas como, se estavam rodeados por tantos homens? Ah, como a privacidade fazia falta! Sentia-se solitária quando não estava nos braços de Sean.

Ele adivinhou-lhe o desalento. Foi até a tenda, beijou-lhe a testa e os cabelos e voltou para o comando da nau.

As ordens eram dadas em nórdico. Natasha odiava aquela linguagem dura e explosiva. Não havia suavidade nas palavras. Apesar disso estava determinada a aprender o significado de cada uma delas. No entanto, até que isso acontecesse, continuaria isolada e sem saber o que se passava.

Natasha olhava o mar e imaginou qual fora o destino de Nádia. Apesar de tudo o que lhe acontecera, fora mais feliz de que a amiga. Esperava que Nádia estivesse viva e que pudesse estar bem, apesar da condição de escrava.

Três dias mais tarde a flotilha de naus entrou em Kiev. Fora uma viagem difícil. Cachoeiras, transporte das embarcações por terra, navegação arriscada em trechos rochosos. No porto, ancoraram ao lado de uma infinidade de barcos. Natasha observou o descarregamento das mercadorias. Parecia que Ragnar e Torin haviam trazido todos os tesouros de Constantinopla para comerciar.

Sean e Natasha desceram a rampa até o embarcadouro. Enquanto os outros se dirigiam aos mercados, ele a levou para a beira do rio, onde se sentaram à sombra de um salgueiro. Sempre encantado com os cabelos que brilhavam ao sol como ouro, Sean a fitava como se nunca a tivesse visto.

— Os barcos roubam uma parte da vida de um homem. Contudo, mesmo sem estar ao seu lado, não houve um só minuto em que eu a esquecesse.

— E mesmo? — Natasha sorriu.

Sean abraçou-a, comovido. Por um longo tempo, acariciou-lhe o rosto com a ponta dos dedos.

— É a mais pura verdade. Eu a via em sonho todas as noites. Sempre que eu a chamava, dormindo, o pobre Ref acordava e tinha de me cutucar. — Ergueu a túnica e mostrou as manchas roxas na cintura.

Natasha beijou-o e depois afastou o rosto.

— Perdemos um tempo precioso sem nos beijarmos. Ficaram sentados, felizes, fitando o sol e a paisagem.

— Eu gostaria de ter tido tempo de lhe trazer jóias e sedas de Constantinopla. Tudo em azul para combinar com os seus olhos. Ah, e um pente de marfim para usar nos cabelos... — Sean observou o mercado mais à frente. — Espero que eles ainda tenham algumas coisas.

— Não se preocupe. O mais importante eu já tenho.

— Eu a amo...

— Eu também o amo. — Natasha encostou a cabeça no ombro de Sean. — Muitas pessoas perseguem o amor verdadeiro, mas poucas acham.

— Temos muita sorte, Tasha.

— Além do nosso amor, sei que você descobriu outro, não é verdade?

— Navegar sempre foi o meu sonho e agora tornou-se realidade. Mas desistirei do mar se isso for do seu agrado, Tasha.

Natasha bem que gostaria de aceitar a sugestão. O mar era uma imensidão tão maravilhosa quanto traiçoeira. Contudo, nada disse. Aprendera que fazia parte do amor pôr a vontade do outro acima da própria.

— Eu jamais poderia lhe pedir isso. Sean acariciou-lhe os cabelos.

— Tasha, vamos navegar juntos. Há muitas regiões para serem exploradas. Muito além do norte e do oeste.

Ela sorriu diante da inesperada proposta.

— Isso seria possível?

— Claro. Nós nos casaremos aqui. É o lugar mais próximo das estepes, que lhe são tão caras. Depois iremos para a casa de meu pai, onde ficaremos durante o inverno. E na primavera...

— Nosso casamento... Sei que os cristãos se casam em igrejas. Mas eu...

— Se quiser, nós nos casaremos debaixo de uma árvore, dentro de uma caverna ou de um rio. Qualquer coisa que a faça feliz.

— Bem, talvez cheguemos a um acordo... Permaneceram abraçados durante um longo tempo, felizes

por estarem um na companhia do outro. Sean levantou-se com relutância.

— Teremos de encontrar os outros.

Caminharam devagar e ouviram o vozerio da multidão. Quando se aproximaram do mercado, o cheiro de suor e fezes tomou-se insuportável. Homens e animais aglomeravam-se nas ruas. Havia macacos, ovelhas, vacas, porcos, cachorros e gatos.

E também patos e gansos. Vozes humanas misturavam-se com mugidos, balidos das ovelhas e estrépito de passos nas calçadas de madeira. Uma diferença gritante das ruas marmorizadas de Constantinopla.

Passaram pelo local onde se realizava o comércio de escravos. Cerca de vinte estavam sendo conduzidos para o leilão. Como de costume, mulheres de um lado e homens do outro. Natasha lembrou-se das indignidades a que fora submetida e estremeceu.

— Esqueça isso, Tasha. — Sean abraçou-a pelo ombro. — Isso faz parte de um passado que não voltará.

— Eu sei...

Determinado a evitar a amargura dos pensamentos de Natasha, ele fez um gesto largo.

— Escolha o que quiser. Comprarei o que mais lhe agradar. — Sean entregou-lhe uma algibeira com moedas de Constantinopla.

Natasha comprou frutas e comeu-as enquanto apreciava as baías, as carroças e as tendas. Ficou indecisa quanto ao que compraria para o casamento. Nesse meio tempo, encantou-se com um colar de prata, um bracelete feito com pedras de âmbar e três pares de brincos. De bronze, de jade e de prata. Era para substituir os que dera ao guarda do porto em Constantinopla. Foi então que ela viu: uma capa de lã de ovelha

igual à que usava no dia em que fora capturada. Ao examiná-la, teve certeza. Era seu manto.

Sean comprou-o e continuaram a percorrer as barracas. Compraram batas, vestidos e túnicas. Dois pares de botas, uma preta e outra marrom. Um broche de prata. Fitas para cabelos.

E o traje branco e vermelho que Natasha escolheu para a cerimônia de casamento. Sean comprou a camisola da noite de núpcias cuja transparência fez Natasha corar.

— Parece feita de teias de aranha — ela sussurrou.

— Ah-ah — ele cochichou. — E que Deus as abençoe. Está tão impaciente quanto eu?

— Ah, sim.

Decidida, Natasha decidiu-se pelo traje do noivo. Túnica cor de vinho. Botas pretas e longas. Calça larga amarrada no joelho. Iguais à vermelha que ele usara no dia em que a resgatara.

Ao pôr-do-sol, carregados de pacotes, voltaram ao embarcadouro, onde haviam marcado encontro com os demais. As águas calmas do rio refletiam os tons róseos do céu e os dos embrulhos que traziam. Distraída, Natasha não escutou que uma mulher se aproximara por trás, até que a outra deu uma tossidela.

Virou-se e ficou de frente com uma jovem de cabelos loiro-escuros ao lado de Ref. O rosto bonito não era desconhecido, mas os olhos cansados traduziam sofrimento.

Natasha ficou tensa, sem acreditar no que via. Piscou várias vezes.

— Ná... Nádia?

— Sou eu mesma. Oh, Tasha!

Elas riram e choraram. Tornaram a rir e a chorar, abraçadas.

— Achei que nunca mais a veria! Como foi...

Natasha fitou Ref com gratidão, achando que ele fora o responsável pelo maravilhoso acontecimento.

— Não fui eu, Natasha. Foram Sean e Ragnar.

O olhar de Ref para Nádia foi significativo e deu a impressão de que ele se encantara com a jovem.

— Como eu poderei agradecer a todos? — Natasha comoveu-se. — Não há palavras para expressar o que estou sentindo.

Ela perguntou a si mesma se Nádia também se sentira atraída por Ref. Ainda não dera tempo. E se fosse preciso um empurrãozinho...

Capítulo IX

O povo de Natasha celebrava casamentos no outono e no inverno, quando diminuía as viagens e a carga de trabalho. Os magiares acreditavam que no final do ano os espíritos podiam ser renovados. As pessoas tinham mais tempo livre e comida armazenada. Podiam então ocupar-se em elaborar cerimônias para reverenciar o amor. Casamentos mereciam sempre grandes celebrações, e Natasha alegrou-se porque o seu aconteceria nos últimos dias do outono.

Ter Nádia por perto recordou-lhe os velhos tempos. A amiga viera ao quarto de Natasha, na pequena casa de madeira que Sean e os irmãos haviam construído para a temporada na aldeia de Kiev. Primeiro, Nádia aqueceu a água e depois ajudou Natasha a banhar-se. Antes da cerimônia, a noiva magiar tinha de submeter-se ao ritual da limpeza. Os cabelos foram lavados com água de chuva aquecida. Depois, secados com a ajuda do calor do fogo e de toalhas grossas. Nádia penteou-a. Uma trança que se desdobrava em duas. Era um costume significativo. Antes, sozinha, passaria a viver com um marido.

— Talvez um dia eu possa fazer o mesmo pela minha amiga.

— Por mim, não. — Nádia descartou a hipótese. — Nunca! - Como pode ter tanta certeza?

Nádia tocou na perna doente, como para dizer que aleijadas não mereciam a felicidade. Sem querer, deu um puxão nos cabelos de Natasha e desculpou-se várias vezes.

— Também porque... meu dono teve relações comigo e eu mio gostei nada disso.

— Ah, Nádia, sinto muito.

Nádia mantivera silêncio sobre suas provações e não contara detalhes a respeito do período em que fora escravizada. Natasha desejou de todo coração poder ajudá-la, como fizera quando eram crianças.

— Ele foi muito grosseiro?

Nádia nem teve de responder. A verdade estava escrita em seu rosto.

— Isso não importa mais... de verdade. Agora estou livre, graças a Ref e ao seu futuro marido.

— Ah, sim... Ref. É um homem bonito, não acha?

Nádia corou.

— Acho.

— E é também um sujeito agradável — Natasha franziu o nariz com um jeito malicioso — para um eslavo com sangue nórdico.

— Não vejo nada de errado com escravos ou nórdicos. Ref tem muito orgulho da sua herança mestiça e... — De repente, Nádia percebeu que Natasha a provocara para que revelasse seus sentimentos. — Isso mesmo, ele é um sujeito agradável.

De acordo com os costumes dos magiares, Natasha, ajudada por Nádia, bordara o vestido de casamento e também os lençóis da noite de núpcias. Natasha pôs a camisa bordada e o vestido de noiva de mangas compridas e que chegava até os joelhos. Por baixo do vestido, havia uma saia vermelha ricamente bordada que alcançava os tornozelos. Era para que se visse a beleza do trabalho de bordadura. Na cintura, uma

faixa bordada com contas multicoloridas. Um bracelete e brincos de ouro completavam o conjunto. Calçou as botas compridas que Sean lhe dera de presente.

Nádia trouxe a coroa de casamento. Era feita de folhas entrelaçadas com fitas de várias cores. As fitas caíam dos lados do rosto.

Havia uma certa semelhança com os véus usados pelas esposas cristãs.

Natasha escutou o som dos passos de Sean quando ele entrou no *skaalen*. Entretanto, não se virou, para não sucumbir às emoções. Ninguém gostava de ver uma noiva chorar, mesmo que fosse de felicidade.

Com os dedos trêmulos, Sean prendeu nela um broche de ouro com uma corrente onde estavam penduradas várias chaves.

— Segundo Ragnar, esta é uma prática viking. As chaves são o emblema da honra da mulher casada.

Três outras correntes foram penduradas no vestido, com uma faca, tesouras e uma pequena caixa com agulhas.

Sean vestia a túnica cor de vinho que fora bordada com fios de ouro. Um cinto ornamentado pouco acima dos quadris. Botas longas e negras que chegavam aos joelhos. No pescoço, a corrente com o lobo de âmbar.

Saíram juntos da casa, em uma procissão solene, carregando ramos de centeio. Foram seguidos por Ragnar, que levava um

maço de sempre-verde. O casamento nórdico costumava realizar-se em um bosque. O magiar, em campo aberto. Sean quis que o deles acontecesse do lado de fora da única igreja de Kiev.

A cerimônia foi uma mistura de costumes. Sean e Natasha ficaram diante de Ragnar, que declamou os juramentos. Era seu direito, como chefe viking. Sean repetiu as palavras e traduziu-as para que Natasha pudesse dizer sua parte. Sean considerou que a cerimônia não era tão diferente dos ritos cristãos. Beberam de um só cálice, enquanto os presentes entoavam um canto melódico. Em consideração à crença de Natasha, tomaram água, e não vinho.

O cálice foi oferecido primeiro a Sean. Depois, com mãos trêmulas, Natasha segurou o recipiente e bebeu um gole.

De acordo com os hábitos magiares, Ragnar amarrou o pulso deles com três nós. Para simbolizar união, fertilidade e vida longa.

— Nada haverá de separá-los, a não ser a morte. — Ragnar entregou-lhes um pedaço de pão e um pouco de sal cristalizado para comer. — Que Odin e Tor lhes sorrissem e tragam muitos filhos para seu lar.

Um ruído de coisa quebrada assustou-os. Sean olhou por sobre o ombro e viu, aos pés de Nádia, o jarro de cerâmica da água benta em cacos. Pensou em acidente antes de notar os olhares entendidos entre a moça e Natasha. Compreendeu, então, que se tratava de uma tradição magiar.

Ragnar fora avisado da quebra do jato. Curvou-se, pegou dois pedaços de cerâmica e deu um a cada um.

— Guardem isto com muito carinho. Se os perderem, o sofrimento e a solidão tomarão conta de ambos.

Sean estendeu a mão devagar. Tratava-se da mais pura superstição. O abade Righifarch afirmaria que aquilo não passava de heresia. Assim mesmo, guardou o pedaço de cerâmica na algibeira que trazia pendurada no cinto. E com os olhos brilhantes de amor, abaixou a cabeça para beijar a esposa diante dos parentes e amigos.

— Que suas vidas sejam repletas de amor e sorte! — Nádia exclamou, sem perceber que olhava para Ref. Virou depressa a cabeça ao vê-lo sorrir.

Ragnar mandara preparar um banquete. Apesar da temperatura baixa, o hidromel e a cerveja de cevada aqueceram os presentes. Ragnar andava pelo hall, enchendo os copos feitos de chifres enfeitados e batendo nas costas dos camaradas. Os homens, como sempre, se excederam na bebida.

Como mandava a tradição, Natasha tirou as botas do marido. Significava a posição subordinada da esposa diante da autoridade masculina.

Sean e Natasha sentaram-se em duas cadeiras grandes, no hall da casa recém-construída, para receber congratulações dos presentes. Com exceção de Natasha e Nádia, todos eram homens. Por isso o banquete foi frugal. Carne assada e vegetais cozidos. Amoras e framboesas como sobremesa. Os homens interessavam-se mais em beber e contar histórias do que em comer.

Eles se entrelinham com jogos e apostas. Quem atirava uma machadinha, uma lança ou um faca mais longe. Apostavam no sexo do primeiro filho dos recém-casados, ou em qual seria a cor dos cabelos dele.

— Menino, nove meses a contar de hoje, cabelos escuros.

— Menina, oito meses e três semanas a partir de agora, cabelos vermelhos.

— Gêmeos, menino e menina, oito meses, três semanas e cinco dias, cabelos loiros... — As apostas não tinham fim.

Sean batia o pé, impaciente para ficar a sós com a esposa.

— Vejo que estão aflitos para sair. — Ragnar entendeu que Sean não conhecia os costumes nórdicos e sussurrou-lhe: — Kodran, erga Natasha nos braços. É sinal de que tem a posse da esposa.

Sean obedeceu. Ragnar lhe dissera que, para um casamento ser considerado legal, o casal deveria ser visto na cama por, no mínimo, seis testemunhas. Sean indicou o pai, Sèlig, Torin, Ref, Nádia e um dos marinheiros. Sob o olhar atento dos seis, carregou Natasha até o quarto e virou-se.

— Agora saiam todos! — Sean fingiu-se indignado. Os acompanhantes foram embora rindo. — Finalmente a sós!

Sean tirou-lhe a roupa aos poucos, saboreando cada momento de magia. Deixou-a completamente nua e acariciou-a com o olhar. O abdômen reto, os quadris arredondados. A cintura estreita e o busto farto.

— Sinto como se fosse a primeira vez — Natasha alegou, enrubescida, mas orgulhosa como uma deusa paga.

Sean tocou-a com dedos trêmulos. Nervoso por quê?

— Eu nunca soube que pudesse ter dentro de mim emoções tão fortes. Acho que estou tremendo por medo de perdê-la. Eu não suportaria uma coisa dessas.

— Eu jamais o deixarei e nem permitirei que me deixe. E, como me pediu, irei correr mundo a seu lado. Eu...

Ele a interrompeu. Deitou-a na cama e acariciou-lhe o corpo com os lábios quentes e úmidos. A ternura sensual foi embriagadora. Natasha começou a se contorcer e a se esfregar de encontro ao marido. Sean demorou alguns segundos para se despir. Natasha observou-o à luz do luar. Era um homem magnífico. Emanava grande força e energia, ao lado de uma graça felina e imagem de poder. Ombros largos, quadris estreitos, pernas longas e musculosas. Excitante.

Sean gostou de sentir-se observado. Deitou-se ao lado de Natasha e deixou-se afagar.

Ela arqueou-se, angustiada.

— Por favor, me ame... agora...

O desejo frenético tornou-se insuportável quando Sean a cobriu com o corpo vigoroso e beijou-a. Ele roçou o peito nu nos seios intumescidos, e Natasha o acolheu quando Sean a penetrou com cuidado. Ela abraçou-o com as coxas longas e esbeltas, serpeando o corpo em total delírio.

— Tasha!

Sean fechou os olhos diante das ondas de êxtase que o atingiam. Estar nos braços de Natasha era ter direito ao paraíso. Na certa, ela fora enviada à Terra só para ficar com ele. Naquele momento, Natasha era tudo. Anjo, ninfa, mulher tentadora. Tão frágil como uma flor. Tão brilhante como uma estrela.

Ela nunca fora tão amada. Lembraria daquele momento para sempre. Era a noite de núpcias com que sempre sonhara.

No fundo de seu coração, teve certeza de que se amariam até o último suspiro.

O nevoeiro aumentara. O rio Dnieper estava tranqüilo. Anoitecia. Era a hora das sombras. Sean estava cansado de descarregar e carregar

mercadorias negociadas em Kiev. Mas se encontrava em plena forma para passar horas fazendo amor com sua esposa.

Era o terceiro dia após a cerimônia. O brilho da primeira noite aumentara. Como era possível que uma noite fosse melhor que a outra?

Mesmo se Natasha estivesse dormindo, Sean a acordaria e a encontraria tão ansiosa quanto ele. Foi interrompido por Ragnar, no meio do caminho para o quarto.

— Venha conversar comigo, Torin e Sèlig. Perdemos muitos anos e eu gostaria de falar com meus filhos, antes que um deles vá se trancar com a esposa no quarto. — Ragnar piscou.

Eles acenderam uma fogueira às margens do rio, sentaram-se em formação circular sobre tocos de árvore e beberam cerveja. O amor deles pelo mar era um laço que os unia e tão forte como os vínculos familiares. Por isso, antes de mais nada, falaram de embarcações e a respeito do mar.

Ragnar estava muito alegre. Em parte, pelo excesso de bebida.

— Todos se saíram muito bem, especialmente Kodran.

— Ainda tenho muito a aprender — Sean afirmou, modesto. — Como usar as figuras de proa como direção diante de marcas terrestres muito distantes, ou como me guiar pelas estrelas. — Virou-se para Sèlig: — O seu conhecimento a respeito das estrelas é tão grande quanto dos rios e das correntezas. Quero aprender tudo isso. Quero chegar além dos limites dos mapas, para lugares que os homens apenas sonharam conhecer.

— E se isso o levar ao fim do mundo? — Ragnar indagou.

— Irei até onde eu puder chegar. Se for preciso, farei meia-volta e retornarei — Sean afirmou com determinação. — Servirá de consolo ter consciência de que fui o primeiro a tentar. Torin permanecia em silêncio. Parte de sua sabedoria baseava-se em escutar enquanto os outros falavam.

— Não há fim do mundo — Torin resolveu intervir. — É uma questão de prosseguir sempre. Sèlig sabe disso e creio que Kodran também tem essa percepção.

— Devemos seguir os pássaros — Sèlig disse.

— Por quê? — Sean perguntou.

— Quando exploramos águas desconhecidas, levamos um engradado com corvos. Se não houver terra em nenhuma direção, o corvo retornará ao barco. Se ele não voltar, saberemos que a terra não está distante. Então pode-se levar a nau na direção em que o corvo voou.

— E se os pássaros continuarem voltando?

— Pode-se continuar navegando ou desistir e voltar para casa. Não é simples?

Os quatro beberam em silêncio, meditativos. A escuridão aumentou, e a bebida aqueceu-os. Eles continuaram a conversa. Falaram sobre atividades comerciais, bebidas, amor e guerra.

Ragnar revelou detalhes de sua vida para Sean. Conquistas, sucessos e fracassos. Falou a respeito de Herlaug, seu irmão, e das traições dele.

— Herlaug tentou matar Sèlig e capturar Érica com as piores intenções. Tive de bani-lo, embora isso tenha me custado uma parte do coração.

Sèlig fez uma careta, e Sean não soube dizer se era pelo amargo da cerveja ou porque não gostasse do irmão de Ragnar.

— Nosso querido tio tinha em mente tornar-se o próximo vice-rei. Nem que fosse obrigado a matar todos os que estivessem em seu caminho — Torin explicou. — Ele estava envenenando Ragnar aos poucos. — Se a sua vilania não houvesse sido descoberta...

— Mas foi. — Ragnar fitou um por um. — A perfídia de Herlaug trouxe-nos uma coisa boa. Comecei a procura de meus filhos e os encontrei! De certa forma, essa busca resultou no encontro de excelentes companheiros. Agora todos estão casados. Torin uniu-se à minha querida filha. Sèlig encontrou uma jovem intrépida e Kodran, a corajosa Tasha. Mas eu quero mais! Quero embalar meus netos antes de morrer!

— Seu desejo logo será satisfeito — Torin alegou.

— Será que ouvi bem? — Ragnar esperou Torin anuir e deu um grito de alegria que ecoou ao longe. — Um bebê! Um neto! Mas dessa vez eu não irei embora. Perdi o nascimento dos meus filhos, mas não perderei o dos meus netos!

Ragnar contemplou os amuletos que Sèlig e Sean traziam no pescoço. E, com movimentos vagarosos, tirou o que ele mesmo usava. Era a reprodução de um ser fantástico em miniatura. Uma mistura de urso, leão e cachorro. Um entalhe feito com arte em uma pedra verde. Dava a idéia de animação e vigor. Conforme o ângulo que se olhasse, tinha-se a impressão de patas em movimento e sempre agarrando uma coisa diferente. A cabeça era grande. Os olhos redondos e solenes de um pensador. Adequado para Torin.

— Energia incansável, renovação, mobilidade e poder... — Ragnar amarrou o pingente no pescoço de Torin. — A sua dedicação sempre foi a de um filho. E é como eu o considero. Use isto para dar-lhe proteção e boa sorte.

Sean percebeu que Torin ficou comovido com o gesto. Ragnar devia significar muito para ele. Muito mais de que um sogro.

— Não posso aceitar...

— Não só pode como deve! — Ragnar estava acostumado a ter seus desejos obedecidos.

— E quanto ao senhor? Qual amuleto o protegerá? Ragnar riu e apontou um por um.

— Meus filhos! E Odin! Ah, sou mesmo um homem feliz. Se eu morresse hoje, morreria feliz.

— Não diga isso! — Sean sentiu um calafrio na espinha, mesmo sem ser supersticioso. — Falemos de vida, e não de morte.

— Concordo.

O outono estava terminando e o inverno se aproximava. Nessa época, tempestades assolavam os rios do norte.

— Não podemos esperar muito tempo para prosseguir viagem até o norte, ou o rio ficará congelado.

O aviso de Torin foi seguido de uma explicação para Sean. Se a superfície ficasse dura, teriam de colocar uma espécie de esqui sob as embarcações para que pudessem avançar.

— No Eire existem esquis? — Sèlig quis saber. Diante da negativa de Sean, explicou que se tratava de pranchas de madeira amarradas nos pés. — Com eles é possível deslizar montanha abaixo.

— Ou andar sobre a neve — Torin acrescentou. Disse ainda que os eslavos andavam sobre os rios congelados com sapatos de neve feitos com tiras de couro e ramos de salgueiro. Verdadeiras raquetes sob os pés.

— Essa conversa sobre o frio faz um homem mais debilitado estremecer. — Ragnar abraçou-se.

Não era a impressão que os filhos tinham dele. Fraco jamais seria o termo adequado para Ragnar. Ele parecia um pilar de ferro, silencioso e forte.

— Estamos aqui há poucos dias, mas já parece um ano. Vamos para casa!

Parte III

Terra dos gigantes de gelo

Capítulo X

Noruega, Inverno

O vento implacável enfunava as velas das embarcações vikings que penetravam no fiorde. As nuvens lançavam sombras sobre o convés. Naquela altura, Natasha contemplava o cenário e encontrava-se bem menos entusiasmada do que Sean pela viagem à Escandinávia. Estremeceu por causa da mudança de temperatura. O ar gelado em movimento cortava a pele do rosto.

Sean viu-a estremecer e cobriu-a com o manto.

— Aqui é mais frio de que nas estepes?

— Não, não. Lá a temperatura, no inverno, é semelhante a esta, e o vento também costuma uivar. Muitas vezes os rios congelam. Faz tanto frio que os lobos saem da mata em bandos e vão se aquecer perto das nossas fogueiras. Lembro-me de um inverno em que se jogava água para cima e ela virava gelo antes de atingir o solo. Foi quando encontraram o irmão de minha mãe morto e congelado na mata.

Natasha olhava para os lados, apreensiva. Os penhascos escarpados cobertos de neve que se erguiam dos dois lados como verdadeiras muralhas de pedra branca eram assustadores. Montanhas laterais surgiam de repente nos canais estreitos e estendiam-se por quilômetros. Era como se um gigante amável houvesse tirado um dedo e por esse espaço as embarcações teriam de passar.

— Esses são os fiordes — Sean explicou.

Natasha observou a Escandinávia com olhar crítico. Gigantes de neve haviam pintado as paisagens com gelo e neve. O solo era coberto por uma mortalha branca que fazia os olhos arderem. Dos telhados das casas longínquas, pendiam pedaços finos de gelo de tamanhos variados.

Sean abraçou-a.

— Não estou acostumado ao frio. A minha adorada esposa terá de me aquecer nas noites geladas...

Natasha aconchegou-se no amado.

Da embarcação de Ragnar ouviram-se três sons agudos de trombeta. Resposta idêntica veio da terra.

— Eles estão nos oferecendo as boas-vindas — Sean animou-se.

Natasha lembrou-se de como fora bem-recebida na última vez em que estivera em um povoado nórdico. Inspirou fundo. Teria de esquecer tudo aquilo ou não encontraria felicidade em lugar nenhum. Dessa vez, ela era a esposa de um viking, e não uma escrava. Além do mais, aprendera a gostar de Ref, de Ragnar e de Sèlig. Ou melhor, ela até os admirava. Nem todos os nórdicos eram maus e rudes.

As embarcações atingiram a costa ao meio-dia e os timoneiros guiaram-nas até a atracação. Homens, mulheres e crianças correram para saudá-los, com os cães em seu encalço. A multidão vinha saudar os entes queridos.

A nau foi levada até um arco construído com troncos de árvores e pranchas que se projetavam para fora da margem. Depois de o navio ter sido fortemente amarrado, os homens começaram a descarregar as peles, conversando sobre a melhor maneira de comercializá-las. Ref queria o preço ambicionado pela maioria dos nórdicos. O retorno em prata. Torin, em sedas e especiarias. Sèlig queria trocá-las por armas para repor as perdas na viagem. Sean pensou no mais valioso dos tesouros: livros. Que havia muitos anos tinham sido roubados dos mosteiros do Eire.

Natasha sorriu ao ouvir o entendimento entre os homens. Talvez Sean não houvesse mudado tanto assim.

— Algum dia eu levarei os livros de volta ao lugar de origem. Muito trabalho foi gasto neles. Sei bem o que é isso.

Natasha observou a embarcação ser esvaziada de suas mercadorias. Ali era diferente de Kiev, embora os dois lugares fossem barulhentos, cheios de gente e fétidos. O mesmo cheiro de peixe no ar. Kiev dera a impressão de estar lotada de pessoas em trânsito. Na Escandinávia, os habitantes pareciam estar em seus lares permanentes.

De longe, várias pessoas olhavam na direção dos recém-chegados. Uma mulher de cabelos vermelhos acenava com agitação.

— É Érica, minha irmã. É bem provável que ela resolva carregá-la sob as suas asas.

— Asas? — O espanto de Natasha foi tão grande que Sean deu risada. — É uma expressão que se usa no Eire. Quer dizer amparar ou favorecer alguém. Como uma irmã ou mãe fariam.

Fazer a pessoa sentir-se bem-vinda, até ela se habituar aos novos costumes e à nova vida.

— Ah, entendi. Como a galinha faz com os pintinhos. — Como ela fizera durante tantos anos com Nádia.

Natasha fez menção de seguir Sean, mas logo foi impedida de continuar por Nádia.

— Por favor, deixem-me ficar na embarcação. — Sua amiga estava aterrorizada.

—Não pode permanecer aqui, Nádia.—Natasha fitou Sean. Afinal, foi Ref quem resolveu o impasse.

— Eu a levarei para terra firme. Ela é a carga mais valiosa de todas!

Ref ergueu Nádia no colo e levou-a nos braços.

— Sou pesada. — Ela escondeu o rosto no ombro dele.

— Bobagem. É tão leve como uma pluma.

Todos se voltaram para apreciar a cena. Natasha ficou satisfeita em ouvir o riso de Nádia. A amiga permanecera ensimesmada na maior parte da viagem.

— Ref gostou dela — Sean sussurrou-lhe no ouvido.

— E ela o adora. Como faremos para fazer com que percebam isso?

— Teremos de dar-lhes tempo. Tenho um pressentimento de que eles acabarão juntos. Como nós. — Sean afastou-lhe as mechas douradas do rosto e deu-lhe o braço enquanto caminhavam.

Sèlig foi saudado com efusão por uma jovem de cabelos escuros e mais baixa do que ele. A ruiva, irmã de Sean, beijou Torin com toda a força de sua saudade. Depois abraçou Ragnar, falando com entusiasmo.

— Minha irmã vai dar um neto a meu pai — Sean explicou. — Torin contou a novidade enquanto estávamos em Kiev. Veja como ela está gorda. Eu me admiro que Ragnar não tenha reparado nisso antes.

— Homens nunca notam os problemas femininos. Estão sempre ocupados com seus próprios problemas. Tais como embarcações e descobrimentos.

Sean ergueu Natasha nos braços, como Ref fizera com Nádia.

— Eu reparo! Pode ter certeza de que, pelo brilho do seu olhar, saberei quando estiver carregando um filho meu.

Natasha prestou atenção no aglomerado de casas. Algumas equilibravam-se nas margens. Outras ficavam no alto da colina. O que mais a espantou foram as que estavam empoleiradas em saliências de rocha bem acima da água. Os vikings, além de bons construtores, eram muito engenhosos.

Ragnar, Sèlig e Torin foram em direção a um casarão de madeira com telhado de turfa e alicerces de pedras. Sean também se dirigiu até lá. Explicou para Natasha que se tratava do domicílio central onde se cozinhava, faziam-se as refeições e as festas, e onde se realizavam jogos. Dentro notavam-se fendas verticais por onde entrava a luz, e um buraco no teto que permitia a saída da fumaça e a passagem dos raios de sol. Por causa do frio, não havia janelas.

Sean despiu a capa pesada de lã e bateu os pés no chão para tirar a neve das botas. Ajudou Natasha a desvencilhar-se do manto e ajeitar a roupa amassada. Juntaram-se aos demais, que também já estavam sem os agasalhos.

— Kodran! Estou tão feliz que tenha voltado são e salvo! — A irmã de Sean saudou-o com grande alegria. Em seguida, estendeu a mão para Natasha a fim de demonstrar amizade. — Ela é adorável, Kodran. Não me admiro que tenha ido tão longe para trazê-la de volta.

Natasha entendeu o que Érica falava e sentiu-se orgulhosa. Na viagem, Sean lhe ensinara o idioma nórdico. A excelência do mestre e a determinação da aluna haviam dado resultados positivos. Natasha era capaz de compreender e conversar na linguagem dos vikings.

— Muito obrigada por suas palavras bondosas — ela falou devagar, procurando não errar. — Espero que possamos ser amigas.

— Seremos muito mais do que isso. Seremos irmãos.

— Ah, sim... sim! Seremos irmãos! — Natasha repetiu, entusiasmada.

Érica levou-a pela mão até onde se encontrava a esposa de Sèlig. De início, Gwyneth retraiu-se. Mas logo tomou-se de amores por Natasha e tratou-a com cordialidade. Apresentou-a à família e a Nissa, esposa de Ragnar. A rainha da herdade, conforme Gwyneth e Érica disseram com um piscar de olhos.

Como entre os nórdicos de Kiev, havia bancos alinhados nas paredes, caldeirões enormes sobre o fogo e suspensos por correntes seguras no teto, teares e utensílios para cozinhar. Nissa não perdeu tempo. Entregou a Natasha uma faca e um pequeno saco com cebolas.

— Nesta casa todos fazem jus ao seu sustento — Nissa resmungou à guisa de saudação.

— Vai se acostumar com ela — Gwyneth cochichou no ouvido de Natasha. — Eu e Érica não nos importamos mais com as grosserias.

Natasha percebeu que Ragnar possuía várias escravas. Elas se azafamavam em trazer para a mesa pães que haviam sido assados em um forno de pedras. Não obstante odiar a escravidão, admitiu que as moças pareciam saudáveis e eram tratadas com humanidade. Mesmo assim imaginou a origem de cada uma e como teriam sido capturadas.

Nádia apressou-se em gravitar em torno das moças. Ajudou-as com os pães e a arrumar a mesa.

— Nádia — Natasha sussurrou —, não precisa fazer isso. Seu tempo de escravatura já terminou. Vamos preparar a refeição.

Érica e Gwyneth ajudaram Natasha a cortar as cebolas, que foram parar em um caldeirão. Depois picaram mais vegetais, enquanto Nádia fatiava carne. Nissa estava sentada em uma cadeira e dava instruções.

Natasha ergueu as sobrancelhas e perguntou-se por que Nissa não as ajudava a cozinhar.

— Na minha terra, todos tinham suas ocupações. A menos que... possuíssem escravos — Natasha fez uma careta ao lembrar-se de sua situação anterior. — Há alguma coisa errada com Nissa? Ela é... doente?

— Ela é muito saudável. — Gwyneth fez ar do pouco caso. O problema de Nissa é uma coisa chamada preguiça.

— E o que é isso?

— Ela não gosta de ocupar as mãos com serviços domésticos — Érica explicou. — Prefere ficar sentada enquanto os outros trabalham para ela.

— Ah!

Natasha recordou-se de algumas jovens do palácio de Demétrius que também eram daquele jeito. Não entendia por que Ragnar, sempre pronto a prestar ajuda mesmo sendo um vice-rei, permitia tal situação. E, sem se conter, expôs sua dúvida.

— Nissa é uma pessoa que esbanja censuras — Érica respondeu. — Acredito que meu pai não aprecia muito ser o alvo de sua rudeza. Assim, aprendeu a virar a cabeça e a ignorar-lhe todas as faltas.

Uma nuvem densa de fumaça subia da lareira. Esta era enorme, feita de pedras e ficava abaixo do nível do piso, no centro do recinto. As mulheres preparavam a refeição da noite e conversavam sobre os preparativos para o inverno. Ouvir Nissa era imaginar que ela fizera tudo sozinha. Secara e salgara as carnes. Preparara conserva dos arenques. Estocara os grãos em grandes celeiros. Mas Natasha seguiu os conselhos da cunhada e fez ouvidos moucos.

O tema da conversa passou para o bebê de Érica. Nissa calculava, pelos sintomas da escocesa, que a criança poderia nascer no final do inverno.

— Quando acha que a criança foi concebida? — Gerda, outra das mulheres nórdicas, perguntou. — Eu sempre digo que uma mulher sabe.

— Em um barco no mar, saindo da ilha de Staffa — Érica informou e sorriu, misteriosa, e fitou Torin, que se entretinha em um jogo de tabuleiro, chamado *hneftafl*, com Sean.

Érica explicou para Natasha que se tratava de um jogo de estratégia em que peças de vidro eram movimentadas como se fossem um líder viking e seus homens. Cada jogador tinha de defender seus homens do ataque. Torin sorriu para avisar que estava ganhando.

— Eu digo que será uma menina — Nissa afirmou, com um sorriso afetado, como se uma menina não fosse bem-recebida. — Posso ver pela barriga alta.

— Como é que pode ter tanta certeza? — Gerda zombou e fez Nissa corar. Natasha supôs que Nissa fosse estéril. — Eu digo que será um menino. Um neto para Ragnar. A barriga de Érica é grande e alta porque o menino é grande e forte!

Nissa e Gerda prosseguiram em sua discussão.

— Não me importa o sexo da criança. — Érica sorriu. — Eu a amarei por que será uma parte de Torin. Além disso, tenho certeza de que as meninas são capazes de fazer tudo o que os meninos fazem. Às vezes, até melhor.

— As meninas aprendem desde cedo a manobrar o pai — Gwyneth afirmou, lembrando a infância.

— É verdade. — Natasha também se recordou dos fortes laços afetivos que a unira ao pai. — Apesar de meu pai ter tido três filhos, eu sabia que era a favorita dele.

A comida finalmente ficou pronta. Não demorou muito para Ragnar sentar-se à mesa e fazer um sinal para que todos o imitassem. Natasha poderia jurar que o ronco de seu estômago fora um aviso para o sogro de que estava na hora de jantar. Ragnar bateu com a faca na mesa.

— O horário de refeições começou oficialmente — sussurrou Gwyneth e apontou para Nissa.

A mulher de Ragnar correu para ocupar seu lugar enquanto outras mulheres enchiam pratos e tigelas com comida.

Érica pegou um prato e uma tigela para Natasha e insistiu para que a cunhada se sentasse.

— A viagem foi longa e cansativa. Gwyneth, eu e as outras faremos o resto.

Como em Kiev, a refeição foi ruidosa e transcorreu em clima de alegria. Risos, gabolices e relatos de aventuras. Natasha notou que Sean sentia-se completamente à vontade. Ele contou para Érica e Gwyneth como haviam fugido da mansão de Demétrius e de Constantinopla. Sem esquecer de relatar a coragem de sua esposa.

— Prometi levar Natasha comigo da próxima vez em que eu sair para navegar. Pretendo ir à procura de terras desconhecidas.

— Levá-la? — Nissa espantou-se. — E por quê?

— Porque não quero me separar de minha mulher nem por um segundo.

Pelo olhar de Sean, Natasha teve certeza de que ele pensava em uma cama macia e quente. No navio, não houvera condições de ficarem a sós e aplacar o desejo. Ela temera que os gemidos fossem ouvidos pelos outros.

Depois do jantar, eles foram para o quarto com a desculpa de descansar da longa viagem. Logo recuperaram o tempo perdido em uma explosão de paixão.

Natasha e Sean dormiram aconchegados. Acordaram, fizeram amor novamente e adormeceram, sentindo-se os mais felizes dos mortais.

A Escandinávia foi coberta pela neve. Terrenos rochosos transformados em uma imensidão de montanhas brancas a perder de vista. Natasha estava acostumada a um clima semelhante. Sean nunca sentira tanto frio. Nem as lareiras acesas conseguiam aquecê-lo.

A região era chamada de terra do fogo e do gelo. Para Sean, era a terra dos gigantes de gelo. Havia neve por toda parte.

Tudo estava congelado. O inverno era um fator tão decisivo para os nórdicos que eles contavam o tempo em invernos, não em anos.

Ragnar lembrou-se de um inverno tão severo que a água congelara dentro das tigelas de pedra-sabão que estavam no hall. Sean

refletiu que seria bem mais apropriado o reino da morte ser gelado como o dos vikings, em vez do inferno flamejante dos cristãos.

Lembrou-se das explicações de Ragnar. Niflheim era o lugar gelado para onde iam os mortos que caíam em desgraça. Era regido por Hela, a deusa da morte.

— Na Noruega diz-se que a entrada do reino da morte é por uma montanha vazia, o monte onde os homens ficam enterrados. É a terra do nada, uma região envolta em brumas. A região das punições fica mais além e é o reino da noite e do frio eternos, onde o açoite do vento é igual ao ataque de uma serpente.

— Para os cristãos, o inferno é a terra do fogo eterno, comandada por Satanás e seus anjos do mal. Também o chamamos de demônio. Mas eu descobri que o inferno está aqui — Sean bateu na têmpora —, na mente.

Ele tentou convencer-se de que o frio também só estava em sua cabeça, mas não adiantou. Sentia-se congelado até os ossos.

Sean ouvira dizer que no verão a luz do sol era contínua. No inverno, a impressão era de que a escuridão e o frio não teriam fim. Apesar das péssimas condições atmosféricas, os homens ainda caçavam e pescavam para reforçar o suprimento alimentar. Um inverno longo demais poderia significar o término antecipado das provisões estocadas no outono. Assim as atenções eram desviadas da navegação e voltadas para questões de sobrevivência.

O gelo dos lagos era quebrado pelos escravos para que os animais pudessem matar a sede. Os celeiros, os depósitos e os estábulos eram calafetados com mais camadas de céspede, torrão de terra arrancado com ervas, nas paredes e nos telhados. A proteção dos animais e dos alimentos era primordial no inverno. A sobrevivência de todos, nos meses frios, dependia da alimentação.

A mesma calefação se fazia na residência comunal, muitas vezes sem o resultado previsto. As pessoas aproximavam-se muito do fogo, o que se tornava perigoso. Em muitos dias Sean trabalhava tanto que, à noite, sentia as pernas paralisadas pelo frio e pelo trabalho pesado. Natasha fazia-lhe massagens com óleos que não só esquentavam, mas

também erotizavam. Por isso Sean passava horas maravilhosas na cama com Natasha sob as cobertas. Poderia ficar ali eternamente.

Os escravos e os demais membros da herdade dormiam no saguão principal, que era dividido em compartimentos forrados com peles. Ragnar, Torin, Sèlig e Sean, com as respectivas esposas, tinham quartos pequenos com portas e trancas. No meio do quarto, uma cama com cobertores e peles. Uma arca para guardar os pertences pessoais e pinos de madeira para pendurar roupas. O mais importante era a privacidade, ficar a sós com o parceiro para falar, fazer amor e aproveitar os momentos de ternura.

Pela manhã, não obstante o privilégio de ter um quarto, ouvia-se o tumulto dos que já haviam se levantado dos catres improvisados. Sean tentou impedir que Natasha deixasse o calor do leito.

— Fique!

— Não posso. O trabalho das mulheres não termina nunca

— ela sussurrou. — Tenho de ajudar as outras a aprontar o *davre*, o desjejum.

Sean mordiscou-lhe o pescoço.

— Ah, eu bem que preferia ficar mais um pouco aqui. É muito mais apetitoso.

Natasha hesitou, tentada a permanecer na cama macia e quente ao lado de Sean. Porém, ao ouvir o ruído das caçarolas na cozinha, afastou-o com delicadeza e levantou-se.

— A comida tem de ser preparada, pratos e vasilhas precisam ser limpos e todo o trabalho da casa está à espera para ser feito. As escravas não podem fazer tudo. — Natasha apontou-lhe o dedo. — Os recintos terão de ser limpos, com mais frequência, agora que os homens ficam mais tempo aqui dentro e...

— Porventura está nos acusando?

— Ah-ah! Os senhores estão muito mal-acostumados! As esposas vivem andando atrás dos maridos para arrumar tudo!

— Natasha fingiu estar com raiva e assoprou um beijo. — Assim mesmo, acho que ficaremos com eles.

Sean deitou-se de lado e observou-a trajar o vestido de lã, a túnica e o avental. Em seguida, ele se levantou, abriu a arca e tirou de dentro a túnica mais quente, o manto e a calça.

Os dois foram juntos até o hall. O fogo não fora apagado da cova central, com o intuito de aquecer o ambiente. As chamas seriam avivadas para que se pudesse cozinhar. Natasha tentou pegar um dos caldeirões para lavar.

— É muito pesado.

Sean correu para ajudá-la, e as mãos de ambos se tocaram quando seguraram a alça. Pela expressão de Natasha, ele pôde ver que ela se arrepiara tanto quanto ele ao contato. Imaginou por quantos anos duraria aquela centelha instantânea que se acendia entre eles e se algum dia chegariam a cansar-se um do outro.

— Onde quer que eu coloque isto? — Sean levantou a peça pesada, sem o menor esforço.

— Ali. — Natasha apontou o local onde havia muitos baldes com água e foi atrás dele. — O que eu faria sem o meu marido?

Sean deu um sorriso largo. Embora Natasha fosse muito independente, ela não se envergonhava de pedir-lhe auxílio. Isso o deixava satisfeito. Pegou uma ameixa seca de um prato que estava em cima da mesa. Em um domicílio nórdico, faziam-se apenas duas refeições diárias. Mas sempre havia frutas para comer nos intervalos. Frescas no verão e secas no inverno.

No hall todos se ocupavam com diversas tarefas. Os escravos cuidavam do fogo, traziam lenha de fora e realizavam outras tarefas subalternas. Havia sempre dois ao lado da cova, dia e noite, para não deixar as chamas se apagarem. As mulheres mexiam o mingau que borbulhava nos panelões e tiravam mel dos favos.

Além de Baugi, o cachorro de Sèlig, havia mais dois que se apressaram a saudar Sean quando ele se aproximou do fogo.

Érica viu Sean de longe e chamou-o para saudá-lo. Sèlig e Gwyneth fizeram o mesmo. Torin se encontrava no celeiro, reabastecendo vasilhames com grãos. Depois do desjejum, Sèlig iria consertar o depósito.

— Bom dia, Kodran. — Ragnar bateu-lhe no ombro, com a energia habitual. — Gostaria que me ajudasse a consertar o telhado depois de comermos. Mais tarde farei uma surpresa para Tasha e Gwyneth. Um passeio em uma carroça sem rodas.

— Um trenó!

Sean ouvira Torin falar sobre as diversas maneiras de viajar sobre o gelo. Ponderou a respeito da engenhosidade e da inteligência dos nórdicos.

Quando os terrenos ficavam cobertos de neve, os lagos e rios congelados, o povo circulava em trenós, esquis e patins. Como os eslavos, os vikings também usavam sapatos para neve. Os trenós maiores eram puxados por cavalos. Por isso os escandinavos haviam desenvolvido um método para evitar que os animais escorregassem na neve. Fixavam pregos ou grampos de ferro nos cascos.

— Poderia me ensinar a construir um desses engenhos? — Sean pediu. Talvez precisasse disso quando estivesse em terras desconhecidas no inverno.

— Vamos fazer um juntos.

Ragnar tirou um pedaço de carvão do fogo e desenhou um trenó em cima de uma pedra chata que estava ao lado.

Apesar do intenso frio do inverno, Sean sentia-se aquecido pelo amor que existia na casa de seu pai. Todos cooperavam nas tarefas e alegravam-se pelo trabalho comunitário. Ele nunca tivera o calor de uma família. Além de Natasha, de uma só vez ganhara pai, irmã e irmãos. E isso era o mais importante. E logo a família seria aumentada. Fitou Érica, que estava ao pé do fogo, preparando ovos de gaivota escaldados.

— Está com frio, Érica? — Ragnar preocupou-se. — Pensei tê-la visto tremer. Não quero que fique gripada. Ainda mais nesse estado.

Sean notara as atenções de Ragnar para com a filha. Ficava evidente o amor que o homenzarrão tinha por Érica. E ela se comovia com esse amor.

— Estou bem, papai...

— Tem certeza?

— Tenho.

— E como vai meu neto? — Sean viu-o piscar para a filha.

— Ela está ótima. — Érica tinha opinião firme de que teria uma filha, apesar do que outros afirmavam.

Ragnar relanceou um olhar crítico pela residência.

— Muito pequena. Teremos de aumentá-la logo, logo. Para acomodar melhor sua família, Ragnar planejava erguer uma segunda *skaalen* a direita do primeiro saguão. Não dera atenção à insistência dos filhos, que preferiam habitações particulares. Além do mais, os homens ficariam viajando na maior parte do tempo. Sèlig iria para o povoamento da Grã-Bretanha, Torin se ocuparia com suas rotas comerciais e Sean, com as viagens para o norte. Ragnar lhes dissera que pretendia manter a família unida enquanto os homens estivessem fora, cada um em um canto.

— Nós estivemos afastados por muitos anos. O tempo é curto quando um homem envelhece.

— O senhor não está velho — Sean interveio. — Tenho-o visto trabalhar muito mais do que Sèlig e eu.

Torin lhe dissera que a doença de Ragnar fora o catalisador da procura dos filhos. E que também Ragnar nunca mais ficara doente depois de Herlaug ter sido exilado.

— Ah, mas estou sentindo meus ossos cansados. Sei muito bem que não se vive para sempre, pelo menos fisicamente. —

Ragnar ergueu a mão para evitar os protestos de Sean e de Sèlig.
— Eu sou mortal, meus filhos. Apesar da minha esperança de ir para Valhala, preciso ter certeza de que deixarei tudo em ordem. Tenho de decidir quem ocupará meu lugar.

— Por favor, papai. — Érica estremeceu. — Não fale de morte antes do desjejum. É um mau agouro.

Ragnar suspirou fundo.

— Preciso falar enquanto as idéias estão frescas na minha mente.

— O senhor tem dois filhos, uma filha, e um neto em vista. Conta ainda com Torin, Natasha e eu — Gwyneth comentou.

— E com certeza a família aumentará. — Corada, fitou Sèlig.

— Sua descendência estará assegurada, mas é preciso ser paciente.

— Os filhos e netos de um homem garantem a sua imortalidade. Além do bom nome, é claro. Mas também sinto que o tempo está se esgotando. Na noite passada sonhei que eu navegava para o oeste, em um caminho sem volta. Feliz e contente, até olhar para trás. Enxerguei o caos que estava esmagando a paz que eu implantei aqui. — Ragnar interrompeu-se ao ver Torin entrar, bater as botas para tirar a neve e sacudir-se.

— Um dos meus filhos deve estar preparado para ocupar o meu lugar. Somente dessa maneira poderei dormir sossegado.

— Ninguém poderá realmente ocupar o seu lugar, Ragnar

— Torin atalhou.

— Talvez nenhum devesse tentar sozinho. — Sèlig ergueu uma sobrancelha. — Somos três.

Ragnar negou com gestos veementes de cabeça.

— Não quero vê-los lutar entre si pela supremacia!

— Nós nunca faríamos isso! — Sean protestou.

— Tenho certeza de que haverá desavenças. — Ragnar mostrava-se realista. — Já vi essas coisas afastarem irmãos do caminho certo. Herlaug e eu éramos muito amigos, mas ele foi tentado pela idéia de poder. — Inspirou o aroma apetitoso de comida. — Está na hora de eu tomar uma decisão. Em sete dias, um dos meus filhos será nomeado meu sucessor. Os outros terão de fazer um juramento de sangue. Serão leais ao líder até o dia de Ragnarok, o crepúsculo dos deuses. Nesse dia o sol se apagará, a terra afundará no oceano, as estrelas cairão do céu e o tempo deixará de existir. Será o fim do mundo.

— Até o fim do mundo? — Sèlig perguntou, incrédulo.

— Será a única maneira.

Sean e Sèlig se entreolharam. Qual deles teria a honra?

A refeição matinal terminara. Os pratos tinham sido retirados da mesa, lavados e secados. Alguns escravos ocupavam-se em ferver água do mar para coletar o sal, enquanto outros limpavam peixe fresco para fazer conserva. No ar, cheiro de pão assado.

Nissa e Gerda ocupavam-se com o tear, transformando fios de lã em mantas. As mulheres nórdicas passavam o ano tecendo. Faziam roupas e velas grossas para as embarcações.

Como Natasha dissera para Sean, o trabalho das mulheres não terminava nunca.

Os homens aravam, caçavam, pescavam, comerciavam e lutavam. O artesanato também era restrito aos homens. A vida das mulheres resumia-se aos afazeres domésticos. Moíam farinha, assavam pães, fermentavam cerveja, enrolavam fios de lã, teciam, faziam e remendavam roupas, tiravam leite das vacas, batiam manteiga, cuidavam das crianças e dos doentes. As horas do dia eram insuficientes para cumprir as tarefas.

Natasha lutava para encontrar uma hora livre. Nesses momentos, fazia o que mais lhe agradava. Treinava as letras no pedaço de pergaminho que Sean lhe dera recentemente.

Ela não entendia por que ler e escrever se restringia ao latim e ao grego. Por que os outros idiomas não poderiam ser também escritos? Pelo que aprendera, a escrita não passava de uma coleção de sons transformados em sinais, que eram desenhados no pergaminho como se fizessem parte de um código.

— Tasha!

Ela se virou. Ragnar se aproximava. Constrangida sempre que estava na presença do sogro, escondeu o pergaminho às costas.

— Chame Gwyneth, vistam as roupas mais quentes e venham comigo. Tenho uma surpresa para as duas.

— Uma surpresa?

O que seria? Ragnar raramente falava com ela ou com Gwyneth. O que ele teria em mente? Com certeza não as bajulava para ganhar outros netos.

Ragnar sorriu com ares misteriosos.

— O vento já não está uivando e a neve parou de cair. Estou com vontade de dar um passeio.

Natasha estremeceu, com uma embarcação em mente.

— Eu a tenho observado trabalhar duro, sem descanso e sem uma queixa. Diga-me a verdade: não está cansada de ficar presa?

— Estou. — Para que mentir? — Meu povo é andarilho.

Raramente ficávamos parados em um só local por muito tempo, mesmo no inverno.

— Então venha! — Ele a viu olhar para Nádia. — Ah, sim, a mocinha. Ela também pode vir.

As três vestiram rapidamente as roupas de lã mais grossas, os mantos de peles e seguiram Ragnar. Do lado de fora, viram um trenó puxado por uma parelha de cavalos negros. O veículo era entalhado e descansava sobre uma espécie de patim alongado de madeira. Um de cada lado, em vez de rodas.

Gwyneth não conteve o espanto.

— Como é que isso se move no chão sem rodas? Ragnar deu uma gargalhada.

— Ah, Gwyneth, pelo visto na sua terra não há muita neve, não é? Por causa desses esquis, o trenó desliza por cima da neve como uma embarcação em cima da água. — Ele levantou cada uma das jovens e deixou-as no assento, onde elas se aconchegaram. — Eu lhes mostrarei como isso é divertido.

Ragnar pulou para dentro do veículo e apossou-se das rédeas. As duas noras e a amiga agasalharam-se com as peles que ele empilhara no banco.

— Prontas? Podemos ir?

Ragnar puxou as rédeas, e o trenó saiu com um solavanco. Os patins largos e compridos escorregavam brandamente sobre o gelo, como se fosse por um passe de magia. Cruzaram os campos cobertos por uma camada grossa de neve e deram de encontro com uma crosta dura. Natasha vibrou com a paisagem que a rodeava. Era um reino de fadas feito de gelo e neve.

O trenó passou por onde as embarcações estavam ancoradas. Mesmo a distância, Natasha notou Ref fazendo reparos nas naus. Os cabelos vermelhos dele lembravam um farol na neve.

— Ref! — Nádia torcia as mãos no colo, como sempre acontecia na presença dele.

— Não temos visto Ref em casa neste inverno — Natasha comentou.

— Eu sei.

Nádia andava quieta demais. Seriam lágrimas o que Natasha via no olhar da amiga? Alguma coisa ia mal entre aqueles dois. Natasha resolveu deixar as perguntas para mais tarde, quando as duas estivessem a sós.

— Vejam! — Gwyneth apontou várias pessoas que se moviam sobre as águas geladas.

— Elas estão patinando — Nádia informou, — Tasha e eu já presenciamos essa diversão.

— Elas amarram ossos de animais nos pés, assim como se faz com os patins no trenó — Natasha encarregou-se de explicar.

— Ouvi dizer que patinar é uma delícia. Eu gostaria de... — Nádia interrompeu-se, lembrando-se da perna. Durante o restante do passeio, ela ficou em silêncio.

— Será que não há perigo de cair na água?

— Só se a camada de gelo for muito fina — Ragnar disse.

— Hum, então é preciso tomar cuidado. — Natasha lembrou-se de que não patinara porque tinha medo da água. No momento, bem que gostaria de fazer uma tentativa!

Era muito bom estar ao ar livre. Natasha alegrava-se, apesar do rosto e do nariz parcialmente congelados. A neve deixava tudo diferente. Fresco e limpo. O mundo parecia desprovido de outros ruídos que não fossem o ritmo dos cascos dos cavalos e o assobio dos esquis correndo sobre o gelo.

Foi Ragnar quem interrompeu o silêncio:

— Uma das minhas noras ou a minha filha será contemplada com a posição de esposa de um líder, depois que eu me for. Essa honra vem acompanhada de uma grande dose de responsabilidade.

— Sei disso. — Natasha concordou, com o pensamento distante.

As mulheres não tinham lugar na vida pública e nos procedimentos legais. Porém, uma mulher de espírito forte certamente gostaria de ter como meta uma boa dose de autoridade e influência. Natasha já ficara sabendo que, na ausência do marido, a esposa ficava responsável pela herdade e terras circunvizinhas até ele voltar. Se ficasse viúva, a mulher teria de tomar conta do patrimônio, a menos que decidisse casar-se novamente. As mulheres eram muito zelosas em defesa da honra da família.

— Conheço todas as responsabilidades — Gwyneth afirmou. — A despeito de meu pai nunca ter dito nada, minha mãe era o braço direito dele.

Ragnar tornou a rir.

— Não faço diferença no amor que dedico a meus filhos. Nas últimas semanas tenho procurado enxergar todos com olhar crítico. Procurei julgar os pontos fortes e os fracos. Tenho de pesar com muito cuidado a minha decisão.

— O senhor pretende escolher entre Sean e Sèlig? — Gwyneth perguntou. — Em Wessex, as terras e as honras de um homem são transferidos para o filho mais velho. — Ela se referia ao fato de Sèlig ser o primogênito.

— Primeiro, segundo ou último... Para mim não importa.

— A resposta de Ragnar diminuiu as esperanças de Gwyneth.

— Escolherei para meu sucessor aquele que puder amar e entender a Escandinávia como eu amo e entendo. Ele terá de ter pulso forte e, ao mesmo tempo, ser um pacificador. — Ragnar estalou o chicote e virou o trenó. — Gwyneth, ao sugerir a escolha entre Sean e Sèlig, se esqueceu de que há uma terceira alternativa.

— Como assim? — Gwyneth espantou-se. — Quem é o outro filho?

— Uma filha.

A neve espirrou neles quando um dos esquis esbarrou em um grande bloco de gelo. As jovens limparam olhos e cabelos. Natasha fez o mesmo com Ragnar, que segurava as rédeas firmemente com as duas mãos.

— Erica está casada com um homem que é como um filho para mim. Torin tem sido meu maior apoio durante esses anos todos.

— Ah, sim... Torin.

Érica e Torin formavam o par perfeito para suceder Ragnar. Natasha não pôde esconder seu alívio. Era como se um peso houvesse deixado seu ombros. Sean não se cansava de afirmar que pretendia navegar para descobrir terras ainda não exploradas. Aquele sempre fora seu sonho. Sonhos que seriam enterrados caso fosse nomeado sucessor do pai, líder de seu povo.

O mundo branco e cristalino de repente tornou-se mais brilhante para Natasha, como se o sol houvesse voltado a brilhar. Depois de alguns minutos, o trenó parou em frente à grande residência que era o lar da família.

Mais aliviado, Ragnar ajudou as jovens a descerem. Natasha aventou a hipótese de o sogro haver decidido a quem outorgaria o cetro. Ou talvez a sentença já estivesse em seu coração havia tempo.

Ragnar levou os cavalos de volta à cocheira e entregou-os a um dos escravos. Ao lado das jovens que o esperavam, voltou para o hall.

No momento em que empurraram a porta, Natasha percebeu que havia algo de anormal. Érica estava sentada e Sean, curvado, falava com a irmã. Segurava-lhe a mão e procurava confortá-la.

— O bebê! — Natasha exclamou.

— O bebê! — Ragnar empalideceu. — Friga, mãe da Terra, esposa de Odin, olhe por minha filha...

— Friga é a deusa invocada pelas mulheres em trabalho de parto — Nissa explicou e afastou Sean.

Sempre eficiente em distribuir ordens, Nissa conseguiu, em instantes, reunir as mulheres da casa, cada uma com uma tarefa diferente e um único objetivo: pegar o que fosse necessário para o nascimento de uma criança. Érica foi levada do hall a passos lentos. Corajosa, não deu nenhum gemido, embora fosse visível o grande sofrimento por que passava.

— Fervam água, depressa! — Natasha vira muitas crianças nascerem nas estepes.

Todos ficaram alvoroçados, vendo Érica dobrar-se de dor. Em um momento de empatia, Natasha compartilhou do sofrimento da cunhada. Torin chegou acompanhado do escravo que fora chamá-lo. Ergueu a esposa nos braços com a maior delicadeza, levou-a até o quarto deles e deitou-a na cama.

— Aperte minha mão quando não suportar mais a dor — Torin murmurou, determinado a não sair de perto de Érica.

Gerda e Nissa não concordaram com a idéia e mandaram-no embora. Elas eram de opinião que homens não tinham nada para fazer no quarto onde um bebê estava para nascer.

Gerda entregou uma xícara de chá para Gwyneth.

— Faça com que Érica tome a infusão. É relaxante muscular e sedativa. É uma fórmula secreta que Ragnar trouxe do Oriente.

Natasha correu para o quarto e segurou a cabeça de Érica enquanto Gwyneth lhe ministrava o chá.

— Beba devagar.

Embora ansiosa para ter um filho de Sean, Natasha resolveu pensar duas vezes ao ver a tortura que transfigurava o rosto de Érica.

As horas se arrastavam. O trabalho de parto foi longo e as dores eram severas. Gerda e Nissa mantiveram-na em pé por algum tempo,

dizendo que aquela postura facilitava o parto. Depois resolveram deitá-la de novo na cama.

Natasha discordou dos métodos de Nissa. Já vira camponesas escravas darem à luz no campo e, em seguida, retomarem a colheita.

— Ela tem de ficar agachada, de cócoras, e não deitada.

— Como é que sabe disso? — Nissa esnobou e empurrou Natasha em direção à porta.

— Espere... escute Natasha. Acho que ela está certa... — Érica fez sinal para que Natasha voltasse. Depois abaixou-se devagar e empurrou com toda a força.

— Isso mesmo, Érica. Empurre para baixo.

— Ela tem quadris estreitos e ossos pequenos. O parto é mais fácil quando a mulher é grande! — Nissa agourava.

— Assim, Érica! Empurre para baixo — Gwyneth apoiou Natasha e ignorou os comentários de Nissa.

— A cabeça está saindo! — Gerda pegou uma toalha. — Grite, se quiser, isso poderá ajudar.

Érica estava resolvida a não gritar. Para ela, era importante a demonstração de coragem.

— Não... agora eu sou uma viking!

Natasha segurou a mão de Érica, enquanto Gerda estendia as dela para apanhar o bebê. O silêncio só foi quebrado quando ouviram o choro do recém-nascido.

— É um menino! — Gerda anunciou, orgulhosa. — Um belo garoto de cabelos loiro-avermelhados.

— Um menino... — Érica suspirou. — Papai estava certo. Gerda cortou o cordão umbilical e limpou o garoto.

— É um menino forte!

— Deixe-me segurá-lo.

Gerda pôs o bebê nos braços da mãe. A cena fez Natasha esquecer todos os receios anteriores. Nada era tão maravilhoso quanto trazer uma nova vida ao mundo, fruto de uma união por amor.

Ragnar fitou a filha. O camisão estava encharcado de suor. Os cabelos colavam-se no rosto. O sofrimento fora grande e ela não emitira um só grito.

Gerda segurou o recém-nascido no ar.

— É um menino!

— Ah-ah! — O olhar de Ragnar brilhava de orgulho quando ele gritou: — Tenho um neto!

Gerda entregou-lhe o bebê embrulhado em cueiros.

— Ele se parece com Torin. O mesmo queixo forte e o nariz bem-feito. Mas os olhos são meus e os cabelos, de Érica.

Natasha e Gwyneth maravilharam-se com os dedinhos das mãos e dos pés. Pequenininhos e perfeitos. Natasha pensou em Sean e desejou ter um filho logo.

Gerda tirou o bebê da mãe e deixou-o nos braços do patriarca. Era o ritual da aceitação.

— O senhor aceita esta criança?

Ragnar segurou o neto e aspergiu água sobre o bebê.

— Isso é para demonstrar que ele é bem-vindo na família

— Érica murmurou.

— Ragnar está batizando o neto — Gwyneth admirou-se.

— Os nórdicos nem acreditam em Deus...

Gwyneth confidenciara com Natasha que a divergência de religiões tinha sido motivo de discussão entre ela e Sèlig. E foi a primeira a admitir que a cerimônia, embora paga, era bela.

— Ele se chamará Roland, em homenagem ao pai que afastei de Torin há tanto tempo — Ragnar afirmou. — Talvez dessa forma eu possa mitigar o infortúnio que se abateu sobre Torin quando ele era pequeno. Roland Torinsson! Neto de Ragnar Longsword!

— Papai... — Érica estava emocionada. Poucos a tinham visto chorar, mas lágrimas deslizavam por seu rosto.

— Obrigado! — Torin aproximou-se da esposa e embalou o filho.
— Quem sabe meu filho poderá apagar a mancha do nome de meu pai...

Torin deitou-se na cama ao lado de Érica e ajeitou o bebê entre eles. Abraçou a esposa com tanto carinho que todos no quarto sentiram uma súbita onda de amor e calidez.

Os dias que se seguiram ao nascimento do sobrinho de Sean foram escuros e frios. Nem bem terminava uma tempestade, começava outra. O que não empanou a felicidade da família. Em perfeita harmonia, esperaram a primavera. Houve algumas discussões, mas nada de muito grave. Ficar preso dentro de casa sempre acirrava um pouco os ânimos. Porém, o sentimento de fraternidade não foi alterado.

Com a proximidade da primavera, o trabalho aumentara. À noite, todos se sentavam ao redor da lareira e Sean se descontraía ao lado de Natasha. Ouviam Ragnar contar as histórias de sua juventude no mar. O renomado chefe viking dedicara-se tanto às incursões quanto ao estabelecimento de colônias. Conhecera os maiores portos do Ocidente e, quando relatava os diferentes costumes, Sean ficava ansioso. Não via a hora de chegar a primavera para que pudesse voltar ao mar.

Os filhos nunca tinham visto Ragnar tão feliz. O neto era o centro de seu mundo. Parecia querer recuperar o tempo em que não estivera com os próprios filhos. Natasha e Sean freqüentemente o encontravam embalando Roland.

— Ele tem o queixo determinado de um vice-rei — Ragnar não se cansava de comentar com os que o rodeavam. — Vejam como se agarra no meu dedo! Este meu neto terá um braço direito muito forte. Será chamado de Roland, o Corajoso, ou Roland Braço Forte.

Todos amavam o garoto. Todos, menos Nissa. O bebê recordava-lhe a própria esterilidade.

—Vai acabar estragando a criança—Nissa criticou Ragnar.

— Claro que vou! — Ragnar enfiara o dedo no mel e dera para o bebê lamber. Sorridente, observava o garoto deliciar-se com o inesperado. — Ele é meu maior tesouro — afirmou, orgulhoso. — Eu

daria minha vida para vê-lo feliz e poder protegê-lo. Ele é a esperança da família, o primeiro de uma nova geração viking.

— Não deveria dar doces ao menino.

— Ah! O neto do líder de uma nação guerreira tem o direito de receber algumas adulações.

— Algumas... — Nissa deu de ombros.

— O que acha, Kodran? — Ragnar perguntou ao filho. — Estou estragando meu neto?

— Um pouco... mas não vejo mal nenhum nisso. Roland não deve ter gostado da discussão a seu respeito e

começou a chorar. Ragnar balançou-o, porém de modo desajeitado. Sem conseguir acalmá-lo, devolveu o bebê para a mãe.

— Ele será um legítimo representante dos escandinavos. — Ragnar envaideceu-se. — Escutem só o grito de guerra! Esperem, tive uma idéia. Vamos fazer uma festa!

— Hum...

Natasha franziu a testa, imaginando todo o trabalho que os preparativos acarretariam. Isso sem falar na lama e na neve que seriam trazidas para dentro de casa pelos convidados. Onde haveriam de guardar todas as pesadas capas?

— Hoje, agora, neste minuto! Sou o mais feliz dos homens! Gosto de sentir-me generoso.

Naquela noite a *skaalen* encheu-se de convidados. Enquanto homens e mulheres comiam, um bardo dedilhava a harpa e enumerava os feitos de Ragnar. Um malabarista foi muito aplaudido, apesar de ter deixado cair várias bolas.

Natasha reparou que Ref estava triste e se mantinha afastado.

— Por que não o tenho visto por aqui, Ref?

— Nádia não me quer por perto.

— Ela disse isso?

— Não, nem precisava. Toda vez que me vê, ela se afasta. O que eu deveria pensar?

— Ref, Nádía não tem parentes. É sozinha no mundo, por isso se retrai. Mas acredito que ela lhe dedica afeição.

Ref fitou as pontas das botas.

— Aqui, Nádía tem amigos que são como uma família. Ela não pode sentir solidão.

— Uma mulher pode sentir-se solitária no meio de uma multidão, se o homem amado não estiver a seu lado. Ao contrário, se ela estiver sem os entes queridos, mas, com o homem a quem ama, seu mundo estará completo.

— A senhora fala como se tivesse experiência. Natasha fitou o marido, que conversava com o pai. Os homens aplaudiam Ragnar e erguiam brindes à sua saúde.

— E tenho!

— Nádía não me ama.

— Ama, sim, senhor!

— Então por que ela sempre procura se afastar de mim? Nunca aceitou um convite para conversar ou passear. Como posso pensar de outra forma?

Natasha não queria trair a confiança da amiga, mas acreditava que Ref tinha o direito de saber por que Nádía o evitava. Contou-lhe sobre o acidente que a deixara com a perna torta.

— E ela acha que eu me importarei por isso?

Natasha não teve tempo de responder. Gwyneth chamou-a para sentar-se ao lado dos familiares. O ponto alto da festa foi a distribuição de presentes. Ragnar entregou ferramentas para os homens, jóias para as mulheres e moedas de prata para os escravos.

Espadas novas foram reservadas para Sèlig, Sean e Torin. As três com os mesmos entalhes dos respectivos amuletos.

Para Érica, Ragnar reservou uma caixa de ouro com repartições para guardar bugigangas. Natasha e Gwyneth receberam conjuntos de

prata. Natasha, um bracelete e um par de brincos. Gwyneth, bracelete e broche. O maior presente foi reservado para Nádia. Ragnar comprometeu-se a dar-lhe um dote quando ela se casasse.

— Como o senhor pôde adivinhar o meu maior desejo? — Natasha indagou, emocionada.

— Tenho visto seu carinho por ela, minha filha. Sean me contou a história de como foi escravizada por não ter abandonado Nádia, que tem dificuldade em se locomover. É uma maneira de recompensá-la pela sua coragem.

Natasha abraçou-o com força.

— Ah, Ragnar, eu o amo como a um pai. Obrigada. Natasha levou Nádia até um canto, determinada a recusar um não como resposta.

— Nádia, não adianta querer me enganar. Sei que Ref não lhe é indiferente. Vejo pela maneira como olha para ele. Ref está lhe oferecendo uma oportunidade de ser feliz. Por que não a agarra com unhas e dentes?

— Eu não posso...

Natasha levou a amiga pela mão até onde estavam Sèlig e Ref. Nádia fazia força em contrário. Mas Natasha era mais forte. Piscou para Sèlig e os dois deixaram Nádia a sós com Ref. Conservou uma distância razoável para poder escutar a conversa.

— Estou contente que... tenha vindo para a festa — Nádia, embaraçada, falou depressa.

Ref sorriu.

— Parece que temos casamenteiros de prontidão, mas eu não me importo. Pelo contrário, só tenho a agradecer a oportunidade de ficar a seu lado.

O sorriso de Nádia iluminou-lhe o rosto.

— Lembra-se de Kiev, quando me comprou fitas para os meus cabelos?

— Claro que sim. Nádia, desde que a conheci, fiquei encantado com a sua beleza.

Ela corou.

— Eu não sou bonita.

— Pois eu a acho linda. Seus cabelos têm um belo tom dourado e seus olhos brilham como estrelas. — Ref envergonhou-se pela efusão. — Nádia, não sei por que tem me evitado. Eu lhe dedico um carinho muito especial.

— Eu achei que...

Ele não se conteve e beijou-a. Foi um beijo suave, terno.

— Tive vontade de beijá-la desde a primeira vez em que a vi. Eu a amo, Nádia.

Ela retesou-se.

— Mas como...

— Eu encontrei a mulher ideal para a minha vida. — Ref segurou-lhe o rosto.

— Tem certeza de que não é piedade o que sente por mim? Ele não acreditou no que acabara de escutar.

— Piedade? E por quê?

— Minha... perna. Ela é torta e feia.

Ref puxou-a a um canto ensombreado. Ajoelhou-se e levantou-lhe a barra do vestido. Tocou e acariciou o joelho que causava vergonha a Nádia.

— Não vejo nada de feio, Nádia. Só uma jovem adorável.

— Meu dono... ele... ele...

Ref tornou a beijá-la. Acariciou-lhe a curva do busto e dos quadris. Os afagos teriam prosseguido se Natasha não houvesse se aproximado.

Ref corou.

— Não se preocupe, Natasha. Eu quero me casar com Nádia.

— Já disse isso a ela? — Natasha mostrava-se triunfante com o sucesso da missão.

— Ainda não, mas estou pedindo agora. Nádia, quer se casar comigo?

Seguiram-se alguns instantes de tensão.

— Quero. — A resposta mal foi ouvida.

O olhar de Ref para Nádia não deixava dúvidas quanto ao amor que sentia por ela.

Natasha empurrou Ref até a mesa onde Ragnar estava sentado.

— Depressa! Fale com ele, antes que possa se arrepender do que prometeu sobre o dote.

Natasha ficou feliz ao ver Ref aproximar-se de Ragnar. Se tudo na vida fosse assim tão fácil... Procurou Sean, encostou a cabeça no ombro do marido e contou-lhe sobre a felicidade dos jovens amantes.

Sean percebeu que Sèlig ia para o quarto onde Gwyneth já o esperava. Sèlig o desafiara. Dissera que ele e Gwyneth dariam o segundo neto para Ragnar. Sean, que aceitara a aposta, apressou-se a levar Natasha para a cama.

Capítulo XI

Sean acordou com um sobressalto. Algo de errado estava acontecendo. O ruído seria apenas o uivo de um cachorro?

Natasha murmurou, dormindo, e abraçou-lhe o pescoço.

Deve ter sido um sonho.

Procurou pensar em outra coisa. Embeveceu-se na contemplação da esposa, que estava em seus braços. Os cílios longos formavam um leque em miniatura a partir das pálpebras fechadas. Os cabelos loiros espalhados, um manto de seda.

— Eu a amo, Tasha.

Natasha sorriu, como se tivesse ouvido as palavras do marido. Por instinto, ela se aconchegou mais, Sean sentiu a pulsação acelerada ao lembrar-se da paixão com que haviam feito amor durante a noite.

Acariciou-lhe os cabelos levemente, satisfeito por ficar deitado ao lado de Natasha. Abraçou-a quando ela estremeceu e assim ficou até sentir sono novamente.

De súbito, ouviu o mesmo som, dessa vez mais alto. Não era o vento, com certeza. Pensou na hipótese de ser um lobo. Mas pareceu-lhe um lamento. Apesar da pouca vontade de afastar-se do calor do corpo de Natasha, resolveu investigar.

Lobos andavam em bandos. Poderiam pôr em risco os animais da herdade e comprometer os alimentos armazenados.

Os escravos receavam lobos. Acreditavam que eles caçassem humanos. Embora os vikings não compartilhassem essa crença, seria bom verificar o que se passava.

Com cuidado, desvencilhou-se dos braços e das pernas da esposa, saiu da cama e vestiu-se, apressado. A harmonia naquele lar era extraordinária. Por que a impressão de que ela seria quebrada?

Abriu a porta e tropeçou em alguns farristas adormecidos. No hall, corpos estendidos dos convidados beberrões de Ragnar. Alguns estavam largados nas cadeiras. No recinto, um cheiro desagradável de suor, hidromel azedo e vômito. Já aprendera que os vikings excediam-se nas comemorações.

Ajeitou melhor a capa de lã e saiu. O ar fresco do amanhecer agiu como um bálsamo. Sean respirou fundo e fechou os olhos. Ele também bebera vinho e hidromel em excesso. Estava enjoado e com dor de cabeça.

Abstinência daqui para a frente. ..até uma nova celebração.

Sean escutou outra vez o uivo. Mais forte ainda. E vinha dos depósitos!

Os alimentos!

Era uma questão de sobrevivência proteger os alimentos de animais selvagens, de saques e de ladrões.

Armado, Sean estava pronto para defender-se dos lobos ou do que fosse. Correu até o celeiro e no caminho encontrou Sèlig, que também ouvira o som impressionante.

— Acho que são lobos — Sean deduziu.

— Não. Eu conheço aquele uivo. É de Baugi.

— Será?

— Ele uiva desse jeito quando pula do barco para salvar um náufrago e encontra a pessoa morta.

— O uivo de morte. Sèlig anuiu.

Espadas em punho, os irmãos passaram correndo pelos celeiros e estábulos. Pararam no alto da colina e perscrutaram os arredores. Nada notaram de errado, exceto duas trilhas de pegadas na neve. Chegaram ao depósito e empurraram a porta.

Sèlig acendeu uma tocha e ergueu-a. Não notou falta de barricadas, caixotes, engradados, nem de sacos. Os irmãos entraram. E depararam com sinais de luta e sangue. Animal ou humano?

— Sèlig, veja!

Baugi estava encolhido, uivando, ao lado de um ser humano.

— Pai! — Sean gritou, depois de ajoelhar-se ao lado de Ragnar.

— Ele está vivo?

Sean auscultou o peito de Ragnar. As batidas do coração eram muito fracas. Apoiou as costas do pai em seus braços.

— Precisamos levá-lo daqui.

— Sean! Veja suas mãos! Sean olhou. Cobertas de sangue.

— Esteve lutando com alguém. Ali está a espada dele!

A arma fora jogada no chão, mas, na certa, não por Ragnar. Um viking não largava a espada. Sèlig pegou-a. Também estava suja de sangue.

— Vamos levá-lo até o hall. As mulheres cuidarão dele.

Sean procurava controlar as emoções. O que não foi fácil. Conhecera o pai havia pouco tempo e aprendera a amá-lo. Nem queria pensar se o perdesse...

Sean e Sèlig carregaram o pai com dificuldade e meio arrastado. Finalmente conseguiram deitá-lo na cama. A visão daquele nórdico musculoso e ensangüentado trouxe grande agitação àquela família. Ansiedade e lágrimas entre as mulheres, e ódio entre os homens. Depois do choque inicial, as mulheres correram para trazer bandagens e ervas curativas.

Ragnar gemeu, sem abrir os olhos.

— O que aconteceu, meu pai? — Sèlig indagou com voz trêmula de indignação. — Quem fez isso com o senhor?

— Her... Her... laug! *Herlaug!*

Sean lembrou-se do que lhe haviam contado sobre o irmão ambicioso de Ragnar. Ao ouvir o nome, todos ficaram imóveis e fez-se silêncio absoluto.

— Mas ele foi banido!

Com voz muito fraca e respiração difícil, Ragnar revelou o que acontecera. Ele fora buscar outro barrica de hidromel e surpreendera Herlaug tentando incendiar o depósito. Seguiu-se uma luta violenta. Ragnar evitara que o irmão destruísse os alimentos, mas fora ferido na contenda.

— Ele... vai... morrer? — Gwyneth fez a pergunta em voz muito baixa.

Sean vira ferimentos semelhantes depois dos ataques dos nórdicos ao mosteiro. Alguns sobreviviam, outros não.

— Eu não sei... — Sean respondeu no mesmo tom.

— Depende da gravidade do ferimento e se não irá infeccionar — Sèlig comentou ao rasgar a túnica de Ragnar para avaliar a extensão da ferida. — Um fator de risco é ele ter ficado no celeiro por muito tempo.

Torin aproximou-se e determinou as tarefas. Érica foi encarregada de providenciar as ataduras. Gwyneth, os cataplasmas. Natasha foi incumbida de esquentar a água e fazer um caldo substancioso para

alimentar Ragnar. Nissa teve como atribuição supervisionar o trabalho complementar das escravas.

— Ragnar perdeu muito sangue, mas pelo menos a hemorragia estancou — Torin afirmou, procurando manter a calma.

— Não creio que seja necessária uma cauterização.

— Encontrem Herlaug! — O grito de Sèlig foi ouvido a distância. — Tragam-no até aqui! Ele deve ser punido pelo que fez!

Nova confusão teve início no hall. Os homens se armavam e saíam correndo, ansiosos para cumprir as ordens.

Gwyneth, Érica e Natasha revezaram-se para cuidar de Ragnar. Os homens reviraram a região e não encontraram nem vestígios de Herlaug. Ele desaparecera depois de cometer o crime.

Preocupada, Natasha pôs a mão na testa de Ragnar. Ele estava com febre, apesar de o ferimento ter sido limpo e tratado com ungüento curativo. Recordou-se do que sua mãe lhe dissera. Nem sempre se morria pela gravidade da ferida, mas sim por causa do pus que se instalava posteriormente.

— Ele precisa tomar bastante água fresca — Érica avisou.

— Minha mãe cuidou de muitos escoceses feridos e esse era o seu segredo.

— Minha mãe usava lama — Gwyneth afirmou. Foi buscar terra e misturou-a com água. — Isso é para tirar o veneno do corpo.

— Nada disso. A lama só vai infeccionar a ferida. — Nissa afastou as mais jovens, disposta a cuidar do marido. — O ferimento vai sarar com o tempo.

— Gwyneth está certa. — Érica segurava a tigela pequena com a mistura. — Lama e musgo são curativos.

— Eu sou a esposa dele!

— E eu sou a filha!

Érica venceu o duelo de vontades. Tirou a bandagem, aplicou o cataplasma e tomou a amarrar a atadura.

— Temos de tentar tudo... tudo... — Érica insistiu.

— Não estou gostando da cor da ferida. — Natasha suspirou. Conquanto não desejasse causar pânico, teria de revelar a impressão que tivera. — Em Constantinopla, ouvi falar de uma substância que é passada na lâmina de facas ou espadas para envenenar o sangue.

— E que veneno é esse?

— Não sei. Mas notei que a pele ao redor da chaga tem um tom amarelado que está se alastrando.

— Há algum antídoto?

— Acho que não.

— Então só nos resta esperar para que Herlaug não tenha cometido tamanha insanidade. — Sentada na cama, Érica beijou o rosto de Ragnar. — Eu o amo, meu pai. Por favor, não morra. Temos tantas coisas à nossa frente...

Érica, sempre animada e corajosa, que dera à luz sem gritar, não suportou a tensão. Rompeu em soluços.

— Não quero perdê-lo...

— Nem eu — Torin sussurrou e abraçou a esposa.

Sean não se conformava de não poder fazer nada. O pior de tudo era ter perdido a centelha de fé que o acompanhara durante tantos anos. Por que a maldade possuía tanto poder? Como Deus podia ignorar as preces fervorosas dos que necessitavam da Sua ajuda?

Fitou o pai e procurou convencer-se de que Ragnar, se morresse, iria para um lugar melhor, onde todos se reuniriam mais tarde. Pela primeira vez, não teve certeza de que aquela seria uma verdade. Era um sentimento devastador.

No rosto de Nissa, que raramente demonstrava o que sentia, havia uma máscara de sofrimento. Os olhos de Érica estavam vermelhos e inchados de tanto chorar. Gwyneth e Natasha procuravam não se desesperar.

As horas transcorriam com a lentidão dos aflitos. Ragnar estava muito pálido. Muito quieto. Natasha não gostou nem um pouco daquela palidez estranha.

— Ele... não está morto, está? — Gwyneth murmurou. Natasha pôs o ouvido no peito de Ragnar.

— Ainda está vivo. — Ela entendeu que o tempo de Ragnar nesse mundo estava se esgotando. Despediu-se dele no coração.

O estado de Ragnar piorava e ele ficava cada vez mais branco. Sèlig, Sean e Torin também se despediram. Não havia como negar. Ragnar Longsword, o viking mais venerado de sua geração, estava morrendo.

— Não... — Sean não pôde dizer mais nada.

Érica engasgava-se com os soluços. Estava perdendo o pai a quem tanto amara. Custara tanto a encontrá-lo e a felicidade fora tão efêmera...

— Que o ódio de Odin possa se abater sobre Herlaug! — Sèlig desabafou. Rangendo os dentes para não chorar, pôs a espada na mão do pai. — Que as valquírias o levem sem demora para Valhala.

Natasha podia jurar que vira Ragnar mover os lábios e o ouvira sussurrar: *Odin...*

Sean murmurou uma prece para o homem que lhes dera a vida e o amor que os unira.

Tanto em vida quanto após a morte, Ragnar foi merecedor de respeito. As mulheres da família banharam seu corpo e vestiram-no. Escolheram os melhores trajes e todos os braceletes. A espada foi posta em sua mão. Não perdera a aparência de um verdadeiro rei que sempre tivera. Deitado em sua cama enorme, recebeu as despedidas dos habitantes daquela residência, inclusive dos escravos. Os amigos e companheiros também passaram por ali para prestar as últimas homenagens ao grande chefe viking que fora levado, em sua glória, ao reino de Valhala.

Vê-lo deitado, imóvel em seu sono eterno, era mais do que Sean podia suportar. Queria vê-lo rir e balançar o pequeno Roland nos joelhos. Isso não seria mais possível. Herlaug, o único irmão, o matara e roubara deles todos aqueles momentos maravilhosos. Embora a idéia de tirar uma vida sempre lhe parecera execrável, agora ansiava por isso. Haveriam de encontrar Herlaug e o fariam pagar pelo que fizera.

Olho por olho, dente por dente. Eram essas as palavras das Sagradas Escrituras.

Sean escutava as mulheres se lamentarem em altos brados, conforme o costume nórdico, e teve de se conter para não fazer o mesmo.

— Haveremos de encontrar Herlaug e o faremos pagar por isso! — Sèlig resmungou. — Depois do funeral, procurarei em todos os cantos, até debaixo das pedras se for preciso, mas terei de localizar o paradeiro daquele monstro!

— Irei junto — Torin apressou-se a dizer.

— E eu também! — Sean afirmou e fez o sinal-da-cruz. O que pretendia fazer ia contra sua crença e contra todos os

ensinamentos que recebera. Mas por seu pai cederia ao desejo de sangue que lhe rasgava o coração.

Os pranteadores caminhavam em uma procissão organizada. Homens na frente e mulheres atrás, de acordo com o costume, até chegarem ao navio de Ragnar. Por ele ser um homem tão conhecido e respeitado, pessoas de todos os cantos acorreram ao seu funeral. A contrário do que Sean aprendera com os monges; uma vida de paz não era recompensada após a morte. Entre os nórdicos, a morte após uma existência de lutas, era o começo de um futuro de festins e lutas em Valhala. O corpo de seu pai foi levado a bordo da embarcação longa, a mesma que ele comandara nos anos de sua juventude. A nau que levaria sua alma à glória eterna, na concepção viking.

Sean observou, em silêncio, amigos e guerreiros levando pertences de seu pai para a embarcação. Tudo do que ele iria precisar no outro mundo. Uma carroça, arcos, baldes, um trenó e comida para a longa jornada. Os bens mais preciosos de Ragnar também foram empilhados no convés, incluindo as espadas favoritas e a machadinha. Um cavalo foi morto e levado a bordo, caso Ragnar precisasse do animal na outra vida. Finalmente Ragnar foi levado em uma maça. O repouso final seria dentro de um pavilhão aberto erguido no centro da nau.

Sean sentiu orgulho de seu pai. Observou Natasha e os demais que haviam vestido os melhores trajes. Os homens usavam túnicas

grossas de lã, calças em cores brilhantes, peles e braçadeiras de metal. As mulheres, vestidos de lã, broches, braceletes, ornamentos nos cabelos e correntes. As jóias eram de ouro ou prata. Sèlig e Torin carregavam espadas. Sean deixara a sua de lado.

Ele não soube dizer quando começara aquela sensação de ser um forasteiro em meio àquelas tradições tão diferentes da fé cristã. Seria verdadeiro que para entrar no reino de Deus era necessário deixar para trás os bens terrenos? Sean lembrava-se da certeza dos ensinamentos dos monges. Mas quem realmente sabia o que aconteceria após a morte?

Um líder da vizinhança atuou como sacerdote. Caminhou ao redor do navio entoando uma ladainha, enquanto jogava ervas secas e pequenas plantas no convés. Os homens acompanhavam o canto, em coro.

Tochas tiradas de uma fogueira incendiaram a embarcação, que foi rebocada para o centro do rio e largada na correnteza, entre gritos para que Odin e Tor levassem Ragnar rapidamente para Valhala.

— Ele morreu lutando. A maior honra para um viking — Sèlig sussurrou.

As palavras do irmão trouxeram alívio para Sean. O cristianismo condenava a cremação e, por um momento, Sean a temera. Mas o receio sumira. À sua maneira, Ragnar tivera uma boa vida. Fora um bom homem que, nos últimos anos, tentara trazer a paz para a Escandinávia. Se existisse uma terra da felicidade no além, seu pai estaria lá.

A embarcação queimou depressa. A madeira escurecida caía na água, assim como as chamas, que formavam uma cascata de fogo. Fagulhas subiam e levavam aos céus as preces para Odin e Tor. Sean, Érica e Gwyneth também disseram suas preces. A imortalidade de Ragnar estava assegurada.

Sean deu seu último adeus a seu pai, quando o navio finalmente afundou, sibilando.

Depois do funeral de Ragnar, Einar Magnusson contou a Sean e seus irmãos que Herlaug espalhara por Hafrsfjord que ele se tornara o novo vice-rei, após a morte do irmão.

— Herlaug é um assassino! — Sèlig indignou-se, afiando a espada.
— Jamais tomará o lugar de nosso pai!

— Mas quem assumirá a liderança? — Einar indagou.

Os irmãos se entreolharam. Ragnar planejava nomear seu sucessor, mas não tivera o ensejo de fazê-lo.

— Segundo Herlaug, ele foi nomeado sucessor antes da morte de Ragnar.

— Antes de ele matar meu pai, seria melhor dizer — Sean corrigiu-o, severo.

Einar estendeu a mão ossuda.

— Não se pode provar isso. Não houve testemunhas. Sèlig largou a espada e parou diante do homenzinho, para

intimidá-lo com a própria altura.

— Houve. Ragnar em pessoa. Meu pai nos disse quem o atacou.

— É, mas Ragnar está morto. — Einar recuou, procurando manter distância do nórdico musculoso. Mas a cada passo para trás, Sèlig dava outro para a frente. — Não poderá... servir de testemunha.

— Mas nós, meu irmão e eu, podemos — Sean adiantou-se.

— Herlaug é esperto e encontrará pessoas que afirmarão, que essas palavras são mentirosas.

A paciência de Sean estava se esgotando e Sèlig já perdera a sua.

— Então nós teremos de esquecer a diplomacia. Iremos depor o assassino lutando contra ele.

— Uma guerra?

— Não temos outra escolha — Sèlig respondeu. — Além disso, queremos vingança.

— Meu tio cometeu muitas iniquidades. — Sean abria e fechava os punhos. — Tentou prejudicar várias vezes a todos nós.

— Muitos homens morrerão. A desforra contra um homem valerá um preço tão alto?

Sèlig rangeu os dentes.

— A vingança pode ser doce.

— Mas é uma razão egoísta para a guerra!.— Einar recuou mais um pouco.

— Mas não se trata apenas de uma vingança — Sean declarou. — O povo de Hafrsfjord prosperou sob a administração de meu pai. Havia paz. Herlaug destruirá tudo isso. Ele deve morrer para o bem do povo. Vivo, Herlaug será sempre uma ameaça para a paz e a segurança da Escandinávia.

Sean ouvira o pai falar sobre o sistema de justiça nórdico. Traições eram sempre punidas, nem que fosse num combate corpo a corpo.

— Então o senhor está dizendo que isso vai além da vingança e da ambição.

— Muito além — Sean confirmou.

— Eu desafiarei Herlaug para uma luta — Sèlig garantiu. — Eu vencerei e todo o sangue será dele.

— E depois? O povo precisa de um líder forte e experiente que ele possam escutar e que o unirá como Ragnar fez. Quem assumirá o lugar de Longsword? — Einar fitou primeiro um irmão e depois o outro. — Qual dos dois?

— Torin! — Sean respondeu sem hesitação.

— Torin? — Pela fisionomia de espanto, Sèlig presumira que o filho mais velho de Ragnar seria o escolhido. — Mas...

Apesar do desapontamento e do orgulho ferido do irmão, Sean manteve o ponto de vista.

— Se consultar o seu coração, verá que essa é a coisa mais certa a ser feita. Além do mais, era a vontade de nosso pai. Lembra-se de quando ele deu o próprio amuleto para Torin?

Sèlig mordeu o lábio. Não queria dizer nada que arruinasse o relacionamento com o irmão. Aborrecido, anuiu.

— Acho que Ragnar queria nomear Torin seu sucessor. Dependia de Torin e confiava nele. Torin foi o enviado para encontrar-nos.

Sèlig deu de ombros.

— Eu o encontrei!

— Ragnar deu outra pista quando escolheu o nome do pai de Torin para o neto. — Sean fitou a irmã, que embalava o filho. — Não podemos nos esquecer de que Érica também era filha de Ragnar.

— Érica... — Sèlig enterneceu-se ao pensar na coragem e na determinação da irmã. — Se ela fosse homem, teria sido a primeira escolha de nosso pai.

— Pense nos benefícios que a força e a inteligência de Torin e Érica trarão ao nosso povo.

Sèlig entendeu que perdera a disputa.

— Se contarem com a nossa lealdade e a nossa determinação. — Sèlig fitou Einar. — Estamos unidos. Todos nós. Torin será o sucessor de meu pai. Pode espalhar que meu irmão e eu daremos todo nosso apoio a ele.

A decisão fora tomada. Ragnar sorriria se pudesse vê-los naquele momento. Antes que Torin assumisse o poder, havia outro assunto no caminho: Herlaug.

Sean observou o porto. Três navios tinham sido preparados para segui-los, quando fossem atacados. Os preparativos haviam começado rapidamente. O tempo era fundamental. Torin tomara a decisão de esperar a visita de Herlaug.

Torin, Sèlig e Sean assumiriam o comando das próprias embarcações. Torin ficaria na liderança e tomaria as decisões estratégicas.

— Eu quero ir! — Érica insistiu.

— Não. — Torin manteve-se irredutível. — Não haverá mulheres a bordo.

— Ele era meu pai!

— Nós vamos para uma batalha. Não quero correr o risco de vê-la ferida.

Érica tampou os ouvidos.

Torin segurou-lhe as mão com suavidade.

— Minha querida, temos um filho. Não gostaria de afastá-lo dos pais. Além disso, eu me distrairia com a sua presença.

— Não quero perdê-lo, Torin! — Ela fitou Sean e Sèlig. — Não quero ficar sem meus irmãos!

Sean adiantou-se.

— Eu posso lhe prometer-lhe uma coisa: nós nos protegeremos um ao outro. E com uma energia que Herlaug certamente jamais presenciou.

Natasha entendeu o significado de ser uma esposa nórdica. Esperar e esperar. Preparar-se para perder tudo o que mais amava e ficar atenta ao corte de uma espada. Observar o marido exercitar-se com a machadinha e abaixar a cabeça no momento certo. Ter certeza de que ele não teria uma segunda oportunidade quando o exercício fosse uma luta real em um campo de batalha. Ser esquecida enquanto o marido empregava todas as forças no treinamento. Dormir sozinha e esperar o término do pesadelo. E acordar com um sussurro:

— *Terminou. Voltei para nunca mais deixá-la.* Natasha, Gwyneth e Érica estavam sentadas no grande hall, atentas aos sons do pátio. Os homens gritavam uns com os outros como se houvessem ficado malucos. Repetiam inúmeras vezes os exercícios para aprimorar suas habilidades.

— Uma coisa é certa—Érica comentou, agitando os braços, como se estivesse fazendo exercícios do lado de fora. — Herlaug é um lutador experimentado. Torin sabe que eles têm de estar preparados.

— Ah! Se quer mesmo saber, é mais arriscado um matar o outro do que morrer pela espada de Herlaug — Gwyneth murmurou, enrolando o fio no tear. — Eu não quero que meu filho cresça sem pai.

Natasha levantou-se da cadeira e ajoelhou-se ao lado da cunhada.

— Seu filho?

— Gwyneth! — Érica alvoroçou-se.

Gwyneth corou, envergonhada.

— Eu... eu... bem... eu não disse nada a Sèlig. Não quero que meu marido saiba disso antes de tudo terminar. Ele poderá se distrair na batalha pensando em mim!

Natasha apertou a mão de Gwyneth.

— Então Sèlig ganhou a aposta. O segundo neto de Ragnar está a caminho.

Seguiu-se um silêncio solene.

— Se ele ao menos estivesse aqui para saber... Ragnar iria adorar a notícia.

Érica olhou para o teto.

— Talvez ele já saiba.

— Bem, preciso contar uma coisa — Natasha segredou. — Posso estar enganada, mas eu acho que... á minha menstruação está atrasada e...

Se os homens passavam a vida ligados ao mar, as mulheres tinham sido incumbidas de uma missão especial. Cada uma gerava, nutria e protegia os herdeiros, frutos do amor de seu marido. Juntas e unidas por esse amor que dedicavam ao homem que haviam eleito para a sua vida, nunca tinham se sentido tão próximas. Havia sido abençoadas pela criação de um novo ser.

O momento delicado foi interrompido pela entradas dos homens, dando por encerrados os trabalhos do dia. Chegaram aos gritos, carregando jarras com hidromel e cerveja. Natasha lembrou-se das pessoas amáveis que eles eram antes. Ela e as cunhadas entreolharam-se tendo o mesmo pensamento. Era como se Sèlig, Sean e Torin houvessem se transformado em desconhecidos. Pelo menos naquele momento.

Até a vestimenta mudara. Usavam gibão grosso de couro, calças de lã enroladas nas pernas e amarradas com cordões também de couro, além de elmos de bronze. Natasha lembrou-se de Thordis, o que a

entristeceu. Sentiu saudade do homem gentil que conhecera. O homem que amava as letras, e não as lutas.

Mais tarde, abraçada com ele, pensou que o antigo Sean retornava.

— Tasha, depois de que tudo isso terminar, iremos fazer uma viagem. Um dos homens de meu pai conhece uma região a oeste onde poucos homens se atreveram a ir. Alguns a chamam de terra do gelo, embora seja verde.

— Islândia, a terra do gelo?

— Ah-ah! Levaremos Ref e Nádia conosco. Faremos na Islândia o povoamento com que sempre sonhei. Escreverei a saga da viagem. Assim os que virão depois de nós saberão o que é chegar primeiro ao Éden.

— O que é Éden? Sean sorriu.

— É um jardim que os monges sempre descrevem. Um lugar mencionado nas Sagradas Escrituras. Nós criaremos o nosso próprio paraíso.

Um sonho maravilhoso que poderia ser destruído nos próximos dias, Natasha cismou. Onde quer que houvesse uma luta, a vida de um homem estava ameaçada. Estremeceu ao pensar que poderia ficar sem o amor de Sean.

— Abrace-me, Sean. Prometa que não vai morrer!

Ele segurou-a de encontro ao peito e acariciou-lhe os cabelos.

— Tasha, sabe que eu não posso lhe prometer isso. Mas posso prometer que a amarei por todo o sempre.

— Tenho tanto medo! Os outros estão acostumados a lutar. Passaram a vida como nórdicos...

— Psiu. Eu não morrerei, e por um motivo muito simples. Não suportarei deixá-la.

Sean abraçou-a com tanta força que seus corações pareciam bater como um só.

O momento tão temido por Natasha chegou antes do previsto. No amanhecer do dia seguinte, as naus com cabeças de dragão na proa e velas brancas e vermelhas com a insígnia de Herlaug apareceram no fiorde. Depois de ouvir a notícia, Sean, Sèlig, Érica e Torin fizeram um círculo. Levantaram os amuletos e juntaram o corvo, o lobo, o dragão e o monstro para invocar uma força poderosa.

— É o começo — Érica sussurrou.

Os homens pegaram as armas e colocaram os elmos. Ao lado da tripulação, marcharam ombro a ombro rumo às embarcações. Érica foi com as mulheres até uma colina de onde se poderiam descortinar as águas. Dali observariam os acontecimentos em segurança. Érica apontou para a embarcação maior, e Natasha deduziu ser a de Herlaug. Como um fanfarrão provocador, Herlaug penetrou no fiorde e, com o aríete, abriu brechas em duas naus aliadas de Torin.

Horrorizada, viu os homens serem dominados e os dois barcos, queimados. Herlaug foi ainda mais cruel. Rebocou as naus em chamas para as extremidades do fiorde, usando-as como arma contra Torin e mantendo-o isolado dos outros.

— Já vi usarem essa tática com carroças — Natasha sussurrou.

O que ela não disse era que já vira muitos derrotados e mortos, presos nessa armadilha.

Os filhos e seguidores de Ragnar foram acossados pelo rugir das labaredas, pelos gritos dos feridos, pelo cheiro de fumaça e pelo barulho da madeira, em chamas, que atingia a água. Natasha refletiu que o mar se tornara o inferno do qual Sean lhe falara. Mesmo assim, viram Torin em pé na proa, destemido, liderando os homens na luta.

Em segundos, a embarcação de Torin também estava em chamas. O coração de Natasha confrangia-se diante de cada novo rolo de fumaça e cada pedaço de madeira que despencava. Pobre Érica. Como devia ser terrível para a cunhada presenciar aquela tragédia.

— Torin! — O grito de Érica ecoou no ar.

Os homens pulavam a amurada uns atrás dos outros e mergulhavam nas águas turbulentas. Por um momento pareceu ser o fim de Torin e de seus homens.

Mas, depois do impacto, os marinheiros começaram a nadar em direção a outra embarcação que entrara em combate.

— Sèlig! — Gwyneth mal conseguia respirar. Seguiam-no de perto a nau de Sean, outra comandada por

Ref, uma sob a direção de Einar e mais umas trinta.

— Eles usaram a nau de Torin para desviar a atenção...

— Um sacrifício!

Foi um combate feroz. Achas e espadas entrechocavam-se com um ruído ensurdecador. Notou-se de imediato que Herlaug tinha maior número de combatentes. Dois contra um. Porém nada superava o treinamento duro a que Sean, Sèlig, Torin e os aliados tinham sido submetidos. Lutavam e avançavam, e Herlaug começou a perder, apesar de haver recuado para planejar novas estratégias.

Contudo, havia um preço a ser pago pela vitória. O mar estava com uma cor avermelhada pelo sangue derramado na luta. Corpos flutuavam na água. Corvos e outras aves que se alimentavam de carniça pairavam no ar, à espera do banquete macabro.

Era uma cena mórbida que Natasha vira inúmeras vezes nas estepes. Implorou aos seus deuses. Pediu-lhes o fim da batalha, antes que aumentasse o número de mortos e feridos. Mas a luta continuou até Herlaug cair de espada em riste, em um desafio final.

— Acabou? — Érica estreitou os olhos para ver quem dera o golpe mortal em Herlaug, mas o brilho do sol na água dificultava uma boa visão.

— Ainda não.

Alguns continuaram a lutar e, quando caíram, uma trombeta soou. A luta terminara. Torin, Sean e Sèlig haviam conseguido a vitória.

Herlaug, o assassino de Ragnar, estava morto. A honra de Ragnar fora vingada. Um novo vice-rei assumiria seu lugar. Torin Rolandsson usaria o bracelete e carregaria a espada de seu sogro. Em meio a muita pompa, a um grande cerimonial e a muitas festas, seria proclamado o líder de seu povo. Teria o apoio da esposa, Érica, e de seus cunhados, Sean e Sèlig. O desejo de Ragnar seria cumprido.

Os momentos seguintes pareceram uma eternidade. Finalmente Natasha viu o rosto amado de Sean. A face cansada e suja de carvão. As roupas rasgadas e com manchas de sangue.

O manto, pendurado por um fio. Mas estava vivo e voltara. Natasha levantou as saias e correu até o marido.

— Vamos para casa? — Sean cochichou.

Sèlig e Torin dirigiram às esposas sussurros idênticos. Eram três palavras gloriosas em qualquer idioma. Superadas apenas por quatro letras que diziam tudo. *Amor*.

— Eu a amo, Tasha — Sean murmurou. — E amarei para todo o sempre.

— Para todo o sempre — Natasha repetiu.

— Durante toda a minha vida sonhei em descobrir novas terras. Agora entendo que o amor é a maior descoberta de todas.

Natasha e Sean caminharam pelo hall, abençoados por essa certeza.